

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA – UEPG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE MESTRADO EM JORNALISMO**

VANESSA CALVO GUERRA

**JORNALISMO CULTURAL EM REVISTA:
UMA ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DO INTELLECTUAL
CONTEMPORÂNEO A PARTIR DO DISCURSO DAS ENTREVISTAS DA *CULT***

**PONTA GROSSA
2024**

VANESSA CALVO GUERRA

**JORNALISMO CULTURAL EM REVISTA:
UMA ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DO INTELLECTUAL
CONTEMPORÂNEO A PARTIR DO DISCURSO DAS ENTREVISTAS DA *CULT***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em jornalismo.

Área de Concentração: Processos Jornalísticos e Práticas Sociais.

Orientadora: Profa. Dra. Karina Janz Woitowicz

**PONTA GROSSA
2024**

G934 Guerra, Vanessa Calvo
Jornalismo cultural em revista: uma análise da construção da imagem do intelectual contemporâneo a partir do discurso das entrevistas da Cult / Vanessa Calvo Guerra. Ponta Grossa, 2024.
183 f.

Dissertação (Mestrado em Jornalismo - Área de Concentração: Processos Jornalísticos), Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientadora: Profa. Dra. Karina Janz Woitowicz.

1. Jornalismo cultural. 2. Jornalismo - revista. 3. Discurso. 4. Intelectual. 5. Revista Cult. I. Woitowicz, Karina Janz. II. Universidade Estadual de Ponta Grossa. Processos Jornalísticos. III.T.

CDD: 070.4

VANESSA CALVO GUERRA

**JORNALISMO CULTURAL EM REVISTA:
UMA ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DO INTELECTUAL
CONTEMPORÂNEO A PARTIR DO DISCURSO DAS ENTREVISTAS DA CULT**

Dissertação apresentada para obtenção de título de mestre na Universidade Estadual de
Ponta Grossa. Área de concentração: Processos de Produção Jornalística.

Ponta Grossa, 16 de fevereiro de 2024.

Banca examinadora



Documento assinado digitalmente
KARINA JANZ WOITOWICZ
Data: 16/03/2025 23:28:20-0300
verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Orientadora: Prof^ª. Dra. Karina Janz Woitowicz
Doutora em Ciências Humanas (UFSC)
Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)



Documento assinado digitalmente
FELIPE SIMÃO PONTES
Data: 19/03/2025 10:26:54-0300
verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof. Dr. Felipe Simões Pontes
Doutor em Sociologia Política (UFSC)
Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)



Documento assinado digitalmente
FREDERICO DE MELLO BRANDÃO TAVARES
Data: 18/03/2025 10:30:52-0300
verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof. Dr. Frederico de Mello Brandão Tavares
Doutor em Ciências da Comunicação (UNISINOS)
Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO SETOR DE CIÊNCIAS SOCIAIS
APLICADAS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

TERMO DE RESPONSABILIDADE

Declaração de Compromisso Ético com a Originalidade Científico-Intelectual

Eu, **Vanessa Calvo Guerra**, responsabilizo-me pela redação do trabalho intitulado **“JORNALISMO CULTURAL EM REVISTA: UMA ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DO INTELLECTUAL CONTEMPORÂNEO A PARTIR DO DISCURSO DAS ENTREVISTAS DA CULT”**, atestando que todos os trechos que tenham sido transcritos de outros documentos (publicados ou não) e que não sejam de minha exclusiva autoria estão citados entre aspas, com a devida indicação da fonte (autor e data) e a página de que foram extraídos (se transcritos literalmente), ou somente indicados autor e data (se utilizada a ideia do autor citado), conforme normas e padrões da ABNT vigentes. Declaro, ainda, ter pleno conhecimento de que posso ser responsabilizada legalmente caso infrinja tais disposições.

Ponta Grossa, 20 de dezembro de 2024.

Documento assinado digitalmente
 **VANESSA CALVO GUERRA**
Data: 18/12/2024 06:28:40-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Vanessa Calvo Guerra
RA 3100119015018

AGRADECIMENTOS

Foi um caminho repleto de aprendizados, desafios e evolução.

Em primeiro lugar, agradeço aos meus pais, Eugênio e Carla, que me ensinaram desde cedo o valor da educação e seu poder transformador. Sempre estiveram ao meu lado, me incentivando e apoiando em todas as etapas dessa jornada. Sem vocês, nada disso seria possível.

Agradeço também à minha família — às minhas irmãs e à minha avó Nadir, que infelizmente faleceu pouco antes do início do meu processo de mestrado. Tenho certeza de que, onde quer que esteja, ela estaria hoje celebrando comigo mais essa conquista.

Ao meu companheiro de todas as horas, Enio, minha gratidão profunda. Você esteve presente em cada passo dessa caminhada, desde o processo seletivo até a finalização. Foram 14 anos compartilhando uma vida — com suas conquistas, desafios, erros e acertos — e sua presença foi essencial para que eu chegasse até aqui.

Não posso deixar de mencionar meus sete filhos de quatro patas — Eddie, Meg, Amélie, Jack-Bebê, Lourenço, Cristal e Snoopy — que alegram meus dias e me acompanham com amor incondicional. E, com carinho especial, agradeço a Frederico, que, apesar de ter ficado pouco tempo conosco, durante o mestrado, me ensinou sobre a inocência e o valor da vida.

Aos meus professores, muito obrigada pelo suporte ao longo desse percurso. Em especial, minha orientadora Karina, uma mulher inspiradora, que demonstrou paciência, sensibilidade e generosidade ao me guiar. Sem sua orientação e apoio, certamente não teria chegado até aqui.

Por fim, agradeço à Revista *Cult*, ao jornalista Manuel da Costa Pinto e a todos que, de alguma forma, contribuíram para a realização desta dissertação.

RESUMO

A pesquisa tem como objeto a Revista *Cult*, uma das publicações mais antigas especializadas em cultura e que ainda circula em formato impresso. A publicação propõe um jornalismo cultural ampliado, com textos que dialogam com outros campos como a sociologia, a política, a filosofia e a psicanálise. A pesquisa tem como proposta analisar seis entrevistas publicadas nos anos de 2017, 2018, 2019 e 2020 na *Cult* e que foram divididas em três grupos com duas entrevistas cada, representando personagens ligados aos setores cultural, social e político. Como método para realizar o estudo foi utilizada a análise de discurso da linha francesa.

O objetivo da pesquisa é compreender, nos discursos da *Cult*, o processo de construção da imagem dos entrevistados para o leitor e quais estratégias a revista usa para reconhecê-los como intelectuais contemporâneos a partir do lugar que ocupam, além das relações sociais e ideologias. Esse processo é construído à medida que há uma passagem do intelectual tradicional para o orgânico-ideológico como meio de legitimar os discursos e ideologias, e estabelecer uma relação de identificação com o perfil editorial da revista, fortalecendo a construção de sua identidade e evidenciando a maneira como o jornalismo cultural da *Cult* se configura.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso; Intelectual; Jornalismo cultural; Jornalismo de revista; Revista *Cult*.

ABSTRACT

This research focuses on Revista Cult, one of the oldest publications specializing in culture that still circulates in print format. The magazine proposes an expanded cultural journalism, with texts that engage in dialogue with other fields such as sociology, politics, philosophy, and psychoanalysis. The research aims to analyze six interviews published in Cult in the years 2017, 2018, 2019, and 2020, divided into three groups with two interviews each, representing figures linked to the cultural, social, and political sectors. The method used for the study is discourse analysis based on the French school.

The objective of this research is to understand, through Cult's discourse, the process of constructing the interviewees' image for the reader and the strategies the magazine uses to recognize them as contemporary intellectuals based on their positions, as well as their social relations and ideologies. This process is built through the shift from the traditional intellectual to the organic-ideological one, as a means of legitimizing discourses and ideologies and establishing a relationship of identification with the magazine's editorial profile, thereby strengthening its identity and highlighting how Cult's cultural journalism is shaped.

KEYWORDS: Discourse; Intellectual; Cultural journalism; Magazine journalism; Revista Cult.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Le Magazine Littéraire, nº 556, 2015	56
Figura 2: Revista <i>Cult</i> , edição nº 1, agosto de 1997	58

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Construindo o <i>corpus</i>	20
Quadro 2: Revisão de literatura	23
Quadro 3: Análise de Discurso: dispositivo e procedimentos	97
Quadro 4: Entrevistas	107
Quadro 5: Capas da Revista <i>Cult</i> com as entrevistas que compõem o corpus da pesquisa ..	109
Quadro 6: Destaque na capa das chamadas das entrevistas	109

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AD – Análise de Discurso

COVID-19 – Doença infecciosa causada pelo coronavírus SARS-CoV-2

FD – Formação Discursiva

JC – Jornalismo Cultural

JR – Jornalismo em Revista

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 DISCURSO JORNALÍSTICO E CARACTERÍSTICAS DO JORNALISMO CULTURAL E DO JORNALISMO EM REVISTA.....	19
1.1 CONSTRUINDO O <i>CORPUS</i>	19
1.2 O DISCURSO JORNALÍSTICO	27
1.3 ACONTECIMENTOS HISTÓRICO E DISCURSIVO	28
1.4 UMA LEITURA DO JORNALISMO.....	31
1.5 JORNALISMO EM REVISTA	33
1.5.1 Um Breve Histórico e o Cenário Atual	34
1.5.2 Características do Jornalismo em Revista	37
1.5.3 O Acontecimento e suas Transformações no Discurso da Revista	40
1.6 TRAJETÓRIA DO JORNALISMO CULTURAL	41
1.6.1 As Características e Peculiaridades do JC	44
1.7 A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM.....	47
2 A REVISTA CULT E O ESPAÇO DE ENTREVISTAS.....	50
2.1 O GÊNERO ENTREVISTA NO JORNALISMO	50
2.2 A ENTREVISTA NO JORNALISMO DE REVISTA	54
2.3 <i>CULT</i> E O ESPAÇO DAS ENTREVISTAS	56
3 OS CAMPOS SOCIAIS: CONCEITOS E PERSPECTIVAS	60
3.1 O CONCEITO DE CAMPO A PARTIR DE BOURDIEU	60
3.1.1 Campo Cultural	62
3.1.2 Campo Político	64
3.1.3 Campo Religioso	66
3.2 CAMPO INTELECTUAL: INÍCIO, DESLOCAMENTOS, PERSPECTIVAS E TRANSFORMAÇÕES	67
3.2.1 O Conceito de Intelectual e a Noção do Campo	69
3.2.2 A Intelectualidade na <i>Cult</i> e os Caminhos para a Construção de um Intelectual Orgânico Contemporâneo	70
3.2.3 O Percorso Intelectual na Revista <i>Cult</i>	72
4 CAMINHOS METODOLÓGICOS	76
4.1 ENTENDENDO O CONCEITO DE DISCURSO	76

4.2 AS PERSPECTIVAS DE FORMAÇÃO DISCURSIVA	78
4.3 O ENUNCIADO	80
4.4 FORMAÇÃO IDEOLÓGICA E IMAGINÁRIA	82
4.5 MICHEL FOUCAULT E A ARQUEOLOGIA DO SABER	84
4.6 ACÚMULO E EXTERIORIDADE EM ARQUEOLOGIA DO SABER	89
4.7 EXTERIORIDADE E INTERDISCURSO	90
4.8 SUJEITO EM ENI ORLANDI E MICHEL PÊCHEUX.....	92
4.9 ANÁLISE DE DISCURSO A PARTIR DE ORLANDI	96
4.10 REVISTA <i>CULT</i> : INSTRUMENTALIZAÇÃO DOS CONCEITOS NA ANÁLISE ..	100
4.11 ESQUEMA ANALÍTICO	105
5 REVISTA <i>CULT</i>: UMA ANÁLISE DOS DISCURSOS E SUAS REPRESENTAÇÕES	107
5.1 AS CAPAS DA REVISTA <i>CULT</i>	108
5.2 ENTREVISTAS EM PAUTA: UMA ANÁLISE DO DISCURSO	111
5.3 GRUPO 1: CAMPO CULTURAL - EDIÇÃO 222, ABRIL 2017, ENTREVISTA CANTOR OTTO	113
5.4 GRUPO 1: CAMPO CULTURAL - EDIÇÃO 240, NOVEMBRO 2018, ENTREVISTA CANTOR CRIOLO	119
5.5 GRUPO 2: CAMPO POLÍTICO - EDIÇÃO 241, DEZEMBRO 2018, ENTREVISTA FÁTIMA BEZERRA	121
5.6 GRUPO 2: CAMPO POLÍTICO - EDIÇÃO 246, JUNHO 2019, ENTREVISTA FERNANDO HADDAD	123
5.7 GRUPO 3: MOVIMENTOS SOCIAIS - EDIÇÃO 221, MARÇO 2017, ENTREVISTA IVONE GEBARA	125
5.8 GRUPO 3: MOVIMENTOS SOCIAIS – EDIÇÃO 258, JUNHO 2020, ENTREVISTA LUANDA PIRES	127
5.9 PERSPECTIVAS SOBRE A ANÁLISE DAS ENTREVISTAS	130
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	132
REFERÊNCIAS	136
ANEXO A – ENTREVISTAS REVISTA CULT 2017 – 2020	148
ANEXO B – MÚSICA BOCA DE LOBO DO CANTOR CRIOLO	181

INTRODUÇÃO

O jornalismo, em seu processo de produção, seleciona os assuntos que serão pautados para o leitor. Como construtor social da realidade, estabelece relações entre a sociedade e os próprios acontecimentos a partir de técnicas, processos, gêneros e formatos. Também atua na construção das memórias coletivas e, além disso, fortalece e constrói identidades. Age visando a sua própria legitimidade “enquanto instituição explicada, justificada e reconhecida socialmente” (Neto, 2013, p. 71). Para isso, busca mecanismos para construir uma imagem de confiança em seu discurso: conceitos de objetividade (verdade), imparcialidade e neutralidade permeiam os diferentes modos de representar a sociedade pelo jornalismo.

Conforme Charaudeau (2009), cada veículo possui um tipo de discurso e o texto da revista, por exemplo, se apropria de algumas formas literárias e pratica o noticiar com a prática de narrar, sendo assim, possui um jornalismo que investiga, interpreta e diagnostica (Vilas Boas, 1996). A revista está associada à segmentação, não apenas de público, mas também de “especialidade temática, de competências e exigências profissionais e discursivas” (Tavares, 2008, p.2) e pode ser enxergada como um instrumento social que promove ideologias, vende ideias e imagens através de seus elementos linguísticos e não-linguísticos. Além disso, possui uma forma específica de discurso, enunciação e construção de sentidos, assim como um modo de ver a realidade, o que traz uma interação distinta com a sociedade.

Ao partir para uma segmentação vamos ao encontro de uma revista especializada, no caso em cultura, com aspectos e lógicas próprias. O jornalismo cultural (JC) é um jornalismo especializado/perito, que aborda um assunto específico para um público específico e possui características que, “enquanto especialidade jornalística, reafirma também o seu suposto sistema perito. A partir da confiança do leitor, silenciando ou consolidando valores culturais” (Cavalcanti, 2016, p. 6), o que faz com que o seu discurso reflita e projete modos de viver e de pensar. Essa especialidade jornalística conta com a presença de ensaios, resenhas, artigos, críticas, reportagens, perfis e entrevistas, mas assim como qualquer outra, precisa atender às exigências da produção jornalística.

Quando lançamos um olhar para o jornalismo cultural em revista, podemos dizer que suas pautas trabalham com uma cadeia de acontecimentos, que podem ser ou não factuais. As revistas também constroem suas narrativas através de uma discursivização de questões factuais por meio de um tema atual e não apenas pelo fato em si. Apesar das mudanças que ocorreram no jornalismo impresso após o advento da internet, esse modo de construir a narrativa nas revistas ainda permanece.

Os autores Tavares e Schwaab (2009, p.190) consideram que o jornalismo em revista (JR) opera sob o prisma da ação temática, que está “envolto a processos de configurações editoriais (o tema caracterizando perfis editoriais), materiais e discursivas (o tema caracterizando formatos, visualidades e textos), e de segmentação (o tema caracterizando públicos)”, o que torna o seu jornalismo singular.

Por esse motivo, esta pesquisa trabalha com o JR especializado em cultura, sendo o objeto a Revista *Cult*, em que podemos observar uma discursivização de temas atuais que reforça “a atualidade de um modo particular de “ver” o tema, organizando sentidos possíveis e esperados, onde se destaca, por exemplo, um aspecto utilitário no discurso destas publicações” (Tavares; Schwaab, 2009, p. 188).

O texto do JR é construído a partir de relações estabelecidas de acontecimentos com outros acontecimentos e é possível observar que esse aspecto também é muito presente nas entrevistas, pois sua tematização, em sua grande maioria, se dá através de circunstâncias da atualidade. São as escolhas desses temas que configuram a identidade da *Cult*, que pratica um jornalismo cultural-intelectual, característica que pode ser percebida também na editoria Entrevista. Sua narrativa se pauta em temas considerados de utilidade (que procuram informar o leitor sobre questões relacionadas a saúde mental, direito, etc.), mas também de questões que trazem os movimentos sociais, culturais, políticos, entre outros, e sempre com um viés intelectual.

Essas particularidades foram essenciais para a construção do tema da pesquisa, em que busca-se observar e entender como a intelectualidade se movimenta dentro do JC da *Cult*, principalmente nas entrevistas. Os seus textos passam por um processo de intelectualização, assim como os entrevistados, a partir de um discurso que vai de encontro com questões ideológicas e que formam o perfil da revista. O próprio jornalista da *Cult* ou o colaborador que escreve os textos assume um papel de intelectual dentro do veículo, assim como é possível encontrar, por exemplo, dossiês sobre pensadores de uma área específica de conhecimento que se inserem dentro do campo intelectual. Sendo assim, podemos considerar também que a Revista *Cult* é um produto intelectual, além disso, esse conceito de intelectualidade é móvel dentro da revista e sofre algumas transformações pelas propostas de temas, editoriais e destaques.

Por esses fatores, a escolha das entrevistas da Revista *Cult* como objeto de análise, se revelou interessante e justificável, mostrando potencial para olhar o discurso jornalístico dentro da questão que guia a pesquisa: *Como a Revista Cult constrói a narrativa das*

entrevistas para projetar a imagem intelectual dos entrevistados para o leitor de maneira a legitimar os discursos ideológicos?

Para a análise do discurso das entrevistas estabeleceu-se os seguintes critérios: sujeito e condução da entrevista; Interação entre entrevistador e entrevistado; Perfil do entrevistado e imagens projetadas; Contexto, gancho jornalístico, tema; Condições de produção; Questões sociopolíticas em debate; Estratégias e processos de construção do discurso das entrevistas; Aspectos ideológicos; Historicidade e acontecimentos; Fator intelectual. Que nos permitiram identificar as marcas representativas e textuais que comandam a construção do texto e conduzem as interpretações, como o discurso jornalístico opera na projeção das imagens dos entrevistados e de debates públicos, de que forma o intelectual nas entrevistas da *Cult* é representado e configurado a partir de discursos que podem ser considerados plurais (do entrevistador e entrevistado), à medida que são permeados por outros campos e como esse processo de intelectualização se movimenta dentro do JC da revista, assim como na construção da própria identidade da *Cult*.

A *Cult* foi fundada pelo jornalista Manuel da Costa Pinto em 1997 e tinha como foco principal a crítica literária. Seu formato foi baseado na revista francesa *Le Magazine Littéraire*, mas também trazia assuntos relacionados a pensadores como Marilena Chauí ou Pierre Bourdieu. Após um período, Manuel vende a revista para a jornalista, editora e filósofa Daysi Bregantini, que promove mudanças e amplia as discussões para as áreas da arte, cultura, filosofia, literatura e ciências humanas. A publicação parte da cultura para dialogar com outros campos e para trazer assuntos de interesse da sociedade, o que a torna mais que um documento que preserva a memória, pois contextualiza o momento histórico-cultural do País. É uma revista mensal e tem acadêmicos como público-alvo principal.

A revista possui uma grande representatividade dentro do jornalismo cultural-intelectual, que passou por transformações ao longo dos anos, mas continua mantendo suas edições impressas. As entrevistas ocupam um lugar de destaque tanto nas capas, quanto dentro da revista.

A primeira fase da revista, julho de 1997 a março de 2002, com a editora Lemos Editorial, tinha como proposta ser em espaço reflexivo sobre cultura e, principalmente, sobre literatura. A linha editorial seguia a lógica intelectual a partir do aprofundamento do conhecimento e da linguagem, sem perder o seu lado informativo.

Em 2002, começa um novo ciclo da *Cult*, quando passa a ser comandada pela jornalista e filósofa Daysi Bregantini, atual proprietária e editora. A revista passou a abordar

temas que dialogavam com outros campos, trazendo reportagens, dossiês e entrevista, entre outros, com enfoque político, movimentos sociais, psicanálise, filosofia, sociologia, etc. Foram feitas mudanças também no visual geral da publicação, como troca do papel para impressão, diagramação e reajuste das seções.

Apesar das mudanças, sua essência no intelectualismo permaneceu, característica que está enraizada na *Cult* desde sua criação. Em seu discurso é possível encontrar percursos intelectuais diferentes, assim como personalidades que se encontram no campo da intelectualidade com formações diferentes, que comentam temas do cotidiano à luz de suas escolhas teóricas, conceitos de vários outros campos, para nutrir fatos e opiniões. A grande maioria possui uma carreira acadêmica consolidada, outros alcançaram o *status* de intelectuais pelo papel público que exercem.

O *corpus* da pesquisa foi formado por seis entrevistas publicadas em 2017, 2018, 2019 e 2020 e que foram divididas em três grupos a partir do campo que ocupavam: cultural, político e social. As entrevistas foram selecionadas a partir de critérios pré-estabelecidos: primeiramente foram retiradas as edições especiais (dossiês) e edições que não possuíam entrevistas. Após, optamos por excluir aquelas que também não se encontravam em destaque com chamada na capa e, por fim, selecionamos as entrevistas que foram realizadas por colaboradores (jornalistas e editores) que trabalham efetivamente na *Cult*, sendo eles Amanda Massuela (editora assistente), Daniel de Mesquita Benevides (editor) e Fernanda Paola (diretora de conteúdo).

Durante a construção do *corpus*, pode-se observar que a partir do ano de 2017 há uma predominância no debate das questões políticas nas edições da revista, além de existir atravessamentos políticos em grande parte das entrevistas, o que deixa ainda mais claro as ideologias políticas da *Cult*. Devido a isso, a escolha dos quatro anos citados acima se tornou mais interessante para perceber como a revista constrói os seus discursos nas entrevistas e como o elemento político, como já apontado, fortemente presente, é essencial para entender o perfil editorial e como jornalismo cultural vai se configurar na *Cult*.

A escolha das entrevistas, de forma específica, se justifica por se tratar de um formato textual muito presente no JC e por se caracterizar como um gênero considerado interpretativo com abordagem pessoalizada em forma de um diálogo, por assim dizer, que nos leva a características e lógicas que diferem muito de outros formatos. Isso porque, de acordo com Rouchou (2003), a entrevista causa uma identificação do público pelo fator mais

“humanizado” ali presente, podendo nos levar para novas descobertas e possíveis confirmações de histórias, com interações com o social.

A entrevista permite expandir pontos específicos de assuntos considerados relevantes naquele momento e influenciar debates, construir uma identificação entre o veículo de comunicação com o leitor, mas pode criar rejeição ou aceitação do entrevistado. Nilson Lage (1979) aponta que a entrevista deve considerar alguns valores como: atualidade, proximidade, intensidade e ineditismo, e o seu diferencial será definido através da originalidade, do impacto, pela identificação social e humana provocada no público.

A *Cult*, por estar inserida no campo da intelectualidade, tem um perfil que reúne personalidades que Bourdieu (1985) classifica como o intelectual tradicional, que possui uma educação superior e associado a uma “origem social e escolar elevada”. Já Gramsci (1979) acredita que todas as pessoas podem ser intelectuais, a partir do lugar que ocupam e suas relações sociais, o que ele chama de intelectual orgânico, com papel de atuação e organização social. As entrevistas, de forma específica entre as publicações da revista, procuram fazer uma configuração da imagem e dos discursos dos entrevistados; observamos que, de forma estratégica, essa construção tem como intenção criar uma visão das personalidades como intelectuais contemporâneos, que defendem os interesses coletivos.

Para chegar aos resultados utilizaremos a análise de discurso (AD) da linha francesa, a partir das perspectivas de Eni Orlandi (que tem como base o autor Michel Pêcheux, por isso, seus estudos têm como desdobramentos a matriz francesa) e Michel Foucault, mas, também, usaremos outras referências como suporte. Apesar de ser uma metodologia proposta para as Ciências Humanas, a AD pode trazer grandes contribuições para a comunicação, no caso desta pesquisa, pensando na aplicação para analisar o discurso jornalístico.

Primeiramente, é importante entender que, “não há (ou pelo menos não se pode admitir para a descrição histórica cuja possibilidade aqui traçamos) uma espécie de discurso ideal, ao mesmo tempo último e intemporal” (Foucault, 1989, p.77), ou seja, a metodologia arqueológica não pretende esgotar os eventos, as questões, ou mesmo os discursos que existem na realidade do passado. Dessa maneira, “a arqueologia possui versatilidade para complementar as ferramentas metodológicas da área comunicativa” (Baptista, 2016, p. 284).

Aqui, pensamos no impresso, no caso as revistas, da mesma maneira que Foucault irá trazer em seu livro os documentos, em que se considera o que “foi impresso, veiculado, exibido, transmitido, comunicado, enfim, documentado” (Baptista, 2016, p. 285). Se para Foucault (1989) o documento é um monumento, essa ação poderia ser aplicada também para

analisar o jornalismo impresso, já que podemos ver essa metodologia enquanto uma forma descritiva, que irá gerar novas unidades documentais para a análise do discurso midiático, neste caso, o jornalismo, uma vez que o jornalismo também pode ser considerado um documento histórico.

Neste caso, Michel Foucault se propõe a reestruturar “as unidades já pré-estabelecidas” (Baptista, 2016, p. 285), o sujeito enunciativo. Para esta pesquisa, identificamos como opera o jornalista que assume o papel de entrevistador, as estratégias discursivas usadas e as funções enunciativas presentes no texto.

Então, nesta aplicação poderíamos “ênfatizar discontinuidades e descrever internamente documentos, sempre expondo publicamente as regras metodológicas e epistemológicas utilizadas” (Baptista, 2016, p. 285). Esse tipo de análise não tem a pretensão de “adivinhar” o pensamento das pessoas, mas é preciso reconhecer que o campo dos enunciados é formado por transformações e relações e que nunca se encontra isolado em um discurso e sua compreensão se dá em uma relação estreita e singular para determinar as condições em que existe e, assim, estabelecer sua conexão com outros enunciados. Ainda em “A arqueologia do Saber” (2012), Foucault, ao falar sobre a análise dos enunciados, não se preocupa com o não-dito; em sua proposição, a voz oculta não é levada em consideração.

É a partir desta observação que se reconhece a importância de trazer a perspectiva de Eni Orlandi para dialogar com a metodologia arqueológica. A pluralidade do discurso jornalístico nos traz a possibilidade da voz “sem nome” a partir de uma exterioridade, em que através de estratégias discursivas o jornalismo pode mostrar ou esconder, discussão que é trazida por Eni Orlandi. Ambos os autores possuem, de certa maneira, suas interseções, mas, em alguns momentos, se diferem. Com essas diferenças foi realizado um movimento em que ambos dialoguem entre si e, apesar de parecer complexo, esse diálogo se mostrou necessário e enriquecedor para aplicação do método ao objeto de pesquisa, a partir de uma apropriação apoiada nos estudos de autores que analisam criticamente os discursos e com o suporte de outros textos relacionados.

A pesquisa foi dividida em cinco capítulos. O primeiro traz as discussões sobre o jornalismo, seu discurso, suas lógicas e características. Após essa contextualização, trazemos o tópico sobre o jornalismo em revista, um panorama de sua história e cenário editorial no Brasil. Também abordamos a revista como um jornalismo especializado, que possui textos e lógicas de produção que se diferenciam do jornal impresso, além disso, a partir dos estudos de Frederico Tavares (2007), o capítulo traz uma breve discussão sobre o acontecimento dentro

das revistas. O tópico seguinte fala sobre o jornalismo cultural, também com um panorama histórico, características e especialização.

O segundo capítulo aborda a entrevista no jornalismo e seu espaço nas revistas, mostrando a importância do gênero no jornalismo. Após, é realizado um histórico da revista *Cult*, a partir de entrevistas com o jornalista Manuel da Costa Pinto, fundador da revista, e a atual proprietária e editora-chefe, a jornalista e filósofa Daysi Bregantini. Por fim, aborda-se a construção da imagem e o *ethos* discursivo, discussão que tem como intuito contribuir para perceber certos mecanismos construídos para criar uma identificação e aceitação do leitor ao discurso do entrevistado.

No capítulo três damos ênfase à discussão sobre o conceito de campos sociais, também trazendo os principais campos em destaque no discurso do *corpus* da pesquisa: os campos cultural, religioso e político. Como destaque desse capítulo trazemos discussões sobre o campo intelectual, perspectivas, a “função” do intelectual, os tipos de intelectuais de acordo com estudos de vários autores e deslocamentos do conceito.

Já no capítulo quatro mostramos os conceitos usados para construir os caminhos metodológicos que guiam a análise e usamos também como aporte complementar elementos da linguística, que se mostrou relevante para discutir o discurso jornalístico nas entrevistas.

Por fim, no último capítulo, partimos para a análise do *corpus*, com a aplicação da análise de discurso, usando como base os estudos de Eni Orlandi (2020), em diálogo com o método arqueológico de Michel Foucault (2012), além das considerações finais, referências e anexos.

1 DISCURSO JORNALÍSTICO E CARACTERÍSTICAS DO JORNALISMO CULTURAL E DO JORNALISMO EM REVISTA

Neste capítulo iniciamos com o processo de construção do objeto de pesquisa, logo após, faremos uma breve abordagem sobre o discurso jornalístico até chegar ao jornalismo em revista e jornalismo cultural, com suas características, história, peculiaridades e cenário atual. Além disso, o capítulo ainda traz perspectivas sobre os conceitos de discurso e de acontecimento, importantes para entender a construção do discurso jornalístico das entrevistas na Revista *Cult*.

1.1 CONSTRUINDO O *CORPUS*

Para iniciar as discussões que circundam a pesquisa, antes, iremos apresentar a trajetória para construção do *corpus*. A Revista *Cult* foi escolhida desde o início do processo de composição do estudo, mas, primeiramente, a intenção era focar na configuração do jornalismo cultural de suas edições. No começo, o objetivo era analisar os dossiês, mas realizando pesquisas e leituras, as entrevistas se mostraram mais interessantes.

Durante o processo de escolha, foi possível observar que a partir de 2017 houve uma predominância nas questões políticas nas pautas da revista, evidenciando ainda mais as ideologias da *Cult*. Apesar da política sempre se fazer presente em seus textos, percebe-se que em 2017 esse tema faz parte da maioria das edições. Este fato é justificado devido às transformações políticas no Brasil que começaram a ocorrer a partir do ano citado anteriormente. Questões sócio-políticas significativas estavam acontecendo no país, trazendo mudanças na democracia e em várias questões sociais. O *impeachment* da ex-presidenta Dilma Rousseff, a eleição de Jair Bolsonaro e sua política de extrema direita, impactaram a história do Brasil. Também enfrentamos o início de uma pandemia mundial do vírus Covid-19, que matou milhões pessoas, nos condicionando a um isolamento social que mudou o comportamento e o modo de socialização. A partir disso, foram selecionadas as edições dos anos de 2017, 2018, 2019 e 2020, sendo o objeto da pesquisa, as entrevistas publicadas nesses anos.

O segundo critério para a construção do *corpus* foi selecionar apenas as entrevistas que foram realizadas por jornalistas da *Cult*, sendo retiradas as entrevistas feitas por

colaboradores. Ao reunir todas as edições desses quatro anos a partir desse critério, ao todo, ficaram 18 revistas.

O terceiro critério foi escolher as edições que se destacavam na capa e retirar as edições que não tinham chamada das entrevistas na capa, o que totalizou 16 entrevistas. O Quadro 1, a seguir, apresenta um levantamento das edições no período considerado.

Quadro 1 – Construindo o *Corpus* (continua)

Edição	Mês	Ano	Chamada da entrevista na capa	Título	Entrevistado(a)	Entrevistador(a)
221	Março	2017	Sim	Uma rebelde no rebanho	Ivone Gebara (Filósofa da religião e teóloga feminista)	Amanda Massuela (editora assistente)
222	Abril	2017	Sim	O grito preso de Otto	Otto (cantor)	Amanda Massuela (editora assistente)
224	Junho	2017	Não	Transformar o mundo para mudar a vida das mulheres	Nalu Faria (Psicóloga com especialização em Psicodrama Pedagógico e Psicologia Institucional)	Amanda Massuela (editora assistente)
227	Setembro	2017	Sim	Kenarik Boujikian: ‘A seletividade é um marco da Justiça brasileira’	Kenarik Boujikian Felipe (juíza desembargadora do Tribunal de Justiça de São Paulo/ TJ-SP)	Amanda Massuela (editora assistente)
231	Fevereiro	2018	Não	Quem é e sobre o que escreve o autor brasileiro	Regina Dalcastagnè (professora titular de literatura brasileira)	Amanda Massuela (editora assistente)
232	Março	2018	Sim	Orna Donath: Para fazer ruir o reino mítico materno	Orna Donath (socióloga)	Amanda Massuela (editora assistente)
234	Maio	2018	Sim	Intérprete de um Brasil só	Jessé Souza (sociólogo)	Amanda Massuela (editora assistente)
239	Outubro	2018	Sim	Exceção de ocasião	Oswaldo Akamine Jr (doutor em Direito pela USP e professor das Faculdades de Campinas -	Amanda Massuela (editora assistente)

Quadro 1 – Construindo o *Corpus* (continuação)

					Facamp e da Universidade Nove de Julho - Uninove)	
240	Novembro	2018	Sim	Criolo: ‘A força do medo é a ferramenta maior do mal’	Criolo (cantor)	Fernanda Paola (diretora de conteúdo)
241	Dezembro	2018	Sim	Fátima Bezerra: Querem colocar uma mordaca na boca dos professores	Fátima Bezerra (senadora Fátima Bezerra (PT) ganhou dois predicados: única mulher eleita para um governo estadual nas eleições de 2018 e governadora mais votada da história do Rio Grande do Norte.)	Amanda Massuela (editora assistente)
244	Abril	2019	Sim	‘Milícias ameaçam instituições democráticas como nenhum outro grupo ameaçou’	Bruno Paes Manso (jornalista, professor e pesquisador do Núcleo de Estudos da Violência da USP, o NEV.)	Amanda Massuela (editora assistente) Daniel de Mesquita Benevides (editor)
245	Maio	2019	Sim	Ignácio de Loyola Brandão e as distopias reais	Ignácio de Loyola Brandão (autor, também contista, cronista (desde 1993, no jornal O Estado de S. Paulo) e escritor de infantojuvenis – em 2008 ganhou um Jabuti por O menino que vendia palavras)	Daniel de Mesquita Benevides (editor)
246	Junho	2019	Sim	Um professor	Fernando Haddad (professor, O ex-prefeito de São Paulo e ex-ministro da Educação nos governos Lula e Dilma)	Daniel de Mesquita Benevides (editor)
249	Setembro	2019	Sim	Na contramão da crise	Elisa Ventura (empresária, dona da Blook)	Amanda Massuela (editora assistente)
250	Outubro	2019	Sim	A força da ação	Vladimir Safatle (professor titular	Daniel de Mesquita

Quadro 1 – Construindo o *Corpus* (continuação)

					do Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo (USP) escreve colunas para a imprensa, publica livros regularmente, faz parte da Comissão Arns de Direitos Humanos, ajuda a coordenar o Laboratório de Teoria Social, Filosofia e Psicanálise da USP)	Benevides (editor) Tarso de Melo (poeta, advogado, doutor em filosofia do direito pela USP)
251	Novembro	2019	Sim	O tradutor do pensamento mágico	Ailton (escritor, filósofo, ativista)	Amanda Massuela (editora assistente) Bruno Weis (jornalista e coordenador de comunicação no Instituto Socioambiental - ISA)
254	Fevereiro	2020	Sim	De olhos bem abertos	Lina Meruane (escritora chilena)	Daniel de Mesquita Benevides (editor)
258	Junho	2020	Sim	Luta Permanente	Luanda Pires (ativista e advogada especialista em Direito Homoafetivo e de Gênero)	Amanda Massuela (editora assistente)

Fonte: Autoria própria

O quarto critério foi separar as edições de acordo com o campo no qual o discurso se inseria e, dentre eles, para compor a análise foram escolhidos três: cultura, política e movimentos sociais. Dentro desses grupos, foram selecionadas duas edições de cada um ficando da seguinte forma:

- Grupo 1, campo cultural: Otto e Criolo (ambos cantores);
- Grupo 2, campo político: Fátima Bezerra e Fernando Haddad (ambos políticos ativos);
- Grupo 3, movimentos sociais: Ivone Gebara e Luanda Pires (ambas mulheres, ativistas sobre as questões de gênero).

Por fim, o *corpus* foi construído com um total de seis edições que, como apontado anteriormente, foram divididas em três grupos.

Para fundamentar a análise e auxiliar no manejo das entrevistas e do referencial teórico, foi realizada uma pesquisa sobre os estudos de outros autores que contemplavam a *Cult*, sendo que em sua maioria o foco eram os dossiês. Não foram encontrados textos que abordavam especificamente as entrevistas na revista, assim como também não identificamos pesquisas que lançam um olhar sobre a relação do intelectual e a construção da imagem, mas identificamos estudos que abordam a *Cult* enquanto produção intelectual e o papel do intelectual na mídia. Em alguma medida, esses textos trouxeram contribuições para fundamentação teórica desta pesquisa. Na tabela abaixo realizamos uma revisão de literatura com as referências encontradas que trazem discussões tendo como objeto a revista *Cult*.

Quadro 2 - Revisão de Literatura (continua)

Título do trabalho	Autor	Tipo	Tema
Revista <i>Cult</i> - Canal de expressão pública da Produção intelectual	Ana Lúcia Nishida Tsutsui.	Dissertação apresentada em cumprimento parcial às exigências do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo. São Paulo, 2006.	A dissertação busca analisar, a partir de uma perspectiva histórica-sociológica, se a Revista <i>Cult</i> pode ser entendida como um canal de expressão pública da produção intelectual e o papel que a imprensa especializada desempenha. O estudo traz o conceito de intelectual de forma breve e foca na erudição presente no jornalismo cultural da revista.
Jornalismo Cultural e Mercado Editorial: uma análise sobre a revista <i>Cult</i>	Beatriz Guimarães de Carvalho; Isabela Rodrigues Pinto; Nathalia Nasser Neri; Paula Proença Carriel; Rafaela Rodrigues de Andrade; Márcia Eliane Rosa	Artigo apresentado no Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Rio de Janeiro, 2015.	Este estudo pretende compreender como a Revista <i>Cult</i> “sobrevive” no mercado editorial analisando seu modelo de negócio. Para isso, foi realizada uma revisão bibliográfica, levantamento histórico,

Quadro 2 - Revisão de Literatura (continuação)

			análise descritiva e uma entrevista em profundidade.
Da popularização da filosofia à expertise filosófica: uma problematização do papel do intelectual na mídia (Revista <i>Cult</i> 1997-2013)	Guilherme Magalhães Vale de Souza Oliveira	Dissertação apresentada à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Educação. São Paulo, 2015.	A pesquisa tem como objetivo trazer a discussão crítica acerca das relações entre filosofia e mídia. Tendo a Revista <i>Cult</i> como objeto do estudo, a intenção é entender a função pública do filósofo na mídia. A dissertação traz o conceito de intelectual público, que foi apropriado na discussão sobre os intelectuais desta pesquisa.
Primeira pessoa do plural em dossiê da revista <i>cult</i> : traços de modalização epistêmica e de diferentes instâncias de sentido vinculadas às categorias <i>ethos</i> , <i>pathos</i> e <i>logos</i>	Renan Paulo Beni; Aparecida Feola Sella	Artigo publicado em revista: Fórum linguistic. Florianópolis, v.16, n. 4, p. 413-415, out / dez, 2019.	O artigo investiga o uso da primeira pessoa do plural a partir do texto “Consciência e lutas feministas: conquistas e desafios no Brasil”, do dossiê Percepções do Feminino e Ações Feministas, publicado na Revista <i>Cult</i> , edição 210/2016.
Por uma analítica do ensaio nos Dossiês da revista <i>CULT</i> : formas de pensar a questão Queer como tema da cultura.	Janderson Silva	Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Comunicação. Ouro Preto, 2021.	A pesquisa traz como discussão a relação entre o Ensaio e os autores dos textos dos Dossiês da Revista <i>Cult</i> , das edições 185, 193, 196, 202, 205 e 226, que tratam sobre a questão Queer, em que refletem de forma o tema a partir do tema que se inserem, trazendo questões teóricas e aspectos culturais.
Os sentidos da paixão nos dossiês da Revista <i>Cult</i> .	Janderson Silva	Trabalho no apresentado Poscom PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2018.	Artigo apresentado em seminário

Quadro 2 - Revisão de Literatura (continuação)

A questão da historicidade no processo de construção dos dossiês da Revista <i>Cult</i> .	Janderson Silva	Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Linguagens e Narrativas, do XI Encontro dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação Social de Minas Gerais, 2018.	O artigo traz discussões sobre as potencialidades textuais presentes nos dossiês da Revista <i>Cult</i> , sobre o intelectual na atualidade e como atua como uma referência para certas continuidades ou rupturas das configurações sociais, além da relevância que a revista dá aos temas abordados.
Revista <i>Cult</i> – leituras do presente (1997-2002)	Fabiola Alves da Silva	Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Literatura, da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do título de Mestre em Literatura. Florianópolis, 2006.	Tendo como objeto a Revista <i>Cult</i> , a pesquisa pretende observar como suas publicações dialogam com presente e como mercado e a literatura se veem envolvidos nesse processo.
A Cobertura das Manifestações Culturais Periféricas no Jornalismo Brasileiro: um Estudo de Caso da Revista <i>Cult</i> .	Filipe Norberto Ribeiro Soares; Cintia Cerqueira Cunha	Trabalho apresentado no II 1 – Jornalismo do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, Vila Velha, 2014.	O artigo pretende fazer uma análise da edição 183 - do mês de setembro de 2013, Revista <i>Cult</i> , trazendo discussões sobre os preceitos expostos pela indústria cultural e como são realizadas as coberturas no jornalismo cultural.
Artes plásticas e jornalismo cultural, reflexos da pós-modernidade: Ilustríssima, Revista <i>Cult</i> e Digestivo Cultural	Micaela Lüdke Rossetti	Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do grau de mestre pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2015.	A pesquisa pretende revelar “ausência de características pós-modernas tanto na relação entre as artes plásticas e o jornalismo cultural quanto no exercício das duas práticas” (ROSSETTI, 2015, p.8), a partir das revistas Ilustríssima, <i>Cult</i> e Digestivo Cultural.
Jornalismo cultural e	Anna Cavalcanti;	Artigo publicado em	O artigo pretende trazer

Quadro 2 - Revisão de Literatura (continuação)

temporalidade nos dossiês da revista brasileira <i>Cult</i> (2019)	Cida Golin	revista: Âmbitos – Revista Internacional de Comunicación, nº 58, outono, 2022, p. 72-88.	uma dimensão temporal do jornalismo cultural, que busca construir memória e atualizar o passado, à medida que realiza uma mediação da cultura, a partir da análise dos dossiês da Revista <i>Cult</i> .
A efeméride como acionamento da memória: análise de enquadramentos do passado na revista <i>Cult</i>	Anna Cavalcanti	Anais do 30º Encontro Anual Da Compós, Vol 30, 2021	O artigo faz uma análise, a partir de seis edições da Revista <i>Cult</i> publicadas em 2019, de que maneira jornalismo cultural aciona a memória a partir do registro narrativo das efemérides.
Entre papéis, telas e ideias: estratégias de sobrevivência da revista <i>CULT</i> na era digital	Beatriz Guimarães de Carvalho; Graça Caldas	Artigo publicado na Revista <i>Cambiassu</i> , v.13, 21, p. 22-36, Julho/Dezembro de 2017, São Luiz/MA.	O artigo faz uma reflexão sobre as estratégias de sobrevivência das revistas de culturais na era digital, com foco na Revista <i>Cult</i> na versão impressa e virtual.
Eu (e nós) proteano: funções retóricas da primeira pessoa do discurso e a construção de <i>ethos</i> em dossiês das Revistas <i>Cult</i> e <i>Nova Águia</i>	Renan Paulo Bini	Tese apresentada à Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – para a obtenção do título de Doutor em Letras, junto ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Letras, área de concentração Linguagem e Sociedade. Cascavel/PR, 2023.	A pesquisa analisa as funções retóricas da Primeira Pessoa do Singular e da Primeira Pessoa do Plural, utilizados para a construção de <i>ethos</i> , em textos do gênero dossiê, do ano de 2018, das revistas <i>Cult</i> e <i>Nova Águia</i> .
POESIA E POLÍTICA: uma leitura de quatro antologias poéticas da revista <i>Cult</i>	Francielle Timotheo Villaça	Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Letras. Vitória/ES, 2024.	A pesquisa faz uma análise de quatro antologias poéticas publicadas entre os anos de 2019 e 2021 e traz discussões de como esses textos podem ser vistos como um panorama poético e

Quadro 2 - Revisão de Literatura (continuação)

			político do Brasil.
Poesia em revista: o apagamento do tema nos periódicos <i>Bravo!</i> e <i>Cult</i>	Mariana Baierle Soares	Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Letras, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito para obtenção de título de Mestre em Letras. Porto Alegre, 2012.	A pesquisa pretende identificar a recorrência da temática da Poesia nas revistas <i>Bravo!</i> E <i>Cult</i> , publicadas entre os anos de 1997 e 2010.

Fonte: Autoria própria

A pesquisa analisa as funções retóricas da Primeira Pessoa do Singular e da Primeira Pessoa do Plural, utilizados para a construção de *ethos*, em textos do gênero dossiê, do ano de 2018, das revistas *Cult* e Nova Águia.

1.2 O DISCURSO JORNALÍSTICO

O discurso jornalístico participa de um processo social de construção da realidade, constituído de regras narrativas que funcionam em sua estrutura, a partir dos critérios de noticiabilidade, o discurso é atribuído em sua singularidade, relevância e interesse público, universalidade, coerência, verificabilidade e atualidade (Vizeu, 2003).

O jornalismo não se reduz apenas em uma apresentação de uma realidade por meio de um discurso, mas cria cenas e representações e configura uma imagem do real; não é uma transposição pura e simples, pois é sempre mediado por outro discurso. Ele legitima o seu discurso através da relação de confiança estabelecida por meio das bases que o sustentam, tais como a objetividade (e sua relação com a verdade), a neutralidade e a imparcialidade. Um ponto importante que deve ser destacado é que o jornalismo dispõe de regras e poderes específicos e dá conta de operar sua própria construção de sistemas de representações, assim como acrescenta França (1998, p.28):

O jornalismo está enraizado no terreno da palavra humana e social e, neste terreno, através dos tempos e das mudanças da sociedade, ele se constrói como uma maneira específica de dizer. Resultado de pulsões intersubjetivas e da vida coletiva, a fala jornalística se constrói como uma palavra especializada que se distancia pouco a pouco de outras dinâmicas de circulação da informação na sociedade.

Entendemos o jornalismo não apenas opera como uma instância noticiosa, mas, como acredita Rodrigues (2005), uma esfera sócio-discursiva e ideológica, que irá mediar as interações que são estabelecidas em seus gêneros, mas o seu discurso não é puro, ele chega ao destinatário repleto de já-ditos.

Alsina (1996, p. 18) compreende que o jornalismo tem “papel socialmente legitimado para produzir construções da realidade que são publicamente relevantes”. Mantendo uma relação com o passado, o jornalismo produz registros que transpõem o tempo, podendo ser usados em diferentes períodos, por isso ocupa uma posição privilegiada e legitimada.

O jornalismo possui vários tipos de gêneros, como artigo, crônicas, reportagem, entrevista, editorial, entre outros, e cada um deles irá refletir o seu conteúdo temático a partir de um estilo verbal próprio, dentro das condições e finalidades a que pertence. Quando lançamos um olhar para o discurso do objeto de pesquisa, vale destacar que este possui um tipo de discurso específico que projeta modos de viver, contribui para a formação de opinião e ampliação do conhecimento. Com os seus textos mais longos e reflexivos, busca trabalhar com uma identificação mais “emocional” com o leitor. Esse conteúdo será aplicado de maneira própria e vai aparecer devido às necessidades das esferas sociais.

Além dessas características apresentadas, o discurso jornalístico está envolto pelo acontecimento. A partir desse entendimento, iremos identificar como o acontecimento pode aparecer e de que forma age no texto das entrevistas, já que identificamos que elas também possuem acontecimentos que podemos considerá-los como invisíveis que são mutáveis, se transformam e fazem parte de um exterior que compõe os textos. Para entender como o acontecimento, para além do jornalismo, irá se configurar até chegarmos ao invisível é preciso trazer aspectos do acontecimento histórico e discursivo. E é sobre esses conceitos, que são importantes para perceber algumas questões neste estudo, que se trata o tópico a seguir.

1.3 ACONTECIMENTOS HISTÓRICO E DISCURSIVO

Dentro do discurso jornalístico nós temos o acontecimento, que de acordo com Antunes (2008, p.2), “a forma do discurso de informação da atualidade é por excelência o acontecimento”, e o “discurso da informação constitui-se como uma maneira de expressar, mas também fazer circular o acontecimento. Coloca-o em movimento e, ao fazê-lo, alimenta a reinterpretação do próprio acontecimento” (Antunes, 2008, p. 6). O autor ainda vai dizer que o acontecimento e o acontecimento jornalístico não devem ser entendidos como equivalentes,

já que “o acontecimento funciona, pois, como uma ocorrência inicial que demanda a construção de uma interpretação, sua transformação em fatos, em acontecimentos jornalísticos” (Antunes, 2008, p.4).

Antunes (2008, p.4), ao falar sobre o acontecimento, destaca que de um ponto de vista fenomenológico, podemos encará-lo como uma ruptura. Partindo de um ponto de vista histórico, “um acontecimento pode implicar uma quebra de expectativas, uma abertura para possibilidades não previstas”.

Dessa maneira, também podemos considerar o acontecimento como uma sucessão de fatos, uma rotina cotidiana, “inerente à cultura, ou ainda algo descolado do coletivo ou transcendente ao encontro” (Abrahão, Chagas, Lago e Souza, 2022, p. 4). Já Pêcheux (1990, p. 17) aponta que um acontecimento “é um ponto de encontro entre uma atualidade e uma memória”. Levando em consideração o conceito de Pêcheux (1990) sobre acontecimento, em complemento com os estudos de Tavares (2007), percebemos em vários momentos ao longo da pesquisa que na *Cult* o acontecimento invisível se confira cada vez mais, já que, principalmente as entrevistas, são pautadas em um acúmulo do passado, que é reatualizado para o presente. Não há a quebra de uma rotina e ele não é construído, já existe e está ali, mas de uma forma implícita. Mas como um acontecimento se torna histórico?

Primeiramente, ele deve ser considerado significativo para ser lembrado ou registrado, sendo assim “consiste em um fato que, por sua relevância enquanto ocorrência no mundo passa a ser rememorado na história, fazendo parte do dizer sobre o passado de um povo, narrado pela ciência histórica” (Le Goff, 1996 *apud* Dela-Silva, 2008). Também levamos em consideração a ideia de que os acontecimentos não se tornam históricos por natureza, mas é preciso um discurso para reconstruí-lo. Na Análise do Discurso, “o acontecimento histórico [...] pode ser discursivizado de diferentes formas e produzir efeitos de sentido diversos” (Dela-Silva, 2008) e desta forma o discurso pode ser considerado a “ordem do acontecimento, portanto histórico, e o sentido como resultado de relações móveis, oscilantes e paradoxais a que os enunciados estão fadados em sua irrupção de acontecimentos” (Sousa; Inacio, s/a). A partir da proposta da pesquisa de fazer uma análise das revistas como um “documento”, como propõe Foucault (2012) em *A Arqueologia do Saber*, o que é selecionado para ser publicado é considerado significativo, produz memória e é atemporal. O que torna as revistas diferentes dos jornais impressos é a maneira do seu discurso e sua configuração que nos permite olhá-las como um documento além de seu tempo, em que os discursos são reconstruídos e registrados. Então podemos perceber que vários tipos

de acontecimentos se configuram dentro do discurso jornalístico da revista, se articulando e construindo sua identidade.

Na mesma linha de raciocínio, ressaltamos que o acontecimento discursivo, para que surja como tal, alguém precisa criá-lo, mas devemos deixar claro que o acontecimento discursivo se diferencia do acontecimento histórico e do acontecimento jornalístico.

O acontecimento discursivo pressupõe, assim, a relação entre dizeres que, ao se cruzarem, tendem a promover rupturas, ainda que um novo dizer, por princípio, seja formulado a partir das possibilidades que esse dizer encerra. [...] busca-se compreender os acontecimentos discursivos que possibilitam o surgimento de novos espaços de significação para o sujeito (Dela-Silva, 2009, p.4).

Foucault (2012, p.34-35) ressalta que devemos reconhecer a singularidade de cada enunciado como acontecimento discursivo, que inicialmente “[...] está ligado, de um lado, a um gesto de escrita ou à articulação de uma palavra, mas por outro, abre para si mesmo uma existência remanescente no campo da memória, ou na materialidade dos manuscritos [...] e de qualquer forma de registro”. Ele é único, como todo acontecimento, mas aberto “à repetição, à transformação, à reativação” (Idem, p.35) e “está ligado não apenas a situações que o provocam, e a consequências por ele ocasionadas, mas, ao mesmo tempo, e segundo uma modalidade inteiramente diferente, a enunciados que o precedem e o seguem” (Foucault, 2012, p.35). O autor ainda mostra que ao encontrar o “rastro” do acontecimento, é possível estabelecer certas relações homogêneas, como a “[...] rede de causalidade permitindo derivar cada um deles relações de analogia mostrando como eles se simbolizam uns aos outros, ou como todos exprimem um único e mesmo núcleo central” (Foucault, 2012, p. 11-12).

O acontecimento discursivo é um conceito que está intimamente ligado à Análise de Discurso, sendo que para o método o discurso é a estrutura do acontecimento, mas isso não significa que, antes da análise, não possamos lançar um olhar para dentro das revistas. Para Maldidier e Guilhaumou (1997), o acontecimento discursivo não se relaciona com o histórico ou mesmo com o jornalístico, pois “o acontecimento discursivo não se confunde nem com a notícia, nem com o fato designado pelo poder, nem mesmo com o acontecimento construído pelo historiador. Ele é apreendido na consistência de enunciados que se entrecruzam em um momento dado” (Maldidier e Guilhaumou, 1997, p.166). Partimos então do pressuposto que o acontecimento discursivo é a relação entre os dizeres, que quando se cruzam causam rupturas, mesmo que um novo dizer seja produzido e dê lugar a novos espaços de significação.

Pêcheux (1997, p.191) acredita que “o surgimento de um acontecimento discursivo não é um fato rotineiro, nem intencional e nem mesmo elaborado, mas constituído no bojo das

relações de reprodução/transformação das relações de produção sociais”. O autor coloca em debate a produção do acontecimento discursivo e acredita que para que este tenha uma relevância ou valor na sociedade é preciso que circule. Mesmo que ambos os acontecimentos discutidos aqui sejam diferentes do histórico e do jornalístico, são eles que irão produzir o discursivo a partir de uma memória, da atualização dentro da voz de vários enunciadores que vão retomá-lo e deslocá-lo, assim como acontece nas entrevistas da Revista *Cult*. O invisível se torna discursivo a partir do momento em que ele traz o “contexto de atualidade e no espaço de memória que ele convoca” (Pêcheux, 2006, p. 19). O autor ainda afirma que esse movimento o torna como transparente e opaco ao mesmo tempo e a partir daí começa um confronto discursivo que dará início para esse acontecimento, com formulações e retomadas, tornando-o transparente.

Essas questões ainda serão discutidas à frente durante a análise do *corpus*, pois são noções que nos levam a olhar a identidade da *Cult* e do seu discurso de uma maneira mais aprofundada. No próximo tópico, vamos abordar, de maneira breve, a relação do jornalismo com o leitor e sua função como produtor de memória coletiva.

1.4 UMA LEITURA DO JORNALISMO

Partimos do pressuposto que o leitor do jornalismo é imaginário, não se sabe ao certo quem estará lendo ou o sentido que irá produzir, pensando nisso, trazemos a proposta de leitor imaginado de Storch (2012). Sua definição considera que a “leitura não é uma “parte” do processo comunicativo – em contrapartida a outra, do emissor ou produtor” (Storch, 2012, p.41); a autora ainda completa que devemos pensar na leitura em uma perspectiva reflexiva, além da reversibilidade e da dialogia, que são a essência da comunicação e “se manifesta tanto no que podemos chamar de “procedimento” de leitura – no processo de decodificação de um corpo textual (verbal ou não verbal) – quanto (como virtualidade, nas antecipações) no processo de construção de um gesto signifiante” (Idem, 2012, p.41). Principalmente quando se trata do jornalismo a “leitura é um fenômeno de negociação de sentidos” (Idem, 2012, p.41).

A leitura é uma atividade ao mesmo tempo individual e social. É individual porque nela se manifestam as particularidades do leitor: suas qualidades intelectuais, sua memória, sua história; é social porque está sujeita às convenções linguísticas, ao contexto social, à política (Nunes, 1982, p. 6).

Não pretendemos aqui aprofundar a questão sobre os modos como a leitura pode se desenvolver, mas considerou-se importante já que a leitura faz parte do processo de sentidos produzidos, a empatia ou não criada, o contrato de leitura que o jornalismo produz com seu leitor. É importante ressaltar o que Storch (2012) nos traz quando diz que “a construção de uma publicação jornalística conserva uma ideia de leitor como horizonte relacional imaginário. A conformação do leitor imaginado considera a historicidade e os valores do jornalismo [...]” (Storch, 2012, p.73).

Podemos considerar o começo desse processo a partir de memórias criadas dentro da nossa cultura e até mesmo a partir de elementos verbais e não-verbais. A autora ainda considera que para se compreender um texto existe uma espécie de conhecimento prévio, mediante os diversos níveis de conhecimento, principalmente o de mundo, um processo interativo, em que o leitor irá construir o sentido do texto, sendo assim, a leitura sempre esteve ligada aos contextos sociais. “A conjunção desses contextos torna o leitor competente ou proficiente para interpretar os “vazios” do texto, aquilo que está implícito, em conformidade com as exigências indicadas no próprio texto” (Storch, 2012, p.45). Esses “vazios” presentes nos textos jornalísticos nem sempre são percebidos, isso devido às suas condições e regras para existir, mas de fato, percebemos que o modo dessa leitura irá influenciar em seu pensamento crítico.

O jornalismo é uma prática discursiva que vai se organizar sempre em relação ao outro e “fala do e para o mundo social” (Storch, 2012, p.75). É um discurso durável permeado por outros interdiscursos e baseia-se em imagens arquetípicas. A autora ainda acredita que essas construções narrativas universais irão funcionar tanto para que o jornalismo “construa arquetípicas modelos coerentes da realidade – quando, pelas notícias, reforça a ordem e a diferencia da desordem – quanto para estabelecer índices de reconhecimento e pertencimento dos leitores à ordem social” (Storch, 2012, p.138). Na Revista *Cult* isso é evidente, pois quem lê, devido ao público a que é direcionada, pressupõe que já possui certo conhecimento para realizar tal leitura e seu diálogo intelectualizado está sempre dentro de um contexto político ou social.

Levando-se em conta ainda as considerações de Storch (2012), ao citar Benetti (2008, p. 20), trazemos as entrevistas da Revista *Cult*, em que entendemos que “o sujeito que enuncia e o sujeito que interpreta estão duplamente condicionados: pela posição de sujeito que ocupam na situação de comunicação e por suas próprias subjetividades” (Benetti, 2008, p. 74). O modo como a leitura acontece está relacionado a conhecimentos aprendidos

socialmente, como no caso das questões ideológicas; entende-se a revista como parte de uma organização que, quando fala de si, também “registra representações sobre o outro (o leitor) com quem pretende negociar sentidos” (Storch, 2012, p.24). Desta forma, ao se caracterizar como intelectualizada, a *Cult* se encontra em um processo relacional, em que, de acordo com Storch (2012), irá compartilhar com sujeitos inscritos que estão dentro de sistemas de linguagens e contextos sócio-históricos e isso irá apontar “não apenas tipos de leitores, mas em especial, modelos de leitura” (Storch, 2012, p.157).

Isso nos leva às negociações de sentidos, pois a revista permite que se ampliem as discussões, já que além da segmentação da segmentação, ou seja, mídia impressa/revista/jornalismo cultural, a publicação é marcada por contextos verbais e visuais, como a capa, por exemplo, que já influencia o modo de leitura. Essas percepções são importantes, pois interferem na maneira de olhar o *corpus* e, para entendê-lo um pouco mais, no próximo tópico iremos falar sobre o jornalismo em revista.

1.5 JORNALISMO EM REVISTA

A revista pode ser considerada como amplificadora de histórias, pois ela aprofunda e pode até mesmo explicar fatos publicados em veículos mais “imediatos”. Ela recupera acontecimentos para construir uma narrativa ampliada. Azubel (2012, p. 262) ressalta que a revista deve ser encarada como um veículo diferente, como um grande “sistema de comunicação”, em que “o todo de um título carrega mais do que textos e fotografias impressos nas páginas, comportando uma visão de mundo, um imaginário acerca do leitor, um sistema ético próprio, normas e modos de operação singulares, uma concepção estética específica”.

Possui lógicas de produção próprias, principalmente por sua periodicidade, que possibilita trazer ao leitor um olhar diferente de alguns acontecimentos. “Muitas revistas significam por si mesmas, independentemente do conteúdo desta ou daquela edição” (Azubel, 2012, p. 263). Foi pensando nessas perspectivas que a pesquisa tem como foco as entrevistas da Revista *Cult*, especializada em cultura. A *Cult* tem essa significância por si só, como aponta a autora, o espaço conquistado pela publicação e suas características físicas e ideológicas trazem uma peculiaridade que nos levou à pesquisa em questão. A opção pelas entrevistas se deu pelo espaço dedicado nas edições e os destaques nas capas, que podem trazer a simpatia do leitor ou mesmo a antipatia, sendo que as “representações sociais das

revistas interferem no modo como os leitores percebem os assuntos” (Azubel, 2012, p. 265). Elas ainda “[...] estão organizadas de modo a captar as necessidades, os anseios, os desejos, os questionamentos dos leitores e transformá-los em pautas, assuntos que rendam matérias e que seduzam” (Azubel, 2012, p. 268). Podemos perceber na *Cult* a necessidade de mostrar e questionar os acontecimentos sociais e políticos e seduzir o leitor com suas ideologias e discurso com um olhar especializado e crítico.

Mas não podemos nos esquecer que a revista pode ser vista como um produto em que sentidos serão operados, que atua em seu fazer e sobre sua materialidade e mais que dizer sobre o mundo, irá participar no como se diz, incidindo sobre práticas, conteúdos e formas (Storch, 2012), por isso, também, os discursos da *Cult* possuem um elemento crítico em seus textos. Apesar de não se focar, propriamente dito, no acontecimento, não se perde o vínculo com o atual, o que confere aos seus temas um ar de novidade “e de ligação entre diferentes atores sociais, não limitado a um aspecto espacial/físico, e ligado ao compartilhamento de sentidos e à orientação sobre formas de ação social” (Schwaab; Tavares, 2009, p. 186). Um segundo aspecto importante é a liberdade que a revista tem em escolher o tema que quer tratar e, finalmente, a possibilidade de trazer um efeito de ser indispensável ao leitor em seu cotidiano, criando relações de acontecimentos com outros, sociais ou históricos. Por isso, é importante, antes de tudo, conhecer um pouco de sua história, para compreender sua importância e como o seu discurso opera na sociedade. No tópico a seguir traremos um breve histórico sobre as revistas impressas.

1.5.1 Um Breve Histórico e o Cenário Atual

No início do século XIX chegaram ao Brasil as primeiras revistas junto com a corte portuguesa, mas o registro da primeira revista brasileira foi em Salvador, em 1812, com *As Variedades ou Ensaio de Literatura*. No ano seguinte, no Rio de Janeiro, surge a revista *O Patriota*, que trazia temas nacionais. Com o desenvolvimento da elite intelectual houve o surgimento, em 1822, dos periódicos *Anais Fluminenses de Ciências, Artes e Literatura*, que traziam temas relacionados aos campos do conhecimento humano. Já em 1827 nasce a primeira publicação segmentada no país: *O Propagador das Ciências Médicas*. No mesmo ano surge a primeira revista voltada ao público feminino *Espelho Diamantino*. Em 1837, a revista *Museu Universal* surge com a intenção de trazer as exposições europeias para mais

perto do público e proporcionava uma linguagem diferente com ilustrações (Baptista; Abreu, 2010).

Alguns anos depois, em 1849, as revistas de variedades começam a circular no Brasil e surge *A Marmota da Corte*. Já em 1864, a *Semana Ilustrada* seria a primeira revista a publicar fotos. É importante destacar que Patrícia Ceolin Nascimento (2002) faz algumas pontuações sobre as revistas nesse período e mostra alguns exemplos, segundo a autora, em geral as primeiras publicações de variedades eram institucionais e eruditas e várias revistas começaram a serem publicadas na época como: *Revista da Sociedade Filomática* (1833), *Revista da Sociedade de Ensaaios Literários* (1876), *Revista da União Acadêmica* (1899), *Revista Semanária dos Trabalhos Legislativos da Câmara dos Senhores Deputados* (1828) e *Revista Brasileira* (1857).

Ainda de acordo com Nascimento (2002), no início do século XX as revistas começaram a ganhar um espaço diferenciado, pois passavam por algumas mudanças estruturais e pouco dessa transformação é onde começa a multiplicação das revistas ilustradas, que se tornam mais literárias. Dessa fase pode-se citar: *A Rua do Ouvidor* (1900), *Ilustração Brasileira* (1901), *O Minarete* (1903), *Kosmos* (1904), *Renascença* (1904), *A Revista Moderna* (1907), *Fon-Fon* (1907), *Careta* (1908), *Revista Americana* (1909), *O Pirralho* (1911), *A Cigarra* (1913), *Selecta* (1915), entre outras. Mas o destaque é para o periódico *A Revista da Semana* (1900), que usa a fotografia para ilustrar reconstituições de crimes (Baptista; Abreu, 2010), grande avanço para a época.

O jornalista Assis Chateaubriand, em 1928, lança a revista *O Cruzeiro*, que na década de 1950 chegou a vender cerca de 700 mil exemplares por semana. Nesse período, em 1952, surge a *Revista Manchete*. Já nos anos 1960 a Editora Abril traz uma publicação que marcaria a imprensa no país, a revista *Realidade*, que trazia reportagens investigativas e seria considerada “um mito, especialmente entre os jornalistas, por suas grandes reportagens, primorosamente apuradas e editadas” (Scalzo, 2003, p.11).

Em 1968 a Abril lança a *Veja*, que é considerada “a revista semanal de informação de maior circulação no Brasil, que chegou a vender 1.200.000 exemplares. [...] Considerada a quarta maior circulação, no mercado editorial de revistas semanais de informação, no mundo” (Abreu; Batista, p.17). Também na década de 60 aparecem as primeiras revistas de Histórias em Quadrinhos (HQ's) brasileiras, se destacando a *Turma da Mônica*, de Maurício de Souza.

É neste período, também, que as revistas se consagram como ótimos veículos de publicidade e propaganda e, acompanhando o crescimento industrial, passam a

apresentar um novo conceito editorial: revistas vitrines. Em face disso, surgem veículos especialmente voltados para atender às necessidades de clientes específicos. (Abreu; Batista, p.18 e 19).

Em 1976, a *IstoÉ* chega ao mercado editorial com uma proposta semelhante à *Veja* e ambas, no final do século XX, exerciam uma considerável influência. Nos anos 70, a segmentação de público e o jornalismo em revista especializado criou uma tendência que se solidificou e cresceu dentro do mercado, trazendo revistas com foco em cultura, saúde, para as mulheres, para crianças e outros públicos.

Ainda neste período, entre os anos 60 e 70, as revistas culturais começam a se destacar cada vez mais, com temas voltados para a música, cinema, arte, teatro e literatura. Como foi o caso da *Revista Rolling Stone*, que surgiu no Brasil, em 1967. Já nos anos 80, “apareceram revistas no Brasil que passaram a cobrir especificamente algumas áreas culturais, como Bizz (1985) e Set (1987), ambas da Editora Abril” (Gonçalves, 2018, p.27). As publicações voltadas para a saúde também começaram a fazer sucesso, foi quando surgiram as revistas *Boa Forma*, *Corpo a Corpo*, *Saúde*, *Plástica e Dieta*.

Já nos anos 90, especificamente em 1997, surge uma das revistas que se tornaria uma das mais populares na cultura, a *Bravo!*, da Editora Abril. No mesmo ano surge a *Cult*, com foco voltado principalmente à literatura.

Em 2006, surge a *Piauí*, que apesar de pautar também a cultura, já traz assuntos mais variados, sem seções fixas ou editoriais definidas. Com o advento da internet, o comportamento do leitor e o jornalismo começam a mudar. O modo de consumo se volta para os sites de notícias, mudando os rumos do impresso.

Algumas revistas começam a perder assinantes e outras acabam por migrar inteiramente para o digital. No meio cultural, a revista *Bravo!*, por exemplo, anuncia o seu fim em 2013 e, em 2016, ela tenta novamente se recolocar no cenário com edições independentes, mas com o foco principal em seu site. A *Rolling Stone* também deixa de ser impressa e passa a investir mais no meio digital.

Em uma matéria publicada no Portal 360¹, o ano de 2018 foi marcado pelo fim de jornais e revistas impressas. Só o grupo Abril parou de publicar cerca de 28 de suas revistas impressas, ocasionando em demissões em massa de funcionários, entre eles, 171 jornalistas.

¹ Negócios de mídia: 2018 foi o ano de fechamento de jornais e revista. Matéria publicada em: 31/12/2018. <https://www.poder360.com.br/midia/negocios-de-midia-2018-foi-o-ano-de-fechamento-de-jornais-e-revistas/>

Ainda de acordo com o site, o jornal *Diário de S. Paulo* decretou falência, também em 2018, e a Editora Escala encerrou a publicação de cerca de 15 de suas revistas.

Com essas mudanças, muitos veículos começaram a investir mais no digital e o futuro do impresso ainda continua incerto. Mas dentro desse cenário, em 2023, algumas revistas ainda se mantêm impressas e destacamos a *Veja*, a *Piauí* e a *Cult*.

Mesmo diante dessas dificuldades, as que ainda encontramos impressas seguem com representatividade no mercado e este é um dos motivos desta pesquisa lançar um olhar para as revistas impressas, por isso no tópico a seguir vamos abordar algumas de suas características.

1.5.2 Características do Jornalismo em Revista

As revistas podem variar sua periodicidade em semanal, quinzenal ou mensal, o que se torna um fator determinante para o seu estilo de texto. Com um tipo de jornalismo que traz textos mais longos e reflexivos, as revistas podem promover ideologias e ideias, construir imagens por meio de elementos não linguísticos e linguísticos.

[...] a revista – assim como o jornalismo que a faz e que por ela é feito – mais que olhar para uma realidade que é complexa, possui, ela mesma, uma série de características próprias, também permeadas por complexidades. (Tavares, 2008, p.2)

Seu público é segmentado, mas também se segmenta em relação à “especialidade temática, de competências e exigências profissionais e discursivas” (Tavares, 2008). A revista é uma publicação impressa especializada que se relaciona com o social e com aquilo que o envolve de novas maneiras.

O jornalismo especializado ou perito pode abordar tanto um assunto em específico, quanto usar uma abordagem para um público em específico. Para Miguel (1999), se uma revista noticia algo sobre economia, por exemplo, é necessário ter um domínio sobre aquele assunto, sobre o campo econômico. Além disso, isso seria uma forma de produzir um capital simbólico, o que permite a certos indivíduos ocupar posições de autoridade em determinados campos (Bourdieu, 2005). O autor também aponta que o jornalismo é um meta-sistema-perito, já que o consumidor de informação também conta com as experiências que lhe são relatadas, não apenas com as suas. “O jornalismo, portanto, é um foro informal e cotidiano de legitimação ou deslegitimação dos diversos sistemas peritos” (Miguel, 1999).

Quando se fala em sistema perito, os autores Reich e Godler (2017) apontam que as instituições não podem confiar apenas no conhecimento dos repórteres especializados, por

mais informados que sejam. Por isso, as empresas recorrem a dois tipos de especialistas: uma rede paga de repórteres que desenvolveram algum conhecimento no campo para o qual foram designados e especialistas externos, que são consultados quando necessário. E ainda completam: “A perícia jornalística tem sido uma interação dialética entre especialização e generalismo” (Reich; Godler, 2017).

Tuchman (1978) defende que “cada especialista deve ser generalista”, dessa forma, passa-se a compreender que a necessidade da especialização surgiu não apenas do jornalismo, mas também para atender ao público. Por isso, a especialização jornalística é em grande parte identificada nas revistas que podem ser especializadas em cultura, bem-estar, animais, infantil ou moda, em que se observa um padrão ao trazer especialistas, colunistas e personagens que são diretamente ligados à sua linha editorial e que irão categorizar tanto o público, quanto os assuntos. A “identidade” do produto revista é criada a partir de suas características materiais e seus processos, em que é possível pensar em um jornalismo específico com lógicas e aspectos próprios (Tavares, 2008).

[...] A revista, na trama de seus processos e pilares constituintes, articula uma série de arranjos e estratégias (comunicativas e midiáticas) que a diferencia de outros produtos jornalísticos, não só tecnologicamente, mas também material e discursivamente, forjando uma rede de sentidos e interações que merecem uma atenção diferenciada. (Tavares, 2008, p.7)

As revistas estão edificadas em um processo que tange a elaboração de uma pauta, apuração de dados e fontes, procedimentos redacionais e discursivos, possuem adequações editoriais, além de critérios de noticiabilidade. Mas, como lembra Tavares (2008), existem outras questões quando se fala deste tipo de jornalismo, como: o tratamento de uma identidade, o julgamento de valores, a prestações de serviços, novas preocupações estéticas e visuais (uma programação gráfica distinta) e outro posicionamento em relação à própria realidade social.

Elas possuem uma forma específica de discurso, enunciação e construção de sentidos, o que traz uma interação distinta com a sociedade. Além disso, cria-se uma identificação, um reconhecimento a partir de tópicos que irão fazer com que o leitor se posicione frente às questões ali expostas (Tavares, 2008). Também são lugares de memórias que possibilitam analisar o momento histórico-cultural em que as publicações estão inseridas.

As revistas possibilitam a criação de crenças, desejos e identidades, proporcionam a interação entre mídia e público de forma recíproca e, em sua ideia de segmentação, pertencem a um mundo específico onde reforçam “um jogo de retroalimentação entre jornalismo e

revista; revista e leitor; e leitor e jornalismo” (Cavalcanti, 2016, p. 38). O jornalismo em revista (JR) tem uma forma particular de representar o mundo e criar sentidos. Em uma edição mensal, por exemplo, os sentidos se constroem de forma lenta e fragmentada, afinal contemplam as informações selecionadas da atualidade que estarão ali expostas durante todo o mês. A forma de leitura se torna diferente, mais analítica e reflexiva. A informação se torna mais “duradoura”, uma narrativa que se transforma em um documento histórico. O tempo se torna relativo à medida que

[...] numa revista, ocorre o encontro de temporalidades mistas e heterogêneas: os tempos dos acontecimentos factuais, os tempos de produção da revista e os tempos da leitura. Essa característica se desdobra nos textos produzidos, tramados por diferentes regimes de tempo e de prática, que se sintonizam com um suporte mais durável que o dos jornais. (Cavalcanti, 2016, p. 39).

Neste sentido, podemos dizer que o tempo de produção, circulação e consumo é construído a partir da periodicidade, materialidade e segmentação. Outra característica importante do JR são as diferentes perspectivas através da contextualização apresentadas nos assuntos pautados para o leitor. Desta forma, discute-se um tema com uma maior amplitude, o que possibilita a tendência de trazer em seus textos expressões de opiniões e subjetividades, tornando a relação com o leitor ainda mais íntima.

Estas características, principalmente na *Cult*, nos levam a uma importante percepção que faz parte da configuração da revista: a imagem que faz de si e que irá orientar as representações. Para entender melhor essa abordagem vamos fazer uma pequena relação com o *ethos*. Primeiramente, trazemos o *ethos* pré-discursivo, que podemos dizer que “é a imagem preexistente de quem enuncia. É construído histórica e socialmente, é marcado pela ideologia e pode ser visto como uma moldura onde o sujeito se posiciona para enunciar e agir” (Benetti; Hagen, 2010, p.126), o que podemos identificar nos sujeitos-jornalistas que vão agir de acordo com as ideologias da revista. Quando falamos do *ethos* discursivo ele “se constrói quando, dentro da moldura pré-discursiva, o sujeito representa a si diante do outro” (Benetti; Hagen, 2010, p.126), ou seja, sua maior função é causar uma boa impressão como aponta Maingueneau (2008b, p. 13) “pela forma como se constrói o discurso, a dar uma imagem de si capaz de convencer [...], ganhando sua confiança”. Assim, a *Cult* se utiliza de estratégias a fim de modelar a interpretação do outro, se relaciona com a ordem do *ethos* que se encontra liberada, “por meio de sua fala, um locutor ativa no intérprete a construção de determinada representação de si mesmo” (Benetti; Hagen, 2010, p.126).

Neste sentido, é interessante perceber que a revista não apenas apresenta características próprias do JR, mas constrói a partir do *ethos* discursivo suas estratégias para construir um discurso próprio que condiciona os modos de leitura. Ela ainda trabalha com acontecimentos a partir de outros acontecimentos e isso também influencia a maneira com que sua identidade se configura, por isso no próximo tópico iremos falar sobre os acontecimentos nas revistas.

1.5.3 O Acontecimento e suas Transformações no Discurso da Revista

Diferentemente dos jornais diários que trabalham com as notícias “quentes” (atuais), a revista lida com a realidade de outra forma, embora não deixe de considerar a atualidade. Uma dessas diferenças é a maneira como o acontecimento está inserido em ambos, podemos considerar que a revista trabalha, como já citado anteriormente, com acontecimentos dentro de outros acontecimentos, por isso vamos conceituar o acontecimento para chegar ao JR.

De acordo com França (2012), os acontecimentos quebram uma rotina, ocorrem no tempo presente, “convocam um passado e reposicionam o futuro”. Já Mouillaud (1997) acredita que o acontecimento é móvel. Para ele, um acontecimento só é um acontecimento se for no plural; além de pré-construído, o acontecimento é polissêmico, ou seja, vários tipos de acontecimentos se encaixam uns nos outros. Ele é programado, na medida em que reformula e reatualiza acontecimentos passados em novos acontecimentos seguindo o modelo do ‘fato-padrão’. No discurso jornalístico, o acontecimento constitui o referente de que se fala, o efeito da realidade da cadeia de signos, uma espécie de ponto zero da significação (Rodrigues, 1993), que surge a partir da relação mídia/acontecimento. A mídia “tanto pode ser um dos lugares em que surgem e se produzem acontecimentos (na sua dimensão existencial), como o espaço em que acontecimentos são repercutidos (e adquirem sua segunda vida)” (França, 2012, p. 16).

Nesta perspectiva, trazemos essa segunda vida do acontecimento como característica do JR, uma vez que França (2012) aponta que vivemos acontecimentos marcados não apenas por suas características intrínsecas, “mas também por outras representações que fazem parte de nosso repertório e são a eles associadas no processo de sua simbolização” (França, 2012, p. 15). Em sua forma simbólica (o acontecimento enquanto narrativa), traz marcas do vivido e do já visto.

A experiência do narrador traduz-se na criação simbólica, na construção discursiva. E esta, ao ganhar uma existência própria, quase uma autonomia, não corta completamente os laços com o domínio do sensível. Ela é marcada pelo vivido, e é por isso que remete de novo ao acontecido, numa recursividade sem fim. (França, 2012, p. 15)

Para Lopes (2007, p. 65), os acontecimentos sempre estão inseridos dentro de uma estrutura, ou seja, “[...] não há possibilidade de se enxergar um acontecimento sem que esteja necessariamente dentro de uma estrutura”, mas existem condições específicas de produção dos acontecimentos, como a história, por exemplo, e ainda “percebe-se como as estruturas são diferentes para as diferentes comunidades interpretativas, isto é, os diferentes agentes que descrevem e constroem a estrutura” (Lopes, 2007, p.336). Sempre haverá um elo entre as estruturas e os acontecimentos, porém “vai depender sempre do local de enunciação” (Lopes, 2007, p. 65). Por isso, podemos dizer que as revistas possuem acontecimentos que estão imbricados dentro de suas estruturas e são interpretados de maneiras diferentes e que são ressignificados, o que Tavares (2007) denomina de “acontecimento invisível”, que servem como base para a formação das diversas teias e tramas sociais” (Tavares, 2007, p. 14). E por que esses acontecimentos são considerados invisíveis dentro das revistas? Eles não se preocupam com o imediato, com a temporalidade, são o “gancho jornalístico”, sendo que em uma reportagem ou em uma entrevista ele está ali presente, de modo que é possível se aprofundar no assunto com textos mais longos e especializados. Na *Cult* observamos que esse acontecimento se preocupa com o momento sócio-histórico e político em que aparece e com os assuntos que permeiam a sociedade, o que leva à constituição do acontecimento invisível (Tavares, 2007a).

As entrevistas se encontram em uma revista segmentada e especializada no jornalismo cultural, por isso, é importante entender as noções da construção do seu discurso cultural e as características de sua produção. É o que abordaremos a seguir.

1.6 TRAJETÓRIA DO JORNALISMO CULTURAL

O jornalismo cultural (JC) começou a ganhar força no Brasil no final do século XIX com o surgimento de um dos maiores escritores nacionais, Machado de Assis, que começou sua carreira como crítico de teatro e polemista literário. Outro grande crítico desse período era José Veríssimo, editor da *Revista Brasileira*. Nesse período, o jornalismo cultural começou a sofrer mudanças, e com isso ocorreram alterações no estilo da crítica feita em periódicos. Piza (2004) descreve que o crítico cultural agora tinha que lidar com fatos e não apenas com ideias.

A arte moderna começou a mudar o jornalismo cultural, o que trouxe renovações. Até a virada do século XIX para o século XX, no JC se desenvolvia um jornalismo noticiário, com polêmicas da política, mas também, debates sobre livros e artes. O jornalismo cultural “esquentou” trazendo mais reportagens, além de entrevistas, e críticas de artes mais especializadas (Piza, 2004).

Ainda no século XX, as revistas começaram a desempenhar um papel fundamental no JC com a presença de ensaios, resenhas, críticas, reportagens, perfis, entrevistas, além de publicações de contos e poemas. A crônica sempre teve espaço fixo nas seções culturais de jornais e revistas brasileiros e por isso é uma modalidade inegável do jornalismo cultural no Brasil (Piza, 2004). Já a crítica tem sua grande época no país nos anos 1940, se estendendo até o final dos anos 1960.

As reformas gráficas e editoriais que aconteceram ao longo desse período, principalmente nos anos de 1950, possibilitaram a modernização da imprensa, resultando na criação de cadernos e suplementos. Em 1956 é criado o Suplemento Literário de *O Estado de São Paulo*. Em 1970, a criação de suplementos se torna ainda mais forte, trazendo um novo espaço para o JC e é nesse período, como aponta Gadini (2009), que a indústria cultural avança, assim como os parques gráficos, dessa forma “começa a configurar um novo campo cultural no país” (Gadini, 2009, p. 184), em que os “serviços” culturais passam a ser mais explorados, causando uma “diferença e segmentação temática da abordagem literária” (idem, p. 184).

Em 1980, a cultura pop brasileira começa a fazer parte do JC e, neste mesmo ano, dois principais jornais paulistas, a *Folha de S. Paulo* e *O Estado de São Paulo*, consolidaram seus cadernos culturais, a *Ilustrada* e o *Caderno 2*, respectivamente. A *Ilustrada* era caracterizada pela polêmica e por sua atenção à cultura jovem internacional, já o *Caderno 2* teve seu auge nos anos 1980 e fazia a dosagem entre literatura, arte e teatro.

Ainda nos anos de 1980 ocorre um fenômeno nos diários brasileiros que Gadini (2009, p. 191) irá chamar de “modelo de cadernização”. Entre a metade dos anos 80 até o início dos 90, muitos jornais passam a ter um caderno cultural dentro de seus impressos. E neste período os suplementos misturavam, como mostra Gadini (2009), variedades, matérias informativas e críticas, mas “mesmo com maior espaço para as matérias informativas, os cadernos culturais herdam – e, em muitos casos, ainda mantêm – a prática e referência de reportagens mais interpretativas e marcadas pela crítica e/ou orientação ao leitor” (Gadini, 2009, p. 255).

Assim, nos anos 1990, a agenda passiva tornou-se dominante no caderno. O jornalismo cultural passou por várias etapas, de acordo com Gomes (2007): folhetim, suplemento e caderno. Em geral, nos anos 90 foi o marco da “tentativa de conciliar uma cobertura mais factual, voltada para a atualidade, à outra que possui uma relação mais crítica com a cultura” (Tsutsui, 2006, p. 53). E foi neste período que importantes revistas de cultura surgiram. De acordo com Rossetti (2004), em 1997, a Editora D’Ávila lança a revista *Bravo!*, que se tornou referência no JC brasileiro com matérias sobre manifestações artísticas, músicas, teatro, artes plásticas e dança. No mesmo ano, a Lemos Editorial lançou a Revista *Cult*, também voltada para o jornalismo cultural, que inicialmente, em sua maioria, trazia assuntos ligados à literatura, após ser assumida pela Editora Bregantini ela ampliou o seu JC com outros temas relacionados às artes, filosofia e ciências humanas.

Para Barbosa (2010, p. 225), a década de 90 também seria “[...] o momento em que a chamada cultura da comunicação começa a tomar forma”, isso porque a mídia começa a se apoiar na tecnologia e para o jornalismo, assim como para a cultura, se tornou uma tendência. Vários sites começaram a se dedicar a livros, ideias e artes, trazendo uma interatividade entre o leitor e veículo de comunicação e isso estabeleceu uma nova maneira do jornalismo se relacionar com o consumidor.

Os anos 2000 foi o marco da internet, que passou a fazer parte da vida das pessoas cada vez mais. Essa “revolução” também trouxe outras maneiras de consumir a cultura. Agora era possível baixar músicas da internet, ter acesso a vídeos de shows, os fãs de artistas puderam ter uma aproximação através de interações e perfis nas redes sociais, possibilitando um espaço de comunicação entre eles. Construiu-se uma ligação emocional, que também passou a ser explorada pelo jornalismo.

O ambiente on-line representa no jornalismo cultural novas possibilidades para o jornalista poder se expressar e explorar mais os seus textos e as críticas, assim como traz novos meios de interação com a sociedade, já que o usuário tem um acesso maior ao veículo de comunicação e ao seu conteúdo. Também a seleção de assuntos de seu interesse se torna mais fácil e simplificada.

Nos anos 2000, um dos sites que foi precursor do JC de forma on-line foi o *Digestivo Cultural*. De acordo com Rossetti (2015), ele tinha como proposta “críticas de livros, discos, filmes, peças, programas, exposições, publicações e até mesmo restaurantes. Entre seus colaboradores, autores, escritores, e jornalistas produzem ensaios, colunas, entrevistas (etc.)” (Rossetti, 2015, p. 33).

Atualmente, a internet se consolidou como um dos principais meios de comunicação e informação, restando poucos impressos que ainda sobrevivem dentro dessa expansão da internet e do jornalismo on-line.

Para a *Cult*, o grande desafio é manter o seu impresso, que busca através de assinantes, cursos e livros uma alternativa para continuar no mercado. Outro elemento importante que a possibilitou ser uma das revistas mais antigas ainda impressas é o fato de ser referência no meio acadêmico, onde além de informar, se tornou uma fonte para consulta, já que traz muitos intelectuais de várias áreas em seu conteúdo com conceitos importantes desses autores.

Mas esse cenário tecnológico já traz algumas mudanças nos impressos da *Cult*. Antes, os seus dossiês eram impressos, atualmente, a revista está vendendo apenas no formato digital e é um produto que pode ser lido e acessado apenas on-line, através do site, pois a *Cult* não permite baixar ou fazer o download do arquivo. Esses dossiês estão divididos em: psicanálise, filosofia, política, cinema, música, feminismo, religião, sociologia, cultura, literatura e artes plásticas.

1.6.1 As Características e Peculiaridades do JC

Sendo uma especialidade jornalística, de acordo com as concepções de Cavalcanti (2016), o JC vai reafirmar o seu suposto sistema perito, silenciando ou consolidando valores a partir da confiança do leitor. Possui características distintas já que, muitas vezes, fixa o seu olhar para o que vai acontecer e para a agenda de eventos, mas isso não significa que não existe espaço para o perfil noticioso. Os textos voltados para a cultura podem ser caracterizados como informativo, que tem como objetivo trazer ao leitor algo desconhecido (notícia, nota, resenha, reportagem e entrevista) e opinativo, que procura expressar a opinião do jornalista a respeito de uma obra ou evento cultural (comentário, crítica e ensaio) (Ballerini, 2015; Gomes, 2009; Piza, 2004).

Além das críticas de artes estão incluídos nas publicações do jornalismo cultural os perfis, entrevistas, dossiês, ensaios, colunas e reportagens culturais que assumem um caráter interpretativo. De acordo com Tsutsui (2006), o JC conta com duas vertentes: uma mais reflexiva (aplicada principalmente pelas revistas especializadas com textos mais longos que, muitas vezes, são escritos por especialistas) e uma mais objetiva. Tinhorão (1999) também acredita que o JC possui suas peculiaridades, pois acredita que:

[...] se o jornalismo existe para dar notícia de tudo o que pode interessar às pessoas, o jornalismo cultural seria a parte da satisfação dessa curiosidade no campo das criações ou atividades ligadas à produção de valores artísticos, espirituais ou da inteligência humana em geral. O jornalismo cultural incluiria a divulgação das novidades no campo das produções da inteligência por todos os meios de transmissão: o cinema, a televisão, os computadores, os jornais, as revistas, etc (Tinhorão, 1999, p.47).

Para Gomes (2005, p. 06), o jornalismo cultural teria a missão de “informar e opinar sobre a produção e a circulação de bens culturais na sociedade”. Mas José Salvador Faro, ao citar os estudos de Nadja Miranda, traz outra perspectiva, em que diz que assim como no jornalismo em geral, o JC também sofre influência dos momentos políticos e econômicos do país. “Ele expressa tanto uma visão crítica, discutindo questões em pauta na atualidade, quanto opiniões ou conteúdos tradicionalmente identificados com o status quo das sociedades onde emerge” (Faro, 2006, p.152).

[...] o jornalismo cultural, para além de sua dimensão informativa e mercadológica, é também uma instância de categorias valorativas e históricas, negociadas entre os vários sujeitos que a produzem. A resenha, a crítica teatral, a crítica literária, a avaliação da filmografia estão permanentemente formulando um olhar que extrapola o âmbito específico do fato motivador da pauta e do texto e se estende sobre a própria tensão decorrente da avaliação jornalística – ou da avaliação produzida para sua inserção no produto (o suplemento, a seção, a revista especializada) (Faro, 2006, p. 158 e 159).

O que observamos é que o caráter crítico e/ou reflexivo é uma característica do JC que existe desde o seu nascimento e por muito tempo prevaleceu. Para além de mostrar a opinião, seus textos também possuem a intenção de mostrar “que, em toda grande obra, de literatura, de poesia, de música, de pintura, de escultura, há um pensamento profundo sobre a condição humana” (Morin, 2001, p. 45).

Quando o perfil informativo se insere, as reportagens assumem um papel importante no gênero aprofundando-se em ideias, fatos e em conhecimentos trazendo para si uma característica noticiosa. Sua função social é ressaltada, à medida que o jornalista não é apenas mais um mediador, mas difusor do conhecimento “ciente da necessidade da codificação de uma realidade complexa, traduzindo-a em formas acessíveis e democráticas” (Melo, 2012, p. 06).

Faro (s/a, p.149) acredita que “[...] o jornalismo cultural constitui-se em um território de práticas jornalísticas que tanto reiteram os signos, valores e procedimentos da cultura de massa quanto discursos que revelam tensões contra-hegemônicas características de conjunturas históricas específicas”. O autor considera o JC como um gênero que tem uma

forte presença autoral, opinativa, que vai além da mera cobertura noticiosa, o que faz com que se identifique “com movimentos estético-conceituais e ideológicos que se situam fora do campo das atividades da imprensa” (Faro, s/a, p.150). Dessa maneira o autor tem como ideia entender “o jornalismo cultural visto (também) como um espaço público da produção intelectual” (Faro, s/a, p.150). Para Faro (s/a, p. 159) o jornalismo é capaz de trazer interpretações e críticas às atividades humanas, por isso, para o autor, “[...] o jornalismo cultural, ocorreria, portanto, um trânsito orgânico em torno da avaliação e da análise da produção simbólica representada pelos eventos de natureza artístico-interpretativa do mundo social”. Por fim, ele problematiza a necessidade da produção artístico-intelectual, factual ou analítica, se tornar um estatuto da notícia no espaço público, dando assim a perspectiva de localização histórica. Ele ainda traz a discussão para o sentido sociológico, onde entende que a compreensão de tal discussão será mais especializada e cita Riveira (2003, p.16):

[...] atividades artísticas e intelectuais, embora estas, devido à ênfase em um sistema de significações geral, sejam agora definidas de maneira muito mais ampla, de modo a incluir não apenas as artes e as formas de produção intelectual tradicionais, mas também todas as ‘práticas significativas’ – desde a linguagem, passando pelas artes e filosofia, até o jornalismo, moda e publicidade – que agora constituem esse campo complexo.

Essas problematizações de José Salvador Faro sobre cultura-intelectual nos levam para a identidade da Revista *Cult* e suas pautas, que incluem diferentes áreas do conhecimento, como por exemplo, a filosofia e a sociologia. Ainda dentro do JC, em suas publicações, temos as entrevistas, que possuem um espaço significativo e estabelecem uma relação de legitimação do discurso através do entrevistado, em que ele “é uma figura de certo destaque, cujas opiniões possuem um valor indicativo ou orientador a que se designa um interesse público de certo modo e daí a decisão de difundi-la” (Rivera *Apud* Lopez e Freire, p. 08).

Todas essas características e discussões que permeiam a revista contribuem não somente para a construção da identidade da *Cult*, mas também para a “construção” da imagem dos entrevistados a partir do olhar da revista, pois é a sua proposta de jornalismo cultural ampliado que opera no discurso para estabelecer uma identificação entre o leitor e os entrevistados. Para entender melhor essa dinâmica, no tópico a seguir abordaremos questões e conceitos que fazem parte desse processo de elaboração da imagem.

1.7 A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM

Foucault (1995) diz que o discurso está na prática discursiva e não no texto. Essa prática é exercida entre o leitor e o enunciador. Sendo o jornalismo parte desse processo discursivo, muitos são os sujeitos que o articulam: o veículo, o jornalista, o leitor, a fonte, o anunciante. Considera-se que o jornalismo:

[...] possui características singulares, que podem ser aprendidas e reconhecidas pelos diversos atores sociais. São estas características que permitem estabelecer a diferença do jornalismo em relação a outras práticas discursivas midiáticas. Segundo, o jornalismo, sendo um discurso, só existe na relação entre sujeitos. Terceiro, as relações de poder entre os sujeitos envolvidos neste discurso são assimétricas. Quarto, o jornalismo se estabelece em um contrato de comunicação. Entre os elementos fundamentais desse contrato, está a resposta à questão “quem diz e para quem”, envolvendo debates sobre a identidade do jornalismo, a imagem do jornalismo como voz institucional e a construção do leitor virtual ou imaginado (Benetti; Hagen, 2010, p. 123).

Ao direcionarmos o olhar para o gênero entrevista, temos a articulação de quatro agentes: veículo, jornalista, figura entrevistada e leitor. O jornalista possui uma imagem institucional, já que a sua “voz” representa o veículo para qual trabalha, o veículo constrói sua imagem a partir de suas publicações e discurso, o entrevistado a partir da sua representação social e suas respostas e o leitor cria as imagens a partir da interpretação dos signos verbais e não-verbais presentes, além disso, ao criar uma identificação com a revista e suas publicações, cria-se um pensamento crítico que influencia na construção da sua identidade.

Maingueneau (2011) aponta que em alguns momentos o conceito de *ethos* é traduzido de forma errônea como caráter. A partir do discurso, de uma maneira mais simplificada, podemos entendê-lo como uma espécie de fenômeno, em que o locutor vai ativar nos destinatários uma controlada representação de si. O autor ainda propõe que:

- o *ethos* é uma noção discursiva, ele se constrói através do discurso, não é uma “imagem” do locutor exterior à sua fala;
- o *ethos* é fundamentalmente um processo interativo de influência sobre o outro;
- é uma noção fundamentalmente híbrida (sociodiscursiva), um comportamento socialmente avaliado, que não pode ser apreendido fora de uma situação de comunicação precisa, integrada pela mesma numa determinada conjuntura sócio histórica. (Maingueneau, 2011, p. 17)

O *ethos* movimenta sentidos e significados, sendo um fator determinante de um discurso, trata-se de “um conjunto de recursos linguísticos e retóricos mobilizados para gerar credibilidade – o *ethos* refere-se não apenas à imagem de si depreendida discursivamente, mas

também ao processo de elaboração dessa imagem” (Grando, 2012, p. 17) Assim, o relacionamos também como um elemento do discurso, em que o enunciador consegue despertar e conquistar o interesse do seu público.

Grando (2012) aponta que o *ethos* não é imutável. O destinatário e o locutor possuem uma dinâmica de troca, em que os “movimentos de fala (que incluem palavras, argumentos, gestos, postura, signos de elocução e oratória etc.) são planejados, mantidos ou alterados de acordo com a receptividade do destinatário” (Grando, 2012, p. 33). Ainda entende-se que o conceito é constituído de “cenas de enunciação”.

Assim, o *ethos* não é um conceito teórico claro, mas uma noção fortemente relacionada à prática discursiva e enunciativa, cuja concepção é bastante atravessada por impressões, por uma experimentação sensível do discurso que mobiliza a subjetividade do destinatário, sua identificação com o que lhe é dirigido. No entanto, é importante observar que a experimentação sensível do discurso também acontece com o locutor, embora sua posição detenha maior controle discursivo já que ele procura por adesão e convencimento (Grando, 2012, p. 33).

O *ethos* e o ato de enunciar estão relacionados intimamente, assim como a interpretação do público da enunciação. Também encontramos o *ethos* em discursos que ainda não foram lidos ou ouvidos, seu propósito se perde se não existe uma interação com o público.

Muito comum na imprensa e na política, o *ethos* pré-discursivo é construído antes da fala, ou seja, o locutor tem a sua “imagem” formada antes mesmo do seu discurso, uma espécie de julgamento, que os enunciados podem confirmar ou não. Logo após, temos o *ethos* discursivo, que, de acordo com Grando (2012), vai garantir a aceitação e adesão do público, mas que também pode trazer a negação e a falta de empatia pelo autor. Ele ainda observa que “é por meio do *ethos* discursivo que certos conteúdos, ideologias ou posicionamentos se revelam, mediante análise. Mas é também por meio do *ethos* que representações de mundo são incorporadas pelos destinatários de um discurso” (Grando, 2012, p. 17)

Desta forma, pensando nos caminhos introdutórios que poderão contribuir para a aplicação do método na análise do *corpus*, trazemos o *ethos* como uma “estratégia discursiva” para legitimar a credibilidade das entrevistas. O jornalismo mobiliza-se por muitos sujeitos que, no caso desta pesquisa, são: veículo, jornalista, leitor e entrevistado. Em sua posição de enunciação tem autorização para abordar vários acontecimentos. “[...] apesar dessa autoridade, os sentidos que ele deseja construir só se concretizam se o destinatário de seu discurso reconhecer a legitimidade e a singularidade daquele lugar de enunciação” (Grando, 2012, p. 18). Maingueneau (2005) em seus estudos propôs um alargamento do *ethos*, não

apenas com um olhar para a oralidade, mas também para todo tipo de texto, inclusive o escrito.

A intenção é utilizar a apropriação do conceito para ajudar a identificar elementos-chave para compreender como os discursos vão se configurando nas entrevistas. Ao entender essa configuração pode-se perceber de que lugar as pessoas falam e como conseguem por meio do *ethos* usar mecanismos para envolver o leitor e, até mesmo, influenciar na formação de opiniões. Assim, trata-se de um elemento “adicional” à metodologia proposta.

Visto isso, no próximo capítulo será abordada a história da Revista *Cult*, que se destacou como produção cultural desde sua criação. O que torna interessante para o JC é a sua transformação, que vai de um modelo específico com um foco demarcado, para uma ampliação dos temas, com a proposição de questões dos campos político e social. Além disso, no Brasil, é uma das poucas revistas culturais que continua sendo impressa.

2 A REVISTA *CULT* E O ESPAÇO DE ENTREVISTAS

Neste capítulo, dedicaremos atenção para as características da entrevista jornalística, realizando uma abordagem sobre as entrevistas da *Cult*, a partir de apontamentos amparados em alguns autores, bem como em aspectos da trajetória e do perfil da revista. Além de disso, abordaremos o conceito de *ethos* que irá contribuir para o entendimento da construção da imagem da *Cult* a partir do discurso das entrevistas e como a revista reconfigura a imagem do entrevistado.

2.1 O GÊNERO ENTREVISTA NO JORNALISMO

A entrevista jornalística, como Travancas (2012) apresenta em seus estudos, pode ser entendida a partir de dois procedimentos: de apuração, através de uma fonte, proporcionando um diálogo com respostas pautadas em um roteiro pré-estabelecido; e no modelo de pergunta-resposta a partir de um gênero jornalístico específico. Mas o que ambas têm em comum é que este(a) personagem entrevistado(a) é alguma figura pública ou possui informações de interesse e relevância ao assunto.

A entrevista, nas suas diferentes aplicações, é uma técnica de interação social, de interpenetração informativa, quebrando assim isolamentos grupais, individuais, sociais; pode também servir à pluralização de vozes e à distribuição democrática da informação. (Medina, 2011, p.7)

Lage (2001) faz uma classificação das entrevistas em que elas são divididas da seguinte forma: ritual, que se trata de uma fala breve, apenas para coletar uma declaração; temática, em que o entrevistado domina o assunto; testemunhal, um relato de algo testemunhado pela fonte; em profundidade, em que o foco está na figura entrevistada. O autor ainda as classifica de acordo com as circunstâncias de realização: ocasionais, que seriam as entrevistas não programadas, de confrontos, em que o jornalista tem o intuito de acusação “como promotor em um julgamento informal” (Lage, 2001, p.33), coletiva, em que “o entrevistado é, aí, submetido a perguntas de vários repórteres, que representam diferentes veículos, em ambiente de maior ou menor formalidade” (Lage, 2001, p.33) e dialogais, que são marcadas previamente e o entrevistado e o entrevistador se encontram em um “ambiente controlado”. Neste caso, o “entrevistador e entrevistado constroem o tom de sua conversa, que

evolui a partir de questões colocadas pelo primeiro, mas não se limitam a esses tópicos: permite-se o aprofundamento e detalhamento dos pontos abordados” (Lage, 2001, p. 34).

Já Medina (2011, p. 09) distingue as entrevistas em dois grupos: “cujo objetivo é espetacularizar o ser humano; e entrevistas que esboçam a intenção de compreendê-lo”. Ela ainda divide em subgêneros para classificar as entrevistas. São eles: espetacularização (perfil do pitoresco, inusitado, condenação e ironia “intelectualizada”); e de compreensão-aprofundamento (conceitual, entrevista/enquete, entrevista investigativa, confrontação-polemização e perfil humanizado). Medina (2011) também em seus estudos mostra a classificação realizada por Edgar Morin, que enumera quatro tipos de entrevista:

- 1) A entrevista-rito. “Trata-se de obter uma palavra, que de resto não tem outra importância senão a de ser pronunciada *hic et nunc*.” Um exemplo típico são as palavras dos campeões no final dos jogos, das misses após ter ganho o troféu, um ator com o Oscar na mão. “As próprias palavras da entrevista-rito são rituais. Elas completam a cerimônia.”
- 2) A entrevista anedótica. “Muitas, a maior parte sem dúvida, das entrevistas de vedetes são conversações frívolas, ineptas, complacentes, onde o entrevistador busca a anedota picante, faz perguntas tolas sobre as fofocas e os projetos, onde o entrevistador e o entrevistado permanecem deliberadamente fora de tudo que possa comprometer. Esta entrevista se situa no nível dos mexericos.”
- 3) A entrevista-diálogo. “Em certos casos felizes, a entrevista torna-se diálogo. Este diálogo é mais que uma conversação mundana. É uma busca em comum. O entrevistador e o entrevistado colaboram no sentido de trazer à tona uma verdade que pode dizer respeito à pessoa do entrevistado ou a um problema. O diálogo começa a aparecer no rádio, na televisão [Edgar Morin fala nos anos 60]. Foi necessário tempo para que a palavra humana se descongelasse diante do micro e da câmara.”
- 4) As neoconfissões. “Aqui, o entrevistador se apaga diante do entrevistado”. Este não continua na superfície de si mesmo, mas efetua, deliberadamente ou não, o mergulho interior. Alcançamos aqui a entrevista em profundidade da psicologia social. Tal entrevista traz em si sua ambivalência: toda a confissão pode ser considerada como um strip-tease da alma, feita para atrair a libido psicológica do espectador, quer dizer, pode ser objeto de uma manipulação sensacionalista, mas também toda a confissão vai muito mais longe, muito mais profundamente que todas as relações humanas superficiais e pobres da vida cotidiana. (Morin, 1973 p. 128-129 *apud* Medina, 2011, p. 9)

Pode-se dizer que todas essas classificações possuem elementos em comum: criar uma identificação com o público. Algumas estratégias são utilizadas para gerar esse interesse, como aponta José Marques de Melo (1985), como as chamadas na capa, títulos impactantes e o uso de recursos como exclamação, negação e sublinhamento, para destacar no enunciado elementos-chave.

A fonte na entrevista pode ser usada para legitimar um discurso e ampliá-lo, confirmar informações e trazer novas descobertas. Podemos pensar o papel da entrevista como diferenciador no jornalismo, mas Cremilda Medina (2001) diz que não podemos encará-la

apenas como um simples instrumento, sua função vai mais além dentro da comunicação impressa. Pode se tornar um registro histórico, pode trazer novas perspectivas e aspectos relevantes de um assunto, influenciar debates, construir relações de identificação, projeção, aproximar o leitor da fonte e criar rejeição ou aceitação do público em relação a um fato ou figura.

A entrevista ainda segue alguns critérios como as matérias jornalísticas, que são apontados por Nilson Lage (1979), tais como ineditismo, proximidade, intensidade e atualidade, mas o seu diferencial está na originalidade, impacto e a identificação humana e social que poderá provocar. Apesar de seguir esses valores, como nas notícias é importante destacar que “o entrevistado também integra a entrevista, ajuda na construção da memória do entrevistado” (Rouchou, 2003, p. 11), lembrando sempre que sua lógica não foge à regra, uma vez que:

[...] o jornalista vai editar a reportagem, ou seja, remontá-la de acordo com os critérios noticiosos. Os fatos mais interessantes, mesmo que declarados ao final da entrevista, devem abrir o texto que será publicado, sem com isso ferir as regras do jogo do diálogo entre entrevistador e entrevistado. São as regras do jornalismo em que o lead tem de ser o que foi apurado de mais novo, que chame atenção do leitor. (Rouchou, 2003, p. 11)

A abertura da entrevista é o *lead*, como destaca Lage (2001), que poderá ser um resumo biográfico ou histórico, um questionamento ou mesmo um relato circunstancial. Essa introdução pode ser considerada, em partes, decisiva para gerar o interesse ou não do leitor, mas, também, uma boa condução da entrevista pode render um excelente material e é ela que vai decidir o “tom” do diálogo. Morin (1973, p. 122) aponta que “é necessário que o entrevistado” sinta um distanciamento e uma proximidade, e, igualmente, uma projeção de identificação com relação ao investigador”. Dessa maneira, pode-se construir entre ambos uma relação de confiança naquele momento, de cooperação e cumplicidade. “Deve-se estabelecer uma relação entre um e outro, uma afinidade que permita ao entrevistado revelar os fatos essenciais da sua situação [...]” (Garret, 1981, p. 19).

A entrevista como peça de jornalismo parece ter resolvido o dilema: a história se faz de individualidades. Ao tomar emprestado da política o culto à personalidade, as entrevistas transformam aqueles que ela escuta em cidadãos incomuns, em líderes, em professores, em donos da palavra. Há evidentemente, belos depoimentos de pessoas anônimas, destes que fazem a história se movimentar coletivamente – mas o atrativo real da boa entrevista é a possibilidade, rara, de flagrar as ideias dos grandes nomes, ainda que sejam tortas como as de Hitler ou Mussolini, e transportá-las ao público que as lê. Corre-se atrás de personalidades porque é ali, finalmente, que habitam as decisões. (Altman, 2004, p. 9).

Cada entrevista é um diálogo que se torna único, que causa diferentes efeitos no receptor e “em tom de conversa, sua representatividade será garantida pelas boas relações no momento da troca de informações e da escolha da estrutura mais adequada à composição do texto” (Silva, 2008, p. 51).

Mesmo sendo uma “conversa” entre entrevistado e entrevistador, outros diálogos são instaurados entre o leitor, no caso do impresso, e o entrevistado e o entrevistador com o leitor (Fávero; Andrade, 1998). Quando se estabelecem tais relações observa-se que os meios de comunicação buscam cada vez mais “suprir” as necessidades do leitor, à medida que “o homem tornou-se um consumidor permanente e voraz de informações, e a troca de ideias, uma exigência em todos os setores” (Tramontina, 1996, p. 211).

Medina (1986), ao falar sobre os diálogos na entrevista, determina alguns níveis de aceitação. O primeiro trata de atingir o público-receptor de forma completa, sendo o “suporte delimitado pelo estágio histórico da técnica comunicacional”. O jornalista-entrevistador utiliza a fonte para confirmar algo a partir de um fato, ou seja, “condição de interação social almejada pelo entrevistador”. A autora ainda aponta que a entrevista pode significar “possibilidades de criação e de ruptura com rotinas empobrecedoras das empresas ou instituições comunicacionais”, ela também considera que a entrevista pode ser entendida como uma “tentativa de desvendamento do real” (Medina, 1986, p.25) e que pode ser vista como uma forma de preencher lacunas e causar uma identificação do indivíduo que constrói uma verdade própria a partir do que está sendo relatado. Deste modo, “trata-se da arte de tecer o presente, e não a garantia científica de atingir a verdade absoluta” (Medina, 1986, p. 33).

Entrevista deve inaugurar um espaço de reflexão da realidade, realizada a partir da autenticidade garantida pela expressão da voz de um personagem que é o dono da opinião. Uma vez assumido o posto de obra criativa, a entrevista jornalística expõe sua subjetividade de cara limpa, travando com o leitor um jogo honesto. Lembra que o mito da objetividade há muito caiu por terra e torna transparente seu próprio mecanismo de subjetivação. (Mühlhaus, 2007, p. 40).

A entrevista possui um “toque humano” que a difere dos outros gêneros jornalísticos ao transmitir a informação e sua originalidade. Segundo Morin (1973, p. 132), “é que a energia afetiva que ela libera não se resolve na conversação, mas passa para o público, e atinge cada ouvinte”, permitindo o debate de ideias e a formação de opiniões.

2.2 A ENTREVISTA NO JORNALISMO DE REVISTA

A entrevista em revista deve ser planejada, apurada e aprofundada, não se trata de rápidos questionamentos, mas de fatos amplos, mais explorados através de uma figura pública ou especialista. Revista e entrevista criaram um vínculo a partir do momento em que os veículos impressos se tornaram um espaço privilegiado para publicações de trajetórias e diálogos de figuras reconhecidas.

De acordo com Vitor Necchi (2013, p. 162), no jornalismo a palavra entrevista apresenta dois significados. O primeiro seria “técnica e formato de texto, ambos marcados por uma ideia de diálogo”. Muito comum em reportagens, tem o intuito de obter informações através de improvisação ou questionários. Já o segundo, a entrevista seria a própria pauta.

O segundo não compete com o primeiro, pois a técnica é condição para se obter um texto de conteúdo amplo e profundo, apresentando em um formato caracterizado pela sequência de perguntas e respostas que valoriza a fala do entrevistado, preservada em sua originalidade, sem paráfrases.

Na mídia impressa, especialmente nas revistas, esse tipo de entrevista se consagrou como uma das principais seções, a ponto de conquistar regularidade e um expressivo volume de páginas (Necchi, 2013 p. 162).

As respostas do entrevistado irão revelar muito de sua personalidade, além de construir sua imagem para o leitor a partir de suas interpretações e formação de opiniões. Na entrevista serão reveladas “realizações, temores, crenças, angústias, certezas, inseguranças, memórias, projeções, arrependimentos, regozijos, confissões, acusações, planos, lamentos, sofrimentos, alegrias, confidências, indiferenças” (Necchi, 2013 p. 165).

Nas revistas existe uma relação de proximidade com o leitor, principalmente nas segmentadas. Existe um diálogo com o público e é essa cumplicidade que ajuda na construção das entrevistas, procurando entender as necessidades do leitor especializado suprir as lacunas e trazer o debate de ideias. Outra característica nas revistas é que as entrevistas se apresentam no formato pingue-pongue e há uma preparação prévia sobre o assunto e a formulação das perguntas para garantir fluidez e um bom material para ser publicado. São entrevistas em profundidade, existem poucos momentos de interrupção, proporcionando um longo tempo de diálogo, mas o jornalista precisa manter o controle do processo, ele precisa saber perguntar, mas, também, saber ouvir. Existem dois tipos de perguntas, segundo Necchi (2013):

[...] fechadas e abertas. As fechadas induzem o entrevistado a uma resposta simples, sim ou não, por exemplo. [...] Em entrevistas para revistas, que se propõem a apresentar um personagem, a desvendar determinadas situações, a aprofundar uma

história, o ideal é optar por perguntas abertas, por formulações que suscitem respostas desenvolvidas, mas não se deve desprezar totalmente o emprego de uma questão fechada (Necchi, 2013 p. 173).

Vitor Necchi (2013) ainda aponta que nas revistas as entrevistas geralmente possuem uma abertura, o nome do entrevistado em destaque e um título curto extraído de alguma resposta. É realizada uma edição com a seleção de principais perguntas e respostas, mas nunca se deve retirar o contexto.

Entre o concreto e o simbólico, e em decorrência da robustez do conteúdo registrado e da importância que um personagem adquire ao ser convidado para falar, a entrevista – formato consagrado pelas revistas – eterniza um diálogo e permite que se revele a constituição de um sujeito: feitos e ideias, sentimento e razão – a percepção do mundo traduzida em respostas (Necchi, 2013 p. 175).

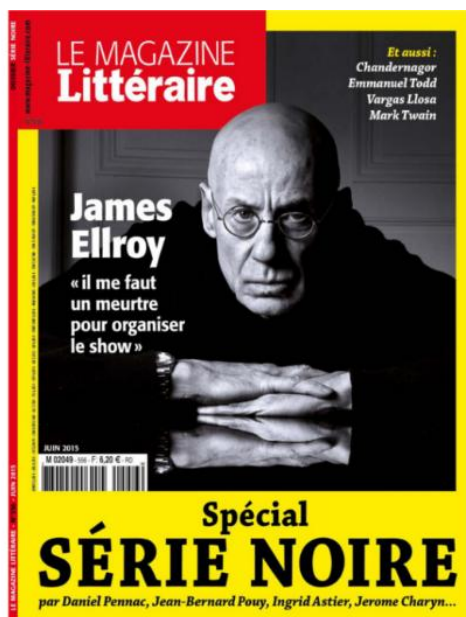
No jornalismo a entrevista tem o seu destaque. É um discurso retextualizado, em que o entrevistador é quem interpreta, inicialmente, as respostas do entrevistado para organizá-las e reescrevê-las e, assim, realiza uma ressignificação do discurso. Como diz Silva (2014, p. 41), o entrevistador possui uma posição privilegiada, em relação ao entrevistado, já que “é ele quem irá interpretar, organizar e reescrever a entrevista oral para a sua publicação, realizando uma ressignificação do discurso do entrevistado”.

Dessa maneira, principalmente na *Cult*, a entrevista é um discurso de extrema importância para a construção da própria imagem, da sua identidade e da sua ideologia. É na edição final que ela irá transferir “a atmosfera da entrevista, seu ritmo e principalmente a comunicação não-verbal nela inclusa” (Gattaz, 1996, p.263). A Revista *Cult*, ao dar destaque para um determinado entrevistado, assume um outro “*status*”, que se reflete na forma de conduzir a entrevista e o discurso presente. Para entender mais sobre esse “*status*” no próximo tópico vamos falar sobre a história da Revista *Cult*.

2.3 CULT E O ESPAÇO DAS ENTREVISTAS

A *Cult* foi criada em 1997, pelo jornalista Manuel da Costa Pinto. Seu formato foi inspirado na *Le Magazine Littéraire*, uma revista mensal francesa especializada em cultura, principalmente em literatura, que foi fundada em 1966.

Figura 1 – *Le Magazine Littéraire*, nº 556, 2015



Fonte: Site Lire Magazine Littéraire²

No início seu nome era *Cult* – Revista Brasileira de Literatura e trazia em suas pautas música, cinema, artes plásticas e filosofia, mas o destaque eram os conteúdos literários. Sua periodicidade é mensal, com distribuição nacional e tiragem de 25 mil a 35 mil exemplares, que se mantém até os dias de hoje.

No ano de 2002, a jornalista, editora e filósofa Daysi Bregantini compra a revista, que passa a ser *Cult* - Revista Brasileira de Cultura. Já à frente como proprietária e editora-chefe, Bregantini deixa a revista mais com “a sua cara”, como ela mesma diz: “há muitos anos assumi que é uma revista de esquerda que defende a causa negra e a causa gay” (Bregantini *Apud* Carvalho; Pinto; Neri; Carriel; Andrade; Rosa, 2015, p.8). Foram realizadas modificações estéticas, de seções e assuntos como política e movimentos sociais ganharam destaque.

² Figura 1: A revista *Le Magazine Littéraire* foi fundada em Paris, França, em 1966. Atualmente se chama *Lire Magazine Littéraire*. Disponível em: <https://www.lire.fr/> Acesso em: 11 mar. 2019

Depois que eu comprei, foi aí que ela virou de esquerda, foi aí que ela começou a ampliar o leque dela de causas. Antes não tinha, ela era muito literatura, só literatura. E eu ampliei para filosofia, pensamento. O Mano Brown já foi capa da *Cult*. Quer dizer, eu já entrei em outra pegada mais contemporânea (Bregantini *apud* Carvalho; Pinto; Neri; Carriel; Andrade; Rosa, 2015, p.9).

Agora, a jornalista traz uma revista que tem como proposta um jornalismo cultural mais amplo ao tratar de assuntos das áreas da arte, cultura, filosofia, literatura e ciências humanas. Utiliza a cultura para dialogar com outros campos e para trazer assuntos de interesse da sociedade.

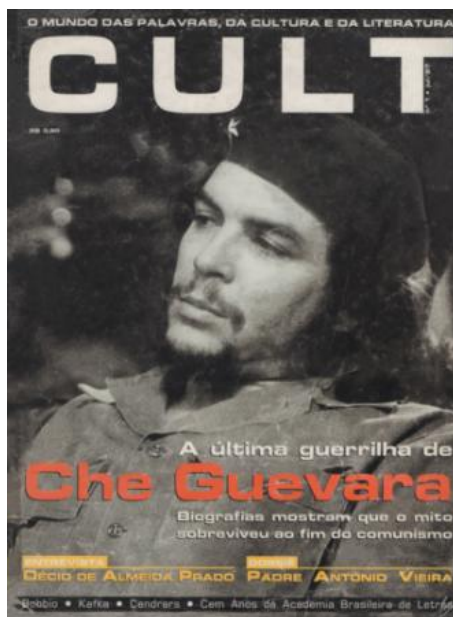
A *Cult* apresenta matérias especiais, dossiês, artigos, resenhas, ensaios, entrevistas e perfis. Os textos muitas vezes são escritos por colaboradores externos especializados nos assuntos em pauta, mas, também, por jornalistas que atuam efetivamente no veículo.

Durante todos esses anos foi impressa de forma ininterrupta, mas em 2020, no mês de maio, devido à pandemia da Covid-19 e à crise do mercado, a edição foi disponibilizada apenas no formato digital, voltando para sua impressão normal no mês seguinte.

Financeiramente, além da edição impressa mensal, que é vendida individualmente nas bancas do país e no próprio site, a revista conta com um plano para assinantes tanto para as matérias on-line, quanto para o impresso, além da venda de dossiês digitais. O Espaço *Cult* oferece cursos pagos de temas ligados à política, filosofia, feminismo, direito, história, psicologia, questão de gênero, semiótica, sociologia, literatura, artes e psicanálise; por fim, a marca *Cult* traz através do site a venda de livros, sacolas, camisetas e cadernos.

A primeira edição da *Cult* foi publicada em agosto de 1997, com os temas destacados na capa: “[...] Edição #1 da Revista *Cult* apresenta a última guerrilha de Che Guevara, entrevista com Décio de Almeida Prado, tricentenário de Vieira evoca gênio barroco perseguido pela inquisição e o papel do poeta Blaise Cendrars no modernismo brasileiro” (*Cult*, 1997). Com 50 páginas, foram dedicadas algumas páginas para a entrevista de Décio de Almeida Prado, que na época estava às vésperas de completar 80 anos. Era conceituado no meio artístico, sendo conhecido, principalmente, por seu trabalho como crítico teatral.

Figura 2 – Revista *Cult*, edição nº 1, agosto de 1997



Fonte: Site da Revista *Cult*³

As entrevistas da revista possuem a característica de um diálogo, com perguntas abertas e uma abordagem biográfica junto com alguns questionamentos que introduzem a temática. Grande parte dessas entrevistas são realizadas por colaboradores externos especialistas no assunto em questão. A sua maioria está em destaque na capa e é dedicado um grande número de páginas a elas. Hoje, a *Cult* usa uma boa parte do seu espaço para os dossiês, para as colunas e as entrevistas. Como visto anteriormente, ao longo dos anos, as seções e o foco foram mudando com o intuito de promover, através da cultura, o pensamento crítico em seus leitores, mas os textos escritos permanecem com uma linguagem e com as características estruturais desenvolvidas desde o início. A parte estética e a gráfica também foram atualizadas. Na capa, geralmente, a chamada da entrevista é um trecho retirado da fala do entrevistado. Costumam ser falas polêmicas para atrair o leitor e por vezes trechos que remetem diretamente ao assunto da pauta. O título também é sugestivo.

Além disso, o discurso das entrevistas estabelece uma relação entre campos diferentes, como por exemplo, o cultural e o político, que legitima as ideologias da *Cult*. Assim, para entender melhor essa relação, o próximo capítulo será dedicado ao conceito de campos sociais. Também será abordado o conceito de intelectual em duas vertentes: a primeira o tradicional e a segunda o orgânico, pensados, principalmente, usando a perspectiva de

³ Figura 2: Revista *Cult*, edição nº 1, agosto de 1997. Disponível em: <https://www.cultloja.com.br/produto/cult-1-agosto-1997/> Acesso em: 05 mar. 2019

Gramsci (2001). Para o autor, “os intelectuais tradicionais são aqueles que, mesmo representando certo grupo que os elegeu como intelectuais, se colocam acima de seus representados, como autônomos e independentes” (Reis, 2019, p.38), já o intelectual orgânico “age em prol do grupo que representa, buscando criar a coesão social em torno das ideias e da concepção de mundo desse grupo” (Reis, 2019, p.39). Estes conceitos-chave são importantes para a análise do *corpus*, conforme veremos a seguir.

3 OS CAMPOS SOCIAIS: CONCEITOS E PERSPECTIVAS

No capítulo anterior apresentamos uma discussão sobre o texto da entrevista no jornalismo, a história e características da revista *Cult* e o conceito de *ethos* discursivo e como este pode trazer elementos importantes para contribuir com a análise do *corpus* da pesquisa.

Mas uma das características importantes para compreender o discurso e a construção nas entrevistas da *Cult* é a noção de campo. Os textos da revista, como apontado anteriormente, são permeados por outros campos de forma a ampliar o debate cultural. Essa característica influencia na produção de sentidos e na forma como a entrevista é conduzida.

Utilizando como base principal para a discussão sobre campo o conceito de Pierre Bourdieu, o presente capítulo traz concepções sobre os campos cultural e político, que se revelam essenciais na construção da identidade da revista. Além disso, também abordaremos de forma breve o conceito de campo religioso que aparece em uma das revistas como elemento importante para a análise.

3.1 O CONCEITO DE CAMPO A PARTIR DE BOURDIEU

Bourdieu (1982) define o campo como um espaço estruturado a partir de determinadas posições e estruturantes de práticas sociais, onde predominam forças opostas que lutam pela obtenção de determinados postos e pela sua manutenção. O autor pontua que “entre pessoas que ocupam posições opostas em um campo, e que parecem radicalmente opostas em tudo, observa-se que há um acordo oculto e tácito a respeito do fato de que vale a pena lutar a respeito das coisas que estão em jogo no campo” (Bourdieu, 2008, p. 141).

O alcance (ou não) do poder que os indivíduos conseguem dentro dele é um dos princípios existentes na concepção de campo, ou seja, é a “estrutura das relações objetivas entre os diferentes agentes” (Bourdieu, 2004, p. 23), o que pode indicar a posição ocupada pelo indivíduo dentro dessa estrutura. Um espaço de luta, onde os integrantes buscam conquistar ou manter-se através da disputa de alguns valores específicos, de acordo com as características de cada campo. “É um campo de forças e um campo de lutas para conservar ou transformar esse campo de forças” (Bourdieu, 2004, p. 22-23).

Os campos são formados por indivíduos ou instituições, que criam espaços e os fazem existir pelas relações que aí estabelecem. Bourdieu (1982), ao falar sobre as posições dos agentes dentro de um campo, diz que “são estruturadas, isto é, os agentes da fala entram em

comunicação num campo onde as posições sociais já se encontram objetivamente estruturadas” (Bourdieu, 1982, p. 13), uma vez que as lutas dentro do campo vão envolver a posse e distribuição de um capital específico.

Ao falar de capital, Bourdieu (1982) não traz o conceito apenas como bens econômicos, mas também do conjunto de bens culturais, sociais e simbólicos.

Como nos confrontos político ou econômico, os agentes necessitam de um montante de capital para ingressarem no campo e, inconscientemente, fazem uso de estratégias que lhes permitem conservar ou conquistar posições, em uma luta que é tanto explícita, material e política, como travada no plano simbólico e que coloca em jogo os interesses de conservação (a reprodução) contra os interesses de subversão da ordem dominante no campo (Thiry-Cherques, 2006, p. 9).

De acordo com Thiry-Cherques (2006), o capital cultural se configura a partir do estado incorporado (a forma com que se apresenta ao público, por exemplo), o estado objetivo (posse de bens culturais) e o estado institucionalizado (títulos acadêmicos, por exemplo). Já o capital social se caracteriza pelas redes de contatos e relacionamentos e, por fim, o capital simbólico que “corresponde ao conjunto de rituais de reconhecimento social, e que compreende o prestígio, a honra etc. O capital simbólico é uma síntese dos demais (cultural, econômico e social)” (Thiry-Cherques, 2006, p. 23).

A estrutura de um campo se relaciona com a exterioridade e, também, com uma mútua interioridade, “os agentes e instituições que existem e subsistem pela diferença, isto é, como ocupantes de posições relativas na estrutura” (Thiry-Cherques, 2006, p. 9). Nossa posição dentro de um campo determina a maneira como consumimos as coisas, o ensino, as artes e a política. “A posição é a face objetiva do campo que se articula com a face subjetiva, a disposição. A posição é a causa e resultado do *habitus* do campo. Conforma e indica o *habitus* da classe e da subclasse em que se posiciona o agente” (Thiry-Cherques, 2006, p. 8). Bourdieu traz o termo *habitus* para falar sobre as diferenças entre hábito, praxe, costume e tradição. Ele gera uma racionalidade prática e lógica. O *habitus* representa a maneira com a qual julgamos, percebemos e valorizamos o mundo; além disso, é classificador e organizador da interação social e condiciona as nossas ações e o que é aprendido de forma implícita ou explícita e funciona como um esquema de ação, que contém e reconhece as regras de jogo de um determinado campo.

É composto: pelo *ethos*, os valores em estado prático, não-consciente, que regem a moral cotidiana (diferente da ética, a forma teórica, argumentada, explicitada e codificada da moral, o *ethos* é um conjunto sistemático de disposições morais, de princípios práticos); pelo *héxis*, os princípios interiorizados pelo corpo: posturas,

expressões corporais, uma aptidão corporal que não é dada pela natureza, mas adquirida [...] e pelo *eidos*, um modo de pensar específico, apreensão intelectual da realidade (Platão, Aristóteles), que é princípio de uma construção da realidade fundada em uma crença pré-reflexiva no valor indiscutível nos instrumentos de construção e nos objetos construídos (Thiry-Cherques, 2006, p. 7).

O *habitus* está presente nos gestos, em nossas formas de ver e classificar. Podemos dizer que ele se constrói a partir de experiências individuais, históricas, culturais e coletivas e como os indivíduos interagem com elas.

Como princípio gerador e unificador de uma coletividade ele retraduz as características intrínsecas e racionais de uma posição e estilo de vida unitário: as afinidades de *habitus* [...] O *habitus* é uma interiorização da objetividade social que produz uma exteriorização da interioridade. Não só está inscrito no indivíduo, como o indivíduo se situa em um determinado universo social: um campo que circunscreve um *habitus* específico (Thiry-Cherques, 2006, p. 8).

A partir da identificação dos principais conceitos que envolvem os campos, iremos trabalhar nos próximos tópicos com o cultural e político, uma vez que eles se mostram essenciais na construção dos textos da Revista *Cult* e na maneira como se configuram na sociedade. Também abordaremos o campo religioso, que se destaca em uma das edições e se mostra essencial para a análise.

3.1.1 Campo Cultural

Primeiramente, é preciso considerar o jornalismo como campo que, no contexto da Revista *Cult*, dialoga com outros. De acordo com Gadini (2009), o campo jornalístico possui uma lógica específica e age sobre os demais e, assim, está sujeito às limitações estruturais.

No livro *Sobre a Televisão*, Bourdieu (1997) compreende o campo jornalístico como um microcosmo, com leis próprias. Contudo, é o campo que mais sofre influências externas, ao mesmo tempo em que exerce certa pressão sobre os outros campos. É guiado pelo princípio de legitimação, em que os jornalistas possuem reconhecimento através do conhecimento e princípios internos ao campo. A Revista *Cult*, por ser um produto do jornalismo, obviamente, se insere no campo jornalístico, que ao se segmentar para o JC, dialoga com o campo cultural.

Gadini (2009) diz que a cultura é um produto social e a considera “como uma construção contínua, um campo em disputa marcado pelas mais diversas formas de expressão e materialidades” (Gadini, 2009, p. 36). Ele ainda afirma que esta vai se configurar como uma

construção histórica e que “a cultura estaria mais para expressões, situações e relações cotidianas da vida social” (Gadini, 2009, p. 38).

Por meio do jornalismo, o campo cultural nos apresenta modos de pensar e viver. O autor ainda aponta que as relações de interação com produtos e serviços do JC envolvem “uma variedade de atores sociais, que tendem a disputar sentidos, espaços e possibilidade de expressão identitários em tais ações culturais” (Gadini, 2009, p. 12). Para o jornalismo, essa concepção está ligada diretamente à segmentação da cultura nos jornais e revistas. Esse espaço dá lugar para entrevistas, críticas, resenhas, reportagens, produtos culturais, agenda, entre outros.

O entendimento de cultura como um tipo particular de atividade produtiva, cuja finalidade é compreender, reproduzir e transformar a estrutura social, bem como a possível disputa de hegemonia, ocorre através do capital cultural que se internaliza nos indivíduos gerando hábitos e práticas, ou seja, conformando a própria estrutura da vida cotidiana.

Podemos entender a cultura, então, como um processo de produção (de significados) no meio social, a partir de aspectos da história e modos de ver, pensar e agir dos indivíduos que partilham de um determinado espaço e universo imaginário. Isso porque, de alguma maneira, é também nesta dimensão – social, por excelência – que o ser humano opera e constrói universos culturais, também entendidos como sistemas simbólicos.

Pensar a expressão humana, nesse sentido, implica em compreendê-la como sistema cultural voltado para o contexto de significados onde ela é produzida, vivenciada e apreendida pelo observador, leitor ou consumidor. É, ainda, buscar nexos (possíveis) entre a experiência estética, suas representações, e outras propriedades sensibilizadoras que constituem os modos de percepção e apreensão humana da vida social. Isto pode ser exemplificado a partir da capacidade que toda época tem de reinventar seus próprios modos e referências de condução de pensar, agir, olhar e viver dos homens. Em outros termos, equivale a compreender a história pautada no tempo, espaço e ação humana que pré-existem a uma época e cultura. (Gadini, 1999, p. 3-4)

No campo cultural se configuram compreensões sobre as chamadas “alta cultura” e “média cultura”. E nessa divisão, que pode ser questionada em razão de suas tendências elitistas e deterministas, percebemos uma disputa, uma tensão entre ambas, ao considerarmos os estudos de Bourdieu. A “*alta cultura*” ou “*erudita*” se manifesta como um comportamento intelectualizado, formal, individual, contido.

O campo erudito tem como característica a produção de suas próprias normas de produção e de avaliação, que acabam por estabelecer parâmetros para classificar determinadas obras como “puras” e de “bom-gosto”. Esse sistema de classificação é baseado em uma

hierarquia de valores que pode influenciar a vontade do outro, neste caso, o gosto pessoal. Além disso, o campo se configura como um “sistema baseado nas relações entre produção, reprodução e difusão de bens simbólicos” (Bourdieu, 1982, p.105) e possui:

[...] critérios e instâncias próprias de legitimação e consagração de natureza particularmente cultural, de abranger um círculo restrito de produtores e consumidores, de requisitar o domínio de um código sofisticado de deciframento das suas obras, de limitá-las em termos de circulação e acesso, tornando-as “raras”, de exigir um *habitus a priori* cultivado em certas condições familiares, escolares e profissionais [...] (Tsutsui, 2006, p. 24)

Neste sentido, pode-se dizer que a Revista *Cult* se encaixa no campo cultural a partir da erudição, uma vez que a revista configura seus textos e sua identidade a partir da intelectualidade e de uma maneira própria de produção. E é a partir daí que o jornalismo cultural praticado pela revista começa a se configurar. Contudo, não se trata de caracterizar a revista a partir de parâmetros estanques em torno do que seria o erudito; entende-se que há atravessamentos que envolvem outras expressões da cultura.

3.1.2 Campo Político

Seguindo o pensamento de Bourdieu, o campo político é um campo carregado de poder simbólico com regras próprias que determinam e legitimam aqueles que são aptos para exercer a atividade política.

A intenção política só se constitui na relação com um estado do jogo político e, mais precisamente, do universo das técnicas de ação e de expressão que ele oferece em dado momento. Neste caso, como em outros, a passagem do implícito ao explícito, da impressão subjetiva à expressão objetiva, à manifestação pública num discurso ou num ato público constitui por si um ato de instituição e representa por isso uma forma de oficialização, de legitimação (...). (Bourdieu, 2016, p. 165).

Esse poder simbólico presente no campo político é construído através de mecanismos que querem criar uma demanda de ideias em seus eleitores: “problemas, programas, análises, comentários, conceitos, acontecimentos”, levando os cidadãos a agirem como se fossem consumidores, comprando a melhor opção apresentada na disputa (Bourdieu, 1989, p.164) e os “seduzindo” com possíveis soluções para essas demandas.

O campo político procura combinar diferentes vozes, dessa maneira, os grupos subordinados se encontram diante da “autenticidade” e “efetividade” dos discursos. A narrativa e o comportamento são mais efetivos quando se enquadram dentro das regras do

jogo. “Há, portanto, um efeito reprodutor próprio do campo, que gera homogeneização, conformidade a normas, a expectativas, a padrões discursivos” (Miguel, 2015, p.198).

Dentro desse processo, existe uma divisão de sujeitos, sendo o primeiro os políticos considerados ativos: “os profissionais, aqueles que dominam os códigos do campo” (Idem, p.198) e o segundo a massa de “profanos” que, “no sentido de Bourdieu, limitados a optar entre as ofertas que lhe são apresentadas” (Idem, p.198).

Miguel (2015, p. 204), ao falar sobre o campo político, ressalta que é um espaço “construído historicamente e moldado e remoldado de acordo com os embates entre os agentes”. É um lugar que possui uma hierarquia de influência, estruturado e que opera de maneira para privilegiar determinadas posições e acaba por barrar “a entrada de quem não aceita seus determinantes” (Idem, p.204).

Dessa maneira, é importante entender que o capital político é uma espécie de capital simbólico, em que é “dependente do reconhecimento fornecido pelos próprios pares. Como todos, em certos momentos-chave, lutam por votos, a popularidade contribui para tal reconhecimento” (Idem, p.204).

No caso dos entrevistados da *Cult* que se encaixam dentro do campo político, ambos possuem esse reconhecimento, pois estão dentro das regras do jogo e seus discursos como especialistas do campo são efetivos e legítimos. Como destacado anteriormente, o capital político consiste em, de certa maneira, possuir um “capital de reputação”, um lugar de reconhecimento, em que o discurso é reconhecido e eficaz.

Quando pensamos nessas perspectivas, é possível perceber a importância da relação do jornalismo com o campo político, já que para ter um acesso maior ao público é necessário usar a mídia para aparecer, participar de debates, entrevistas e consagrar a imagem do político por meio de sua exposição. Por isso, essa relação que a *Cult* tem com o campo político é muito importante para configurar sua própria identidade, pois a revista, a partir do discurso dos entrevistados, irá contribuir para determinar a importância das questões políticas e até mesmo, o acesso ao campo político por meio das suas ideologias. Em resumo, para o campo político, a relação com o jornalismo é essencial, já que é através dos meios de comunicação que o seu capital simbólico pode ser afetado.

3.1.3 Campo Religioso

A revista tem como uma de suas características o diálogo com outros campos, em uma das publicações do *corpus*, em específico na edição 221, março de 2017, na entrevista da Ivone Gebara⁴, um dos pontos que merece destaque é a relação da entrevistada com o campo religioso, em que Ivone faz críticas, pontuações sobre a dominação masculina dentro da religião, sobre o capital religioso e sobre a teologia feminista, a qual é uma das fundadoras na América Latina, por isso faremos uma breve contextualização do conceito.

Arribas (2012), ao abordar o campo religioso, usa como base principal os estudos de Bourdieu e aponta que existe um “capital religioso”, ou “capital espiritual”, que se caracteriza por um conjunto de “habilidades e experiências específicas referentes à determinada religião, incluindo o conhecimento religioso, a familiaridade com o ritual e com a doutrina da igreja, e a amizade entre os fiéis” (Iannaccone, 1990, p. 299 *apud* Arribas, 2012, p.489).

A autora ainda acrescenta um novo elemento existente dentro do campo: “as experiências emocionais religiosas” (Arribas, 2012, p. 489). Esse vínculo é formado a partir de experiências subjetivas. Sobre o capital religioso, a definição dos referidos autores remete a duas visões: “capital religioso consiste no grau de domínio e [no grau] de apego a uma cultura religiosa particular” (Finke E Stark, 2000, p. 120-121 *apud* Arribas, 2012, p.489).

O “grau de domínio” vai se referir a um conhecimento e familiaridade que se tem “das liturgias, da doutrina, dos rituais, das preces, das escrituras, das músicas, dos tabus, dos preceitos, das obrigações etc.” (Arribas, 2012, p. 490) e chega a três tipos de capital espiritual: “O primeiro deles se refere ao capital espiritual incorporado que corresponde aos conhecimentos, habilidades e disposições resultantes de um processo de socialização dentro do campo religioso” (Arribas, 2012, p.491).

O segundo, de acordo com a autora, faz parte de *habitus* de grupos de indivíduos e é objetificado por meio de um “tipo de consumo material e simbólico dos bens religiosos, um consumo tendencialmente adequado porque conscientemente granjeado” (Arribas, 2012, p. 491). Esse capital faz parte de um saber específico e de um domínio consciente e usado através de bens sagrados - “textos, rituais, liturgias, vestimentas, teologias, teodiceias, ideologias etc.” (Arribas, 2012, p.491).

⁴ Ivone Gebara é uma freira católica, filósofa e teóloga feminista brasileira. Na edição 221, de março de 2017, a *Cult* publicou uma entrevista com Ivone, em que a entrevistada fala sobre religião e feminismo.

Por último, ela traz o capital espiritual institucionalizado, que se relaciona ao poder simbólico que as instituições religiosas exercem através de uma força legitimadora em um conjunto de crenças e de bens religiosos.

Todos os campos citados acima, em cada entrevista, fazem uma interseção com o campo intelectual, que é essencial tanto para a configuração do jornalismo cultural da revista, quanto para a construção da imagem da *Cult*. Por isso, os tópicos a seguir lançam um olhar para o campo intelectual, suas perspectivas iniciais, as transformações e deslocamentos do conceito ao longo dos anos. Também serão abordados os tipos de intelectuais, como o tradicional, orgânico, ideológico e midiático, noções essenciais para fundamentar elementos do discurso das entrevistas do *corpus*.

3.2 CAMPO INTELECTUAL: INÍCIO, DESLOCAMENTOS, PERSPECTIVAS E TRANSFORMAÇÕES

Ao pensar nos intelectuais, a visão inicial mais comum se relaciona à de indivíduos letrados, sujeitos de cultura e saber e que possuem “habilidades de discutir, argumentar, projetar o futuro a serviço de combates políticos, o que demonstra a relevância dos intelectuais nas sociedades, como detentores do poder ideológico” (Wasserman, 2015, p.64). Jornalistas, professores, escritores, entre outros, em sua maioria, são tidos como intelectuais, pois produzem conhecimentos, teorias, doutrinas e diagnósticos. A definição de intelectual é ampla e, apesar de ser pautada na maioria das vezes no senso tradicional, não deve ser generalizada.

Em 1844, na Polônia, de acordo com Vieira (2008), a palavra *inteligencja* começou a se popularizar com a obra *Em amor à pátria*, do filósofo Karol Libelt. O termo foi usado para retratar membros da sociedade bem-educados “que, apoiados na razão e no conhecimento, assumiriam as responsabilidades de defender os interesses da pátria e do povo” (Vieira, 2008, p. 68).

No mesmo período, a palavra intelectual apareceu ligada ao termo “russo *intelligentsia*, que, no contexto precedente à Revolução Russa, designava homens livres-pensadores” (Reis, 2019, p.17). Já no final do século XIX, a palavra já se encontrava entre os franceses.

Ainda na França o termo intelectual se consolidou com o caso Dreyfus, ocorrido em 1894 e teve sua resolução em 1906, que se refere à prisão e condenação do oficial Alfred

Dreyfus por um crime que não cometeu. Matos (2018, p. 19) afirma que “dois anos depois, com o fato vindo à tona, os franceses se dividiram entre os prós e contras ao caso Dreyfus”.

Escritores da época retrataram o ocorrido, em protestos e manifestos, abordando os dreyfusistas e anti-dreyfusistas como grupos de intelectuais que se reuniam pra discutir e opinar sobre assuntos ligados ao fato. O termo que se originou em meio a disputas ideológicas, com o passar dos anos foi adquirindo conceitos sociológicos até se configurar como um segmento no mundo sociocultural e político (Matos, 2018, p.19).

De fato, o marco do termo se deu com o manifesto “J 68hama: lettre au président de la 68hama68e68ue”, de Émile Zola, publicado no jornal *L'Aurore*, em dezembro de 1898, em que Zola expõe sua posição sobre Dreyfus.

Após a grande guerra, de acordo com Reis (2019), muito se falava sobre a função do intelectual dentro da sociedade. A atividade intelectual começou a ser examinada e o papel dos intelectuais passou a ser visto como de “guias”, formadores de consciência, educadores políticos e, até mesmo, como protagonistas da história.

Alguns pensadores defendiam a ideia de que o intelectual não deveria se envolver nas atividades políticas para não se afastar da sua verdadeira função. Reis (2019) ainda aponta que Julien Benda foi um dos autores que escreveu sobre esse papel do intelectual e vai designar como intelectuais “todos aqueles que, em sua atividade, não perseguem fins práticos, mas que, quando se aplicam ao exercício da arte, ou da ciência, ou da especulação metafísica, em suma, para a posse de um bem atemporal, dizem de certo modo: meu reino não é deste mundo” (Benda, 1927, p. 44-45 *apud* Reis, 2019, p. 19).

Os alemães também tentavam entender os intelectuais e se mantinha a ideia de que “não deveriam se engajar na política, nem participar de partidos, nem de movimentos de classe” (Reis, 2019, p. 20). Já Karl Mannheim (2013) acreditava que o intelectual deveria ser um “setor” independente e parte do pressuposto que sua função não pertence a nenhum grupo social de forma restrita, sendo assim, o papel dos intelectuais se dava em “organizar” a sociedade. Ao longo do século XX, a conotação negativa que se relacionava a palavra intelectual, dada pelos anti-dreyfusistas, foi se dissipando.

O filósofo Sartre se tornou um ícone nos anos de 1950 e 1960, ao falar sobre a função social dos escritores e expressar sua opinião. Nesse sentido, Vieira (2008, p. 73) afirma que os filósofos, quando ultrapassaram “sua área de aplicação especializada para defender, ilustrar, promulgar ideias que têm valor cívico ou político”, se tornaram intelectuais.

Vários pensadores dedicaram seus estudos a entender o que é ser intelectual e de que forma eles atuam. Para entender melhor a função do intelectual dentro da cena pública, houve

a necessidade de deslocar o discurso do intelectual da política e 69hama-lo também a partir de perspectivas sociológicas e históricas.

3.2.1 O Conceito de Intelectual e a Noção do Campo

Hogemann (2019) apresenta o campo intelectual como um sistema de relações sociais, em que a correlação de forças que interagem impõe uma dinâmica à atividade artística e intelectual das sociedades. Já Bourdieu (2002) vai defini-lo como um espaço social que permite a compreensão de uma obra ou autor, além de uma formação cultural e política, que se estrutura por meio de relações sociais, conflitos entre grupos de situação e oposição e competências.

Mas quem são os intelectuais? Para Matos (2018), eles representam a voz de todos, o ser racional, que mantém os seus interesses distantes do pessoal, emoções e de suas próprias opiniões pessoais “em prol do universal. É um sujeito que intervém no espaço público em nome de valores absolutos” (Matos, 2018, p. 20). Já Bourdieu (2002, p. 10) explica que uma das características do campo intelectual é ligada à postura de oposição às instâncias de poder “econômico, ao poder político e poder religioso [...] todas as instâncias que poderiam tentar legislar sobre questões culturais em nome do poder ou uma autoridade que não era estritamente intelectual”.

Mannheim (1982, p. 180) caracteriza o intelectual como um indivíduo que possui uma herança cultural que vai suprimir “as diferenças de nascimento, status, profissão e riqueza, e unir os indivíduos instruídos com base na educação recebida”. Dessa maneira, os intelectuais passam a integrar um estrato aberto para se posicionarem e realizar análises mais profundas para além de outras camadas sociais. O autor ainda afirma que “a chave da nova época do saber está no fato de que os homens cultos deixam de constituir uma casta ou estamento fechado [...] dá lugar ao que se pode chamar de processo intelectual” (Mannheim, 2013, p.91). O autor ainda considera que não devemos encarar os intelectuais como “meros provedores de ideologias para certas classes” (Mannheim, 2013, p.93). Sobre os estudos de Mannheim, Matos (2018) acrescenta que ele considera quatro diretrizes:

[...] acerca do processo intelectual. São elas: a origem social dos intelectuais; suas associações particulares; sua mobilidade ascendente ou descendente e sua função na sociedade inclusiva. O autor perpassa, a partir dessas diretrizes, a explicar o conceito de intelectual e se utiliza de exemplos da movimentação desses agentes sociais no interior de diversos estratos sociais, como grupos eclesiais, feudais, artísticos, burgueses, entre outras classes, justificando, assim, o papel do intelectual,

a partir da associação e dissociação desses sujeitos entre as diversas camadas sociais (Matos, 2018, p.26).

Para Gramsci (1982), os intelectuais possuem um discurso que pode influenciar na organização da sociedade e da cultura. Em sua visão, essa organização não existe sem os intelectuais, pois são eles responsáveis por organizar crenças e relações institucionais e sociais.

Bobbio (1997) acredita que o intelectual é historicamente e socialmente construído, de acordo com algumas ideias de uma dada sociedade. Cada sociedade, em diferentes períodos, teve os seus intelectuais, e sua função muda de época para época.

3.2.2 A Intelectualidade na *Cult* e os Caminhos para a Construção de um Intelectual Orgânico Contemporâneo

Matos (2018, p. 21) aponta que para Gramsci há dois tipos de intelectuais: o tradicional, que está “ligado às atividades profissionais especializadas, está sempre em movimento, manifestam suas atividades intelectuais de diversas formas” e o orgânico, que está relacionado “às classes ou a um grupo social determinado que objetivam poder e conquista de autoridade, que é estático, independente” (Idem, 2018, p.21). Gramsci (1982, p. 07), ao caracterizar um intelectual, defende

[...] que há graus diversos da atividade intelectual e que todas as pessoas desempenham a função de intelectual na sociedade, que cada um promove uma prática intelectual, ou seja, é um “filósofo”, um artista, um homem de gosto, participa de uma concepção do mundo, possui uma linha consciente de conduta moral, contribui assim para manter ou para modificar uma concepção do mundo.

O autor sustenta que se formaram ao longo da história categorias especializadas no que diz respeito às práticas e funções intelectuais e isso ocorre de acordo com processos concretos históricos tradicionais; além disso, as escolas contribuíram de forma significativa para esse processo. “A diversa distribuição dos diversos tipos de escola (clássicas e profissionais) no território “econômico” e as diversas aspirações das várias categorias destas camadas determinam, ou dão forma, à produção dos diversos ramos de especialização intelectual” (Gramsci, 1982, p.10).

Quando se trata da atuação dos intelectuais nos veículos de comunicação, existe um engajamento gerado no jornalismo para a produção de “reportagens de ideias” (Escobar, 2010, p.107), que é resultado de intelectuais que vão além do universal, um saber mais

específico que se contrapõe à visão conservadora da atuação do intelectual. Ribeiro (2006, p. 141) ressalta que o intelectual “é o fazer público do conhecimento [...], ou seja, transferir para o grande público um conhecimento que antes era encerrado entre os que podiam saber”.

Ao pensar na *Cult*, percebe-se uma atuação na construção da imagem de seus entrevistados como intelectuais que contribuem para o pensamento crítico. Não se trata de formar uma “elite” de possíveis de intelectuais, mas um pensador coletivo. “O que faz uma massa aderir ou não a uma ideologia é a expressão viva da crítica real da racionalidade e historicidade dos modos de pensar” (Lombardi, 1975, p. 38).

Pensando nisso, trazemos o conceito de Gramsci sobre o intelectual orgânico, em que o autor afirma:

[...] cada grupo social, nascendo no terreno originário de uma função essencial no modo de produção econômica, cria para si, ao mesmo tempo, de um modo orgânico, uma ou mais camadas de intelectuais que lhe dão homogeneidade e consciência da própria função, não apenas no campo econômico, mas também no social e no político (Gramsci, 1991, p. 3).

“Portanto, orgânico – é todo aquele que se articula ativamente na vida prática, agindo como construtor, organizador, persuasor permanente, como especialista mais dirigente” (WEBER, 1998, p. 72). Levando em consideração a ideologia da *Cult*, legitima-se essa visão de personagens intelectuais ao integrá-los como orgânicos, esses definidos por Weber (1998) por estarem “ligados às forças populares emergentes, têm o papel de lutar por uma contra-hegemonia” (Weber, 1998, p. 72).

Gramsci (1999) apresenta o intelectual tradicional de uma forma caricaturada em filósofos, literatos, artistas eruditos, etc. Weber (1998) ainda acrescenta que esses intelectuais se caracterizam “pela relação que estabelecem com um determinado modo de produção e ostentam uma tradição de continuidade” (Weber, 1998, p. 73).

Como apontado por Gramsci (1982), toda pessoa promove uma prática intelectual, então, a partir do objeto de pesquisa, podemos classificar que todo entrevistado, ao tornar público o seu saber, também é um intelectual.

Quando pensamos no discurso das entrevistas da *Cult*, do ponto de vista da intelectualidade, a erudição ali presente não se trata apenas de um *habitus*, mas da forma como conduz a sua linguagem, classificada como formal. Seus mecanismos discursivos não estão voltados a separar o “bom gosto” do “mau gosto”, mas legitimar o seu discurso através do campo cultural erudito intelectual. Além disso, usa-se das questões políticas (problemáticas) como forma de dar um poder legítimo às ideologias sintonizadas com a linha

da revista, de forma a criar o interesse dos leitores, mas não somente isso, essa forma do intelectual específico da *Cult*, de maneira estratégica, constrói uma imagem dos entrevistados e cria uma visão desses “personagens” para intelectuais “orgânico-contemporâneo”.

É importante aprofundar ainda mais a questão do intelectual orgânico, pois este é um elemento importante para entender a condução das entrevistas, as estratégias usadas e como o discurso dos entrevistados será configurado, por isso, iremos criar um tópico específico para o conceito.

3.2.3 O Percorso Intelectual na Revista *Cult*

O conceito de intelectual possui definições variadas em visões de diferentes autores, assim como Bourdieu e o próprio Gramsci, que trabalha com o intelectual tradicional, orgânico, urbano e rural, em que cada um possui implicações políticas distintas; porém, neste tópico, vamos abordar apenas o orgânico e tradicional.

Como apontamos anteriormente, em um senso comum, a palavra intelectual é ligada ao mundo de ideias, capaz de realizar análises e muitas vezes de pessoas ligadas a academia e especialistas em seu campo. Os estudos de Bourdieu sobre o conceito podem ser relacionados com o intelectual tradicional, em que os indivíduos ocupam posições privilegiadas, como os que possuem uma educação superior e associados a uma “origem social e escolar elevada”, que são dotados de um conhecimento mais estabelecido das “regras do jogo” (BOURDIEU, 2004, p. 28). Mas, para Gramsci (1979), o conceito vai além de formação acadêmica específica, independentemente de sua escolaridade, que, como aponta Pinto (s/a, p. 02) está “relacionada diretamente com o “lugar” que ocupa nas relações materiais/sociais de uma determinada produção social”. Este seria o intelectual orgânico, que Gramsci (1979) considera que os homens podem ser uma espécie de intelectual no conjunto das relações sociais de produção.

Perruso (2019, p. 170) aponta que “a reflexão e a pesquisa de Gramsci sobre os intelectuais tendem a enfatizar as relações entre a sociedade – suas classes, seus grupos sociais componentes – e os setores intelectualizados como imprescindíveis à compreensão dos intelectuais”. Reis (2019, p. 36) ainda considera que para Gramsci o conceito está mais ligado pelo lugar social do indivíduo, suas relações sociais “do que pela erudição ou saber acumulado”. O autor ainda diz que se os intelectuais não apenas produzem um saber, mas possuem empatia, sentem “a paixão das camadas populares, então ocorre uma relação genuína

de representação” (Reis, 2019, p.40); neste sentido, o intelectual orgânico não será o “portador de uma verdade” absoluta, mas aquele que também é dotado de uma ideologia.

Partindo desse ponto gramsciano, identificamos na revista uma tentativa de construir a imagem de intelectual aos entrevistados, os representantes do coletivo, que se posicionam perante aos problemas sociais, que são contra a hegemonia do estado de direita e trazem discussões necessárias acerca da política, de questões sociais, como o preconceito, a igualdade, o feminismo, a violência e a educação.

Norberto Bobbio (1997) apresenta outro tipo de intelectual, que o autor irá chamar de ideológico, que possui o papel de realizar um consenso de ideais que são divergentes, que oferecem valores e ideias, que ele irá chamar de “princípios-guia”, além disso, esse tipo de intelectual é caracterizado por participar das lutas sociais e políticas do seu tempo.

Visto isso, conseguimos identificar na *Cult* essa passagem do discurso do intelectual tradicional, a partir da identidade da revista, seguindo pelos estudos de Gramsci, a construção do intelectual a partir do conceito de orgânico, o representante do coletivo e perpassando pela visão do intelectual ideológico de Bobbio, em que a revista e o entrevistado irão apresentar ideias e valores conforme suas ideologias.

Existe ainda outro tipo de intelectual que também opera na construção da imagem dos entrevistados da *Cult*: o midiático. Fábio Henrique Pereira (2008), em sua tese de doutorado, ao trazer a categoria do intelectual midiático faz uma crítica e afirma que ele é criado e imposto ao público pela mídia. A intenção do autor não é criticá-los e sim repensar “a partir das transformações do exercício da atividade intelectual” (Pereira, 2008, p.38).

Nessa nova relação entre mídia e sociedade, transformam-se o trabalho e a função exercida pelos intelectuais. Em resposta ao discurso de crise ou mesmo de extinção dessa categoria, os autores propõem a existência de uma associação entre as transformações na sociedade e o aparecimento de novos grupos capazes de produzir e difundir o conhecimento – papel que atribuem à intelectualidade. Esse seria o caso do intelectual midiático. Ele se insere numa lógica de produção cultural coletiva e despersonalizada, característica da sociedade do conhecimento (Pereira, 2008, p. 47).

Pereira (2008) faz críticas para essa categoria de intelectuais não por achar ruim a midiaticização do intelectual, mas por acreditar em uma banalização da sua imagem: “as críticas proferidas contra os intelectuais midiáticos [...] não fazem referência a uma condição estatutária, mas a um conjunto de valores e estratégias de intervenção no espaço público que tendem a descaracterizar as representações habituais do intelectual” (Pereira, 2008, p.50). O autor ainda pontua que essa “nova” condição do intelectual nos traz uma espécie de crise.

Já Bobbio (1997) não vê os meios de comunicação como ameaça aos intelectuais e também não acredita que a categoria possa desaparecer ou em alguma espécie de crise e pontua que os intelectuais não deixam de ser como tal, porque mudam de um universo para outro. O autor argumenta que “o principal meio do poder ideológico é a palavra, ou melhor, a expressão de ideais por meio da palavra, e com a palavra, agora e sempre mais, a imagem” (Bobbio, 1997, p.12) e acredita que os intelectuais pertencem à sua época e são construídos por ela.

[...] Julien Benda; “o intelectual não tem uma tarefa política, mas uma tarefa eminentemente espiritual”; para Mannheim “a tarefa do intelectual é teórica, mas também mediamente política, pois a ele compete elaborar a síntese das várias ideologias que dão passagem a novas orientações políticas”; para Ortega “a tarefa do intelectual é teórica, mas também imediatamente política, pois apenas a ele compete à função de educar as massas” e, finalmente, para Croce “a tarefa do intelectual também é política, mas a sua política não é a ordinária dos governantes, mas a da cultura, e é uma política extraordinária, adaptada aos tempos de crise.” Essa última é a definição defendida por Bobbio (Almeida, 2012, p. 39).

Oliveira (2013) traz outra categoria de intelectual e, para isso, estabelece uma relação entre o intelectual e a mídia, em que a partir da popularização do intelectual através dos meios de comunicação, o autor irá transformá-lo de “intelectual público” e vai dizer que “as tarefas do pensador ou do intelectual público como sendo mais ou menos estas: corrigir e diagnosticar, a um só tempo, a sociedade e a si mesmo; desmistificar e desvendar as mentiras proferidas pelo poder, libertando a verdade e a criação” (Oliveira, 2013, p. 17).

O intelectual público, de um lado, é um especialista; de outro, é um formador de opinião. Said, para mim, faz uma distinção entre o trabalho intelectual e o papel social do intelectual. O intelectual público, portanto, é o agente que não está limitado por sua especialização, por intervir na esfera pública em debates que não dizem respeito somente à sua especialidade. Seu papel social é dado por ser um agente que é um especialista convocado pela mídia também como formador de opinião. É uma intervenção que não se restringe à sua especialização, tratando dos mais diversos temas (Pedrosa, 2019, p. 266).

O conceito de intelectual não é ligado a apenas um tipo, mas como vimos, existem variações a partir de visões de vários autores. É possível perceber que existe um deslocamento do conceito dentro do discurso da revista para construir a imagem do entrevistado e, de fato, ele também ocupa esse lugar de intelectual midiático. Se pensarmos o intelectual enquanto mediador do pensamento, é ele que dá luz aos debates de ideias. Pensando no jornalismo também como mediador, então essa articulação entre campo jornalístico e intelectual seria necessária para a difusão do saber no espaço público. É nessa perspectiva que a ideia de

intelectual no discurso das entrevistas opera através de deslocamentos e interseções que darão lugar a uma categoria de intelectual adaptada ao seu tempo.

Quando pensamos na *Cult*, não tratamos essa configuração da imagem de intelectual dos entrevistados como uma crise, mas uma nova forma de enxergar a produção intelectual dentro da revista e também de repensarmos os deslocamentos do conceito em várias esferas.

O próximo capítulo traz os caminhos metodológicos que serão articulados com todo o aparato teórico apresentado até aqui. Serão trabalhados os conceitos que serão utilizados para analisar o *corpus*, a partir da Análise de Discurso de Eni Orlandi (2020) em diálogo com elementos do método arqueológico de Michel Foucault (2012).

4 CAMINHOS METEDOLÓGICOS

No capítulo anterior, apresentamos os conceitos sobre campo e intelectuais tradicionais e orgânicos, que são essenciais para entender o discurso da *Cult* e como se configura a noção de intelectual dentro da revista.

O presente capítulo se desenvolve realizando um percurso metodológico sobre os conceitos que movimentam a Análise de Discurso em Eni Orlandi (2020) e a proposta arqueológica de Michel Foucault (2012), em que iremos utilizar os conceitos de discurso, formação discursiva, enunciado, formação ideológica e imaginária, sujeito, exterioridade, acúmulo, ideologia, linguagem verbal e não-verbal para compor um conjunto de referências que sustentam a análise da revista.

4.1 ENTENDENDO O CONCEITO DE DISCURSO

Júnior e Silva (2014) relatam que Michel Foucault cita o discurso inicialmente como objeto em sua tese de doutorado e que mais tarde se tornaria “A História da Loucura” (1961). “Os trabalhos de Foucault mostram como os objetos construídos a partir dos discursos estão em um processo de constante formação e transformação, marcados pela descontinuidade” (Júnior e Silva, 2014, p. 3). Na visão de Michel Foucault, o discurso pode ser considerado um objeto linguístico e histórico. Como prática, não é apenas uma representação, mas, também, uma significação que constrói e constitui significados e um conjunto de enunciados que irão obedecer a regras de funcionamento.

O autor destaca que o discurso é materialmente existente e deve ser percebido em suas descontinuidades, que ora se excluem, se cruzam ou se ignoram. Michel Foucault traz o discurso como um acontecimento histórico, em que a produção discursiva não é produzida de maneira aleatória, ela obedece a interesses das relações de poder e de suas instâncias.

Um ponto importante que os estudos de Foucault (2013) apontam é que a produção é controlada por aqueles que são, de alguma maneira, “habilitados” para fazê-la e no caso desta pesquisa, os entrevistados e os entrevistadores possuem esses discursos autorizados “percebidos como práticas discursivas definidas pelo *status* do sujeito que fala, a partir dos lugares em que este fala, considerando as posições sociais que assume quando fala” (Júnior e Silva, 2014, p. 5). Na dinâmica das entrevistas, qual seria esse *status*? O entrevistador não aparece por caso, nas edições escolhidas da revista *Cult* todo o processo é construído por

jornalistas que por sua posição têm seu discurso considerado legítimo pela sociedade e possuem conhecimento das regras e as características do discurso jornalístico; já os entrevistados são figuras consideradas especialistas e aptas para assumir uma posição de autoridade e reconhecimento. O discurso é envolto de saber e poder e consideramos que assim ocorre com o jornalismo.

Nos estudos de Michel Foucault, o autor ainda traz percepções e o questionamento: por que os discursos aparecem em um dado momento e não em outro lugar? Foucault responde esta pergunta quando nos mostra que devem ser percebidos a partir de seu processo histórico-social, através de um conjunto de acontecimentos discursivos, mas Júnior e Silva (2014, p. 06) advertem que “os discursos não devem ser tomados enquanto realidades físicas, apesar de se materializarem nas práticas sociais dos sujeitos, mas devem ser percebidos como um objeto imaginário, portanto “sócio-histórico”.” Ainda de acordo com os estudos de Brasil (2011, p. 178), o discurso é um objeto histórico-ideológico, que “é produzido de maneira social através da língua como base material”. Sendo um produto social, identificamos suas regularidades analisando o processo de produção.

Foucault (2013) faz uma análise dos processos internos que delimitam o discurso, em que este é durável e que traz novos discursos, ou seja, um “princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem de significações” (Foucault, 2013, p.25). Os autores Júnior e Silva (2014, p. 08) consideram um conceito importante que Michel Foucault trabalha: a autoria, “o conjunto de relações que, conscientemente ou não, internas ou externas, posicionaram, reordenaram e constituíram signos e objetos de forma a atuar na construção do discurso”. Há uma diferença do sujeito que fala e daquele que escreve um discurso, já que ele realiza um trabalho de escrita, e por que existe tal diferença? O indivíduo representado neste conceito não apenas escreve, ele realiza um trabalho mais profundo que vai reunir “um conjunto de vozes sociais, históricas e ideológicas na produção de um texto” (Júnior e Silva, 2014, p. 5).

Orlandi (2020) também faz suas pontuações sobre o conceito e acredita que o princípio sobre autoria não valeria para tudo e não seria constante e ainda exemplifica os discursos, como receitas, decretos e contratos, que precisam ser assinados, mas não por autores. Orlandi (2020, p. 75) vai mais além e acredita que o princípio de autoria se faz necessário em todo discurso, ou seja, “um texto pode até não ter um autor específico, mas, pela função-autor, sempre se imputa uma autoria a ele”. Essa dimensão do sujeito é a que está mais determinada pela exterioridade, o contexto sócio-histórico e pelo contato com o social.

Mas para ser autor, não basta falar. A autoria implica na maneira como o sujeito está inserido na cultura, sua posição no contexto histórico-social. Essa função do sujeito “tem seu polo correspondente que é o leitor” (Orlandi, 2020, p. 76) e isso cobra do leitor um olhar específico ao realizar a leitura, pois, como o autor, ele é afetado por sua introdução no social e na história.

4.2 AS PERSPECTIVAS DE FORMAÇÃO DISCURSIVA

Não podemos falar em discurso sem apresentar o conceito de formação discursiva (FD) que, de acordo com Foucault (1969), é um conjunto de enunciados que não irá se reduzir a objetos linguísticos “tal como as proposições, atos de fala ou frases, mais submetidos a uma mesma regularidade e dispersão na forma de uma ideologia, ciência, teoria, etc.” (Azevedo, 2013, p. 155). Para Brasil (2011, p. 173), a FD é “a relação de enunciados com regularidades, em relação à linguagem, mobilizados em assuntos e posições ideológicas na produção do dizer”. Foucault ainda define que

Por formação discursiva ou sistema de formação compreende-se: ...um feixe complexo de relações que funcionam como regra: ele prescreve o que deve ser correlacionado em uma prática discursiva, para que esta se refira a tal ou qual objeto, para que empregue tal ou qual enunciação, para que utilize tal conceito, para que organize tal ou qual estratégia. Definir em sua individualidade singular um sistema de formação é, assim, caracterizar um discurso ou um grupo de enunciados pela regularidade de uma prática (Foucault, 1986, p.82).

O autor observa que as formações discursivas devem ser encaradas sempre dentro de um campo discursivo, estão sempre relacionadas com determinados campos do saber, como por exemplo, o jornalismo, a política, etc. Dessa maneira, podemos dizer que sempre estamos obedecendo a conjuntos de regras estabelecidas historicamente e afirmando verdades de um tempo. Situar as coisas ditas dentro de campos discursivos é multiplicar relações, colocar enunciados extraídos em relação a outros do mesmo campo ou de um campo distinto.

Já de acordo com Fischer (2001, p. 203), “as FDs devem ser encaradas dentro de um espaço discursivo ou campo discursivo e estão sempre em relação com certos campos do saber”. Quando falamos em discurso jornalístico, intelectual, cultural e político, cada um deles se insere dentro de um conjunto de enunciados em um “determinado sistema de formação ou formação discursiva” (Fischer, 2001, p. 203). Portanto, não devem ser encarados como sistemas fechados.

Devemos compreender a formação discursiva como o “princípio de dispersão e de repartição” (Foucault, 1986, p. 124 *apud* Fischer, 2001, p. 203,). Dessa maneira, dentro de determinado campo e a partir da posição ocupada nesse campo, compreende-se o que poderá ser dito e o que deve ser dito. “As coisas ditas, portanto, são radicalmente amarradas às dinâmicas de poder e saber de seu tempo” (Fischer, 2001, p. 204).

Estamos sempre obedecendo a um conjunto de regras que são dadas historicamente, em que serão afirmadas “verdades de um tempo” (idem, p. 204). No jornalismo, por exemplo, ao falar sobre a política, há uma apropriação do discurso de acordo com as suas regras, assim exercemos uma prática discursiva que Foucault (2012) define como:

[...] um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou lingüística, as condições de exercício da função enunciativa (Foucault, 2012, p. 136)

Os autores Junior e Martins (2016) ainda ressaltam que a FD “é a matriz a partir da qual os enunciados são ditos, matriz que regula e determina a natureza dos ditos”, mas “é um campo complexo, que delimita e determina os enunciados e, ao mesmo tempo, é formado por eles” (2016, p. 75). Já Eni Orlandi (2020), ao falar sobre o conceito, mostra que as formações discursivas são atravessadas por diferenças, contradições e movimento.

As formações discursivas não são definidas a priori como evidências ou lugares estabilizados, mas como regiões de confronto de sentidos. [...] estão em contínuo movimento, em constante processo de reconfiguração. Delimitam-se por aproximações e afastamentos. Mas em cada gesto de significação (de interpretação) elas estabelecem e determinam as relações de sentidos, mesmo que momentaneamente. (Orlandi, 1994, p.11)

A autora ainda reforça que o sentido não existe em si, ele será determinado de acordo com as posições ideológicas dentro do processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas e assim nos traz o conceito de formação ideológica circunscrita à FD.

O discurso se constitui em seus sentidos porque aquilo que o sujeito diz se inscreve em uma formação discursiva e não outra para ter um sentido e não outro. Por aí podemos perceber que as palavras não têm um sentido nelas mesmas, elas derivam seus sentidos das formações discursivas em que se inscrevem. As formações discursivas, por sua vez, representam no discurso as formações ideológicas. Desse modo, os sentidos sempre são determinados ideologicamente. Não há sentido que não o seja. (Orlandi, 2020, p.43)

A forma ideológica irá corresponder a uma formação discursiva, que a autora (Orlandi, 2020) considera como um conjunto de temas que é materializado a partir de uma visão de mundo e que é ensinado a cada um de nós ao longo do processo de aprendizagem da linguagem e quando é assimilada construímos os nossos discursos, ou seja, o discurso é um lugar de reprodução. Por isso, “o discurso é mais o lugar da reprodução que o da criação. Assim como uma formação ideológica impõe o que pensar, uma formação discursiva determina o que dizer. Há, numa formação social, tantas formações discursivas quantas forem as formações ideológicas” (Fiorin, 1998, p. 32). Sendo assim, entendemos que as formações ideológicas irão implicar em uma formação discursiva.

Eni Orlandi (2020) ainda nos traz outro conceito de formação: a imaginária, que se constitui a partir de determinada inscrição nas formações discursivas e ideológicas, que se apresentam como estratégias de todo processo discursivo. Pêcheux irá defini-las como condições de produção, relações de força e de sentido e compreende as formações imaginárias como “a imagem que eles [os sujeitos] fazem do seu próprio lugar e do lugar do outro” (Pêcheux, 1993, p. 82). Dessa maneira, “as formações imaginárias são definidas como a projeção no discurso das imagens que o sujeito faz de si mesmo e do outro, bem como daquilo sobre o que fala em seu dizer, que são pressupostas em todo processo discursivo” (Lima; Poza, 2018, p. 81).

4.3 O ENUNCIADO

O enunciado está apoiado em um conjunto de signos sustentados a partir de elementos que caracterizam essa “função”, para a análise do *corpus* consideramos: sujeito (posição que ocupa), campo associado (coexistir com outros enunciados) e a materialidade “específica por tratar de coisas efetivamente ditas, escritas, gravadas em algum tipo de material, passíveis de repetição ou reprodução, ativadas através de técnicas, práticas e relações sociais” (Foucault, 1986, p.133). Portanto, ao descrever um enunciado, deve-se levar em conta as especificidades, pois revelamos algo dos enunciados ao demarcar uma FD. “A análise do enunciado e da formação discursiva são estabelecidas correlativamente, porque a lei dos enunciados e o fato de pertencerem à formação discursiva constituem uma única e mesma coisa” (Foucault, 1986, p.135), ou seja, ele não existe de forma isolada, sempre está associado e correlacionado com outros enunciados que são do mesmo discurso ou de outros discursos. Para Foucault (1986), em primeiro lugar, o enunciado deve ser tomado como plenamente histórico e isto quer dizer

que deve estar ligado não às especificidades temporais típicas do conhecimento histórico, mas às suas regras de formação. Um enunciado não atravessa os séculos e é usado conforme a época, ele é inventado em cada época. Podemos observar que o enunciado não é algo aleatório na língua, mas sim uma potencialidade, mas é essencial ressaltar que isso não quer dizer que ele é aparente ou que já há uma possibilidade de sentidos, é preciso compreendê-lo em sua singularidade e em sua estreiteza, determinar as condições em que existe, estabelecer as correlações existentes com outros discursos, aos quais pode estar ligado e mostrar que outras formas de enunciação ele exclui.

Buscamos o enunciado em sua descontinuidade, em sua forma estrutural, contextual ou em um ambiente do texto. Ele não participa na construção de sentido do texto, mas é marcado por sua relação com outros enunciados e é ele que vai permitir a existência dos signos, já que “constitui a relação entre os próprios signos, mesmo porque se refere a algo; portanto, a existência do enunciado está diretamente ligada à sua relação de referência, isto é, ao seu correlato” (Joanilho, s/a, p.8). Foucault (2012) ressaltava que essa correlação é a forma como os enunciados podem aparecer e em quais relações podem ser assinalados, ou seja, é necessário descobrir as regras de formação da correlação, sendo assim:

[...] o referencial do enunciado forma o lugar, a condição, o campo de emergência, a instância de diferenciação dos indivíduos ou dos objetos, dos estados das coisas e das relações que são postas em jogo pelo próprio enunciado: define as possibilidades de aparecimento e de delimitação do que dá à frase seu sentido, à proposição seu valor de verdade [...] (Foucault, 2012, p. 110-111).

Pêcheux (1983, p. 53) diz que todo o enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro”, assim um enunciado pode significar de acordo com a posição e o contexto em que se encontra.

Para entender como os enunciados operam no interior dos discursos, no próximo tópico falaremos sobre as formações ideológicas e imaginárias a partir dos estudos de Eni Orlandi (2020) e Michel Pêcheux (1990).

4.4 FORMAÇÃO IDEOLÓGICA E IMAGINÁRIA

Como já apontamos anteriormente, para Orlandi (2020) não há como falar em discurso sem a ideologia, mas para a autora o que significa ideologia? Iremos mostrar como o conceito se define a partir dos estudos da autora para entender o que são as formações ideológicas⁵.

De acordo com as concepções de Eni Orlandi (2020), para a constituição do sujeito e dos sentidos, a ideologia será a condição para que se produza o dizer. Para identificar a evidência dos sentidos – “a que faz com que uma palavra designe uma coisa” (Orlandi, 2020, p. 44) – “[...] faz ver como transparente aquilo que se constitui pela remissão a um conjunto de formações discursivas que funcionam com uma dominante” (Orlandi, 2020, p. 44). Entendemos assim que as palavras irão receber os sentidos de formações discursivas em suas relações, o que nos leva ao interdiscurso (memória). Já o sujeito, segundo a autora, se dá por um paradoxo em que “somos sempre sujeitos” (Orlandi, 2020, p. 44) e estamos interpelados pela ideologia.

A autora ainda considera que não existe realidade sem ideologia e, da forma como trabalha o conceito, Orlandi (2020) nos traz que não é “como conjunto de representações, como visão de mundo ou como ocultação da realidade” (Orlandi, 2020, p. 46), se mostra um efeito de uma relação que se faz necessária entre a língua e o sujeito e a história para que exista sentido. No que se refere à formação ideológica, ela está relacionada ao modo de pensar e atitudes que fazem parte de uma complexidade nas formações sociais em um dado momento. Diferente de Eni Orlandi, Michel Foucault é relutante em trabalhar com o conceito de ideologia, ao qual faz críticas e diz que “queira-se ou não, ela [a noção de ideologia] está sempre em oposição virtual a alguma coisa que seria a verdade” (Foucault, 1988a, p.7).

Assim chegamos à noção de formação imaginária, entendida como um dos elementos que irão guiar a análise em direção ao sujeito das entrevistas, pois a imagem é parte do processo jornalístico e, principalmente, do gênero entrevista. É essa identificação de maneira positiva ou negativa que irá produzir sentidos para o sujeito-leitor, afinal faz parte das condições de produção para constituir os discursos. Pêcheux (1997, p. 82) destaca que a formação imaginária funciona nos processos discursivos e compreende uma série de

⁵ A noção de ideologia que orienta a Análise de Discurso toma como base o conceito de Louis Althusser. De acordo com o autor “[...] na ideologia, os homens exprimem, com efeito, não suas relações com suas condições de existência, mas a maneira pela qual vivem sua relação com suas condições de existência, o que supõe simultaneamente relação real e relação “vívda”, “imaginária”. A ideologia é, então, a expressão da relação dos homens com seu “mundo”, ou seja, a unidade (sobre determinada) de sua relação real e de sua relação imaginária com suas condições de existência reais”. (Althusser, 1979, p. 206)

formulações “que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles fazem do seu próprio lugar e do lugar do outro”.

Nas entrevistas da *Cult* destacamos o processo de leitura que envolve “uma teia discursiva invisível construída de já ditos para desestruturar o texto e (re)construí-lo, segundo os saberes da posição-sujeito em que se inscreve o sujeito leitor” (Indursky, 2001, p.38) e que é atravessado por formações imaginárias. De acordo com os estudos de Galli e Garcia (2015, p. 118) será resultado de processos discursivos anteriores e que se manifestam por “meio da antecipação, relações de força e sentido”. As autoras ainda dizem que:

Na antecipação, o locutor projeta uma representação imaginária de seu interlocutor e, com essas imagens, estabelece suas estratégias argumentativas. O lugar do qual o sujeito fala é constitutivo do que ele diz, assim como determina as relações de força em um discurso, enquanto as relações de sentido pressupõem que não há discurso que não se relacione com outros. Nessas projeções, há um jogo de imagens dos sujeitos entre si, dos sujeitos com os lugares que ocupam na formação social e dos discursos já ditos com os possíveis de emergirem. As formações imaginárias não dizem respeito a sujeitos empíricos, mas às imagens resultantes das projeções da(s) posição(ões)-sujeito. (Galli e Garcia, 2015, p. 118)

Ao pensarmos o sujeito do discurso, no caso os entrevistadores e entrevistados da *Cult*, pode-se perceber que as formações imaginárias irão ser construídas a partir do modo como falam, dos possíveis sentidos que as palavras podem construir, o modo como serão vistos e que os próprios sujeitos se veem e que estão diretamente ligadas à ideologia. As condições de produção também são fatores importantes a se destacar no contexto das entrevistas, pois estas também são

[...] formações imaginárias, e nessas formações contam a relação de forças (os lugares sociais dos interlocutores e sua posição relativa no discurso), a relação de sentido (o coro de vozes, a intertextualidade, a relação que existe entre um discurso e outros) e a antecipação (a maneira como o locutor representa as representações de seus interlocutores e vice-versa). (Orlandi, 1987, p. 158)

Não estamos falando do sujeito empírico em si, mas do que representa e o seu simbolismo no mundo real, ou seja, a posição social à qual ocupa e o seu discurso. A formação imaginária será uma via dupla, onde o emissor irá criar a imagem do receptor e o receptor do emissor.

Quando Pêcheux (1997) formula o conceito considera três categorias que se manifestam no processo discursivo: a antecipação, em que o enunciador, como já apontamos, irá criar uma representação imaginária de seu interlocutor, podendo assim usar estratégias discursivas – no caso das entrevistas, a condução das perguntas por parte do jornalista. As

relações de força se relacionam com o lugar social que ocupam de maior prestígio e, por isso, possuem maior destaque dentro do processo discursivo – no caso dos entrevistados, se relacionam aos campos em que se inserem e possuem o seu lugar de fala legitimado pela posição que ocupam dentro desse campo. Por fim, as relações de sentido que vão se estabelecer no interdiscurso com outros textos - no caso das entrevistas, os discursos que se estabelecem dentro de um contexto histórico e social e que se manifestam no discurso que produzem.

4.5 MICHEL FOUCAULT E A ARQUEOLOGIA DO SABER

Primeiramente, começaremos a mostrar o ciclo arqueológico de Michel Foucault, a partir de onde surgiram as primeiras bases para utilizar a arqueologia como meio de investigação. O autor começou os seus estudos com a tese de doutorado *História da Loucura* (1961), em que analisa de forma comparativa a loucura no renascimento. Em 1963, Foucault publica o *Nascimento da Clínica*, em que procura mostrar que as figuras do saber e também da linguagem vão obedecer a uma mesma lei profunda. Depois, em 1966, é publicado *As Palavras e as Coisas*, onde Foucault desenvolve uma análise sobre as “[...] determinações não evidentes (estruturas) dos saberes sobre a linguagem” (Thiry-Cherques, 2010, p. 217). Por fim, *A Arqueologia do Saber* (1969), em que Michel Foucault apresenta a metodologia arqueológica como forma de investigação.

Iniciamos lançando um olhar para a revista como um documento-monumento histórico/social e que se insere nas práticas sociais, dessa forma, a intenção é trazer como contribuição para a análise os efeitos que os documentos produzem no leitor. Como aponta Thiry-Cherques (2010, p. 224), “os documentos são entendidos não como textos a serem interpretados, mas como monumentos a serem analisados”. O documento, como aponta Freitas (2012, p. 59), seria um “efeito básico do funcionamento social da escrita – interseção entre inscrição e instituição”; ele seria o fato, ou mesmo o ato, que é formal e legitimado. Na análise arqueológica foucaultiana a escrita funciona a partir de elementos sócio-históricos que são centrais em um documento. Por isso, consideramos a revista um documento-monumento, pois como acredita Tavares (2008), ela pode ser enxergada como um instrumento social que promove ideologias, vende ideias e imagens através de seus elementos linguísticos e não-linguísticos. Além disso, possui uma forma específica de discurso, enunciação e construção de

sentidos, assim como uma forma de ver a realidade, o que traz uma interação distinta com a sociedade.

Como apontado anteriormente, consideramos a revista como um documento e a partir daí passamos para o método arqueológico de Foucault (1969), que propõe analisar não aquilo que está “escondido”, mas as coisas ditas. Para o autor, analisar o discurso é perceber as relações históricas (práticas concretas) do que está “vivo” no discurso.

[...] gostaria de mostrar que o discurso não é uma estreita superfície de contato, ou de confronto, entre uma realidade e uma língua, o intrincamento entre um léxico e uma experiência; gostaria de mostrar, por meio de exemplos precisos, que, analisando os próprios discursos, vemos se desfazerem os laços aparentemente tão fortes entre as palavras e as coisas, e destacar-se um conjunto de regras, próprias da prática discursiva. (...) não mais tratar os discursos como conjunto de signos (elementos significantes que remetem a conteúdos ou a representações), mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam. Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse mais que os torna irredutíveis à língua e ao ato da fala. É esse mais que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever (Foucault, 1986, p.56).

Para o autor, todas as coisas são imersas em saber e poder, à medida que implicam de forma mútua visibilidades e enunciados, falar e ver, textos e instituições, que constituem práticas sociais amarradas às relações de poder. Na AD proposta por Foucault o “mais” é o que deve ser descrito e descoberto pelo analista, a partir do discurso. “Chamaremos de discurso um conjunto de enunciados que se apoiem na mesma formação discursiva” (Foucault, 1986, p.135). Esse é um dos significados de discurso que o autor traz em suas obras. Sobre o enunciado, Michel Foucault (1986, p. 32) afirma que é uma existência e que ele é “sempre um acontecimento, que nem a língua nem o sentido podem esgotar inteiramente”. Dessa forma, ele ainda diz que “trata-se de uma função que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis e que faz com que [estas] apareçam, com conteúdos concretos, no tempo e no espaço” (Foucault, 1986, p. 99).

Para Foucault (1986), a prática discursiva não se limita à mera expressão de ideias, formulação de frases ou pensamento e para exercê-la são necessárias determinadas regras e mostrar relações existentes dentro de um discurso. Podemos dizer que existe “um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa” (Foucault, 1986, p.136).

Em *A Arqueologia do Saber* (2012), no âmbito da análise de discurso, Foucault preocupou-se na “constituição de determinados enunciados e discursos” (Morais, 2017,

p.186). Na obra, o foco de Foucault era entender de que forma determinados enunciados são produzidos e em quais contextos apareciam. Foucault (2012, p. 32) diz que “[...] essa teoria não pode ser elaborada sem que apareça, em sua pureza não sintética, o campo dos fatos do discurso a partir do qual são construídas”. Morais (2017, p. 186) ainda acrescenta que Foucault traz uma preocupação teórico-metodológica em que “por enunciados entende-se como uma “unidade elementar do discurso” de indivíduos que, através de um conjunto de signos, expressa o jogo de relações de sua existência”.

O enunciado seria a ação do sujeito, mas individualmente. Ele aparece na fala do sujeito, de acordo com sua condição de existência por meio de outros sistemas de enunciados. Com isso a questão que Foucault traz “seria saber em que regras os enunciados foram constituídos permitindo a construção e a produção de novos enunciados” (Morais, 2017, p. 187). O autor ainda completa que “todo o enunciado está inserido dentro de um contexto, o qual só tem existência na sua relação com outros enunciados, ou seja, dentro de um campo específico de relações” (Morais, 2017, p.187).

Em uma análise arqueológica, como proposta por Foucault, deve-se identificar de que forma certo discurso se instaura, suas condições de “emergência” e produção. Para o analista é importante observar que as modificações dos enunciados se dão pela “existência de um acúmulo, de uma memória e de um conjunto de já-ditos” (Fischer, 2001, p. 220).

[...] qualquer sequência discursiva da qual nos ocupemos poderá conter informações já enunciadas; haveria um processo de reatualização do passado nos acontecimentos discursivos do presente. Essas redes de formulação o tecido constituído pelo discurso de referência e pelo já-enunciado permitiriam descrever efeitos de memória, ou seja, redefinições, transformações, esquecimentos, rupturas, negações, e assim por diante. Não se trata de acionar uma memória psicológica, nem de despertar os textos de seu sono, como diz Foucault. É preciso levantar os temas relacionados aos esquecimentos e mostrar qual o modo de existência que caracteriza aqueles enunciados, os quais estão, sempre, diretamente investidos em técnicas e práticas, isto é, em relações sociais (Fischer, 2001, p. 220-221).

Outro elemento que Foucault (1969) ressalta é a relação determinada que o sujeito tem com o enunciado, que deve ser específica para não confundi-la com outras relações. Temos o sujeito do enunciado como uma “função vazia” que pode “ser exercida por indivíduos, até certo ponto, indiferentes, quando chegam a formular o enunciado, porquanto um único e mesmo indivíduo pode ocupar, alternadamente, em uma série de enunciados, diferentes posições e assumir o papel de diferentes sujeitos” (Foucault, 1969, p. 113). Para descrever um enunciado é necessário identificar a posição que poderá e deverá ser ocupada por “indivíduos

para ser seu sujeito, é preciso ter alguém que, efetivamente, possa afirmar aquilo que é dito no enunciado” (Alves; Pizzi, 2014, p.86).

Por fim, em sua descrição arqueológica, Foucault (1969) atenta para os traços de “Raridade, Exterioridade, Acúmulo”. Na raridade os acontecimentos devem ser vistos de forma singular e “determinar o princípio segundo o qual puderam aparecer os únicos conjuntos significantes que foram enunciados” (Foucault, 1969, p. 146). “Já a exterioridade é o olhar local em que se irrompe esse acontecimento, as condições históricas que permitiram o aparecimento de certos enunciados e não de outros que foram silenciados” (Gomes; Leite, 2020, p. 277).

O acúmulo compreende a recorrência de enunciados, “que deve considerá-los junto aos seus antecedentes, dentre os quais se situa e é capaz de reorganizar e redistribuir segundo novas relações” (Gomes; Leite, 2020, p. 277). Na análise enunciativa, o acúmulo não se trata da definição de onde se encontram, ou se definem por lembrança, mas podem ser “reativados” e incluídos em novas relações.

A pesquisa arqueológica não busca origem, mas acúmulos (e, para isso, investiga a história do enunciado), não se foca na totalidade, mas sim na raridade. Ela se preocupa em descrever as relações de exterioridade dos enunciados, não se importa com um certo fundamento transcendental que carregariam (Siqueira, 2016).

Segundo Gomes (2018), na metodologia arqueológica devemos nos dedicar à descrição do que está no discurso.

[...] as descrições devem buscar as regularidades que funcionam como leis de dispersão, isto é, formular regras capazes de reger a formação dos discursos. A busca dessas regras que disciplinam objetos, tipos enunciativos, conceitos e temas que podem caracterizar o discurso como regularidade, situando aquilo que Foucault chama de formações discursivas. [...] Descrever enunciado é fixar vocabulários, definir as condições em que se realiza a função que deu uma série de signos, entender que ele não é oculto, mas também não é invisível. (Gomes, 2018, p. 23).

A análise enunciativa possui como característica a raridade que “trata os enunciados na forma sistemática da exterioridade e dirige-se às formas específicas de acúmulo e não de origem” (Gomes, 2018, p.24). O autor acrescenta que a arqueologia seria uma forma de reescrita, “[...] na forma mantida da exterioridade, uma transformação regulada do que já foi escrito. Não é o retorno ao próprio segredo da origem: é a descrição sistemática de um discurso-objeto” (Foucault, 2013, p. 171).

Este processo consiste em uma análise documental, que individualiza as formações discursivas: “isolar pertinências, descrever relações, definir conjuntos e as séries de enunciados que formam o discurso” (Thiry-Cherques, 2010, p. 224).

Foucault (2014), em *Arqueologia do saber*, lança o olhar para o que ele chama de arquivo, e considera o arquivo não como um papel que arquiva a história, mas como o discurso pronunciado, em que esses não seriam apenas acontecimentos ocorridos uma vez, mas um conjunto que ainda funciona e que se transforma através da história, o que possibilita o surgimento de outros discursos.

Hermano Roberto Thiry-Cherques (2010) diz que o processo arqueológico irá evoluir de acordo com a pesquisa. Não é uma sequência fechada, mas que traz elementos que são essenciais para executá-lo como a “identificação das práticas discursivas e dos atos materiais (não discursivos)” (Thiry-Cherques, 2010, p. 219). O que o interessa é o enunciado, o que está sendo dito, em que é preciso reconhecer os saberes presentes na regularidade: “as regras de formação dos conceitos, dos objetos, das estratégias, das ações, ou seja, as práticas não discursivas e das instituições a eles associados” (Thiry-Cherques, 2010, p. 219).

Determinar as discontinuidades, o início “epistemológico das epistemes⁶ os dispositivos, em cada segmento (momento) descontinuo. Isso faz aflorar os estratos acumulados, justapostos pelo tempo” (Thiry-Cherques, 2010, p. 219). Como já apontado, a arqueologia se trata da análise desses elementos, “que se dá simultaneamente a cada identificação e a cada determinação. Sinteticamente, trata-se da criação de um quadro explicativo da articulação entre a seriação dos discursos e as práticas não discursivas” (Thiry-Cherques, 2010, p. 219). Para a análise o autor ainda completa que devemos considerar:

[...] 1) limite as unidades discursivas, 2) determine as regras que obedecem estas unidades, 3) indique a forma como se dividem em enunciados, e que 4) se articulam em um domínio espaço-temporal, constituído de todos os enunciados efetivos em uma dispersão de acontecimentos.

Em termos práticos, isto significa iniciar a investigação aceitando um recorte provisório. É necessário escolher um domínio de relações numerosas e discursos pouco formalizados que encerrem enunciados que têm por objeto um determinado campo de conhecimento. A partir desta escolha é que se determinam os conjuntos de articulação dos enunciados que encerram as formações discursivas: 1) os espaços nos quais os objetos se relacionam; 2) as regras de inclusão, de repartição e de inter-

⁶ O autor Thiry-Cherques (2010, p. 225) define episteme como a “articulação de múltiplos sistemas e estruturas em oposições, distâncias, relações de múltiplos discursos científicos. É o paradigma segundo o qual se estruturam, em uma determinada época, os múltiplos saberes, que por esta razão compartilham, a despeito de suas especificidades e dos diferentes objetos, determinadas formas ou características gerais. A episteme é epocal: os diversos saberes de uma época se articulam em torno de e a partir de um a priori (a condição de possibilidade destes saberes, como na representação na Idade Clássica)”

relacionamento dos enunciados; 3) a emergência dos conceitos; e as 4) possibilidades estratégicas (temas e teorias) em jogo.

Conforme a escolha dos discursos que serão objeto de estudo, a tônica da análise recairá prioritariamente sobre um desses elementos: sobre um ou vários objetos; sobre as modalidades enunciativas; sobre a formação dos conceitos; ou sobre os temas e teorias. Mas, qualquer que seja a tônica da análise, cada uma dessas formações deve ser considerada, primeiro individualmente, depois em sua articulação como enunciados e, finalmente, enquanto discurso (Thiry-Cherques, 2010, p. 228-229).

Não iremos trabalhar com todos os conceitos que Michel Foucault considera como os elementos chave para realizar uma análise arqueológica e para esta pesquisa partiremos apenas do acúmulo e da exterioridade, que serão tratados no próximo tópico.

4.6 ACÚMULO E EXTERIORIDADE EM *ARQUEOLOGIA DO SABER*

Michel Foucault (2012) considera o enunciado como um objeto que é específico de um acúmulo e que se conserva, transmite e se repete, mas não deixa de ser raro, afinal os acontecimentos serão distintos e circulam. O acúmulo existe nos enunciados através da dispersão dos discursos e sua descrição não está em recuperar o momento de origem, mas investigar como foi possível que os enunciados fossem reativados e conservados. Devemos considerar a análise do acúmulo através do modo como se conservaram e em seu tempo de existência, também em seu caráter específico e em sua recorrência.

Através do conceito busca-se pensar em um conjunto de enunciados já ditos, em sua composição por memórias que podem ser repetidas, ressignificadas e sua associação com as práticas sociais contemporâneas. Também devemos observar de que maneira os enunciados são reativados e revelam outros. “O que faz com que certos discursos sejam esquecidos e que outros sejam permanentes conservados?” (Gregolin, 2004b, p. 35). Sobre esta questão, os autores Júnior, Ferreira, Baracuh (2020, p. 09) observam que este fenômeno acontece porque o depósito de enunciados é “resultado do acúmulo, reverberação de determinado dito que ocupou diferentes espaços-temporais”.

Gregolin (2004) ainda ressalta que ao analisarmos os discursos já efetuados, devemos considerar uma espécie de inércia essencial, em que foram conservados pelo acaso, mas que são suscetíveis de serem retomados “nas redescobertas da leitura” e que podem ser descobertas algumas marcas, essas que

Uma vez decifradas, podem liberar, por uma espécie de memória que atravessa o tempo, significações, pensamentos, desejos, fantasmas sepultados. Estes quatro termos, leitura – traço – decifração – memória [...] definem o sistema e permite,

usualmente, arrancar o discurso passado de sua inércia e reencontrar, num momento, algo de sua vivacidade perdida (Foucault, 2012, p.150-151).

Já a noção de exterioridade, de acordo com Foucault (2012), irá se inscrever nas coisas ditas, através das regularidades e nas transformações que indicam que o sujeito que fala, ao enunciar, irá ocupar uma função enunciativa de autor e não é dito de qualquer lugar, mas em uma exterioridade. Assim, “não importa quem fala, mas o que ele diz, que não é dito de qualquer lugar” (Foucault, 2012, p. 150). Devemos pensar a exterioridade a partir de alguns momentos: um pensamento não nasce na mente do sujeito que fala; o sujeito do discurso não é detentor individual do enunciado, mas devemos pensar em um lugar possível dos sujeitos falantes. Quando estudamos o que já foi dito, não devemos pensar nas condições individuais dos sujeitos, mas o que ele diz, levando em consideração que não é de qualquer lugar. Neste contexto, é possível definir aquilo que pode ou não ser dito para compreender as relações que existem entre os sujeitos.

No próximo tópico, para entender melhor essa relação de sentidos, vamos aprofundar nos conceitos de interdiscurso e exterioridade.

4.7 EXTERIORIDADE E INTERDISCURSO

Inicialmente identificamos a exterioridade como determinante para o funcionamento interno dos discursos que influencia diretamente na produção de sentidos. Podemos dizer que o exterior está relacionado ao caráter histórico, social e ideológico, mas é preciso ressaltar que os sentidos não são fixos e se deslocam. Devemos considerar a importância da exterioridade, o que inicialmente passa despercebido, mas é essencial para a produção de sentidos, do sujeito e do conhecimento. Aqui, abordamos a exterioridade no sentido estrito, ou seja, aquilo que vai influenciar a produção do discurso de forma externa como, por exemplo, a ideologia.

Eni Orlandi (1996, p. 31) nos traz outra abordagem a respeito da exterioridade, em que “não tem a objetividade empírica do “fora” da linguagem. Ela é tomada tal como intervém na textualidade. É exterioridade discursiva (e não empírica)”, ou seja, a autora considera a exterioridade como o interdiscurso, algo que sempre será falado de forma antecipada “em outro lugar e independentemente, isto é, sob o domínio do complexo das formações ideológicas. Isso dá ao sujeito a sua realidade enquanto sistema de evidências e de significações experimentadas” (Orlandi, 1996, p. 31).

[...] a exterioridade não tem a objetividade empírica daquilo que está fora da linguagem, já que ela é constitutiva do próprio trabalho dos sentidos atuando em determinados textos, enquanto discursos. (Ferreira, 2010, p. 19)

Ainda segundo Orlandi (1998, p. 54), o termo exterioridade, dentro das perspectivas da análise de discurso, também irá se relacionar com o que a autora chama de “exterioridade constitutiva (o interdiscurso: a memória do dizer)”, em que a intenção é trabalhar a historicidade dentro do texto, ou seja, compreender como os sentidos serão produzidos. No discurso dos entrevistados da Cult, esse conceito de exterioridade se movimenta à medida que as discussões fazem o resgate do passado e acionam a memória coletiva, dentro do contexto do tempo presente.

Quando falamos de interdiscurso, também devemos levar em conta o intradiscurso. Consideramos o interdiscurso como uma categoria que irá fazer uma relação através de uma diversidade discursiva, entrecruzando com outros discursos já estabelecidos, pré-construídos e os já-ditos. Percebemos que, em diferentes momentos, o interdiscurso se relaciona com outros enunciados, em determinados espaços sociais e históricos que são regulados por uma formação discursiva.

Maingueneau (2000) diz que o discurso só pode ser entendido através do interdiscurso, afinal ele será entendido por meio de uma interação com os discursos, em que a identidade dos discursos será definida a partir das relações interdiscursivas.

[...] a identidade de um discurso se constrói e se alimenta através de outros discursos; falar é sempre falar com, contra ou por meio de outros discursos, outras vozes. Portanto, a relação de um texto consigo mesmo e sua relação com outros, ou seja, do “intradiscurso”, com o “interdiscurso”, não pode ser dissociada (Maingueneau, 2000, p. 05).

O intradiscurso e o interdiscurso possuem uma relação de dependência, se relacionam a partir de uma reciprocidade no seu funcionamento no plano discursivo. Maingueneau (1996, p. 113) ainda completa que o “interdiscurso consiste em um processo de reconfiguração incessante na qual uma formação discursiva é levada [...]”. Devemos levar em consideração que o interdiscurso é a construção e intradiscurso é a formulação. Outro ponto que precisamos refletir é a noção do pré-construído, que deve ser compreendida como uma forma específica de funcionamento do intradiscurso e atesta a relação dos efeitos de sentido e da sua exterioridade.

Ainda sobre o discurso, Orlandi (1990, p. 43) ressalta que este irá atestar “sua relação - com outros (que ele exclui, ou inclui, ou pressupõe etc.) e com o interdiscurso (que o

determina)”. A partir destas concepções ressaltamos que o pré-construído pode ser considerado uma das formas de inscrição da exterioridade do interdiscurso e vai atualizar o dizer – intradiscurso – e fazer emergir na cadeia significativa.

Por fim chegamos ao conceito de intradiscurso de forma mais detalhada, em que de acordo com os autores Fiorin (2003) e Faria (2001), o enunciador irá apreender certos discursos e os exteriorizar, já quando trazemos o interdiscurso (os dois conceitos estão intimamente relacionados), se trata da posição do enunciador e, como já abordamos anteriormente, também a relação dos discursos com outros discursos que existem em um contexto sócio-histórico-cultural. Para Faria (2001, p. 32), o conceito está ligado “à visão de mundo que o discurso defende”.

Dessa forma, no próximo tópico, vamos falar de forma breve sobre o conceito de sujeito em Eni Orlandi (2020) e Pêcheux (1988), concepção importante para entender a posição do sujeito no discurso das entrevistas da *Cult*.

4.8 SUJEITO EM ENI ORLANDI E MICHEL PÊCHEUX

De acordo Orlandi (2020), um sujeito não produz apenas um discurso, ou seja, dentro desse discurso irão existir outros, há um interdiscurso. Ainda de acordo com a autora, “o sujeito se produz, produzindo sentido” (Orlandi, 1994, p. 114). Sendo assim, o sujeito discursivo irá significar e será significado a partir de determinadas condições através do interdiscurso, que sustenta o dizer, será inscrito na/pela memória discursiva e “está inscrita nas formações discursivas, que são inscritas nas formações sociais, e que se constituem nas injunções ideológicas” (Patti, 2012, p.19).

Outra concepção sobre o sujeito trazida por Pêcheux (1988, p. 163) é o esquecimento do sujeito que “se constitui pelo ‘esquecimento’ daquilo que o determina” e percebe-se que este se dá no sentido “[...] do acobertamento daquilo que o causa no próprio interior de seu efeito, e não no sentido de algo que se tenha sabido um dia e tenha-se esquecido” (idem, p.163). O autor ainda complementa que é constituído por dois tipos de esquecimentos, o primeiro “o sujeito-falante não pode, por definição, se encontrar no exterior da formação discursiva que o domina” (Pêcheux, 1988, p. 173) e como explica Patti (2012, p. 19) “ele não tem como ser a fonte de seu dizer, apesar de precisar dessa ilusão para enunciar”; já o segundo vai promover a ilusão para enunciar.

Enquanto que o esquecimento número 2 é aquele que promove a ilusão de que o sujeito consegue escolher as palavras mais adequadas para se expressar, colar seu pensamento às palavras, imprimir literalidade de sentidos aos enunciados e controlar os sentidos (Patti, 2012, p. 19).

Sendo assim, os significados irão mudar de sentido de acordo com as posições sustentadas por aqueles que irão empregá-las. Pêcheux (1988), assim como Eni Orlandi (1996), fala ainda sobre a passagem do sujeito em sujeito do discurso ou sujeito ideológico que se efetua através da

[...] identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina (isto é, na qual ele é constituído como sujeito): essa identificação, fundadora de unidade (imaginária) do sujeito apoia-se no fato de que elementos do interdiscurso (...), são re-inscritos no discurso do próprio sujeito” (idem p. 163).

Trata-se do esquecimento ideológico, da instância do inconsciente, resultante do modo pelo qual a ideologia nos afeta e, mais uma vez, nos mostra a importância do conceito de ideologia em vários aspectos aqui discutidos.

Como já abordamos nos textos acima, ainda temos o sujeito-leitor que é conceituado por Orlandi (1986, p. 48), esta noção perpassa pelo “individualismo e o mecanismo coercitivo de individuação imposto pelas instituições”. A autora ainda ressalta que o sujeito tem uma constituição histórica com a leitura e que, ideologicamente, o sujeito-leitor será capaz “da livre determinação dos sentidos ao mesmo tempo em que é sujeito submetido às regras da instituição” (idem, p. 48) e estas são essenciais para compreender as posições diferentes que vão se constituir o sujeito-leitor. Ao pensarmos no discurso jornalístico, é possível perceber que os leitores da revista vão produzir sentidos e um pensamento crítico, fazendo assim parte de um processo de significações.

Se olharmos para as entrevistas a partir do sujeito-leitor, percebemos que a interação existente, que é implicada na leitura, é uma maneira de trazer certo engajamento sociopolítico e cultural e provoca “ações e reações, imprimem comportamentos, ideias, modos de ver e levar a vida, modos de leituras do mundo” (Oliveira, 2013, p.77), o que pode causar empatia ou não no leitor. O mesmo texto pode trazer vários sentidos para leitores diferentes, isso também irá depender do interdiscurso que é mobilizado nas formações discursivas.

Existem ainda elementos que Orlandi (2020) traz em seus estudos que consideramos importantes para identificar alguns signos nos discursos, como a linguagem verbal/não-verbal. A seguir vamos abordá-los de forma resumida, dada a sua contribuição para esta pesquisa.

Primeiramente iremos abordar o verbal, que se relaciona essencialmente com o texto. Orlandi (1995, p. 35) ressalta que o texto irá extrapolar o campo linguístico, pois “[...] a significância não se estabelece na indiferença dos materiais que a constituem, ao contrário, é na prática material significante que os sentidos se atualizam, ganham corpo, significando particularmente”. O texto na Análise de Discurso não se trata apenas de um texto-verbal escrito e Orlandi (2012) nos diz que os textos produzem sentidos e são objetos simbólicos.

Quando um jornalista escreve um texto, inicialmente a partir de um leitor-imaginário, ele será o produtor e ao mesmo tempo o emissor. Pensando a leitura em uma perspectiva reflexiva, esta seria a essência da comunicação e participa de um processo de decodificação, um fenômeno de negociação de sentidos.

Ao falar sobre o não-verbal podemos enxergá-lo como uma significação “a partir do verbal como um efeito ideológico, de transparência” (Orlandi, 1995, p. 41-42). Inicialmente, podemos pensar o não-verbal de forma que não irá implicar em uma passagem pelo verbal durante a sua constituição e de uma outra perspectiva, lançamos um olhar do não-verbal em um processo discursivo produtor de sentidos. “O não-verbal significa por sua própria materialidade trazendo consigo sua historicidade e o caráter de incompletude, assim como a palavra” (Moura, 2015, p.22).

Ambos os elementos (verbal e não-verbal), se materializam na origem do discurso, ou seja, nas capas, em que o destaque se dá por meio de imagens simbólicas que nos remetem a primeiras impressões e imaginários. Sendo assim, por que alguns textos estão destacados na capa e outros não? Concluímos, inicialmente, que isso remete à importância do assunto para a revista, em que o espaço que será dado nos leva à construção da identidade da revista e para alcançar o leitor faz uso de elementos não-verbais, como as fotos, diagramação, tipologia, títulos e cores.

“[...] as opções de composição da página conduzem a leitura e podem determinar a importância conferida pelo veículo a determinado tema, bem como o modo de abordagem que se pretende com ele, seja positiva ou negativa e, até, que tipo de leitura ela permite ou conduz [...]” (Spanemberg, 2011, p. 02-03)

Por isso, um dos critérios para montar o corpus se deu às entrevistas com destaque na capa, pois é possível perceber que manifestam certa visão sobre determinado assunto e o tipo de leitor-imaginário que supõem.

Calado (2012, p. 59) afirma que “a utilização da imagem emergiu na prática jornalística como uma forma de reafirmação e complementação do discurso apresentado no

texto verbal”. Levando em consideração os estudos da Calado (2012, p. 61), essa conexão entre o texto verbal e a imagem merece ser contemplada e seria essencial para “a elucidação do sentido ou dos sentidos proeminentes”, sendo assim, a composição e a imagem podem evocar diversas ações. Storch (2012) diz que:

Além dos indicadores elencados a partir do conteúdo jornalístico, o pesquisador deverá observar a construção dos elementos visuais, fundamentais para a narrativa jornalística e especialmente importantes no contexto das revistas. A construção visual da revista é parte fundamental na definição de sua identidade, através da qual será reconhecida pelo leitor, e fundamenta também a constituição de hábitos de leitura (Storch, 2012, p.140).

Ao pensar na visualidade, as indicações do leitor-imaginário podem aparecer como certos elementos na capa e isso se pode identificar também no planejamento visual da revista, entre outros aspectos. “O planejamento visual das revistas aponta os modos de leitura e organiza os mapas propostos pela linha editorial para a compreensão do mundo e das estruturas sociais” (Storch, 2012, p.140), o que significa que os significados podem aparecer como formas de como algumas coisas podem ser ditas verbalmente e visualmente e outras apenas visualmente, que será determinada histórica e culturalmente.

Entendendo como o verbal e não-verbal operam nas capas que influenciam de forma significativa nas formações imaginárias e ideológicas do discurso que a revista espera transmitir e produzir sentidos, abordaremos a seguir o dito e o não-dito, que Eni Orlandi (2020) considera essencial na AD.

Orlandi (2020) considera que o dizer e o não-dizer estão relacionados e devem ser levados em consideração metodologicamente e praticados na análise. Primeiramente, a autora nos traz suas percepções sobre o não-dito, em que “diferentes formas de não-dizer (implícito), o pressuposto e o subentendido, [...] vai separar aquilo que deriva propriamente da instância da linguagem (pressuposto) daquilo que se dá em contexto (subentendido)” (Orlandi, 2020, p.80). Sendo assim, ela ainda completa que “o posto (o dito) traz consigo necessariamente esse pressuposto (não dito, mas presente) (Idem, 2020, p.80). O subentendido irá depender do contexto, mas não está necessariamente ligado ao dito. Assim como a autora aborda em seu livro “Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos” (2020), fica um questionamento: deve-se levar tudo o que foi dito em consideração durante a análise? Eni Orlandi explica que será

uma questão de método: partimos do dizer, de suas condições e da relação com a memória, com o saber discursivo para delinear as margens do não-dito que faz os contornos do dito significativamente. Não é tudo que foi dito, é só o não dito relevantes para aquela situação significativa. (Orlandi, 2020, p. 82)

A análise precisa explicitar de qual não-dito estamos falando e entre o dizer e o não-dizer haverá um espaço de interação, “no qual o sujeito se move” (Orlandi, 2020, p.83) e assim o discurso trata do efeito de sentidos entre os locutores.

A próxima discussão é um dos pontos chave para esta pesquisa, de que forma Eni Orlandi organiza os seus estudos da Análise de Discurso para entender como a proposta pode dialogar com o método arqueológico de Michel Foucault, lembrando que vamos partir de conceitos pré-selecionados para realizar a análise do *corpus*.

4.9 ANÁLISE DE DISCURSO A PARTIR DE ORLANDI

O método AD teve como um dos principais precursores o filósofo francês Michel Pêcheux, que propôs o discurso como novo objeto de estudo, analisando desde suas condições de produção até os processos discursivos. Seus estudos foram base para vários autores da AD, inclusive Eni Orlandi (2020). Os estudos de Pêcheux contribuíram para mostrar que na AD existem duas funções que precisam ser separadas: a prática da linguagem e a teoria do funcionamento, trazendo uma melhor compreensão da produção de sentidos e o funcionamento de um texto.

Michel Pêcheux nasceu em Tours em 1938 e morreu em Paris em 1983. Ele é o fundador da Escola Francesa de Análise de Discurso que teoriza como a linguagem é materializada na ideologia e como esta se manifesta na linguagem. Concebe o discurso como um lugar particular em que esta relação ocorre e, pela análise do funcionamento discursivo, ele objetiva explicitar os mecanismos da determinação histórica dos processos de significação (Orlandi, 2005, p.10).

Eni Orlandi (2020) ressalta que a AD não busca o sentido daquilo que é “verdadeiro”. Não existem sentidos literais: “os sentidos e os sujeitos se constituem em processos em que há transferências, jogos simbólicos, dos quais não temos o controle e nos quais o equívoco – trabalho da ideologia e do inconsciente – estão largamente presentes” (Orlandi, 2020, p. 60). Eni Orlandi (2020, p. 67) ainda aponta que o analista deve primeiro se atentar à construção, estruturação, modo de circulação e os “diferentes gestos da leitura que constituem os sentidos do texto submetidos à análise”. Outro elemento importante é o que chamamos de historicidade, não a história refletida no texto, mas está em sua materialidade. A historicidade

seria o acontecimento como discurso, os sentidos nele. “[...] há uma ligação entre a história externa e a historicidade do texto (trama de sentidos nele), mas essa ligação não é direta, nem automática, nem funciona como uma relação de causa-e-efeito. Não vemos nos textos os “conteúdos” da história” (Orlandi, 1999, p. 68), não podemos entendê-la como uma cronologia, evolutiva, ou relação de causa e efeito. “Trata-se antes de pensar relações de filiação, de memória (estruturada pelo esquecimento), de discursividade” (Orlandi, 2020, p. 87) e a identificamos como o acontecimento do texto enquanto discurso e os sentidos que existem. A historicidade do texto e a história externa possuem certa ligação entre si, mas não é direta e muito menos automática, e não vai funcionar como uma causa e efeito.

Estes processos são essenciais para a análise e não devemos deixar de lado as formações discursivas, conceito trabalhado anteriormente, e sua relação com o discurso, além disso, a FD e sua relação com a ideologia. Desta forma, o analista não fará a análise do texto, mas do processo discursivo, que tem como responsabilidade trazer os modos de significação do texto e é dessa forma que surgem as indicações necessárias para compreender a produção dos sentidos. Eni Orlandi (2020) define as etapas da AD da seguinte forma:

Quadro 3 - Análise de Discurso: dispositivo e procedimentos

1ª Etapa: Passagem da	Superfície Linguística para o	Texto (Discurso)
2ª Etapa: Passagem do	Objeto Discursivo para a	Formação Discursiva
3ª Etapa:	Processo Discursivo	Formação Ideológica

Fonte: Orlandi, Eni. Análise de Discurso. Pontes Editores, Campinas, SP. 2020

Em um primeiro momento, o analista constrói a discursividade a partir do seu contato com o texto, mostrando que aquilo que foi dito é resultado de uma maneira de dizer. É aqui que existe a importância de perceber a relação entre o dito e o não-dito.

Ao trazer o não-dizer (implícito) identificamos as formas: pressuposto e subentendido. Eni Orlandi afirma que “ao longo do dizer, há toda uma margem de não-ditos que também significam” (Orlandi, 2020, p. 82). No não dizer estão permeados a ideologia, o interdiscurso e a formação discursiva: “há sempre no dizer um não-dizer necessário” (Orlandi, 2020, p. 82).

A autora ainda destaca que para a AD deve-se levar em consideração a constituição, formulação e circulação dos discursos. No início irá passar pela produção, pela constituição (onde os ditos arquivados serão acionados na busca da memória histórica-ideológica, lembrando que sempre já foram ditos) e a formulação, que se dá a partir de um contexto de

produção (do quem, o quê, onde foi produzido o discurso) e a conjuntura (quando, para quem, por que) da circulação do discurso.

Para Orlandi (2020, p. 58), o analista, através de sua análise, deve ser capaz de explicitar os processos de identificação, ou seja, “falamos a mesma língua, mas de formas diferentes”, os dispositivos de análise também levam em conta a ideologia e, no caso desta pesquisa, a exterioridade. A autora ainda ressalta que os gestos de interpretação que irão se ligar aos processos de identificação dos sujeitos devem ser explicitados, além de “suas filiações de sentidos: descrever a relação do sujeito com sua memória. Nesta empreitada, descrição e interpretação se interrelacionam. E é também tarefa do analista distingui-las em seu propósito de compreensão” (2020, p.58).

Na análise iremos levar em consideração, mas não como ponto principal, a relação entre autor e sujeito, o imaginário e o real, que Eni Orlandi aborda em seu livro “*Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos*”, em que estabelece uma relação entre o texto e o discurso. Ela ressalta que “o sujeito, diríamos, está para o discurso assim como o autor está para o texto” (Orlandi, 2020, p.71). Texto tem começo, meio e fim, uma superfície linguística fechada nela mesma, assim “também consideramos o sujeito como um resultado da interpelação do indivíduo pela ideologia, mas o autor, no entanto, é representação de unidade e delimita-se na prática social como uma função específica do sujeito” (idem, 2020, p.71).

Ao considerar a *Cult*, o sujeito-jornalista possui qual posição? Como identificamos anteriormente, será de autor do texto, que tem como função construir uma representação da realidade, mas irá “assegurar a permanência de uma certa representação” (idem, 2020, p.71), pois entendemos que em todo o discurso irá existir uma base de um projeto totalizante do sujeito e este é o que o converte em autor e criará sua unidade. “Como o lugar da unidade é o texto, o sujeito se constitui autor ao constituir o texto em sua unidade, com sua coerência e completude. Coerência e completude imaginárias” (Orlandi, 2020 p.71).

Trazemos o real e o imaginário, onde em termos do real do discurso, encontra-se “a descontinuidade, a dispersão, a incompletude, a falta, o equívoco, a contradição, constitutivas tanto do sujeito como o do sentido” (idem, 2020, p.72), “de outro lado, a nível das representações, temos a unidade, completude, a coerência, o claro e o distinto, a não contradição, na instância do imaginário” (Orlandi, 2020, p.72). Dessa forma, o discurso sempre vai funcionar a partir da relação entre o real e o imaginário.

Trata-se de considerar a unidade (imaginária) na dispersão (real): de um lado, a dispersão dos textos e do sujeito; de outro, a unidade do discurso e a identidade do

autor. Assim, mesmo se o próprio do discurso e do sujeito é sua incompletude, sua dispersão, e que um texto seja heterogêneo, pois pode ser afetado por distintas formações discursivas, diferentes posições do sujeito, ele é regido pela força do imaginário da unidade, estabelecendo-se uma relação de dominância de uma formação discursiva com as outras, na sua constituição. Esse é mais um efeito discursivo regido pelo imaginário, o que lhe dá uma direção ideológica, uma ancoragem política (Orlandi, 2020, p.72).

Resumindo todos os conceitos e perspectivas que apareceram neste tópico, a AD não se trata de uma leitura horizontal, observando o que o texto diz do início ao final, mas uma análise em profundidade, que vai permitir, através da descrição, a interpretação. Como aponta Orlandi (2020), envolve as imagens, lugares que são estabelecidos pelas regularidades discursivas mostradas na materialidade e as posições que os sujeitos assumem.

Não se objetiva, nessa forma de análise, a exaustividade que chamamos de horizontal, ou seja, em extensão, nem a completude, ou exaustividade em relação ao objeto empírico. Ele é inesgotável. Isto porque, por definição, todo discurso se estabelece na relação com um discurso anterior e aponta para outro. Não há discurso fechado em si mesmo, mas um processo discursivo do qual se podem recortar e analisar estados diferentes.

A exaustividade almejada – que chamamos vertical – deve ser considerada em relação aos objetos da análise à sua temática. Essa exaustividade vertical, em profundidade, leva a consequências teóricas relevantes e não se trata os “dados” como meras ilustrações. Trata-se de “fatos” da linguagem com sua memória, sua espessura semântica, sua materialidade linguística-discursiva (Orlandi, 2020, p. 60-61).

A Análise de Discurso trata da multiplicidade dos sentidos, como diz Carneiro (2008, p. 37), um “único significante pode passar por inúmeros processos de significação”. Ele ainda afirma que um signo pode se tornar um significante de outro signo, ou seja, “em uma dada situação, e, igualmente, um mesmo significado pode ser encontrado em vários significantes. Portanto, o sentido possui um caráter movente” (Idem, p. 37).

Percebendo todas estas concepções a partir do ponto de vista de Eni Orlandi sobre a AD, no próximo tópico iremos falar sobre a “*Arqueologia do Saber*” (2012), de Michel Foucault e a forma com que é articulado. Entendemos que se trata de uma metodologia das Ciências Humanas, mas no percurso da pesquisa percebemos que é uma aplicação muito relevante para as Ciências Sociais.

4.10 REVISTA *CULT*: INSTRUMENTALIZAÇÃO DOS CONCEITOS NA ANÁLISE

Neste tópico, é de grande importância revisitar alguns conceitos, de forma objetiva, para entender de que forma vão operar dentro do *corpus*, pois apesar de já terem sido apresentados acima, precisamos contextualizá-los.

Primeiramente, é importante apontar que partimos do pressuposto que a revista é um documento-monumento, como proposto por Michel Foucault, em a *Arqueologia do Saber* (2012), e em Le Goff (1990, p. 470), que também explica que “o documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder. Só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo [...]”. Os autores Lemos, Nogueira, Júnior e Arruda (2020, p. 04) completam que “o documento é resultado de uma montagem de práticas históricas, na época da sociedade que o produziu, de acordo com interesses em jogo e disputas que o alimentam”.

Foucault (2012) propõe uma nova maneira de interpretação do documento, a partir de uma investigação interna e externa, fazendo uma associação dos processos que irão potencializar sua construção, dessa maneira, “o documento passa a ser concebido no centro de uma análise discursiva” (Costa e Nascimento, 2021, p.491). Os autores ainda completam que

[...] a História é que transforma os documentos em monumentos. Assim, reafirma-se que documento é aquele que o historiador seleciona para escrever a história, e o monumento é aquele que a sociedade ratifica e que conserva um determinado registro de memória.

Parece-nos que com Michel Foucault e Jacques Le Goff as categorias documento/monumento possibilita uma nova forma de fazer história, assim que testemunho da história se constrói por determinada sociedade situada num tempo e espaço (2021, p. 491-492).

Para que um documento se torne monumento, devemos desmembrá-lo, lançar um olhar para seu interior, para as condições de produção histórica e a sua intencionalidade inconsciente. O documento é “[...] resultado de uma montagem, [...] da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver [...]” (Le Goff, 1990, p. 470).

Michel Foucault (2012) traz o conceito de documento-monumento a partir do campo da história, mas nos apropriamos dessas concepções para analisar o JR, não apenas a revista em sua materialidade, mas também o seu discurso. Afinal, o jornalista também conta uma história, desmembra e a registra. Não seria então, em alguma medida, um papel semelhante ao

de um historiador? Quando pensamos na *Cult*, a partir da proposta de intelectual e o diálogo com outros campos, a revista propõe contar uma história, se tornar um documento e quando falamos das entrevistas não é diferente. E por quê?

Primeiramente, devemos entender que o jornalismo será construído em torno dos acontecimentos, que funciona de forma diferente dentro de uma revista mensal, ele existe a partir de uma segunda vida, que convoca o passado. Como pensar o seu funcionamento dentro das entrevistas da *Cult*? Usando o conceito, a partir da AD, Foucault (2014, p. 54) diz que o acontecimento está “[..] sempre no âmbito da materialidade que ele se efetiva, que é efeito; ele possui seu lugar e consiste na relação, coexistência, dispersão, recorte, acumulação, seleção de elementos materiais [...]”. O seu sentido se faz dentro da exterioridade discursiva, que, de acordo com Mendes, Silva e Souza (2019, p. 188), vai permear “o discurso, o interdiscurso, a memória, o já dito, as condições de produção, entendendo-se a “exterioridade” como uma distinção de ordem (discursiva) e organização (textual) [...]”. Podemos afirmar então, que nas entrevistas existem acontecimentos dentro de outros, ou seja, o gancho jornalístico e as discussões que estão em torno dele e em seu discurso. Identificamos também a existência de dois tipos de acontecimentos: o histórico e o discursivo.

O acontecimento instaura um já-dito e pressupõe a existência de um pré-construído que compõe o jogo discursivo, ou seja, a construção de sentidos pressupõe um acontecimento histórico presente na memória discursiva; o sentido é, portanto, indissociável das práticas sócio-históricas e os acontecimentos discursivos se instauram como enunciações que revelam rupturas que apresentam uma temporalidade específica (MENDES, SILVA e SOUZA, 2019, p.192).

Como essa passagem de um para o outro acontece dentro da *Cult*? Como já apontamos anteriormente, o gancho jornalístico evoca o acontecimento, traz à luz o que estava escondido na revista, o que Frederico de Mello Brandão Tavares (2007) chama de “acontecimento invisível”. Antes que ele apareça, existe uma transformação, uma passagem do histórico para o discursivo e dessa forma compreendemos como o acontecimento funciona nas entrevistas.

Por exemplo, na edição 222, de 2017, na entrevista do cantor Otto o gancho jornalístico é a produção do seu novo CD *Ottomatopeia*, e a partir do seguinte trecho destacado, podemos ter uma perspectiva da relação dos acontecimentos dentro do discurso da entrevista: “[...] realmente a fratura democrática deste golpe foi profunda” (2017, p. 20). Identificamos o invisível no conjunto das coisas ditas e nas relações aqui existentes. O histórico se revela a partir da memória, do que foi dito anteriormente e ressignificado, já o

discursivo surge dessa atualização, dessa transformação. Essa é uma questão que ainda será mais aprofundada durante a análise.

Como apontado anteriormente, para fazer a análise a partir da AD é preciso entender um conceito essencial: a formação discursiva. De acordo com Junior e Martins (2016, p. 75), “a formação discursiva refere-se às condições a partir das quais os enunciados são produzidos, considerando-se sua inscrição social, espacial e temporal. Foucault (2012) afirma que

Uma formação discursiva não desempenha, pois, o papel de uma figura que para o tempo e o enregela por décadas ou séculos; ela determina uma regularidade própria a processos temporais; coloca o princípio de articulação entre uma série de acontecimentos discursivos e outra série de acontecimentos, de transformações, de mutações e de processos. Não uma forma intemporal. Mas um esquema de correspondências de diversas séries temporais” (Foucault, 2012, p.88-89).

Na perspectiva de Orlandi (2020, p. 41), uma formação discursiva pode ser entendida no interdiscurso, em “configurações específicas dos discursos em suas relações” e também “no que pode e deve ser dito” (Orlandi, 2020, p.41). E como podemos identificar uma FD dentro das entrevistas? Em suas condições de produção, que estão edificadas em momentos sócio-históricos relevantes, que se relacionam com a política, religião e movimentos sociais, a partir de pessoas que têm um discurso legitimado pelo campo que operam na sociedade, que é construído a partir de suas ideologias, inclusive circunscritos à própria revista.

Quando falamos em ideologia, a *Cult* tem uma ideia bem delineada e é assim que funciona a escolha dos entrevistados, sujeitos que vão ao encontro de suas concepções e sua visão de mundo, o que podemos chamar também, de acordo com Orlandi (2020), de formação ideológica. Essa característica também influencia a posição do sujeito dentro do discurso, o que podemos chamar de formação imaginária. Essa imagem produzida irá funcionar como uma projeção, a partir de como o sujeito se inscreve na sociedade. Eni Orlandi (2020) diz que as condições de produção irão implicar em um mecanismo imaginário e

[...] produz imagens dos sujeitos, assim como do objeto do discurso, dentro de uma conjuntura sócio-histórica. Temos assim a imagem da posição do sujeito locutor (quem sou eu para falar assim?), mas também do sujeito interlocutor (quem é ele para me falar assim, ou para que eu lhe fale assim?), e também do objeto do discurso (do que eu estou lhe falando, do que ele me fala?). [...] a imagem que o locutor faz da imagem que seu interlocutor faz dele, a imagem que o interlocutor faz da imagem que ele faz do objeto do discurso e assim por diante (Orlandi, 2020, p.38).

Nas relações discursivas, observamos que as imagens vão constituir as diferentes posições e de acordo com Orlandi (2020, p. 38) “[...] isto se faz de tal modo que o que

funciona no discurso” é o sujeito “enquanto posição discursiva produzida pelas formações imaginárias” (Orlandi, 2020, p.38). Na revista essa imagem é projetada a partir do lugar onde o entrevistado produz o seu discurso, por exemplo, Ivone Gebara é filósofa e teóloga feminista, legitima o seu lugar dentro da sociedade ao falar sobre o campo religioso em uma perspectiva feminista e, ao estar inserida nesse lugar, é considerada como especialista no assunto. É dessa maneira que a jornalista vê a entrevistada, como perita, e Ivone Gebara vê a entrevistadora em seu papel como produtora do discurso jornalístico, sendo assim “a função da imagem de si e do outro construída no discurso se manifesta plenamente nessa perspectiva interacional” (Amossy, s/a, p.12).

Podemos dialogar com as formações imaginárias e o *ethos* discursivo, já que também, de certa maneira, este assume o papel da construção da imagem do locutor. Primeiramente, é preciso entender que o *ethos* se liga ao processo de legitimação da fala e quando fazemos a transição para o discursivo, percebemos que há uma projeção da imagem de si, ou uma autoimagem do locutor nos discursos. Essa construção da identidade se dá a partir de estratégias da fala que “consiste em causar boa impressão mediante a forma como se constrói o discurso, em dar uma imagem de si capaz de convencer [...]” o leitor e “ganhar sua confiança” (Maingueneau, 2008a, p.56).

Na *Cult*, especificamente na entrevista do cantor Otto, identificamos essa estratégia de construção de uma autoimagem da revista para criar uma empatia com o leitor e até mesmo com o próprio entrevistado, como podemos ver no trecho a seguir quando a jornalista faz uma relação entre a idade de Betina, filha do Otto, e de outras meninas que participavam de uma manifestação em que estava presente: “Fui à manifestação do dia 8 de Março na Avenida Paulista [em São Paulo] e vi muitas meninas da idade dela ali, de rosto pintado e segurando cartazes. Você percebe as meninas da geração dela mais atentas a esses temas?” (Revista *Cult*, edição 222, abril de 2017, entrevista com o cantor Otto, p.20). A jornalista se insere dentro da pergunta para mostrar que se identifica com o tema e, dessa forma, a imagem da revista vai sendo configurada.

O conceito de *ethos* discursivo é importante para a análise devido à intenção de usá-lo como ferramenta para ajudar a identificar como a imagem do artista e da *Cult* vai se configurando e, ao mesmo tempo, reconfigurando a partir de várias estratégias discursivas.

[...] no enunciado (o que está dizendo) e na enunciação (como está dizendo). Demarca-se o *ethos* discursivo, descrevendo a imagem do enunciadador construída pelo discurso e identificam-se as estratégias discursivas por meio de pistas que remetam ao ideológico [...] (Stocker, 2013, p. 64)

A partir daqui, vamos falar da importância que o enunciado tem para a pesquisa. Na análise de discurso um elemento essencial é a formação discursiva que está envolta de vários enunciados, então para se chegar aos resultados esperados e para operacionalizar os conceitos apresentados, é preciso identificar as FDs e, por fim, os enunciados. Para analisar estes enunciados, ainda trabalharemos com o sujeito em Eni Orlandi (2020) e Michel Foucault (2012), ambos possuem visões diferentes sobre a relação do sujeito com o discurso. Orlandi acredita que o sujeito importa, ou seja, quem está falando e acrescenta que “sujeitos e sentidos, constituem-se, pois, em processos complexos em que entram a ideologia, o imaginário social, o político visto como divisão do sujeito, dos sujeitos entre si” (Orlandi, 2015, p.189). Mas, para Foucault, o que importa é de qual lugar o sujeito está falando, não ele em si. Devemos pensar que os dois conceitos usados pelos autores são importantes para o jornalismo, principalmente nas entrevistas, pois o quem e o lugar definem a legitimidade do discurso.

Para contribuir com essas percepções, usando os estudos de Eni Orlandi (2020) sobre a AD para entender como os sentidos são produzidos, vamos trabalhar com o conceito de exterioridade, a partir do que se encontra também no interior do discurso, como o histórico, social e ideológico do sentido, o que irá contribuir para entender a relação das entrevistas com a história, sob determinadas condições de produção. Ainda para compreender como a exterioridade vai funcionar no discurso, o interdiscurso também será uma ferramenta, já que nas primeiras análises das entrevistas percebemos que alguma coisa fala antes, ou seja, existem vários discursos operando, um exterior constitutivo (o interdiscurso).

Ao estabelecer um diálogo com o método arqueológico de Michel Foucault (2012), usaremos dois conceitos que o autor propõe para sua aplicação: primeiramente, o acúmulo, e para realizar essa análise devemos olhar os enunciados da maneira como se conservam através do tempo e aparecem sempre a partir de elementos antecedentes; todas as entrevistas fazem esse regaste, esse acúmulo, daquilo que já foi dito e está sendo ressignificado e que ganham acréscimos, retomam e repetem. Já o segundo conceito é o de exterioridade, em que o autor diz que os enunciados serão recortados por elementos que são exteriores e dessa maneira irá “libertar” o enunciado em sua exterioridade. Nas entrevistas, o que está de fora também influencia na construção do discurso dos entrevistados.

4.11 ESQUEMA ANALÍTICO

O conjunto de apontamentos apresentados até aqui fornecem uma perspectiva analítica de que maneira os conceitos serão sistematizados para analisar o *corpus*. As revistas de cada grupo foram analisadas de maneira separada de acordo com os critérios estabelecidos:

- Sujeito e condução da entrevista;
- Interação entre entrevistador e entrevistado;
- Perfil do entrevistado e imagens projetadas;
- Contexto, gancho jornalístico, tema;
- Condições de produção;
- Questões sociopolíticas em debate;
- Estratégias e processos de construção do discurso das entrevistas;
- Aspectos ideológicos;
- Historicidade e acontecimentos;
- Fator intelectual

A partir dos pontos analisados, foram identificadas diferenças e semelhanças nos elementos encontrados que formam as estratégias, construção das imagens e na condução das entrevistas.

A ideia inicial era identificar de que maneira se configurava o jornalismo cultural da *Cult* a partir das entrevistas, mas, ao longo do percurso, observou-se que o elemento intelectual era parte essencial para essa configuração. Após investigações teóricas, abandonamos a pretensão de apenas compreender o JC da revista e definimos que entender a ligação do papel do entrevistado, sua imagem e a intelectualidade, seria o melhor caminho para olhar não apenas o JC, mas o lugar que os entrevistados ocupam dentro da *Cult* e de que maneira a revista configura a própria identidade a partir do discurso das entrevistas, o que nos leva a pensar na proposta e na configuração de um jornalismo cultural ampliado que a *Cult* perpetua.

Dirigimos nosso olhar à ideia do intelectual tradicional e orgânico e na maneira que ambos os conceitos se aplicam na imagem dos entrevistados, levando em consideração que a identidade da *Cult* já tem como base a intelectualidade na forma tradicional do conceito.

Tendo isso como pressuposto, buscou-se o melhor método que poderia ser aplicado à análise de nosso objeto, em que chegamos aos estudos de Eni Orlandi (2020) e Michel Foucault (2012) sobre a Análise de Discurso da linha francesa. Também foram usadas as contribuições Michel Pêcheux para a AD.

Todos esses dispositivos teóricos apresentados até aqui foram utilizados para realizar a análise, em que os estudos linguísticos de Eni Orlandi e Michel Pêcheux contribuíram de forma significativa para olhar o jornalismo. O diálogo entre as ciências sociais, linguística e ciências humanas, ao ser aplicado e adaptado dentro do método de análise, nos possibilitou observar por outros ângulos a construção do discurso jornalístico.

O capítulo a seguir irá trazer a análise do *corpus* desta pesquisa, que é formado por seis entrevistas divididas em três grupos: o primeiro refere-se à cultura, o segundo à política e o terceiro aos movimentos sociais.

5 REVISTA *CULT*: UMA ANÁLISE DOS DISCURSOS E SUAS REPRESENTAÇÕES

Como apresentamos inicialmente, as entrevistas foram selecionadas a partir de critérios pré-estabelecidos e chegamos a um total de seis entrevistas divididas em três grupos temáticos: o primeiro referente à cultura, o segundo à política e o terceiro a movimentos sociais.

Quadro 4 - Entrevistas

Grupo	Entrevistado	Posição que ocupa	Título	Entrevistador	Edição
1	Otto	Cantor	O grito preso de Otto	Amanda Massuela	Ed. 222, abril 2017
1	Criolo	Cantor	Poesia de concreto	Fernanda Paola	Ed. 240, novembro de 2018
2	Fernando Haddad	Político e professor	Um professor	Daniel de Mesquita Benevides	Ed. 246, junho de 2019
2	Fátima Bezerra	Política e pedagoga	Para democracia se consolidar precisamos de mulheres na política	Amanda Massuela	Ed. 241, dezembro 2018
3	Luanda Pires	Advogada e especialista em Direito Homoafetivo e Gênero	Luta permanente	Amanda Massuela	Ed. 258, junho de 2020
3	Ivone Gebara	Filósofa e teóloga	Uma rebelde no rebanho	Amanda Massuela	Ed. 221, março de 2017

Fonte: Autoria própria

Antes de iniciar a análise, é importante realizar uma breve contextualização histórica acerca do momento em que as edições que compõem o corpus foram publicadas. No ano de 2017 o Brasil passava por mudanças políticas significativas, Dilma Rousseff⁷ havia passado por um processo de *impeachment* e o seu vice Michel Temer assume a presidência. Em 2018,

⁷ O processo de impeachment foi iniciado em dezembro de 2015 e finalizado no em agosto de 2016, o que resultou na cassação do mandato de Dilma Rousseff, mas mantendo os seus direitos políticos. Foram 61 votos favoráveis e 20 contrários. A ex-presidente, na época, foi acusada de atos de corrupção e pedalada fiscal. Agência Senado. Impeachment de Dilma Rousseff marca ano de 2016 no Congresso e no Brasil. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/12/28/impeachment-de-dilma-rousseff-marca-ano-de-2016-no-congresso-e-no-brasil>. Acesso em: 11 mar. 2020

estamos em ano de eleição, e Jair Bolsonaro (Partido Social Liberal – PSL) e Fernando Haddad (Partido dos Trabalhadores – PT) são os candidatos à presidência em destaque, promovendo uma disputa de ideologias entre direita⁸ x esquerda⁹. Neste período surgiu a polêmica do “*Kit Gay*”, termo pejorativo que se refere ao projeto “*Escola sem Homofobia*”, em que Bolsonaro acusou Haddad, criador do programa, de estar atentando contra a moral e os bons costumes do “cidadão de bem” brasileiro. Já em 2019, Jair Bolsonaro é o presidente e o país começa a passar pela acentuação de um discurso de violência, racismo, homofobia e contra as minorias. Por fim, em 2020 se instaura uma pandemia mundial da Covid-19¹⁰, com milhões de mortes e isolamento social. Ainda nesse período, a política se reconfigurava causando um grande impacto no país e essas questões, em alguma medida, influenciaram nas escolhas editoriais da revista, com a abordagem de temas e sujeitos que repercutem as tensões e disputas em curso.

5.1 AS CAPAS DA REVISTA *CULT*

Começamos a análise com as capas, espaço em que as primeiras impressões da revista e das entrevistas são percebidas. A pesquisa não tem como foco analisar as capas, mas usá-las como instrumentos para entender como são importantes para a produção de sentidos do que está por vir nas edições e que revelam muito do que a revista é e de suas intenções naquele momento específico. No quadro abaixo, elencamos as capas referentes ao *corpus* da pesquisa.

⁸ Direita possui uma visão mais tradicional e conservadora. Disponível em: <https://www.significados.com.br/esquerda-direita-politica/> Acesso em: 11 mar. 2020

⁹ Esquerda defende os direitos dos trabalhadores e das minorias. Disponível em: <https://www.significados.com.br/esquerda-direita-politica/> Acesso em: 11 mar. 2020

¹⁰ Infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissão. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/o-que-e-o-coronavirus> Acesso em: 11 nov. 2022

Quadro 5 – Capas da Revista Cult com as entrevistas que compõem o *corpus* da pesquisa

Capas					
Edição 258 – junho 2020	Edição 246 – junho 2019	Edição 241 – dezembro de 2018	Edição 240 – novembro 2018	Edição 222 – abril 2017	Edição 221 – março 2017
					

Fonte: revistacult.uol.com.br/home/edicoes/

Em uma análise geral das capas percebe-se que as chamadas em destaque dos entrevistados foram escolhidas de forma estratégica para apontar algumas possíveis direções dos textos e produzir uma imagem inicial do sujeito “falante”, como podemos visualizar no quadro abaixo, onde se encontram as chamadas das entrevistas.

Quadro 6 – Destaque na capa das chamadas das entrevistas

Destaque das entrevistas nas capas					
Edição 258 – junho 2020	Edição 246 – junho 2019	Edição 241 – abril 2017	Edição 240 – novembro 2018	Edição 222 – abril 2017	Edição 221 – março 2017
Entrevista Luanda Pires “O movimento já conhece o grau de vulnerabilidade de pessoas LGBTI+, mas a pandemia veio para escancarar-lo”	Entrevista Fernando Haddad “A escola pública é a expressão maior da cultura que acolhe, dialoga e interage”	Entrevista Fátima Bezerra “Crítica escola sem partido: ‘um desserviço à educação cidadã’”	Entrevista Criolo “A força do medo: ferramenta maior do mal”	Entrevista Otto “Estamos vivendo uma tortura sem precedentes”	Entrevista Ivone Gebara “O feminismo mudou a minha relação com mundo da religião”

Fonte: Autoria própria

A capa é o “cartão de visitas” de uma edição e na *Cult* observamos que transmite o seu perfil editorial e suas opiniões em relação às publicações que se encontram em destaque, por meio do interdiscurso e elementos verbais e não-verbais, uma vez que “o conjunto de ilustração/foto, título, uso da cor, dentre outros elementos, fornece o posicionamento do veículo” (Longhi, 2006, p. 117). A revista valoriza bastante a composição de imagem e texto

que, quando associadas, transparecem a expressividade de ambos. Destacamos aqui um trecho de Lage (2018, p. 04), que diz que “as imagens são uma parte de suma importância no conteúdo jornalístico, entrelaçadas aos textos no sentido de que apresentam e complementam os mesmos de diversas maneiras, todas importantes”.

Nos três grupos observamos que as chamadas das entrevistas na capa não tratam necessariamente do gancho jornalístico, mas de trechos estratégicos que expressam a ideologia da revista. A composição da imagem e textos diz muito sobre a edição, destacamos aqui a edição 240, que se encontra no grupo, com a entrevista do Criolo. O azul de fundo já chama a atenção por ser uma cor que representa os partidos de direita, a fala em destaque do Criolo segue uma representatividade do que é a violência e percebemos isso através das palavras em destaque: **força, medo e mal**, que vai se relacionar com o elemento não-verbal: **uma imagem grande de uma mão segurando uma arma**. Quando analisamos a capa e as chamadas das outras seções observamos as palavras-chave: **movimento negro, fascismo, crítica, necropolítica, inimigo e as expressões: a política como guerra e o direito de matar**. Tudo é parte de um mesmo sistema regular, que emprega uma regra de formação, com uma série de relações. O que podemos ver representado é a luta contra o racismo, contra a violência política e social.

Cada edição possui suas lógicas próprias para a composição da capa, que sempre procuram expressar as formações ideológicas presentes, indo ao encontro do momento sociopolítico em que a revista se insere. Ainda como forma de ilustrar essas percepções, trazemos a edição 241, que compõe o grupo, com a entrevista da Fátima Bezerra, em que a *Cult* destaca um ponto específico do discurso da entrevistada: “**crítica Escola sem Partido**”, movimento dos partidos de extrema-direita que se coloca como representante contra a “doutrinação ideológica” dos partidos de esquerda. O tema traz muitas questões não apenas políticas, mas também relacionadas aos direitos humanos, para a pauta da entrevista.

Nesta edição, ainda temos uma imagem que impacta o leitor à primeira vista, ao apresentar duas mãos com características masculinas (de uma pessoa negra e outra branca) segurando “algo” que nos remete ao **órgão sexual do homem** e em destaque a frase: “**Sexologia política – o ódio ao gozo do outro**”. Abaixo temos: “**o lugar da covardia entre o poder e o sexo**”; “**a retórica moralista e o controle social de corpos e desejos**”; **quando a mentira serve à homofobia**”. Sabemos que em 2018 era ano de eleições e da ascensão de Jair Bolsonaro, com o discurso da moral e dos bons costumes. Falar sobre sexo se tornou um tabu, principalmente nas escolas, a homofobia nunca se fez tão presente, assim como a

misoginia e a incitação à violência. E esta é a representação que a *Cult* traz na capa: uma crítica ao discurso de ódio produzido por Bolsonaro em relação à sexualidade, às mulheres, aos gays e aos negros.

Outra chamada que chama a atenção é a da seção Estante Cult: Racionais MC'S – **sobrevivendo no inferno** – uma pancada histórica, política e poética. Sobrevivendo no Inferno é o novo livro do grupo que está sendo divulgado, mas existe uma estratégia em toda a capa: **sobrevivendo no inferno + política + ódio + covardia + moralista + mentira + homofobia = temos implícita uma crítica ao discurso de Jair Bolsonaro**. Todos os elementos se juntam para impactar, criar um pensamento crítico no leitor.

Já a edição 258, que faz parte do grupo 3, traz três elementos que chamam a atenção: a capa inteira com o amarelo e as chamadas das seções Ensaio e Entrevista, em que na primeira destaca-se “**mente saudável**” e na segunda, a fala de Luanda Pires: “o movimento social já conhece o grau de **vulnerabilidade de pessoas LGBTI+**, mas a **pandemia** veio para escancará-lo”. O amarelo, com a representatividade da saúde mental, se alinha com a necessidade da mente saudável durante a pandemia e já a palavra vulnerabilidade representa o que muitos movimentos sociais precisaram durante os tempos pandêmicos: uma rede maior de apoio.

Destacamos uma revista de cada grupo para mostrar as estratégias que a *Cult* usa para demarcar o seu perfil editorial. É importante ressaltar que não estamos dizendo que as outras edições não tenham elementos relevantes ou mesmo interessantes, mas a intenção é visualizar que a base para chamar a atenção do leitor a partir do verbal e não-verbal é adotada em todas as edições do *corpus* e que, mesmo em se tratando de um diálogo com campos diferentes, essas características estão sempre presentes.

5.2 ENTREVISTAS EM PAUTA: UMA ANÁLISE DO DISCURSO

É possível perceber que o jornalismo cultural da revista se direciona de forma sistemática com o passado a partir de um repertório crítico, selecionado e produtor de memória (Cavalcanti e Golin, 2022) e essa característica é evidente nas entrevistas; por isso, utilizamos os seguintes critérios para realizar a análise:

- Sujeito e condução da entrevista;
- Contexto, gancho jornalístico, tema;

- Condições de produção;
- Questões sociopolíticas em debate;
- Perfil do entrevistado e imagens projetadas;
- Estratégias e processos de construção do discurso das entrevistas;
- Aspectos ideológicos.
- Acontecimentos
- Fator intelectual

Para materializar a análise, identificar as formações discursivas presentes é o ponto-chave para o desenvolvimento; como vimos no capítulo 4, a FD é formada por um conjunto de enunciados e se caracteriza a partir das condições em que eles são produzidos, considerando sua inscrição temporal, espacial e social. A formação discursiva é a origem em que os enunciados são ditos e vai determinar sua natureza; quando demarcamos a FD, de certa forma, estamos revelando algo dos enunciados. Dessa maneira, podemos dizer que ela revela um sistema de regras que irão agir em um discurso, também podemos concluir que uma formação discursiva irá determinar o que dizer.

É importante destacar ainda duas formações que fazem parte desse sistema, a ideológica e a social. Essa relação irá delimitar as FDs que vão fazer “as palavras significarem de maneira x ou y” (Orlandi, 2012a, p. 78) e irão se definir como “[...] aquilo que, numa formação ideológica dada, [...] determina o que pode e deve ser dito [...]” (Pêcheux, [1975] 1995, p. 160). Caracterizamos as formações ideológicas como a visão de mundo de um determinado sujeito que, em alguma medida, irá impor o que pensar. Já as formações sociais são a maneira como o sujeito irá se relacionar com o mundo, em termos sociais e políticos.

Revisitamos os conceitos para entender de que forma as FDs foram identificadas nas entrevistas, suas regras de formação, condições e circunstâncias que são representadas, no caso do objeto da pesquisa, por especialistas reconhecidos em seus campos de atuação como competentes para falar sobre o assunto e com discursos legítimos para expressar opiniões.

Como já posto anteriormente, uma FD se forma a partir de um conjunto de enunciados e não há como dissociá-los da análise. Entendemos que os enunciados irão supor outros enunciados, com os quais coexiste. Foucault (2012, p. 97) traz questionamentos que são muito pertinentes para trazer os enunciados dentro das entrevistas: “[...] se o enunciado é a unidade elementar do discurso, em que consiste? Quais são os seus traços distintivos? Que limites devemos nele reconhecer?” Perencini (2015, p. 141) também oferece perguntas que são

pertinentes dentro da análise do *corpus*: [...] qual é a condição de existência para haver um enunciado? Como ocorre a passagem de uma série de signos para esse modo singular de existência que é o enunciado?” E por que o autor nos apresenta a relação dos signos com os enunciados? a partir de uma série de signos eles irão aparecer por meio de conteúdos concretos, no tempo e no espaço (Foucault, 2012); dessa forma, “[...]para considerar enunciado uma série de signos, é necessário, primeiramente, que ela tenha uma relação específica com “outra coisa”, que será o seu correlato são simplesmente “coisas”, “fatos”, “realidades” ou “seres”” (Perencini, 2015, p.141).

Procuramos trazer mais uma vez neste capítulo de forma sistemática os conceitos de formação discursiva, ideológica, social e enunciado para que a análise seja sustentada e operacionalizada com a teoria apresentada anteriormente de maneira clara, pois é a base para dialogar com o que vimos ao longo da dissertação. Abaixo iremos começar pelo grupo 1, em que a intenção não é fazer uma análise de cada entrevista sem relação com a outra, mas identificar as particularidades de cada uma e entender como este conjunto opera na construção do discurso do corpus em uma unidade.

5.3 GRUPO 1: CAMPO CULTURAL - EDIÇÃO 222, ABRIL 2017, ENTREVISTA CANTOR OTTO

FD – A formação discursiva aqui se configura a partir do gancho jornalístico: o lançamento do seu novo CD na época: “Ottomatopeia”. Contexto histórico: em 2017, o país passa por uma transição política, em que a presidenta Dilma sofreu um *impeachment* e uma mudança no governo se instaurava. Tema em destaque: a *Cult* busca abordar o feminismo na entrevista. O que deve ser dito: um discurso que vai ao encontro das ideologias da revista, expressas através das opiniões dos entrevistados.

Para identificar os enunciados, os conceitos foram sistematizados com as percepções do discurso das entrevistas pautadas na produção e a articulação de vários enunciados, um conjunto que se forma a partir de um interdiscurso, ou seja, um enunciado existe juntamente com outros enunciados. Verificamos ainda os fatos, as realidades, permeados de signos, constituídos em leis de possibilidade, de regras de existência, objetos que são designados ou descritos, a condição para o seu aparecimento, que possuem referências que vão indicar posições em relação ao que diz e a quem diz de certo lugar (Maingueneau, 2002).

Partimos, assim, para a entrevista do cantor que tem como tema o lançamento do seu CD, a relação com sua filha e o feminismo. Quando a *Cult* busca abordar o lugar da mulher dentro da sociedade durante a entrevista, em segundo plano, mostra uma relação com a violência simbólica¹¹ que a ex-presidente sofreu durante o processo *impeachment*, uma violência institucionalizada, através do modo de ver e agir de determinados grupos de oposição. A partir desse acontecimento, a revista explora as opiniões do entrevistado e, assim, começa a construir a sua imagem (o cantor, o pai, o sujeito político), abordando também questões mais pessoais, a relação dele com a filha e assuntos relacionados a gênero e política.

Consideramos aqui dois protagonistas do discurso: o entrevistador e o entrevistado, que intervêm como uma das condições de produção do discurso, mas aqui não estamos falando de uma realidade física, mas seus lugares enquanto sujeitos com um discurso autorizado. Neste sentido pensamos na formação imaginária, que de acordo com Pêcheux (1983, p. 82) designa “o lugar que A e B se atribuem cada um a si e ao outro”, sendo assim, a imagem que vão projetar “de seu próprio lugar e do lugar do outro” (idem, p.82). Este lugar em que ambos ocupam - entrevistador: campo jornalístico e entrevistado: campo cultural - permite que seu discurso seja legítimo, mais uma vez pensando em suas posições - entrevistador: jornalista e entrevistado: cantor.

Aqui, a exterioridade será configurada pela ideologia e pelo momento histórico, as condições de produção estão pautadas, principalmente, na ideologia e nos acontecimentos políticos e sociais, configurando a forma com que a entrevista é conduzida, em que os sentidos serão divididos, possuem uma direção específica na história através do mecanismo de sua constituição.

Eni Orlandi (2020) em seus estudos apresenta a ideologia como uma relação indispensável com o discurso. Percebemos que tal conceito é essencial dentro da revista, a ideologia ali presente vai determinar a posição e o lugar determinado que cada sujeito vai ocupar dentro da sociedade. No caso da *Cult* e do discurso que ela produz, percebemos que a reprodução de determinada visão a torna um "aparelho ideológico" circunscrito em um conjunto complexo de representações e atitudes, materializando sua ideologia e a do entrevistado. Estes valores ideológicos nos levam a uma formação social que está representada por uma série de

¹¹ [...] violência simbólica é essa coerção que se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante (e, portanto, à dominação) quando ele não dispõe, para pensá-la e para se pensar, ou melhor, para pensar sua relação com ele, mais que de instrumentos de conhecimento que ambos têm em comum e que, não sendo mais que a forma incorporada da relação de dominação, fazem esta relação ser vista como natural; ou, em outros termos, quando os esquemas que ele põe em ação para se ver e se avaliar, ou para ver e avaliar os dominantes (elevado/baixo, masculino/feminino, branco/negro, etc.) resultam da incorporação de classificações, assim naturalizadas, de que seu ser social é produto (Bourdieu, 2003, p. 47)

formações imaginárias e assim vão designar o “lugar que o destinador e o destinatário se atribuem mutuamente” (Pêcheux, 1990, p.18). Assim, as posições ocupadas pelos sujeitos dentro da formação social condicionam também as condições de produção. Para materializar melhor a análise, trazemos os enunciados da entrevista do Otto que vão representar questões importantes.

Podemos observar a existência de um acúmulo, que é materializado a partir de uma memória e um conjunto de já-ditos. As sequências discursivas contêm informações que já foram anunciadas e passaram por um processo de reatualização do passado nos acontecimentos discursivos do presente. Dessa maneira, conseguimos enxergar e descrever os efeitos da memória: redefinições, transformação, rupturas, mas como ressalta Foucault (2012), a intenção aqui não é despertar os textos de seu sono, mas mostrar a existência caracterizada nos enunciados, que estão sempre ligados a relações sociais. E como podemos percebê-las?

Como mostramos anteriormente, existem três temas presentes: lançamento do disco, feminismo e política, mas durante a entrevista existe uma ruptura que nos leva a um acúmulo e um regaste da memória de acontecimentos políticos. Otto não está ali por acaso, a revista o vê como o artista com opiniões fortes, nordestino e que possui ideias políticas que se relacionam com o partido de esquerda PT, está sendo entrevistado em um momento de transição política, assim como o próprio músico se vê, como identificamos em suas respostas. Neste momento, em que a *Cult* aborda o feminismo na entrevista, busca-se uma relação com a violência simbólica que a ex-presidenta sofria, através do modo de ver e agir de determinados grupos de oposição e isso se reflete no preconceito existente em relação à mulher dentro da política, a exclusão daquilo que foge do “padrão de normalidade”, já que este é um campo hegemonicamente masculino, um preconceito advindo do mundo social e histórico. Percebemos que a violência simbólica se manifesta também como uma forma de induzir certos valores de uma classe social sobre outra.

Os elementos operam a partir de uma coerência interna, que Eni Orlandi (2020) conceitua como exterioridade, ou seja, o caráter ideológico, social e histórico, como se identificou em vários momentos da entrevista. As percepções de Foucault a respeito do conceito na análise arqueológica são essenciais para estas percepções, já que o autor acredita que o dito não vai depender do sujeito consciente que diz, mas, na verdade, é configurado por um jogo de relações. Essas relações irão formar a posição do sujeito, que pode ser ocupada por vários que tenham características para ocupá-la, sendo assim, o jornalista – o especialista – e o artista –

que possui um discurso legítimo dentro do campo. O entrevistado, principalmente, possui um “[...] domínio dos quais certas figuras e certos entrecruzamentos indicam o lugar singular de um sujeito falante e podem receber o nome de um autor” (Foucault, 2012, p.150), como já apontamos, para o filósofo não importa se é o jornalista, mas a posição em que está falando é o que importa, neste caso, sua posição como especialista.

Ainda completando as ideias do autor, o sujeito “[...] não é uma substância. É uma forma, e essa forma nem sempre é, sobretudo, idêntica a si mesma.” (Foucault, 2004a, p. 275). Nas relações que se estabelecem o sujeito irá se posicionar de uma forma diferente, ou seja, Otto enquanto artista e o sujeito político-social, assim como o jornalista e o especialista em cultura, ambos se deslocam como sujeito e assumem papéis diferentes, pois há modificações na experiência que o sujeito tem de si. Por isso:

[...] as redes de filiação histórica que organizam o dizível, dando lugar aos processos de identificação a partir dos quais o sujeito encontra as evidências que sustentam/permitem seu dizer. Neste sentido, a memória discursiva é o espaço dos efeitos de sentido que constituem para o sujeito sua realidade, enquanto representação imaginária (e necessária) da sua relação com o real histórico, no qual ele está inserido (Zoppi Fontana; Cestari, 2014, p. 168).

Podemos perceber esta construção em vários momentos: Otto “criado num mundo macho”, pai da Betina, o músico e compositor e o sujeito ideológico. Dessa forma, o sujeito tem sua identidade em constante processo de transformação, pois ele se encontra em um ambiente heterogêneo, marcado por conflitos sociais e em sua relação com o outro, além disso, está marcado por determinações sócio-históricas, por um discurso que se diferencia e/ou se distancia. Mas no contexto do jornalismo, o sujeito que fala importa não apenas pela sua posição, assim como diz Orlandi (2020, p. 45) que na “exterioridade: não há discurso sem sujeito. E não há sujeito sem ideologia”.

E por que o sujeito importa? O sujeito é essencial dentro do jornalismo, principalmente no gênero entrevista. Existe um contexto histórico-social para o seu aparecimento, sua relevância no campo, a imagem construída e como se posiciona. Então sua imagem e posição se complementam para justificar, porque “merece” tal destaque. A condução da entrevista vai ao encontro da identidade da revista, sendo assim, o sujeito (Otto) se encontra em situação dada que se reflete no discurso: as formações ideológicas.

Conseguimos perceber que a posição-sujeito, como diz Pêcheux (1975), é a relação em que o sujeito enunciativo se identifica com o sujeito do saber (forma-sujeito). A posição-sujeito é trabalhada por Courtine (1982), para quem o sujeito do saber será interpelado e vai

se constituir em sujeito ideológico e assume uma posição ao também se identificar como sujeito enunciador. Por isso, conseguimos identificar que a revista coloca Otto em várias ocasiões na posição-sujeito, como sujeito do saber e do sujeito ideológico, assumindo uma imagem de um intelectual, mas não em sua forma tradicional, mas um intelectual dentro da contemporaneidade, como um intelectual orgânico (Gramsci, 1999).

A revista inicia essas construções a partir do *ethos* presente no não-discursivo inicial da *Cult*, que de forma implícita, vai interagir com o público. Esse *ethos* é pré-discursivo, construído antes da fala, em que os enunciados e a posição do sujeito do saber são formados antes mesmo do discurso (as chamadas nas capas). Assim, observa-se a construção do *ethos* discursivo em que ideologias da revista e do entrevistado são representadas em certos conteúdos e é incorporada pelos “destinatários de um discurso” (Grando, 2012, p.17). Observa-se que este é o pontapé inicial para a construção da imagem do entrevistado, uma espécie de anúncio do que está por vir dentro da entrevista e uma forma de causar uma identificação do leitor com o conteúdo e despertar o seu interesse.

Mas tudo isso se configura a partir de um acúmulo e de uma exterioridade. Quando Otto traz as questões políticas, elas estão sendo reatualizadas em suas falas, pois já foram ditas anteriormente: “[...] Realmente a fratura democrática deste golpe foi profunda. [...] Tenho a impressão de que uma quadrilha tomou o poder” (Otto, abril de 2017, edição 222, p.20). Os enunciados foram conservados ao longo do tempo, devido às modificações da democracia ocorridas a partir de 2016 e são reativados nas entrevistas e se relacionam a elementos antecedentes, além disso, na frase destacada, por exemplo: “[...] a forma como a nossa democracia e o voto foram usurpados [...]”, (Otto, abril de 2017, edição 222, p.23), percebemos como os elementos existentes se adaptam, repetem e vão se reforçar no acúmulo.

O que faz que certos discursos se tornem permanentes e conservados? Isso acontece devido a um determinado dito que ocupou diferentes espaços-temporais: “[...] tempos torturantes de agora, em que o ser humano vive essa impotência diante do mercado e da política. Vêm bem carregados desse grito preso, do lado marginal, do ser humano, dos direitos perdidos, os novos códigos, o trans, o hétero [...]” (Otto, abril de 2017, edição 222, p.20). Neste trecho o cantor fala sobre o seu novo disco, mas, ao mesmo tempo, resgata, a partir de uma memória, o que o governo da época, após o *impeachment* de Dilma, se tornou.

Para a configuração do discurso, ainda podemos observar um jogo de uma exterioridade, em que é construído a partir de condições externas, como a época da publicação da entrevista,

além disso, Otto toma a posição de especialista e intelectual a partir de suas opiniões e o espaço que ocupa perante a sociedade e isso é legitimado pela *Cult*.

Outra forma de exterioridade que podemos observar é a existência da interdiscursividade. Como destaca Orlandi (2020), devemos olhar o exterior do discurso, a partir do seu interior, ou seja, o domínio do complexo das formações ideológicas que está presente dentro do enunciado. O interdiscurso pode ser considerado a relação que existe com a ideologia, a memória discursiva, em que “[...] o passado, mesmo que realmente memorizado, só pode trabalhar mediante as reformulações que permitem reenquadrá-lo no discurso concreto face ao qual nos encontramos.” (Orlandi, 2020, p. 14). Assim, na entrevista o interdiscurso é um elemento essencial, pois possui uma releitura com a memória em uma “rede de sentidos pela qual os sujeitos se constituem e se relacionam com o mundo” (Orlandi, 2001, p.182). Então, na revista o interdiscurso é um elemento essencial, pois possui uma releitura baseada na memória como uma “rede de sentidos pela qual os sujeitos se constituem e se relacionam com o mundo” (Orlandi, 2001, p.182).

O discurso acaba por significar quando relacionamos o intradiscurso com o interdiscurso. Otto, por exemplo, fala sobre política em um momento dado, a partir de condições dadas, em que a *Cult* usa sua identidade e a sua concepção ideológica para materializar as perguntas. Aqui, o intradiscurso vai se relacionar com o espaço da atualidade, assim como o espaço da memória, que restabelece os implícitos; desta forma, percebemos que os discursos serão gerados por meio do confronto, da interação que estabelecem entre si, ou seja, quando Otto traz o assunto política com sua opinião ideológica: “[...] que a gente fique atento a esse Estado conservador, culpado, covarde, que ataca as minorias. O que mais me pega é que os ricos vão continuar ricos e protegidos, cada vez mais [...]” (Otto, abril de 2017, edição 222, p.23), podemos ver um confronto com o governo da época, ao qual o artista deixa transparecer em suas respostas.

A entrevista é conduzida, de maneira estratégica, para trazer questões políticas e ideológicas. A revista pode, através do entrevistado, trazer suas próprias concepções sobre o assunto, expor suas opiniões e sua ideologia, que faz parte da sua própria identidade. Otto não está ali por estar, mas por ser uma figura que fala abertamente sobre o que pensa em relação à política, que não tem medo de se expressar e até mesmo ser polêmico.

A imagem de um sujeito que polemiza assuntos políticos se constrói ao longo do texto, a partir de algumas expressões destacadas, como “escárnio político” e “uma quadrilha que tomou o poder”. A intenção da *Cult* é essa, de mostrar um cantor que tem um discurso

autorizado dentro do campo cultural e, ao mesmo tempo, é um intelectual que representa as massas com suas opiniões.

5.4 GRUPO 1: CAMPO CULTURAL - EDIÇÃO 240, NOVEMBRO 2018, ENTREVISTA CANTOR CRIOLO

FD – Para identificar a formação discursiva partimos do gancho jornalístico, o lançamento do vídeo “Boca de Lobo” e a revista destaca que “é a maior crítica audiovisual de todos os tempos” (jornalista Fernanda Paola, novembro de 2018, edição 240, p.12) e é uma “linha do tempo do tanto de coisas ruins que ofereceram para todos nós” (idem). Contexto histórico: ano de eleição. O tema proposto seria o lançamento do clipe, mas a partir da proposta da *Cult* do que deve ser dito, a política se torna protagonista.

Como apontamos anteriormente, a capa é envolta por elementos importantes que remetem aos assuntos da revista e também da entrevista. Todo o conjunto, verbal e não-verbal, destaca o medo, a política, a violência e a atuação do negro. É neste contexto que a entrevista é materializada. Ela foi realizada após muitos acontecimentos negativos que marcaram o país, como, por exemplo, o assassinato da vereadora Marielle Franco¹² em março de 2018, que nunca foi resolvido efetivamente e ainda existe o questionamento: quem mandou matar Marielle? Pergunta que até o momento não foi respondida. Na época foi constatado que Marielle foi atingida por três tiros na cabeça e um no pescoço, levando a vereadora à morte. Defendia os direitos humanos e o feminismo, também denunciou vários casos em que policiais do Rio de Janeiro abusam de sua autoridade. A vereadora nasceu e foi criada na comunidade da Maré, um complexo pobre do Rio de Janeiro. Negra e homossexual, Marielle buscava o apoio do Legislativo aos direitos das mulheres, para a população LGBT, aos negros e moradores de favelas.

Por tratar de questões que foram marcantes no contexto sociopolítico, a valorização do vídeo como “a maior crítica da atualidade”, logo na abertura da entrevista, é uma estratégia usada para aguçar a curiosidade do leitor para assistir o clipe e fazer a leitura do texto.

O gancho jornalístico é o vídeo da música, mas podemos considerar a própria letra como um interdiscurso, pois quando o entrevistado formula suas respostas, mesmo não sendo sobre o produto cultural em si, ele traz muito de suas angústias representadas na música e no vídeo,

¹² Marielle Franco foi vereadora do Rio de Janeiro. Formou-se na PUC-Rio, e fez mestrado em Administração Pública pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Disponível em: www.institutomariellefranco.org Acesso em: 11/03/2023

como podemos ver a seguir: “[...] está por vir, um louco está por vir Shinigami¹³, Deus da morte, um louco está por vir. [...] Olhe, essa é a máquina de matar pobre. No Brasil, quem tem opinião, morre.” (CRIOLO, 2018, música Boca de Lobo).

A jornalista Fernanda Paola pergunta ao artista: “acredita que por conta desse ambiente depressivo e destruidor, muitos acabam radicalizando e escolhendo o lado “errado da força”?” (novembro de 2018, edição 240, p.14). Destacamos aqui um trecho de sua resposta: “[...] a violência não manda cartão de visitas. A violência é a violência. Existe uma série de mecanismos que foram arquitetados há muito tempo para criar essa situação de guerra, e alguém vai lucrar com nosso desespero. Com essa sensação de que não tem mais saída” (idem).

Fazemos a pontuação acima, pois o leitor que não conhece o cantor e não tem acesso à letra da música dentro da entrevista, é induzido a pensar não apenas pelo gancho jornalístico, mas pela ideologia da revista que se “mostra” na forma de conduzir a entrevista. Esse discurso é permeado pela exterioridade e por regras internas que são discutidas naquele contexto sociopolítico, mas também de um externo ideológico, que se encontra fora do discurso.

Ao trazer a questão da exterioridade pautada nos conceitos de Eni Orlandi (2020) e Michel Foucault (2012) percebe-se um interdiscurso presente, em que os enunciados conversam com os outros enunciados das entrevistas e se configuram novamente. Devemos pensar que na capa existem lógicas próprias para atrair o leitor e causar empatia, já a entrevista dentro da edição tem a mesma finalidade, mas com suas próprias regras. O que percebemos então nos enunciados que vão compor esse conjunto?

Primeiramente, como apresentamos na análise das capas anteriormente, a violência é um destaque com a imagem grande uma arma em um fundo azul, as chamadas que se completam e criam uma unidade, que vão ao encontro do contexto social e político da época. A mão de uma pessoa negra que segura a arma representa o racismo institucionalizado. A entrevista traz muito de toda essa perspectiva da capa, não apenas nas respostas do Criolo, mas na letra da própria música em si. “Aqui a lei dá exemplo: mais um preto pra matar. Colei num mercadinho dum bairro que se diz pá” (Criolo, 2018, música Boca de Lobo) e isso é trazido em suas respostas também: “Uma pessoa que sente lesada, que sofreu maus-tratos, violência, que é vítima direta do mal, ela tem um sensor de proteção de sobrevivência” (Criolo, novembro de 2018, edição 240, p.14).

¹³ Shinigami é um termo japonês usado para descrever entidades sobrenaturais, que induzem os seres humanos ao suicídio ou os convida para a morte. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Shinigami> Acesso em: 11/03/2020

A revista procura construir a imagem de si na maneira como a jornalista conduz a entrevista, já o entrevistado possui uma imagem preexistente, legitimada em suas respostas. Nessa perspectiva, devemos considerar também que o sócio-histórico e o ideológico são elementos que se inserem nessa construção. Outro ponto a ser considerado é o lugar do sujeito dentro da sociedade, que determina o seu dizer. Criolo enquanto artista usa suas músicas para expressar suas opiniões e se vê como a voz que busca criar um pensamento crítico.

Duas coisas têm forte influência na produção de sentidos e no discurso. O acúmulo, que resgata aquilo que já foi e o ressignifica conforme a época em que aparece e o acontecimento discursivo, que pressupõe a anterioridade, já que o entrevistado diz aquilo que já ouviu. No caso do Criolo percebemos o momento de violência e sociopolítico que o país estava vivendo naquele momento e o resgate de uma memória de acontecimentos marcantes.

É interessante pensar no deslocamento do conceito de intelectual que a entrevista propõe, mesmo que esteja pautado no tradicional, a imagem de Criolo também é construída como um intelectual que é “merecedor” de ter o seu destaque na *Cult*. Isso é percebido quando temos entrevista com o cantor e logo em seguida um dossiê sobre o filósofo Achille Mbembe, que traz uma temática parecida com a entrevista: o racismo e a política e isso se legitima quando na página 12 do dossiê, encontramos o texto com o título: “Corpos marcados para morrer”, que traz uma visão sobre o direito de matar.

A intenção aqui não é trazer uma análise do dossiê, mas mostrar como o significado que a revista traz de intelectual, em que cada sujeito à sua maneira produz um discurso intelectualizado, por isso dizemos que existe um deslocamento do conceito dentro da *Cult*.

5.5 GRUPO 2: CAMPO POLÍTICO - EDIÇÃO 241, DEZEMBRO 2018, ENTREVISTA FÁTIMA BEZERRA

FD – Identificamos a formação discursiva a partir do contexto histórico: ano de eleição, o gancho jornalístico: mulheres na política e a Fátima Bezerra como a única mulher eleita entre os governadores. Destaque daquilo que deve ser dito: crítica ao Escola Sem Partido¹⁴. Esse conjunto de regras que percebemos para identificar a FD define uma época dada, ou seja, como mostramos o momento sociopolítico em que a entrevista foi publicada.

Partindo da construção da FD, para identificar os enunciados, devemos considerar em suas regras de formação e suas condições de existência que ele é plenamente histórico e levar

¹⁴ O movimento político Escola sem Partido tem o objetivo de trazer uma agenda conservadora para a educação brasileira. Disponível em: www.cienciahoje.org.br Acesso em: 11 mar. 2023

em consideração que ele não atravessa os anos, mas é inventado na época em que se faz presente. E como determiná-lo? A partir de sua relação com outros enunciados, sua singularidade, por exemplo: as eleições e o gancho jornalístico, em que ambos são singulares, mas se relacionam para que se forme uma série que dá espaço à interpretação e permite a existência dos signos.

Como esses enunciados se configuram? Através da exterioridade, em que usamos o conceito proposto por Eni Orlandi (2020), que diz que devemos pensá-lo, não em analisar o que está fora, mas suas possibilidades internas, por exemplo, a ideologia que se configura tanto na forma de conduzir a entrevista, como nas respostas das entrevistas. Já Michel Foucault (2012) propõe que o discurso não é descrito a partir de sentidos ou seu interior, mas daquilo que está fora: o que importa é o que Fátima Bezerra diz: o tema mulheres na política e a crítica ao “Escola Sem Partido”, e isso não é dito de qualquer lugar. Ela tem um discurso legitimado no campo da política e se encontra em uma posição de intelectual a partir da configuração que a *Cult* faz de sua imagem, podemos identificar essa perspectiva no conjunto de coisas ditas e suas múltiplas relações.

Quando a entrevista traz o assunto do “Escola Sem Partido”, há uma atualização do assunto para a nova realidade. Além disso, põe em pauta um assunto que já vem sendo discutido e se transforma pelo fato de ser a única mulher eleita entre os governadores. A figura feminina na política e sua representatividade já estava sendo discutida desde o mandato de Dilma Rousseff, mas o assunto foi transformado e trazido para uma época dada. Também levamos em consideração um conjunto de já-ditos (interdiscurso) e da existência de uma memória: “para a democracia se consolidar precisamos de mulheres na política” (Fátima Bezerra, dezembro de 2018, edição 241, p.12).

Ao olhar todos esses elementos juntos, podemos perceber como a *Cult* configura a imagem de Fátima Bezerra, não apenas como política, mas uma pessoa que defende o direito das mulheres: “[...] isso tem a ver com toda a cultura do patriarcado, que alimenta o traço machista da sociedade, machismo que, inclusive, ainda é muito forte nos espaços de decisão política como os legislativos” (Fátima Bezerra, dezembro de 2018, edição 241, p.12). Por meio de representações sociais, percebemos aqui um fazer discursivo, que faz parte de uma memória discursiva e irá resultar na construção do *ethos* discursivo, em que observamos a junção da imagem discursiva e social.

Pensando também nos elementos que compõem a capa, percebemos como esse *ethos* é marcante, à medida que é ali que o leitor constrói a imagem da Fátima Bezerra, antes mesmo

de apresentar sua entrevista, isso porque o público tem uma primeira forma de conhecê-la: governadora que possui um posicionamento ideológico. Com o discurso da entrevistada, a revista tenta criar uma persuasão, uma empatia, quando traz assuntos que não estão ligados apenas à política, mas também ao feminicídio e ao estupro no Rio Grande do Norte: “[...] é também o estado com o maior número de morte de mulheres [...] e casos de estupro [...]” (Fátima Bezerra, dezembro de 2018, edição 241, p.12). Também podemos ver o destaque que a *Cult* dá na trajetória da então governadora no campo da educação como pedagoga, assumindo um papel de especialista para criticar o movimento “Escola Sem Partido”.

A revista tenta direcionar para o rumo que o mandato de Fátima vai tomar em relação ao presidente eleito em 2018, Jair Bolsonaro: “[...] a partir daí exercitar o diálogo com vistas a construir consensos. É exatamente isso o que vou fazer no governo” (Fátima Bezerra, dezembro de 2018, edição 241, p.15). Abaixo dessa resposta segue a pergunta da jornalista: “É essa mesma posição que pretende manter com o presidente eleito Jair Bolsonaro?” (*Cult*, dezembro de 2018, edição 241, p.15), resposta: “[...] nessa hora eu tenho que separar questões de natureza ideológica e diferenças de natureza partidária [...] Meu relacionamento com ele será de natureza institucional, com respeito ao presidente [...]” (Fátima Bezerra, dezembro de 2018, edição 241, p.15). Aqui percebemos as estratégias da revista no discurso da entrevista. Abaixo vamos analisar a edição que também se encontra no campo político para identificar suas singularidades e unidades.

5.6 GRUPO 2: CAMPO POLÍTICO - EDIÇÃO 246, JUNHO 2019, ENTREVISTA FERNANDO HADDAD

FD – Em 2019, o Brasil estava passando por mudanças políticas consideráveis com Jair Bolsonaro assumindo a presidência, principalmente na Educação, e é dentro desse cenário que a entrevista do professor e político Fernando Haddad é publicada. O tema não poderia ser diferente e a *Cult* trabalha com a pauta da educação a partir de duas perspectivas de Haddad: enquanto político e ex-ministro da Educação e como professor.

A revista constrói um conjunto de regras, condições e circunstâncias que permitem o aparecimento da formação discursiva e da maneira como ela é delimitada e representada por um especialista reconhecido como competente e legítimo para expressar opiniões, no caso Fernando Haddad. Durante a entrevista percebe-se uma preocupação em mostrar a imagem de Haddad de diferentes ângulos, como estudante: “como foi sua educação?” (*Cult*, dezembro de

2019, edição 246, p.12), bem como sua imagem enquanto acadêmico intelectual: “dos ensinamentos da Escola de Frankfurt, o que podemos aproveitar hoje, nesses tempos de obscurantismo?” (*Cult*, dezembro de 2019, edição 246, p.12). Também se evidencia a imagem do entrevistado enquanto um cidadão “comum”: “e como você e a Ana Estela partilharam a educação dos filhos?” (*Cult*, dezembro de 2019, edição 246, p.13) e como político: “como ministro dos governos Lula você continuou dando muita atenção à educação básica” (*Cult*, dezembro de 2019, edição 246, p.13).

É interessante pensar como o *ethos* aqui vai se configurando em uma cena de enunciação¹⁵ que se forma não apenas em sua dimensão verbal, mas também a partir de características psicológicas. Essa “encenação” é inseparável do sentido que o texto procura produzir, unindo de forma coordenada os argumentos que legitimam o discurso, uma estratégia para persuadir e levar o leitor a se identificar com o discurso da entrevista. E por que aqui a construção da imagem de Fernando Haddad é tão importante? A própria *Cult* em uma de suas perguntas pode responder este questionamento: “você foi muito criticado por criar o programa de capacitação de professores contra a homofobia. Sugiram *fake News* como o kit gay, etc., que te atrapalharam nas eleições. Continua achando válida a iniciativa?” (*Cult*, dezembro de 2019, edição 246, p.15). Haddad também foi candidato à presidência nas eleições de 2018 e foi alvo de muitas polêmicas e críticas, por isso, a revista busca essa configuração como meio de aproximar o entrevistado do leitor. Haddad não é apenas o político, mas um professor e um pai que se preocupa com a educação do país; nesta perspectiva destacamos que “o *ethos* é uma noção discursiva, ele se constrói através do discurso” (Maingueneau, 2008b, p. 17) e sua construção é uma estratégia que a revista usa em suas entrevistas. Por isso, existe uma necessidade de “humanização”, de tornar o entrevistado “gente como a gente”. Isso está presente nos perfis e caracteriza em parte essas entrevistas.

Para que essa imagem se materialize no discurso, existem outros mecanismos operando, a ideologia, que atua tanto no exterior do discurso, como no interior. Como demonstramos em vários momentos, os entrevistados são escolhidos de acordo com sua representatividade dentro do campo e por suas ideologias que vão ao encontro com a identidade da revista, trazendo marcas significativas na produção do discurso e dos sentidos.

¹⁵ Levando em consideração os estudos de Dominique Maingueneau, “a cena da enunciação é, ao mesmo tempo, a fundação ou a atualização de um já dito e a legitimação, a validação daquilo que funda ou atualiza: todo discurso pretende convencer fazendo reconhecer a cena de enunciação que ele impõe e por intermédio da qual se legitima; entende-se por isso que o dito e o dizer se sustentam reciprocamente” (Salgado, 2006, p. 126). Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/delta/a/NrfSYK9jHgdqWRsFCH8JRgL/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 19 jan. 2023

Podemos perceber as marcas ideológicas em uma pergunta-afirmativa da revista: “dá a impressão de que estamos dando um salto para trás: da melhor gestão em educação no país para a pior” (*Cult*, dezembro de 2019, edição 246, p.14). A resposta de Haddad opera no sentido de concordar (ou quase) com a afirmação da *Cult*: “ou que se anuncia como a pior. Provavelmente será, apesar de estar no começo [...]” (Haddad, dezembro de 2019, edição 246, p.14). O entrevistado, enquanto sujeito, é influenciado por essa exterioridade que opera dentro e fora do texto, dessa maneira, o sujeito e o sentido vão se constituindo ao mesmo tempo, outra estratégia de condução da revista.

O interdiscurso está presente a todo o momento, assim como o acúmulo. Existe uma atualização dos fatos, uma readequação para aquele contexto, uma nova versão do discurso e isso pode ser visto nas perguntas, por exemplo: “como você vê a ideia de instalar escolas militares em todas as capitais?”, “como você avalia o Enem, que sofreu muitas críticas, mas está aí, firme?” (*Cult*, dezembro de 2019, edição 246, p.16). Do mesmo modo, as respostas remetem à mesma visão política acerca do campo da educação: “[...] o Lula não pulou etapa, ele fez toda a agenda da educação; como a gente dizia: da creche à pós [...]” (Haddad, dezembro de 2019, edição 246, p.14), “a reforma do Enem foi uma das melhores coisas que eu fiz. Porque viabilizou o Sisu [Sistema de Seleção Unificada], o fim do vestibular, [...], o ingresso de brasileiros em mais de vinte universidades portuguesas [...]” (Haddad, dezembro de 2019, edição 246, p.16). Esses enunciados, que se entrecruzam em um dado momento, se transformam em um acontecimento discursivo, possibilitando “o surgimento de novos espaços de significação para o sujeito” (Dela-Silva, 2008, p.17). O acúmulo aqui presente é um conjunto de fatos, considerados historicamente importantes, ao ponto de chegarem ao status de acontecimento histórico e vão se transformando, sendo rompidos, até se tornarem discursivos, dando a possibilidade para novas interpretações.

5.7 GRUPO 3: MOVIMENTOS SOCIAIS - EDIÇÃO 221, MARÇO 2017, ENTREVISTA IVONE GEBARA

FD – A edição foi publicada no mês em que o Dia da Mulher é comemorado e sendo março considerado o “mês da mulher”, a *Cult* traz a entrevista de Ivone Gebara, referência no debate feminista, principalmente dentro da religião.

A entrevista lança um olhar para a religião, de forma específica a católica, a partir de uma perspectiva feminista, através do discurso da teóloga e filósofa Ivone Gebara. A revista

constrói sua imagem de autoridade sobre o assunto ao destacar logo na abertura: “autora de mais de trinta livros publicados – entre eles Teologia ecofeminista: ensaio para repensar o conhecimento e a religião (1997) e Rompendo o silêncio: uma fenomenologia feminista do mal (2000)” (*Cult*, março de 2017, edição 221, p.12). Essa configuração da imagem da entrevistada vai além de apenas uma estudiosa do campo, mas também de uma mulher que cresceu dentro da religião, que vivenciou toda a experiência: “[...] aos 72 anos – cinquenta dos quais dedicados à vida eclesial [...]” (*Cult*, março de 2017, edição 221, p.12).

É possível perceber que o discurso da entrevistada não é uma unidade fechada, ele tem uma relação com uma exterioridade constitutiva, ou seja, o interdiscurso, a memória do dizer. Também observamos essa construção discursiva através do acúmulo do já-dito, onde existe reatualização do dizer, uma nova configuração do discurso, como podemos perceber na pergunta: “quais são as raízes dessas forças conservadoras que trabalham para silenciá-la?” (*Cult*, março de 2017, edição 221, p.16) e na resposta da Gebara: “[...] atribuo esse rechaço às formas históricas do monoteísmo, que têm cara masculina – dizer a palavra “Deus” já te joga para um universo de poder masculino” (Gebara, março de 2017, edição 221, p.16). Percebe-se que o discurso se constrói pautado em questões históricas, que são atualizadas conforme o pensamento crítico e o contexto em que a entrevista se insere.

Faria (2001, p. 31) nos diz que o discurso se associa de maneira integrada pelo intradiscurso, que vai se organizar em “um conjunto, uma trajetória de sentidos que se desenvolve ao longo do texto” e pelo interdiscurso que “se constitui por contradição, por oposição a outros discursos” (Faria, 2001, p.31), sendo assim, é possível observar que existe uma lógica na entrevista, em que o feminismo questiona e se opõe ao conservadorismo da religião e toda essa argumentação é construída em um percurso no texto, composto por um acúmulo.

Existe uma relação entre formação discursiva e formação social, que no discurso tanto da revista, quanto de Gebara, qualquer alteração em alguma das duas dimensões iria gerar uma mudança de sentido da outra. Ambas operam no texto segundo as conjunturas sócio-histórico-culturais de um determinado contexto e isso nos conduz à formação ideológica presente tanto nas perguntas, quanto nas respostas. Assim, a forma de condução da entrevista é muito importante para guiar a resposta da entrevistada, pois, em alguma medida, essa estratégia determina o que deveria ou poderia ser dito pelos indivíduos.

A *Cult* em vários momentos busca ressaltar que Ivone Gebara é uma teóloga feminista, para que assim o leitor não construa a imagem de uma mulher conservadora e procura

reafirmar seu perfil com alguns questionamentos que conduzem às ideologias e opiniões da entrevistada, por exemplo: “mesmo a Igreja tendo, nesse momento, um líder considerado progressista e até revolucionário por alguns?” (*Cult*, março de 2017, edição 221, p.16) e Gebara responde: “ele pode ser progressista do ponto de vista da justiça social, da crítica ao capitalismo, mas é conservador no que se refere à compreensão antropológica do ser humano e à aceitação das reivindicações feministas na sociedade” (Gebara, março de 2017, edição 221, p.16). Aqui, consideramos o jornalista como o interlocutor, que para “construir a imagem do sujeito que fala [...] se apoia, ao mesmo tempo, nos dados (Gebara, março de 2017, edição 221, p.16). preexistentes ao discurso - o que ele sabe a priori do locutor - e nos dados trazidos pelo próprio ato de linguagem” (Charaudeau, 2011, p. 115), sendo esta uma das principais estratégias da *Cult* para a construção do *ethos*.

Gebara tem sua imagem como intelectual é projetada não apenas por sua formação, mas também como de militante, que mais que descrever a realidade, indica a necessidade de transformações e isso é enfatizado em vários momentos da entrevista: “[...] Muito me espanta que depois de tantos anos de militância feminista no mundo da religião eu ainda me depare com tamanha sujeição das mulheres a todos esses movimentos de padres cantores, essas curas, religiões de massa” (Gebara, março de 2017, edição 221, p.16).

A entrevistada assume o papel de “intelectual militante¹⁶”, que luta pelos direitos das minorias, neste caso o movimento feminista. A *Cult* procura meios de mostrar que as ideias de Gebara podem contribuir nas ações políticas, causar uma espécie de despertar nos sujeitos sociais, a partir de sua posição dentro da sociedade, como ela mesma se designa “teóloga feminista”.

5.8 GRUPO 3: MOVIMENTOS SOCIAIS - EDIÇÃO 258, JUNHO 2020, ENTREVISTA LUANDA PIRES

FD – Em 2020 começava uma pandemia causada pela Covid-19, que trouxe várias transformações, como o isolamento social, e que também ocasionou em uma crise de saúde pública no Brasil e no mundo. No mesmo ano, o Supremo Tribunal Federal (STF) suspendia a restrição do Ministério da Saúde e da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA)

¹⁶ O termo foi usado nos estudos de Florestan Fernandes, no livro *A Sociologia no Brasil*, 2ª ed., Petrópolis, Vozes, 1980. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/97FbF7S6K8Jwkf4GdKc37Mr/?format=pdf&lang=pt>
Acesso em: 19 jan. 2023

que proibia homossexuais de doarem sangue. É a partir desse gancho que a entrevista de Luanda Pires é conduzida.

A entrevista se inicia através do acúmulo, quando faz um resgate de informações para atualizá-la para o contexto da publicação, como podemos perceber na primeira pergunta realizada: “proibir a doação de sangue ajudou a propagar quais estigmas sobre a população LGBTI+?” (*Cult*, junho de 2020, edição 258, p.8) e também é perceptível na resposta da Luanda Pires: “[...] nos anos de 1980, o vírus era extremamente relacionado à nossa população, mas esse quadro não se mantém. A medicina hoje está muito mais evoluída...” (PIRES, junho de 2020, edição 258, p.8).

Outro elemento importante na condução da entrevista é o interdiscurso, que vai aparecer dentro do acontecimento discursivo, no encontro do histórico com o agora, como podemos observar em uma das perguntas: “na prática, leva tempo para que essas conquistas possam ser de fato vividas pelas pessoas LGBTI+” (*Cult*, junho de 2020, edição 258, p.8) e também na resposta de Luanda: “sim. É o caso, por exemplo, da criminalização da homotransfobia, de 2019” (Pires, junho de 2020, edição 258, p.8).

A revista traz Luanda para falar sobre o tema, não apenas por ser especialista em Direito Homoafetivo e de Gênero, mas por fazer parte da população LGBTI+, dessa maneira ela fala de dois lugares em que seu discurso é legitimado na sociedade, tanto no campo do direito, quanto no papel de ativista dos direitos da população LGBTI+, sendo uma forma de causar mais empatia no leitor em relação ao tema. A *Cult* também insere na forma de conduzir a entrevista sua opinião, em certa medida, sobre a justiça em relação à população LGBTI+, como podemos observar na seguinte pergunta: “se as decisões da Corte muitas vezes não são suficientes para garantir o direito, o que é preciso para vir depois?” (*Cult*, junho de 2020, edição 258, p.9).

Nesta entrevista é interessante perceber como o interdiscurso opera e o seu papel na produção de sentidos, uma vez que ele dará lugar à formação de um pré-construído, que irá funcionar como um elemento regulador das formações discursivas. A entrevista não se pauta apenas na questão do STF, mas traz questionamentos sobre o estigma que essa decisão do Supremo vem ajudar a quebrar, nos mostra a vulnerabilidade dessa população e como a pandemia mostra ainda mais a necessidade de políticas públicas mais eficazes para o movimento. Dessa maneira, essas FDs que se relacionam, dão origem a redefinições sobre o tema em questão, criando-se assim uma identidade discursiva.

Luanda Pires traz um acúmulo em seu discurso, em que existe não apenas o ativismo sobre a causa LGBTI+, mas se pauta na análise da Resolução da Anvisa nº 34/2014, que diz no Art. 25.:

O serviço de hemoterapia deve cumprir os parâmetros para seleção de doadores estabelecidos pelo Ministério da Saúde, em legislação vigente, visando tanto à proteção do doador quanto a do receptor, bem como para a qualidade dos produtos, baseados nos seguintes requisitos: [...] XXX – os contatos sexuais que envolvam riscos de contrair infecções transmissíveis pelo sangue devem ser avaliados e os candidatos nestas condições devem ser considerados inaptos temporariamente por um período de 12 (doze) meses após a prática sexual de risco, incluindo-se: [...] d) indivíduos do sexo masculino que tiveram relações sexuais com outros indivíduos do mesmo sexo e/ou as parceiras sexuais destes (ANVISA, 2014).

A entrevista nos mostra não apenas a maneira como a Luanda mostra suas ideologias e opiniões, mas podemos identificar em suas falas a preocupação com o preconceito sofrido pelos homossexuais e como isso é um fator histórico. O interdiscurso que aparece em seu discurso nos faz pensar como a sociedade internaliza como deve ser sua conduta.

Existe um processo que o autor vai chamar de “socialização primária”, que faz com que o indivíduo se adapte às normas sociais. Tudo começa na família, passando também pela religião, o trabalho e até mesmo, pela escola. Essas “normas” se tornam uma condição na formação de um indivíduo e criam modelos que devem ser seguidos pelas pessoas na sociedade.

Essa questão sobre os modelos que são considerados “ideais” para viver dentro da sociedade pode ser identificada através do interdiscurso em uma das falas de Luanda “vivemos em uma sociedade estratificada, racista e homotransfóbica...” (Pires, junho de 2020, edição 258, p.9). Além disso, quando ressalta “o movimento LGBTI+ brasileiro luta há 40 anos por direitos...” (Pires, junho de 2020, edição 258, p.9).

A entrevistada mostra que esse processo discriminatório, que vem de questões históricas, nos mostra a vulnerabilidade dessas pessoas, mas durante a pandemia isso se tornou ainda mais evidente. Mesmo o Senado tendo aprovado o projeto de lei que proíbe a discriminação de doadores de sangue baseado na orientação sexual, Luanda nos mostra que o Brasil tem muito a evoluir nas lutas sociais.

5.9 PERSPECTIVAS SOBRE A ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Apontamos acima elementos de cada entrevista que nos mostram suas particularidades, mas que possuem uma base para a condução da entrevista: o resgate de um acúmulo, o deslocamento do acontecimento, a legitimação da imagem através do lugar que o intelectual ocupa dentro da sociedade, o lugar dos entrevistados como produtores de um pensamento crítico, a ideologia como marca principal que se insere no interior do discurso. Também, a partir de uma imagem preexistente dentro do campo cultural de ambos os artistas, percebemos uma configuração de maneira histórica e social, que constrói uma moldura onde Criolo e Otto se posicionam para enunciar.

Nas entrevistas que se encontram dentro do campo político, é possível perceber, de uma maneira mais clara, como a revista movimenta suas ideologias no discurso e também suas estratégias no modo de entrevistar. Com Haddad, a necessidade de configurar sua imagem para legitimar o discurso e a ideologia presente foi maior que com a Fátima Bezerra, isso pela representatividade que Haddad tem na política e como a sua figura de fato representa a *Cult*. Percebemos até um método mais “agressivo” na maneira como as entrevistas eram conduzidas, principalmente de Fernando Haddad, em que o resgate da memória, da história, do que já foi dito, do acúmulo, se fizeram essenciais para a construção dos sentidos.

Já nas entrevistas inseridas dentro do grupo dos movimentos sociais, o discurso tanto de Ivone Gebara, quanto de Luanda Pires, são apresentados não apenas do ponto de vista de especialistas dentro do campo, mas também de pessoas que são agentes da ação e por isso possuem propriedade para falar sobre o assunto, além disso, o interdiscurso e o acúmulo são essenciais para a construção do discurso de ambas e das estratégias de condução da entrevista.

Um ponto principal em comum entre os três grupos, ao observar o acúmulo que existe nos discursos, é a perspectiva da temporalidade na entrevista jornalística, em que a persistência em trazer à tona elementos do passado nas perguntas e respostas, não só traz uma reconfiguração do passado, mas uma perspectiva do futuro que não é uma mera repetição do presente.

Aciona-se assim, no leitor, a memória de um acontecimento ou fato importante que ocorreu em certa época, que é reconfigurado na fala do entrevistado. Dessa maneira, o jornalismo cultural da revista vai estabelecer uma ligação entre o visível e o “invisível”, em que o discurso irá refletir vestígios do passado coletivo e transformar a entrevista em um conteúdo “durável”, ou seja, se torna um marco importante dentro daquele contexto histórico.

Ao perceber a estrutura das entrevistas, na primeira página sempre apresenta o perfil do entrevistado, que os caracteriza e contextualiza quem é a pessoa em questão e tem a intenção de garantir uma aproximação maior com o leitor. O texto aparece em forma de diálogo – pergunta/resposta. A forma como o discurso é apresentado, nos mostra as ideologias do entrevistado, que geralmente, vão de encontro com as preferências da revista, principalmente quando se trata da política. É possível visualizar que algumas perguntas são estruturas de maneira a conduzir a resposta do entrevistado. Existe assim uma necessidade de “humanização”, de tornar o entrevistado “gente como a gente”, o que caracteriza em parte as entrevistas. Além disso, transfaz a imagem dos entrevistados para chegarem ao patamar de intelectuais.

Pensando no conceito de intelectual e seus deslocamentos, podemos dizer que a Revista *Cult* em suas entrevistas, movimenta cinco tipos de intelectuais: tradicional, orgânico, midiático, ideológico e público. Bobbio (1997) acredita que os intelectuais são construídos a partir do tempo presente em que se inserem, sendo assim, ao afirmar que a *Cult* opera para construir a imagem dos entrevistados como intelectuais contemporâneos, observamos que este passa a existir a partir desse esforço em legitimá-los como tal, perpassando por essas categorias e os construindo historicamente e socialmente.

Ao pensar na construção dessa imagem intelectual dos entrevistados, devemos levar em consideração que todo indivíduo, em alguma medida, pode ser considerado um intelectual, mas a legitimação dessa produção intelectual e da imagem se dá através mecanismos que operam para que essa transformação aconteça, ou seja, todo indivíduo é capaz de ser um intelectual, mas para que sua imagem seja reconhecida e construída como tal, é preciso que seu discurso, suas produções e suas opiniões sejam reconhecidas pela sociedade e consideradas relevantes, por isso, esse *status* deve ser conquistado. Pedrosa (2019, p.266) vai dizer que “conforme aumenta o reconhecimento social do agente como uma autoridade em sua área de conhecimento maior são suas condições objetivas e subjetivas de transcendê-la na esfera pública, tornando-se um formador de opinião”. Dessa maneira, a *Cult* usa estratégias na condução das entrevistas, para que os entrevistados sejam vistos como intelectuais do seu tempo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Primeiramente, é importante destacar as contribuições do método arqueológico de Michel Foucault (2012), em diálogo com os estudos de Eni Orlandi (2020) e elementos da área da linguística para esta dissertação, que permitiu reconhecer o papel das entrevistas para além da visão tradicional, descrever e objetivar as transformações existentes no discurso das entrevistas, além de possibilitar entender os mecanismos que a *Cult* usa para criar uma identificação com o leitor e legitimar a “personalidade” da revista.

A *Cult* se impõe na construção de um discurso próprio. Nas entrevistas revela-se uma mediação ou um reprocessamento da sua ideologia. Nos anos de 2017, 2018, 2019 e 2020, a presença do tema política é quase unânime, reforçando ainda mais essas percepções e mostrando uma relação de tensão e interesses dentro desse campo.

Percebemos a existência de certas estratégias para a condução da entrevista que ocorrem em um espaço de exterioridade, como a construção da imagem dos entrevistados no discurso; a escolha do vocabulário usado nos discursos e as relações entre o discurso explícito e o implícito, que possibilitam criar um efeito ideológico de sentido. A identidade da *Cult* se configura nessa ideologia, no jornalismo cultural crítico, mas, ao mesmo tempo, erudito, e que em alguns momentos, como na entrevista do Otto, essa erudição parece ser desmistificada quando temos expressões como: “pra caramba”, “esses caras” e “últimos canalhas”. Entretanto, podemos considerá-los mecanismos operados como meio de trazer uma identificação do público com esse intelectual que traz uma visão crítica, defensora frente às causas sociais e conflitos políticos e uma aceitação das suas ideias.

Ainda observamos que através do discurso das entrevistas constituem-se os saberes de um momento histórico, o discurso dos entrevistados se articula pelo saber e poder, em um direito reconhecido institucionalmente, que é organizado e selecionado de maneira que determina o que pode ser dito em um dado momento, por isso não devemos encará-las apenas como opiniões reveladas ou mesmo como um instrumento simplista de coisas ditas.

O *corpus* da pesquisa também nos revelou a importância de considerar a revista como documento/monumento, pois a revista é um documento, um conjunto de práticas históricas produzidas dentro de uma determinada época, ou seja, uma “herança” do passado. Ao encarar primeiramente a revista como um documento observa-se que as entrevistas se fundamentam em fatos históricos, mas ao trazê-las para a perspectiva também do monumento, é possível

fazer o resgate desses acontecimentos por meio da memória e recuperá-los, permitindo a perpetuação do discurso com pleno conhecimento da causa.

As práticas históricas aparecem em dados momentos na entrevista a partir de um acontecimento invisível (Tavares, 2007), construído através do gancho jornalístico, em que podemos afirmar ser um ponto que liga a memória e a atualidade, que é transmitido no discurso por sua relação entre o fato e como é percebido. O seu aparecimento se dá a partir da passagem do acontecimento histórico para o discursivo.

Quando falamos do acontecimento histórico, olhamos para aqueles circunscritos nas formações discursivas, que são resultados de um dado recorte, dessa maneira emerge o acontecimento discursivo. Para perceber esse objeto discursivo é necessário considerar as condições históricas, não se pode falar de qualquer coisa, em qualquer época.

Estabelece-se uma interseção entre o invisível, que é edificado no conjunto das coisas ditas e nas relações existentes, o histórico, a partir da memória do que foi dito anteriormente e ressignificado, e o discursivo, que surge da atualização e da transformação e esses elementos fazem parte da construção do acontecimento jornalístico dentro da revista *Cult*.

De fato, existe um acontecimento jornalístico invisível nas entrevistas, ele está investido na interdiscursividade entendida como memória, nos fragmentos interdiscursivos que, em alguma medida, demarcam a posição do enunciador jornalístico. Desse ponto vista, é possível perceber que o acontecimento jornalístico que existe nas entrevistas parte de circunstâncias discursivas que revelam algo mais dentro dos discursos, em elementos trazidos do passado e reconfigurados para o presente.

Outro ponto importante para se observar é a instituição de uma nova posição-sujeito no interior de uma mesma FD, quando a *Cult* configura a imagem do entrevistado de forma móvel, por exemplo, Otto, como o cantor, mas também o ativista político e pai. Dessa maneira, observa-se a existência também do acontecimento enunciativo, que se dá no interior da formação discursiva, e a partir desse acontecimento surge um novo saber proveniente de outro lugar, surge uma nova forma de enunciar os sentidos. Então, observamos que dentro das formações discursivas das entrevistas é possível a existência tanto do acontecimento discursivo, quanto também do enunciativo, sendo que o primeiro acontece de maneira exterior à FD.

A relação que existe entre o jornalismo cultural da *Cult* e os outros campos nos mostra sua característica como um espaço que seleciona, circula sentidos e constrói conhecimentos, a partir do que é escolhido ser dito e de quem vai participar de forma ativa na construção do

discurso. Isso porque podemos perceber redes interdiscursivas, que são formadas por meio de atualizações e deslocamentos de outros já-ditos, de dizeres que se originaram de campos diversos.

Todas as estratégias que configuram esse JC são organizadas para construir a imagem do(a) entrevistado(a), o seu *ethos*, de maneira que cause empatia do leitor com esse personagem e que seu discurso seja legítimo e relevante, o que observamos como a construção de um intelectual contemporâneo. Almeida (2016, p. 26) considera que as revistas são como uma espécie de estruturas ao campo intelectual e são um “ponto privilegiado para consideração e análise do movimento das ideias e fermentação intelectual” e a Revista *Cult* se insere como um desses produtos da intelectualidade.

Sabemos que a *Cult* trabalha, principalmente, com o intelectual tradicional, em que consideramos os artistas, pensadores, acadêmicos, entre outros, que só por estarem ocupando um espaço na revista já tomam esse papel para si, mas o interessante que a revista, a partir de suas ideologias, constrói a imagem dos “personagens” também a partir do conceito de intelectual orgânico, pautado na concepção de mundo e do contexto histórico-social para desenvolver, à sua maneira, o pensamento crítico do leitor.

Outra característica intelectual que aparece nessa construção da imagem dos entrevistados é a ideológica, principalmente, quando se trata do diálogo com o campo político. Ele se torna uma espécie de guia que traz os seus valores e ideais por meio da expressão de ideias, uma estratégia para a formação do pensamento crítico que a *Cult* propõe. Essa função, digamos assim, de intelectual que a revista propõe para a imagem do entrevistado ao leitor é historicamente construída e também se enquadra dentro do papel do intelectual midiático, pois tenta estabelecer, através de suas opiniões, uma relação de proximidade com a sociedade, tudo isso se deve às transformações do campo intelectual. Todas essas formações e percursos intelectuais diferentes nos levam à imagem dos entrevistados como de comentadores de temas relevantes, que possuem algum embasamento erudito para legitimar e comparar os fatos e opiniões.

Também podemos considerar a visão do intelectual público nas entrevistas da *Cult*, em que os entrevistados ao mesmo tempo em que assumem o papel de especialistas, também são formadores de opinião. Por mais que esse conceito se aproxime do intelectual midiático, o público não está preso apenas à sua especialidade, mas também se atenta às questões que dizem respeito à vida comum, à coletividade e ao Estado, ou seja, não apenas criam saberes,

mas se engajam em diversas causas sejam elas sociais, culturais, educacionais, políticas, entre outras.

Ao longo dos estudos da história dos intelectuais, existem muitas reconfigurações que devem ser repensadas no momento atual. A *Cult* também toma para si esse papel de mediação do intelectual, mas não busca por uma “celebridade” e, sim, uma figura fundamentada na emissão de um discurso crítico, por isso a revista faz o movimento de construir o papel de intelectual contemporâneo ao entrevistado. Dessa forma, quando se trata da intelectualidade na *Cult*, não falamos em uma crise, mas uma transformação possibilitada pelas estratégias usadas no discurso e na configuração do jornalismo cultural-intelectual.

Essa intelectualidade nas entrevistas da *Cult* nos leva a uma leitura em que os textos são tensionados em suas condições históricas. As motivações da revista e os interlocutores produzem e negociam os sentidos.

Por fim, fica evidenciado que as entrevistas da Revista *Cult* possuem um modo de condução estratégica para legitimar suas ideologias e discursos. Além disso, para criar um vínculo, uma identificação com o leitor, a revista faz uma caracterização dos entrevistados de maneira que o público possa enxergá-los como “gente como a gente”, mas sem perder a característica de intelectual. Também foi possível entender que existe elementos no discurso que operam para construir outra imagem de intelectual do entrevistado e, assim, proporcionar uma maior aproximação com o público, mostrando que o seu papel vai além da especialização e que, como formador de opinião, se preocupa com várias causas. Essa construção se dá de forma histórica-social que se transforma de acordo com a necessidade do seu tempo, causando um deslocamento do conceito de intelectual, no caso da *Cult* observa-se da seguinte maneira: tradicional – orgânico – ideológico – midiático – público, essa passagem e apropriação proporciona uma nova percepção da existência e construção de um intelectual contemporâneo, que possui características de cada deles e que vai se tornar uma unidade, como citado anteriormente, uma nova categoria de intelectual: contemporâneo.

REFERÊNCIAS

ABREU, Karen Cristina Kraemer; BAPTISTA, Íria Catarina Queiróz. A história das revistas no Brasil: um olhar sobre o segmentado mercado editorial. **Revista Científica Plural**, v. s/n, p. 1-23, 2010.

ALMEIDA, Rodrigo Davi. Ensaio sobre as contribuições teórico-metodológicas de Jean-François Sirinelli, Jean Paul Sartre e Norberto Bobbio para a história, a definição e a função social dos intelectuais. **Territórios & Fronteiras**, v. 5, nº 1, jan/jul, 2012. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/territoriosefronteiras/index.php/v03n02/article/view/133> Acesso em: 07 jul. 2020

ALTMAN, Fábio. **A arte da entrevista – Uma antologia de 1823 aos nossos dias**. São Paulo, Scritta, 1995

ALVES, Julia Mayra Duarte; PIZZI, Laura Cristina Vieira. Análise do discurso em foucault e o papel dos enunciados: pesquisar subjetividades nas escolas. **Temas em Educação**. v.23, nº 1, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rteo/article/view/19678> Acesso em: 07 jul. 2020

ANTUNES, Elton. Acontecimento, temporalidade e a construção do sentido de atualidade no discurso jornalístico. **Contemporânea**, v. 6, nº 1. Jun.2008, p. 1-21. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/3517/2571> Acesso em: 07 jul. 2020

ARRIBAS, Célia. Pode Bourdieu contribuir para os estudos em Ciências da Religião?. **Numen – Revista de Estudos da Religião**, nº 2, v.15, 2012. Disponível em: <https://periodicoshomolog.ufjf.br/index.php/numen/article/view/21851> Acesso em: 07 jul. 2020

AZEVEDO, Sara Dionizia Rodrigues de. Formação discursiva e discurso em Michel Foucault. **Revista Filogênese – Revista Eletrônica de Pesquisa na Graduação em Filosofia da UNESP**, v. 6, nº 2, 2013. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/#!/filogenese> Acesso em: 07 jul. 2020

AZUBEL, Larissa Lauffer Reinhardt. Jornalismo de revista: um olhar complexo. In **Revista Rumores**, nº 13, v. 7, janeiro-junho 2012, p. 257 – 274. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/58942/64212> Acesso em: 07 jul. 2020

BALLERINI, Frantiesco. **Jornalismo Cultural no Século 21**. São Paulo: Summus, 2015.

BAPTISTA, Iuri Yudi Furukita. A arqueologia do saber de Michel Foucault no campo da comunicação. **Linguagens - Revista de Letras, Artes e Comunicação** ISSN 1981-9943 Blumenau, v. 10, n. 2, p. 275-287, 2016. Disponível em: <https://proxy.furb.br/ojs/index.php/linguagens/article/view/4947> Acesso em: 07 jul. 2020

BENETTI, Marcia. Análise do Discurso: estudo de vozes e sentidos. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia (org.). **Metodologias de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007.

BENETTI, Marcia. **O jornalismo como gênero discursivo**. Galáxia. N. 14. São Paulo: PUC-SP, 2008.

BENETTI, Marcia; HAGEN, Sean. Jornalismo e imagem de si: o discurso institucional das revistas semanais. **Inovações no Jornalismo**, v.7 nº 1, 2010. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2010v7n1p123>

Acesso em: 07 jul. 2020

BERGANZA, Rosa. O contributo da Escola de Chicago para o Jornalismo contemporâneo. As reflexões de Robert E. Park sobre notícia. In: TRAQUINA, Nelson (org). **Jornalismo 2000. Revista de Comunicação e Linguagens**. Lisboa: Relógios D'Água, 2000.

BOBBIO, Norberto. **Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea**. São Paulo: Editora UNESP, 1997.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1970.

BOURDIEU, Pierre. **A Distinção. Crítica social do julgamento**. Porto Alegre: Editora Zouk, 2011.

BOURDIEU, Pierre. **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **Poder simbólico**. Difel: Lisboa, 1989.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão: Seguido de "A influência do jornalismo" e "Os jogos olímpicos"**. Rio de Janeiro, Zahar, 1997.

BOURDIEU, Pierre. The political field, the social Science field and the journalistic field. In: **BENSON, R; NEVEU, E. Bourdieu and Journalistic Field**. London/Malden: Polity Press, 2005.

BRASIL, Luciana Leão. Michel Pêcheux e a Teoria da Análise de Discurso: desdobramentos importantes para a compreensão de uma tipologia discursiva.

Linguagem estudos em pesquisa, v.5, nº 1, 2012. Disponível em:

<https://www.revistas.ufg.br/lep/article/view/32465> Acesso em: 07 nov. 2020

CAMPO, Amanda de Andrade; DELANOY, Claudio Primo. Análise de discurso enquanto teoria-metodológica para estudos em comunicação: possibilidades e deslocamentos de olhares sob sujeitos, enunciados e contextos. **Intexto**, nº 47, p. 251-267, set./dez. 2019. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/83845> Acesso em: 07 nov. 2020

CARVALHO, Beatriz Guimarães de; PINTO, Isabela Rodrigues; NERI, Nathalia Nasser; CARRIEL, Paula Proença; ANDRADE, Rafaela Rodrigues de; ROSA, Márcia Eliane. **Jornalismo Cultural e Mercado Editorial: uma análise sobre a revista Cult**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-1556-1.pdf>
Acesso em: 07 nov. 2020

CARVALHO, Guilherme. Diretrizes para a Análise de Discurso em Jornalismo. **Revista Uninter de Comunicação**, ano 1, nº 1, 2013

CAVALCANTI, Anna de Carvalho. **Jornalismo cultural e personalização: o acionamento do perito nas capas da revista Bravo! (1997-2013)**. Porto Alegre: Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/133747>
Acesso em: 11 nov. 2020

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. São Paulo: Editora Contexto, 2009

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e Discurso: modos de organização**. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido**. Trad. Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, Ed. da Universidade de São Paulo, 1974

DURIGUETTO, Maria Lúcia. A questão dos intelectuais em Gramsci. In: **Serv. Soc. Soc.**, São Paulo, nº 118, p. 265-293, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ssoc/n118/a04n118.pdf> Acesso em: 11 nov. 2020

EAGLETON, Terry. **A Ideia de Cultura**. São Paulo: Editora Unesp, 1997.

ERBOLATO, Mário L. **Técnicas de codificação em jornalismo: redação, captação e edição no jornal diário**. Petrópolis: Vozes, 1985.

ERBOLATO, Mário L. **Jornalismo especializado: emissão de textos no jornalismo impresso**. São Paulo: Atlas, 1981.

ESCOBAR, Andréa Frasseti. **A qualidade da informação na mídia all news e o papel dos intelectuais**. Tese (Doutorado em Mídias e Mediações Culturais) Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: http://www.pos.eco.ufrj.br/site/teses_dissertacoes_interna.php?tease=7
Acesso em: 07 nov. 2020

FARO, José Salvador. Jornalismo e crítica da cultura: a urgência da nova identidade. In **Revista Fronteiras – estudos midiáticos**. Volume 14, nº 3. São Leopoldo (RGS): Unisinos, 2012. Disponível em:

<http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/fem.2012.143.02>

Acesso em: 11 nov. 2020

FARO, José Salvador. Jornalismo cultural e presença intelectual na esfera pública. In **Dossiê Mídia, Intelectuais e Política**, v. 16, nº 2, p. 60-72, 2013. Disponível em:

www.pos.eco.ufrj.br Acesso em: 11 nov. 2020

FARO, José Salvador. Nem tudo que reluz é ouro: contribuição para uma reflexão teórica sobre o jornalismo cultural. In: **Comunicação & Sociedade**, ano 28, nº 46, p. 143-163, 2006. Disponível em:

<https://www.metodista.br/revistas/revistasims/index.php/CSO/article/view/3871/3384>.

Acesso em: 07 nov. 2020

FERREIRA, Nilce Vieira Campos. **O texto oficial: aspectos gerais e interpretações**. Artigo apresentado no Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais (SIGET), 2007, p. 2381-2390. Disponível em:

http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo_212.pdf

Acesso em: 19 jan. 2020

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a análise do discurso em educação. **Cadernos de Pesquisa**, n. 114, novembro/ 2001 Cadernos de Pesquisa, nº 114, p. 197-223, 2001.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/cp/a/SjLt63Wc6DKkZtYvZtzgg9t/?format=pdf&lang=pt>

Acesso em: 19 jan. 2020

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989; 2012.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. **As Palavras e as coisas**. Lisboa: Portugalá, [s/a.].

FOUCAULT, Michel. **L'Ordre du discours**. Paris: Gallimard, 1971.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. São Paulo: Graal, 2004.

FOUCAULT, Michel. **O Que é um autor?** Lisboa: Vega/Passagens, 1992a.

FAUSTO NETO, Antônio. **Mortes em derrapagem: Os casos Corona e Cazuza. No discurso da comunicação de massa**. Rio de Janeiro: Rio Fundo Ed., 1991.

FRANÇA, Vera Veiga. **Jornalismo e vida social: a história amena de um jornal mineiro**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998. 260 p.

FRANÇA, Vera. **O acontecimento e a mídia.** *Revista Galáxia*, São Paulo, n.24, 2012. p. 10 a 21. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/12939>
Acesso em: 19 jan. 2020

GADINI, Sergio Luiz. **A Cultura como Notícia no Jornalismo Brasileiro.** Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro: Secretaria Especial de Comunicação Social, 2003.

GADINI, Sergio Luiz. A lógica do entretenimento no jornalismo cultural brasileiro. **Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura**, v. 9, 2007. Disponível em:
<http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/153939> Acesso em: 19 jan. 2020

GADINI, Sergio Luiz. **Interesses Cruzados – A produção da Cultura no jornalismo brasileiro.** São Paulo: Editora Paulus, 2009.

GARRETT, Annette. **A entrevista, seus princípios e métodos.** Rio de Janeiro: Agir, 1981.

GOERISCH, Darya Valeska Aksinya. **A entrevista jornalística: um encontro especial entre sujeitos.** Rio de Janeiro, 2013. Disponível em:
<https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/3861?mode=full> Acesso em: 19 jan. 2020

GOMES, Antonio Marcos Tosoli. Análise de discurso francesa e teoria das representações sociais: algumas interfaces teórico-metodológicas. **Psicologia e Saber Social**, 4(1), 3-18, 2015. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/psi-sabersocial/article/view/17558>
Acesso em: 19 jan. 2020

GOMES; Daniel Loureiro; LEITE, Marília Fernanda Pereira. A Arqueologia do Saber: um roteiro de leitura. **Revista Moara**, vol.1, nº 57, 2020. Disponível em:
<https://www.periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/viewFile/9735/6708> Acesso em: 19 jan. 2020

GOMES, Roger Marcelo Martins. A arqueologia do saber: uma proposta metodológica para a análise do discurso em história. Aracaju: **Interfaces Científicas - Humanas e Sociais**, v. 6, nº 3, p. 19 – 26, 2018. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/humanas/article/view/3181>
Acesso em: 01 ago. 2020

GONÇALVES, Teresa Albuquerque Ribeiro. **Jornalismo cultural no Jornal Vanguarda durante o estado novo no Piauí.** Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Piauí, 2018. Disponível em:
<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/12o-encontro-2019/gt-historia-da-midia-impressa/perfil-do-jornalismo-cultural-do-jornal-vanguarda-durante-o-estado-novo-no-piaui/view> Acesso em: 01 ago. 2020

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura.** Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982; 1991.

GRANDO, Carolina Pompeo. **Elementos para um estudo do *ethos* discursivo do jornalismo: análise da seção editorial de Carta Capital**. Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, 2012. <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/100682> Acesso em: 01 ago. 2020

GREGOLIN, Maria do Rosario. **Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades. Comunicação, Mídia e Consumo**. v. 4, n. 11, p. 11-25, 2007.

GREGOLIN, Maria do Rosario. A autoria: entre a memória do dizer e seus deslocamentos. **Revista do Gel**, [s/a]. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/rg> Acesso em: 01 ago. 2020

HOGEMANN, Edna Raquel. Campo intelectual e formação do conhecimento, um contributo de Pierre Bourdieu à academia. **Revista de direito da UNIGRANRIO**, v. 9, nº 2, 2019. Disponível em: <http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/rdugr/article/view/5917> Acesso em: 01 ago. 2020

JÚNIOR, Sérgio da Silva Machado; SILVA, Giuslane Francisca da. O discurso em Michel Foucault. **Revista Eletrônica História em Reflexão**, v.8 nº 6, 2014. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/historiaemreflexao/article/view/3821> Acesso em: 01 ago. 2020

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LAGE, Nilson. **Ideologia e técnica da notícia**. Petrópolis: Editora Vozes, 1979.

LAGO, Edith Lucia Mendes; ABRAHÃO, Ana Lúcia; CHAGAS, Magda de Souza; SOUZA, Ândrea Cardoso de. Pesquisa na saúde: um ensaio sobre o conceito de acontecimento. **Interface: comunicação, saúde e educação**, 2022, p. 1-10. Disponível em: https://web.archive.org/web/20220523215713id_/https://www.scielo.br/j/icse/a/5zY9DnPwsNbMzbps794kBdk/?lang=pt&format=pdf Acesso em: 01 ago. 2020

LE GOFF, Jacques. **A Civilização do Ocidente Medieval**. Lisboa: Estampa, 1983.

LOMBARDI, Giovanni. **Gramsci e l'educazione deram figli**. In: VV. AA., Gramsci e la cultura contemporanea II (Atti del Congegno di Cagliari, 1967). Roma: Riuniti, 1975.

LOPEZ, Debora; FREIRE, Marcelo. **O jornalismo cultural além da crítica: um estudo das reportagens na revista Raiz**. Universidade de Ouro Preto, 2004b. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/lopez-debora-freire-marcelo-jornalismo-cultural.pdf> Acesso em: 01 ago. 2020

MAINGUENEAU, Dominique. A propósito do ethos. In: MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana. **Ethos discursivo**. São Paulo: Contexto, 2008; 2011. Disponível em:

<https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/issue/view/124>

Acesso em: 01 ago. 2020

MAINGUENEAU, Dominique. **Cenas da enunciação**. Organizado por Sírio Possenti e Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva e tradução de Sírio Possenti. Curitiba: Criar, 2006.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas: Pontes; Unicamp, 1993.

MANNHEIM, Karl. **Ideologia e utopia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

MANNHEIM, Karl. **Sociologia da Cultura**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

MARQUES DE MELO, José. **A opinião no jornalismo brasileiro**. São Paulo: Vozes, 1985.

MARTINS, Geraldo Inácio; JUNIOR, João Cleps. **Nas tramas do discurso: possibilidades teóricas e metodológicas em Michel Foucault**. Rio de Janeiro: EDUERJ, p. 69-88, 2013; 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.7476/9788575114438.0006>. Acesso em: 07 jul. 2020

MATOS, Mayana Alencar de. **Intelectuais midiáticos: relações entre os campos intelectual e jornalístico em veículos impressos do Brasil**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade como requisito parcial à obtenção do grau de mestre em Comunicação e Sociedade. Palmas, 2018. Disponível em: <http://umbu.uft.edu.br/handle/11612/1144> Acesso em: 07 jul. 2020

MCNAIR, Brian. **The sociology of Journalism**. Nova Iorque: Oxford University Press, 1998.

MEDINA, Cremilda Araújo. **Entrevista, o Diálogo Possível**. São Paulo: Editora Ática, 1986; 2011.

MELO, Isabelle Anchieta de. **Jornalismo Cultural: Pelo encontro da clareza do jornalismo com a densidade e complexidade**, 2012. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/melo-isabelle-jornalismo-cultural.pdf> Acesso em: 07 jul. 2020

MIGUEL, Luis Felipe. Bourdieu e o “pessimismo da razão”. **Tempo Social-Revista de Sociologia da USP**, v. 27, nº 1, 2015, p. 197-216. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ts/a/kC3WWRwSVPZJ7x7MQj4hqwh/> Acesso em: 07 jul. 2020

MIGUEL, Luis Felipe. Jornalismo como sistema perito. **Tempo Social-Revista de Sociologia da USP**, 1999. p. 197-208. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-20701999000100011&script=sci_abstract&tlng=pt Acesso em: 07 jul. 2020

MORAIS, Hugo Arruda de. Michel Foucault e o discurso: as implicações teórico metodológicas da análise do discurso a partir das perspectivas da arqueologia do saber e da genealogia do poder. **Revista Movimentos Sociais e Dinâmicas Espaciais**, v. 6, nº 2, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistamseu> Acesso em: 07 jul. 2020

MORIN, Edgar. **A Entrevista nas Ciências Sociais, no Rádio e Televisão**. 1966

MÜHLHAUS, Carla. **Por trás da Entrevista**. Record, 2007.

MOUILAUD, Maurice; PORTO, Sérgio D. **O jornal da forma ao sentido**. Brasília: Paralelo 15, 1997.

NECCHI, Vitor. Entrevista em Revista: a eternização do diálogo e a percepção do mundo trazida em respostas. In **A Revista e seu Jornalismo**. TAVARES, Frederico de Mello Brandão. Orgs. SCHWAAB, Reges, p. 161 – 175. Porto Alegre: Penso, 2013.

NETO, Guilherme Imbiriba Guerreiro. **O discurso de legitimação do jornalismo**. Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/122820> Acesso em: 19 jan. 2020

OLIVEIRA, Guilherme Magalhães Vale de Souza. **Da popularização da filosofia à expertise filosófica: uma problematização do papel do intelectual na mídia (Revista Cult 1997-2013)**. Dissertação apresentada à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Educação. São Paulo, 2015. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/002701843> Acesso em: 09 mai. 2020

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 1999; 2007.

ORLANDI, Eni. **Discurso e Leitura**. São Paulo, Cortez Editora, 2008

ORLANDI, Eni. **Discurso em Análise: sujeito, sentido, ideologia**. Campinas: Pontes, 2012.

PÊCHEUX, Michel. **Discurso: estrutura ou acontecimento?**. Campinas: Pontes, 1990.

PEDROSA, Mario. Vicissitudes do intelectual público: um estudo de caso sobre Mário Pedrosa (1944-1968). **Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo, Vol. 55, N. 2, p. 265-275, mai/ago 2019. Disponível em: https://revistas.unisinos.br/index.php/ciencias_sociais/article/view/csu.2019.55.2.12 Acesso em: 19 jan. 2020

PEDROSA, Mario. **Análise de Discurso**. São Paulo: Pontes, 2011

PEREIRA, Fábio Henrique. **Os jornalistas-intelectuais no Brasil: identidade, práticas e transformações no mundo social**. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do título de doutor em Comunicação. Brasília, 2008. Disponível em:

<http://www.realp.unb.br/jspui/handle/10482/1155> Acesso em: 11 nov. 2020

PIZA, Daniel. **Jornalismo cultural**. São Paulo: Editora Contexto, 2004.

REICH, Zvi; GODLER, Yigal. The disruption of journalistic expertise. In **Rethinking Journalism Again: Societal role and public relevance in a digital age**, London, 2017, Chapter 4.

REIS, Matheus Gonçalves dos. **Professor: um intelectual orgânico das camadas populares? Considerações a partir de Antonio Gramsci**. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de mestre em Educação. Campinas, 2019. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/> Acesso em: 19 jan. 2020

Revista Cult. O grito preso de Otto. São Paulo, SP: Editora Bregantini, edição 222, abril de 2017, p. 18-23.

Revista Cult. Criolo: ‘A força do medo é a ferramenta maior do mal’. São Paulo, SP: Editora Bregantini, edição 240, novembro de 2018, p. 12-15.

Revista Cult. Uma rebelde no rebanho. São Paulo, SP: Editora Bregantini, edição 221, março de 2017, p. 12-17.

Revista Cult. Luta permanente. São Paulo, SP: Editora Bregantini, edição 258, junho de 2020, p. 8-11.

Revista Cult. Para democracia se consolidar precisamos de mulheres na política. São Paulo, SP: Editora Bregantini, edição 241, dezembro de 2018, p. 12-15.

Revista Cult. Um professor. São Paulo, SP: Editora Bregantini, edição 246, junho de 2019, p. 10-16.

RIVERA, Jorge. **El periodismo cultural**. Buenos Aires: Paidós, 1995.

ROCHA, Décio; DAHER, Maria Del Carmen; SANT’ANNA, Vera Lúcia de Albuquerque. A entrevista em situação de pesquisa acadêmica: reflexões numa perspectiva discursiva.

Polifonia, v. 8, nº 8, 2004. Disponível em:

<https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/1132> Acesso em: 19 jul. 2020

RODRIGUES, Adriano Duarte. O acontecimento. In: **TRAQUINA, Nelson (org.). Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Vega, 1993. p: 27-33.

ROUCHOU, Joëlle. **Entrevista na história oral e no jornalismo**. João Pessoa: ANPUH – XXII Simpósio Nacional De História, 2003. Disponível em: <http://www.encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/anpuhnacional/S.22/ANPUH.S22.359.pdf> Acesso em: 07 jul. 2020

SCALZO, Marília. **Jornalismo de revista**. São Paulo: Editora Contexto, 2004.

SILVA, Gislene. De que campo do jornalismo estamos falando?. **Matrizes**, Ano 3 – nº 1 ago./dez. 2009. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/38248> Acesso em: 01 jan. 2021

SIQUEIRA, Vinicius. **Raridade, exterioridade, acúmulo – Arqueologia do Saber**, 2016. Disponível em: <https://colunastortas.com.br/raridade-exterioridade-acumulo-arqueologia-do-saber/> Acesso em: 01 jan. 2021

STORCH, Laura. **O leitor imaginado no jornalismo de revista: uma proposta metodológica**. Tese submetida ao Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Porto Alegre, 2012. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/55389> Acesso em: 11 jan. 2021

TAVARES, Frederico de Mello Brandão. Jornalismo especializado e a mediação de um *ethos* na sociedade contemporânea. In: **Contemporânea**, vol. 6, nº 2, 2007d.

TAVARES, Frederico de Mello Brandão. “Entre objeto”, “objetos no entre”: Revista, Jornalismo Especializado e Qualidade de Vida. In: **Revista Em Questão**. v. 25, nº 3, 2008.

TAVARES, Frederico de Mello Brandão. O jornalismo especializado e a especialização periodística. **Estudos em Comunicação**, nº 5, p. 115-133, 2009. Disponível em: <http://www.ec.ubi.pt/ec/05/pdf/06-tavares-acontecimento.pdf> Acesso em: 11 jan. 2021

TAVARES, Frederico de Mello Brandão. Sobre o jornalismo de revista e o seu infinito singular. **Contracampo**, nº 25, 2012. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/17273/10911> Acesso em: 07 fev. 2021

TAVARES, Frederico de Mello Brandão; SCHWAAB, Reges Toni. O tema como operador de sentidos no jornalismo de revista. **Galáxia**, nº18, dezembro, 2009, p. 180-193. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3996/399641244015.pdf> Acesso em: 07 fev. 2021

THIRY-CHERQUES, Hermano Roberto. À moda de Foucault: um exame das estratégias arqueológica e genealógica de investigação. **Lua Nova - Revista de Cultura e Política**, São Paulo, p. 215-247, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ln/a/pcFq8fmfKs3tvS9z5ZRxGCD/?lang=pt> Acesso em: 07 fev. 2021

THIRY-CHERQUES, Hermano Roberto. Pierre Bourdieu: a teoria na prática. **Revista de Administração Pública**. Rio de Janeiro: p. 27-55, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rap/a/3bmWVYMZbNqDzTR4fQDtGrs/abstract/?lang=pt> Acesso em: 07 fev. 2021

TINHORÃO, José Ramos. **Mitos do jornalismo cultural**. Anuário Cásper Líbero, n. 1, p. 47-50, 1999.

TRAVANCAS, Isabel. **A entrevista no jornalismo e na antropologia**. In: Marocco, B. (Org.). *Entrevista na prática jornalística e na pesquisa*. Porto Alegre: Libreto, p. 15-30, 2012.

TRAVANCAS, Isabel. **O livro no jornal: os suplementos literários dos jornais franceses e brasileiros nos anos 90**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

TSUTSUI, Ana Lúcia Nishida. **Revista Cult - Canal de expressão pública da Produção intelectual**. Dissertação apresentada em cumprimento parcial às exigências do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo, 2006. Disponível em: <http://tede.metodista.br/jspui/handle/tede/846?mode=full> Acesso em: 05 mai. 2019

TUCHMAN, Gaye. **La producción de la noticia: estudio sobre la construcción de la realidad**. Barcelona: Gili, 1983.

VIEIRA, Carlos Eduardo. Intelligentsia e intelectuais sentidos, conceitos e possibilidades para a história intelectual. **Revista Brasileira de História de Educação**, v. 8, nº. 1, janeiro-abril, 2008, p. 63-85. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5761/576161072007.pdf> Acesso em: 11 jul. 2023

VILAS BOAS, Sergio. **O estilo magazine; O texto em revista**. São Paulo: Editora Summus Editorial, 1996.

VIZEU, Alfredo. A produção de sentidos no jornalismo: da teoria da enunciação à enunciação jornalística. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, nº 22, p. 107-116, dezembro 2003. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3241/2501> Acesso em: 05 jul. 2020

WASSERMAN, Claudia. História intelectual: origem e abordagens. **Tempos Históricos**, v. 19, 1º Semestre de 2015, p. 63-79. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6802595> Acesso em: 11 jul. 2023

WEBER, Sueli Wolff. **Gramsci e Vygotsky: na educação para os excluídos**. Dissertação de mestrado apresentada para obtenção do título de mestre no Curso de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC. Florianópolis, 1998. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/77359/193540.pdf?sequence=1> Acesso em: 11 jul. 2023

ANEXO A – ENTREVISTAS REVISTA CULT 2017 – 2020



ENTREVISTA

GRITO PRESO DE OTTO

AMANDA MASSUELA | FOTO MARCUS STEINMEYER

OTTO MUDOU DE ARES. PARA FICAR MAIS próximo da filha, Betina, de 12 anos, saiu do Vidigal, no Rio de Janeiro, e passou a viver em São Paulo, onde leva uma rotina “tranquila e serena”. É na capital que o músico finaliza seu sexto disco de estúdio, *Ottomatopeia*, produzido por Pupillo, da Nação Zumbi, com previsão de lançamento para maio. “É como se um filho fosse nascer e eu não sei o sexo, mas o amor é grande”, diz o músico à reportagem da CULT. “Trabalho todo dia e não paro nunca. É na crise que sobrevivem os fortes e eu nunca parei para lamentar”.

Ottomatopeia vem depois dos elogiados *Certa manhã acordei de sonhos intranquilos*, de 2009, e *The moon 1111*, de 2012. Um disco “humano”, diz Otto, que reflete sobre o lugar de cada um em meio ao turbilhão político de nossos tempos “torturantes”. Mas faz isso enquanto fala de amor, que é de onde o músico nasceu e criado no agreste pernambucano, em um mundo macho e duro, decifra as coisas com mais facilidade.

CULT É verdade que o disco novo é mais rock'n roll?

OTTO Tem mais guitarra, está mais psicodélico. Mas tem música brasileira antiga, jazz, eletropop, anos 80. É bem contemporâneo, situado nesse momento dentro e fora do Brasil, mas fala muito de amor, que é por onde eu entendo melhor a realidade. É um disco humano, quase que um caminho desses tempos torturantes de agora, em que o ser humano vive essa impotência diante do mercado e da política. Vem bem carregado desse grito preso, do lado marginal do ser humano, os direitos perdidos, os novos códigos, o trans, o hétero. Tento conceituar por aí. Acho que chegamos num período em que conquistamos coisas, o mundo deu uma andada para frente, mas agora está em marcha a ré. As coisas estão regredindo, e o medo, a insegurança e a tortura estão dentro disso aí.

CULT Como sente o país hoje?

OTTO O Brasil deteriorou-se. Afundou, está experimentando o gosto podre dos seus atos irresponsáveis, difamatórios, do seu alto poder corruptivo e das mazelas do tempo, da miséria histórica. Realmente a fratura democrática deste golpe foi profunda. A sensação é que, para existir esse escárnio político, estamos vivendo uma tortura incomensurável, sem precedentes. Tenho a impressão de que uma quadrilha tomou o poder. E a possibilidade de que a justiça seja feita transforma esses aventureiros em criminosos de alta periculosidade. Fora a imprensa que constrange de tão vulgar.

CULT Mas ao mesmo tempo que trata desses temas, o disco fala de amor.

OTTO Nesse turbilhão precisamos ver com amor, enxergar as coisas com mais humanidade.

CULT A mudança para São Paulo impactou de alguma maneira a produção do *Ottomatopeia*?

OTTO Profissionalmente, sim. Pupillo [produtor do disco] está aqui, meu empresário está aqui. São Paulo tem um vigor de trabalho que acelerou mais esse processo. Eu estava no Vidigal, mas estava muito só, com a minha filha Betina longe, vivendo aqui. E o Vidigal é meio isolado, com aquele marzão, o que é muito bom, mas São Paulo me deu um 'vai à luta'.

CULT Como está sendo esse contato com a Betina?

OTTO Estamos começando a nos entender, ela está começando a aceitar a casa. Está melhorando. Ela tem 12 anos e parece uma garota de 16 do meu tempo. Ela tem muita informação. E acho que as próximas décadas vão ser mais rápidas ainda. Daqui a pouco ela tem 18 e já está me alcançando.

“A SENSACÃO É QUE,
PARA EXISTIR ESSE
ESCÁRNIO POLÍTICO,
ESTAMOS VIVENDO
UMA TORTURA
INCOMENSURÁVEL,
SEM PRECEDENTES.
TENHO A IMPRESSÃO
DE QUE UMA
QUADRILHA TOMOU
O PODER

CULT Você se preocupa em dar uma educação, digamos, feminista a ela?

OTTO Feminista acho que ela já é. Betina já é muito indomada, é dura comigo, é dura com qualquer um. Mas essa coisa do feminismo ela vai adquirir com o tempo, com as amigas e com as próprias experiências. Eu não sou um pai careta – isso eu não poderia ser –, não sou um pai proibitivo e acho que vejo muito mais pelo lado do filho do que dos pais. O mais importante é estar ao lado dela. Por exemplo, ela já não tem essa coisa de gênero, namorada ou namorado, ela não enxerga mais isso. Qualquer coisa ela já diz: “isso é bullying” ou “isso é racismo”. Ela poderia ouvir e ficar calada, mas fala. A mãe dela [a atriz Alessandra Negrini] também tem um lado muito forte – e não é nem feminista, não sei nem julgar –, mas dentro desse tempo eu acho a Betina bem situada, bem rígida. Elas já estão vindo assim.

CULT Fui à manifestação do dia 8 de Março na Avenida Paulista [em São Paulo] e vi muitas meninas da idade dela ali, de rosto pintado, segurando cartazes. Você percebe as meninas da geração dela mais atentas a esses temas?

OTTO Com a informação que elas têm hoje, vai ser um processo natural essa busca por igualdade. É bonito ver. Passei muito tempo da minha vida – sou de 1968 – num mundo machista, e hoje eu vivo aprendendo a conter esses sentimentos. Tento ser um homem mais dócil. ➡➡



Otto, 49, em seu apartamento,
região central da cidade São Paulo

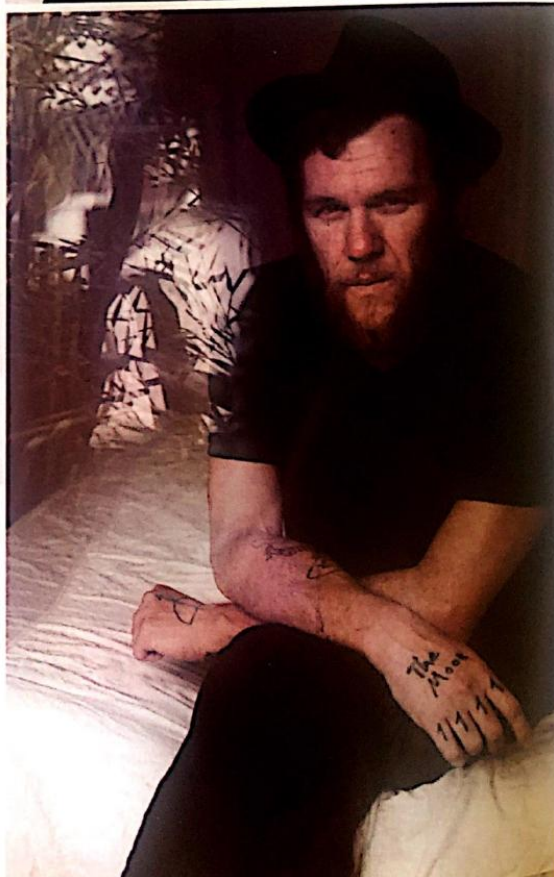
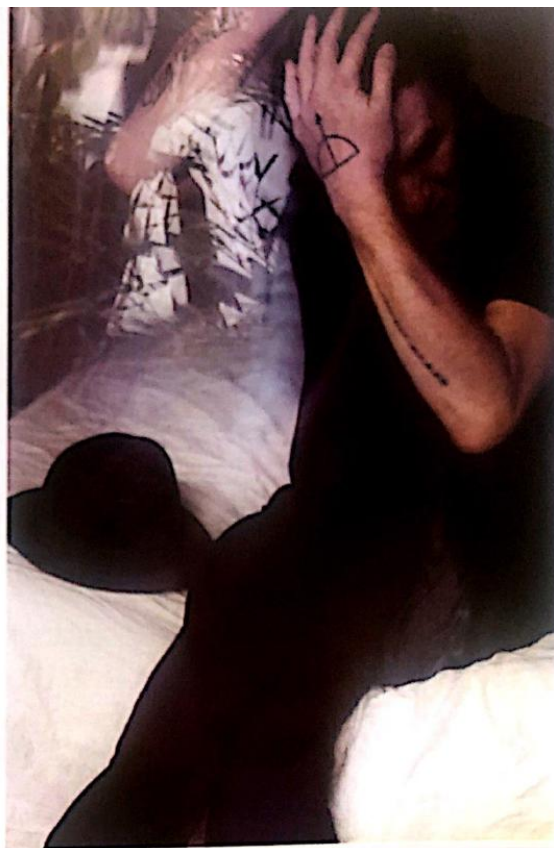
ENTREVISTA OTTO

■ Você foi criado para ser 'cabra macho'?

OTTO Eu vi meu pai agredir minha mãe e isso mexeu muito comigo. Talvez a minha sensibilidade venha dessas questões. Eu fui criado num mundo macho, pernambucano, duro, mas eu sempre tive uma boa relação, por escolha, com as mulheres. No Recife tinha muito aquelas festas em que ficavam homens de um lado e mulheres de outro, e eu sempre ficava do lado delas. Acho a escolha da mulher mais sensata do que a irresponsabilidade do homem. Tive uma mãe muito parceira, que me mostrou como ela tinha mais força do que a gente, como tinha mais força do que meu pai. Confio muito mais numa mulher política, administradora, do que em um homem. Mas acho que ser homem é uma coisa muito valerosa também. Conheço muitos pais e amantes valorosos – lá mesmo no Nordeste conheci pais de família geniais. Isso também me formou muito. Não foi um exemplo da minha casa, foi o exemplo que vi na vida. E há um valor aí que temos que buscar como homens. Tem coisas das quais me afastei, não consigo ficar numa mesa de bar falando de futebol e de mulher.

■ Você já disse em algumas entrevistas que às vezes se sente uma *persona non grata* nesses "clubes do Bolinha" masculinos. Ainda sente isso?

OTTO Claro, eu sou isolado [risos]. Eu tive que me afirmar na música, nos lugares, e qualquer coisa neguinho já vinha pra cima de mim. Tive a oportunidade, mesmo não tendo uma família de músicos, de cantar e de tocar, mas eu sempre tive que mostrar muito. Quando fiz meu primeiro disco [*Samba pra burro*, de 1999], senti que ele veio com uma luminosidade, mas que por não ser muito comercial eu tinha que trazer algo melhor, e aí já comecei a levar lapada. Tem aquela coisa de que primeiro você mata a cobra e depois mostra o pau. Eu mostrei o pau e neguinho fez "olha, sem a cobra não dá". Fui lá matei a cobra, trouxe a cobra morta. Neguinho disse "Otto, essa cobra podia estar morta". Agora eu chego matando a cobra na frente de todo mundo,



“EU TINHA UMA GANA DE VIRAR CANTOR E DE CONSTRUIR UM PÚBLICO, EU NÃO ERA AQUELE CARINHA QUE JÁ ERA MÚSICO DESDE PEQUENO, MAS AGORA ESTOU COMEÇANDO A ENTENDER QUE POSSO TER MAIS CALMA PORQUE ESSES DISCOS JÁ MOSTRARAM ALGUMAS COISAS BEM FORTES

esganando [risos]. Eu tenho que ter essa entrega. Eu canto, danço o show todo, tiro a roupa, jogo água na cabeça. Eu saio morto. Tenho 49 anos e não faço tantos exercícios, é uma luta, mas essa essência muito intensa talvez eu esteja parando. Eu tinha uma gana de virar cantor e de construir um público, eu não era aquele carinha que já era músico desde pequeno, mas agora estou começando a entender que posso ter mais calma porque esses discos já mostraram algumas coisas bem fortes. Eu sou de uma nação, tenho uma música, uma cultura, um público. Existem todas essas mazelas do nosso país, da nossa vida e eu estou aqui para... [pausa]. Eu defendo, eu canto, eu junto gente, eu tenho opinião, o que é até meio arriscado.

CULT Você deixa bem claros os seus posicionamentos políticos.

OTTO Mas muito, eu me posiciono, eu sofro pra caramba. Principalmente com a inverdade, a forma como a nossa democracia e o voto foram usurpados. Tivemos um blogueiro sendo conduzido coercitivamente até a Polícia Federal, já começaram a pegar jornalistas. Esse meu disco tem um lado maravilhoso de luz, e outro que eu remeto a 1964, por exemplo, porque se a gente não falar de tortura, de censura, a coisa vai acochar mais. Que a gente fique atento a esse Estado conservador, culpado, covarde, que ataca as minorias. O que mais me pega é que os ricos vão continuar ricos e protegidos, cada vez mais. Mas para isso existe um povo que vai continuar desprotegido e pobre.

CULT É otimista em relação ao futuro?

OTTO A arte, mesmo no naufrágio e na tragédia iminentes, é otimista. Somos restauradores do universo e acredito que o mundo se transformará em breve. Esse mundo anda precisando de paz e consciência. O Brasil vai virar essa página triste. Esses caras são as faces conservadoras de um mundo que já mudou, são os últimos canalhas do gênero. Mas virá um mundo novo cheio de esperança e paz. ■

www.travessa.com.br

Encontros Malê na Travessa

Evento gratuito



**Martinho
da Vila**

15.05 | seg | 19h | Travessa Leblon
Afrânio de Melo Franco, 290 lj. 205A

Conversas Cariocas | Lançamento do livro
O olhar do músico e escritor para a cidade do Rio de Janeiro e suas expressões culturais negras.



**Muniz
Sodré**

16.05 | ter | 19h | Travessa Botafogo
Voluntários da Pátria, 97

A lei do Santo | Lançamento do livro
O escritor conversa sobre a cultura afro-brasileira na literatura e na educação.



**Conceição
Evaristo**

17.05 | qua | 18h | CCBB RJ
Primeiro de Março, 66

Poemas da recordação e outros movimentos

A escritora conversa sobre a mulher negra na literatura brasileira.



**Ernesto
Xavier**

18.05 | qui | 19h | Travessa Botafogo
Voluntários da Pátria, 97

Senti na pele | Lançamento do livro
O jornalista conversa sobre o projeto Senti na pele e o racismo à brasileira.

LIVRARIA DA TRAVESSA



ENTREVISTA

POESIA DE CONCRETO

FERNANDA PAOLA • FOTO GIL INOUE

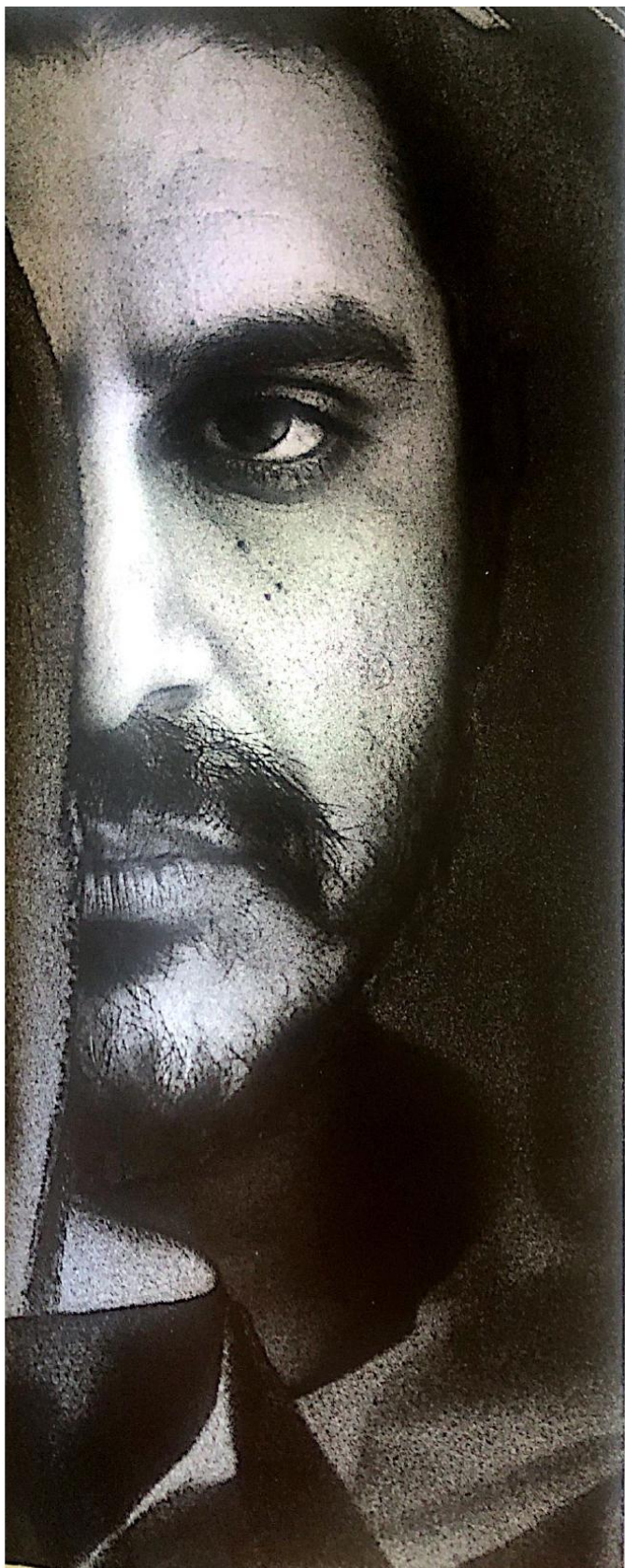
Uma porta escondida na Avenida 9 de Julho, número 610, em São Paulo, guarda a ocupação do Movimento Sem Teto do Centro (MSTC) desde 2016. Foi lá que Kleber Cavalcante Gomes, o Criolo, marcou a entrevista com a CULT. Com a música e o clipe de “Boca de lobo” recém-lançados, às vésperas do segundo turno das eleições presidenciais no Brasil, havia muito a ser dito. A “peça de vídeo”, lançada no dia 30 de setembro, até o fechamento desta edição, tinha passado de 1,5 milhão de views. Dirigido por Cisma (Denis Kamioka) e Pedro Inoue, traz referências que vão do assassinato da vereadora Marielle Franco à prisão de Rafael Braga, da manifestação dos secundaristas e da tragédia de Mariana ao incêndio do prédio no Largo do Paissandu, em São Paulo. É a maior crítica audiovisual da atualidade. “Passa um ano, três anos, 20 anos, 50 anos, 200 anos, 300 anos e tudo vai ficando sem resposta. Eles criam um ambiente para que a gente exercite o esquecimento. Ali é praticamente uma linha do tempo recente do tanto de coisas ruins que ofereceram para todos nós”, afirma o músico.

Nascido na zona sul de São Paulo, Criolo viveu os primeiros anos em um porão no Jardim São Bernardo. Depois seguiu com a família para o Jardim das Imbuías, até chegarem ao Grajaú, onde passou a adolescência e a juventude. Foi lá que ouviu o primeiro rap, aos 11 anos, idade em que começou a escrever. Cantou aos 13, no Jardim Maracá; sua primeira vez. Mas o sucesso e o reconhecimento nacional e internacional aconteceram quando ele tinha 35 anos: “É difícil acreditar que coisa boa pode acontecer. Leva tempo. Toda hora acha que vai acordar do sonho, que vão tomar coisas de você”.

Cinco discos lançados depois, aos 43 anos, o compositor de clássicos como “Duas de cinco” e “Não existe amor em SP” já provou que consegue passear pelo estilo que quiser – *Espiral de ilusão*, de 2017, colocou todo mundo para dançar samba. E, apesar do músico não entregar muitos detalhes sobre a próxima obra, “Boca de lobo” dá o recado, e Criolo também: “O rap nasce do desejo de transformação, de oferecer diálogo, de apresentar caminhos para uma real transformação”.

CRIOLO

lança “Boca de lobo”, crítica audiovisual à ‘linha do tempo do tanto de coisas ruins que ofereceram para todos nós’



QUIA A letra de “Boca de lobo” é contundente, assim como a estética do vídeo. É possível encontrar referências que vão de Marielle Franco e Rafael Braga à tragédia de Mariana. Como foi a construção estética e poética da obra?

CRIOLO Eu estava gravando a letra fazia um tempo, e no momento que a gente decidiu gravar a música, o Ganja [Daniel Ganjaman, produtor da faixa e dos discos de Criolo] quis chamar o Nave [produtor musical] para participar do processo de construção da batida, e a gente sentia que era muito importante ter imagem junto a essa expressão musical. Aí veio na nossa cabeça chamar o Cisma e nisso o Pedro Inoue chegou como um colaborador de uma sensibilidade brutal, e acabou dividindo a direção com o Cisma. Esse rap nasceu de uma série de indignações, uma série de coisas que já vêm me magoando há muito tempo, magoando a minha família há muito tempo. Não é uma ficção, infelizmente. São muitas histórias que fazem com que a gente fique com dificuldade de respirar. A construção desse curta-metragem levou vários meses; ficou tenso e forte. Vai além de ser um videoclipe de canção. São artes que se abraçam, que se complementam. O desejo de expressar para o mundo nossa indignação. As coisas vão passando e ficando sem resposta. Passa um ano, três anos, 20 anos, 50 anos, 200 anos, 300 anos e tudo vai ficando sem resposta. E eles criam um ambiente para que a gente exercite o esquecimento. Jogam para cima da gente uma série de coisas para tomar a nossa atenção e perder o foco. A gente não esquece as coisas ruins que nos fizeram. Ali é praticamente uma linha do tempo recente do tanto de coisas ruins que ofereceram para todos nós. Não adianta achar que você no seu canto isso não te atinge. O mal atinge a todos. E essa peça de vídeo diz isso, que todo mundo vai sofrer. Isso que você alimenta sem querer – ou querendo – também vai te visitar de forma brutal, como visita tantos e tantos brasileiros. E as pessoas fingem que nada está acontecendo. ➡

Tem ali uma crítica profunda e também quase cronológica de acontecimentos recentes. Era essa a intenção?

Falando com Ganja, Pedro e Denis, conseguimos dividir esses pontos de indignação, mais que necessários. É um quadro muito duro, não tem como. Relembrar as pessoas. Não no sentido de que as pessoas fiquem para baixo, de que não tem mais jeito, mas no sentido de dizer: olha, temos total condição de mudar isso, temos energia vital, temos capacidade, temos vontade, temos um querer de contribuir positivamente – todos nós temos – mas criam-se mecanismos para que vá para o ralo essa boa energia, né? As pessoas vão criando mecanismos de sugar a alma das outras. São muitas as ferramentas utilizadas para isso: a impotência, o medo. A força do medo: a ferramenta maior do mal. Quando vem esse abstrato que lhe visita e lhe põe para baixo até você se questiona e fica achando que a culpa é sua. São muitas nuances de como se articula chegar aonde chegou. Como se planeja o mal. Nossa sociedade criou um ambiente extremamente depressivo, destruidor, seletivo, cruel. Um desequilíbrio abissal que vai apresentando seus resultados. É muito duro.

Acredita que por conta desse ambiente depressivo e destruidor, muitos acabam radicalizando e escolhendo o lado “errado da força”?

Uma pessoa que se sente lesada, que tem medo, que sofreu maus-tratos, violência, que é vítima direta do mal, ela tem um sensor de proteção de sobrevivência. E as indignações criam uma energia brutal. É muito duro quando isso o visita. Quando essa energia se transforma em ódio, nós nos afastamos ainda mais da nossa humanidade. Eu falo isso com muita dor e compreensão total de quem vive esse processo, porque só quem apanha sabe. Só quem dorme com medo sabe. A violência não manda cartão de visitas. A violência é a violência. Existe uma série de mecanismos que foram arquitetados há muito tempo para se criar essa situação de guerra, e alguém vai lucrar com o nosso desespero. Com essa sensação de que não tem mais saída.

Em “This is America”, lançado neste ano, Childish Gambino também faz uma crítica profunda à sociedade americana. E aí vem “Boca de lobo”, que escancara as mazelas, injustiças e tristezas brasileiras. O momento pede que o rap volte a tratar mais das questões sociais? Você acha que o rap está fazendo o seu papel nesse momento histórico e político?

O rap no nosso país é extremamente politizado, porque vem dos lugares onde as pessoas mais sofrem. É a camada da sociedade que mais apanha, que mais leva porrada na cabeça e que é extremamente ignorada. Isso não é um conto triste para criar ambiente para entrevista, existem dados e números. Pessoas gostam de gráficos, então... Eles mostram o tamanho da escalada e o aumento do extermínio da população. O rap funciona como se você abrisse um portal para compreender o coração de uma pessoa. Para compreender um bairro e tudo aquilo que tem de lindo e doce como tudo aquilo de ruim que visita aquele canto do mundo. O rap nasce do desejo de transformação, de oferecer diálogo, de apresentar caminhos para uma real transformação. Mas apresenta todo o caos que a sociedade oferece ao nosso cidadão. É áspero, é forte, é contundente.

Essa música faz parte de um disco novo? Você volta ao rap neste momento, depois de *Espiral de ilusão*, um disco de samba?

Faz parte de um tanto de coisas que estão na minha cabeça há uns bons anos. Eu não sei lhe falar se vai ser um disco de rap. Meu processo é orgânico. Eu estou pensando em música toda hora. Pensando em letra, em rima. Da hora que eu acordo até a hora que vou dormir.

E você registra isso tudo?

Eu vou gravando. Até minha mão ir para o lápis que vai para o papel – essa fração de segundo, esses segundos que se esticam – perco um tanto do que vem. Sinto isso. Estou no aprendizado da escrita. Minha escrita é muito rudimentar, então eu vou gravando. Até a intenção da palavra está registrada, porque às vezes não fica no papel. Tenho que fazer um risco, um desenho na palavra para eu lembrar

“Existe uma série de mecanismos que foram arquitetados há muito tempo para se criar essa situação de guerra, e alguém vai lucrar com o nosso desespero. Com essa sensação de que não tem mais saída

como que nasceu a intenção daquela palavra, porque ela pode virar outra coisa. O jogo silábico enquanto padrão do que é a norma do alfabeto sugere uma coisa. O valor que é dado à palavra é outro. A resignificação que é dada à palavra num tempo hoje vivido, ou de recordação de outro tempo que vivi, traz outra impressão. Então a entonação da palavra é tão importante quanto a letra, a sílaba. A memória nem sempre corre de acordo com o fato histórico do pensar. A gente se perde. Vem muita coisa no nervo óptico que quero e que não quero, e atrapalha. A pulsação fonética é tão importante quanto a palavra.

Em 2011 você lançou “Não existe amor em SP”, que acabou se transformando no hino “existe amor em SP” cantado em manifestações populares. De lá para cá, o que acha que mudou no país?

Eu percebo, grosso modo, é que algumas pessoas que sempre se sentiram bem em alimentar ódio e sentimentos próximos a ele, hoje não estão com vergonha de demonstrar isso para o mundo – que ela se sente bem com o mal. Uns sem perceber, outros percebendo. Quem percebe pode repensar. Mas outros que têm a consciência e assinam embaixo. Meu mundo é meu umbigo e o resto que morra. Toda vez que você alimenta o ódio vai ter esse tanto de coisas que o rolo compressor causa. Esse destruir da alma humana. Nós somos uma espécie muito jovem. Existe uma força linda quando a gente se reúne

e reflete. O refletir é importante, mas o ser humano não abre mão do seu bem-estar. Algumas pessoas se sentem bem praticando o mal, mas quando você constrói alicerces para que a pessoa possa questionar o seu viver, possa questionar o porquê de ações, questões históricas e culturais, quando se cria um ambiente de diálogo... Pensar é legal, debater é legal. A gente assim cria ambiente para as pessoas verem se estão curtindo isso ou só indo na onda do mal. Isso foi arquitetado há muito tempo. As pessoas tinham orgulho quando alguém da família dizia que queria ser professor. Hoje, tiram sarro. Começa pelo sucateamento da educação. Escola de qualidade só pode ser para um tipo de pessoa da sociedade. Inventaram que tem pessoas que não estão ligando para educação, que não têm condições de compreender um dia a dia num ambiente educacional saudável. Criaram situações horríveis. Por que a sua criança é melhor que a minha? Separar as crianças é muito cruel. É horror, é assassinato em massa. Ridicularizaram os professores, as pessoas que estão ligadas à arte, quem valoriza e fomenta a ideia de que o processo do pensar é humano, lindo, sadio e importante. É um trabalho arquitetado e ligado a questões econômicas.

Você passou sua infância no extremo sul da zona sul de São Paulo, em um ambiente que pode ser muito duro para uma criança. Como foi para você?

Se for falar pela minha mãe e pelo meu pai, minha infância foi de uma doçura e carinho e disciplina muito fortes, para preparar para a vida. Cresci num ambiente de muito amor dentro do possível naquele barraco no Jardim das Imbuías, em 1974, extremo sul da zona sul de São Paulo. Todas as tensões que você pode imaginar. Você vive o paradoxo dentro do paradoxo. Você muito jovem vê uma pessoa sendo esfaqueada na sua frente, outra levando tiro, mas ao mesmo tempo a sua mãe deixa o barraco mais limpo, mais gostoso, a sua caminha a mais agradável do mundo para que você possa dormir e se perceber gente. Antes disso a gente morou num porão no Jardim São Bernardo. Depois fomos pro Jardim das Imbuías, ficamos seis anos, atravessamos a Teotônio Vilela de novo e chegamos no Grajaú, de 1982 até a vida toda.

Você tem formação universitária?

Eu fiz Pedagogia, Artes, Rádio e TV, mas parava porque não tinha como pagar. Vivia de subemprego, é foda. Entregar panfleto na rua, vender doce no busão, no trem. Várias coisas. As coisas vieram acontecer pra mim na música com 35 anos de idade. Comecei a escrever com 11, cantar com 13, depois de 22 anos veio o lance. É difícil acreditar que coisa boa pode acontecer também. Leva tempo. Toda hora acha que vai acordar do sonho, que vão tomar coisas de você. Mas o rap mostrou que temos força e somos mais que isso. Enquanto uns dizem que somos programados para matar, a arte diz que somos programados para amar.

Você vota em quem?

Não será no candidato que semeia o ódio, você pode ter certeza. ■

ENTREVISTA

UMA REBELDE NO REBANHO

A filósofa e teóloga **IVONE GEBARA** é uma voz dissonante na Igreja Católica. Aos 72 anos – cinquenta dos quais dedicados à vida eclesial –, ela trabalha para que mulheres deixem de ser exploradas pela religião

AMANDA MASSUELA | FOTO MARCUS STEINMEYER

IVONE GEBARA ESTÁ ACOSTUMADA A INCOMODAR. INCOMODOU OS PAIS quando se juntou a uma Congregação religiosa aos 22 anos. Incomodou o Vaticano quando se manifestou a favor do aborto em uma revista de circulação nacional e incomoda a Igreja todos os dias, há cinquenta anos, ao questionar as verdades absolutas do catolicismo.

Aos 72 anos, a filósofa da religião e teóloga feminista quer plantar dúvidas na cabeça dos fiéis, especialmente das mulheres. Quer explicar para confundir, quer tirá-las da espiral de dominação masculina que ainda impera em muitas igrejas. “Tento ajudá-las a se ligar de maneira horizontal com a religião. É uma tarefa árdua, mas necessária”, afirma.

Autora de mais de trinta livros publicados – entre eles *Teologia ecofeminista: ensaio para repensar o conhecimento e a religião* (1997) e *Rompendo o silêncio: uma fenomenologia feminista do mal* (2000) –, Ivone é doutora em Filosofia pela PUC-SP e em Ciências Religiosas pela Universidade Católica de Lovaine, na Bélgica.

De volta a São Paulo depois de trinta anos morando no Recife, ela usa seus dias para escrever, participar de conferências, palestras e conversas com grupos de periferia. Quando encontrou a reportagem da CULT, estava prestes a embarcar em uma viagem ao México, onde falou sobre a genealogia da violência contra a mulher em um simpósio. “Quem me convida é porque quer me escutar”, diz Ivone, com a consciência de que as tentativas de silenciá-la são maiores que os espaços concedidos de bom grado.

“Seria muito bom se me oferecessem um púlpito em que eu pudesse fazer uma pregação feminista todos os domingos, mas nós temos pouquíssimo espaço público”, afirma. Ivone sabe das ambiguidades de suas escolhas, e vive em constante conflito por isso, mas está certa de que seguiu o caminho mais livre e transgressor possível ao se decidir pela vida religiosa.



CULT Por que a vida dentro de um convento lhe pareceu mais livre do que fora?

IVONE GEBARA Porque de repente me vi acolhida em minha busca intelectual. Acho que sou marcada por um desejo de conhecimento, de me aproximar de mundos e histórias diferentes, e o convento me abriu para essas possibilidades. Me lembro que queria fazer um curso de especialização em Filosofia na USP, ainda no tempo da rua Maria Antônia, e não me fizeram objeção alguma. O curso era à noite, me deram as chaves e eu me senti como nunca havia me sentido na vida, andando pela rua com um monte de estudantes, conversando depois das aulas. Jamais teria feito isso se visse com meus pais.

Algumas das minhas professoras na faculdade de Filosofia – que depois seriam as freiras da minha Congregação – manifestavam uma liberdade de mulher que apareceu antes do feminismo para mim. Eu achava legal como elas se movimentavam no mundo universitário e também no mundo popular, já que mantinham muitos trabalhos nas periferias. Essa aliança entre pensamento e ação me impressionou.

Então entrei na Congregação e de certa forma traí as expectativas da minha família, que esperava que eu me casasse e tivesse filhos. Era um mal-estar que eu estava provocando neles, fugindo à regra dessa maneira. As pessoas se perguntavam como eu podia negar essa razão de ser do feminino, essa naturalidade da mulher. Pode não parecer, mas o caminho que escolhi foi transgressor no passado. E ele me marcou de maneira que todo pensamento que parecia transgredir alguma ordem me atraía. Mas sei que para outras pessoas essa escolha foi escravizante, foi um delírio. Paradoxalmente, eu tive uma experiência diferente.

CULT Quando encontrou o feminismo?

GEBARA Na década de 1980. Muita coisa aconteceu. Eu nunca tinha prestado atenção na questão de gênero, mas algumas agulhadas me foram dadas. A primeira foi quando me interessei por literatura teológica feminista. Alguns textos me ajudaram a perceber como a figura

do pai religioso, o “Deus Pai Todo-Poderoso”, é cúmplice de várias formas de totalitarismo e de opressão sobretudo de marginalizados e de mulheres. Quando li, me assustei, mas senti fome daquela literatura. Como se ela me abrisse para coisas absolutamente impressionantes.

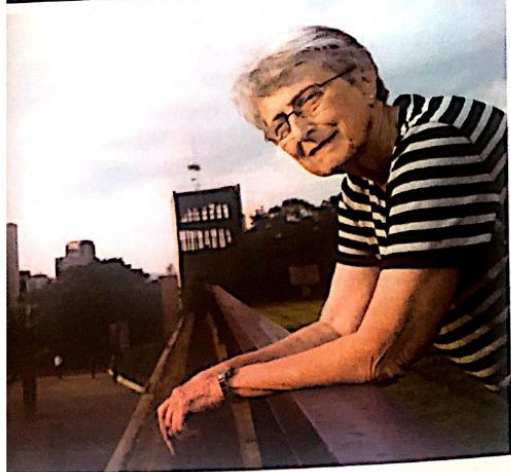
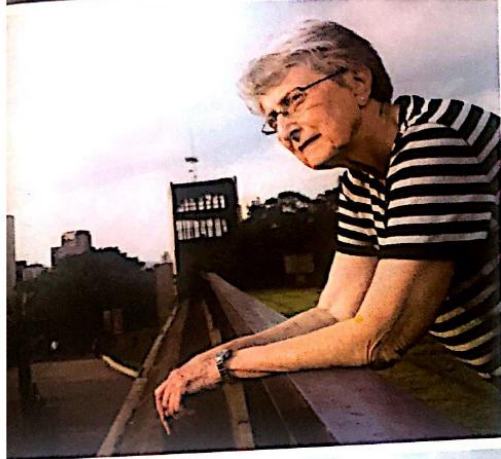
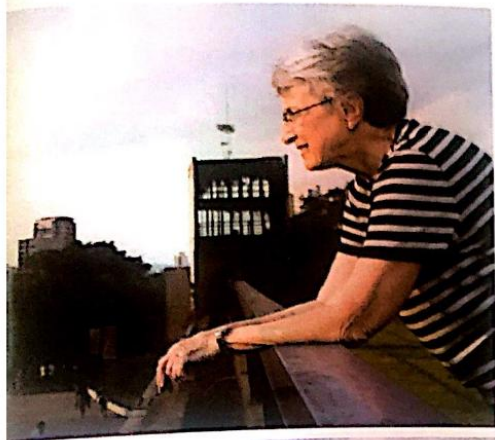
Outra agulhada veio dos movimentos populares. Vivi por mais de trinta anos no Recife, e mensalmente ia até uma cidadezinha chamada Cabo [de Santo Agostinho], onde fazia estudo teológico bíblico com alguns operários na casa de um deles. Sempre me preocupou o fato de nenhuma esposa participar, nem mesmo a dona da casa que servia o cafezinho. Num dia de domingo resolvi visitá-la, e muito timidamente ela me disse que não participava porque eu só falava sobre “assuntos de homem”: sindicato, política, partidos, salário mínimo. “Você sabe que eu trabalho, mas não tenho carteira assinada?”, ela me disse. “Sabe que vendo cheiro-verde e coentro na feira? Sabe o que uma operária sofre com o sexo?”. Eu caí das pernas. Comecei a perceber que eu estava focada em uma problemática geral, e que a problemática geral é masculina.

Outra veio quando feministas de São Paulo me perguntaram como eu trabalhava a questão da sexualidade dentro da Teologia – eu não trabalhava de forma alguma –, e mais tarde, quando decidi fazer psicanálise e, de repente, ao contar a minha história, me descobri também mulher.

CULT O que mudou a partir daí?

GEBARA O feminismo mudou a minha relação com o mundo da religião. Percebi que o monoteísmo, em especial o cristianismo e particularmente o catolicismo são muito marcados pela figura de Deus Pai, que eles dizem ser “puro espírito”, mas que na verdade é um espírito controlado pelo masculino. Afinal as autoridades que se julgam representantes de Deus e que falam em seu nome são homens. Então esse personagem, Deus, passa a me incomodar, passa a ser o reflexo, a imagem e semelhança do poder masculino que governa o mundo e as consciências, sobretudo as consciências femininas.





“ PERCEBI QUE O
MONOTEÍSMO, EM ESPECIAL
O CRISTIANISMO E
PARTICULARMENTE O
CATOLICISMO SÃO MUITO
MARCADOS PELA FIGURA DE
DEUS PAI, QUE ELES DIZEM
SER ‘PURO ESPÍRITO’, MAS
QUE NA VERDADE É UM
ESPÍRITO CONTROLADO
PELO MASCULINO

CULT Por que “sobretudo” as femininas?

GEBARA Elas pagam, dão esmola, são exploradas e não percebem, porque é doce essa exploração. Muito me espanta que depois de tantos anos de militância feminista no mundo da religião eu ainda me depare com tamanha sujeição das mulheres a todos esses movimentos de padres cantores, essas curas, religiões de massa. Me entristece porque imaginei que o feminismo religioso, ou a filosofia e a teologia feministas tivessem surtido um pouco mais de efeito. É um tanto frustrante ver como elas se dobram, se apaixonam, imploram ajuda e perdão a essas figuras que também se dizem representantes de Deus.

Basta ligar a TV em qualquer transmissão desses cultos neopentecostais e mesmo católicos para ver que mulheres de meios populares são grande maioria. Elas saem do mundo doméstico cansativo, vão à igreja, cantam, batem palmas, algumas até dançam, e de repente encontram um pastor que diz uma palavra delicada e depois saem tomar um lanche. As igrejas aparecem como uma espécie de consolo, e elas pedem tanta coisa: pelos filhos, por elas mesmas, todas sonham com algum milagre. Há também uma função catártica da religião e não podemos desprezar o fato de que o capitalismo e a corrupção na forma atual precisam das religiões de massa em que você é uma anônima, mas ao mesmo tempo é alguém.

CULT Os movimentos feministas conseguem chegar a essas mulheres ou ainda falham em compreender o papel que a religião tem na vida delas?

GEBARA Falham. Algumas vezes, em reuniões com feministas eu disse: Vocês são críticas da religião, eu também. Mas o mundo das periferias é um mundo religioso. Se não é o catolicismo é o neopentecostalismo, o protestantismo, o candomblé, a umbanda, o espiritismo. A cultura nacional é uma cultura de religiões múltiplas. Mas o feminismo, sobretudo um certo feminismo crítico que absorveu as ideias de Marx, ➡

ENTREVISTA | IVONE GEBARA

Feuerbach e Nietzsche, desconhece os fenômenos das massas e a força da religião. A gente vê na televisão, o pastor enxuga o rosto com toalhinhas e muitas mulheres correm para pegar uma, guardam esse pano, se limpam com ele como se fosse uma relíquia. É uma coisa espantosa de se ver no século 21 e que não pode ser desprezada. Mas também não pode ser tratada só do ponto de vista sociológico: eu tenho que me aproximar daquela mulher que pega a toalhinha e enxuga a cara com ela. O que ela está vivendo? Que emoções essa toalhinha provoca nela? E para isso é preciso que haja pessoas, homens e mulheres, com uma sensibilidade quase artística, poética, que percebam como nesse trans-fundo religioso existe outro tipo de racionalidade.

CULT Você encontra abertura para levar a teologia feminista até essas mulheres que estão nas igrejas e não atuando nos movimentos?

GEBARA Nós não temos espaços institucionais. Enquanto fui teóloga da libertação até havia algum, já que a Teologia da Libertação – embora tenha sido combatida pelo papa da época, João Paulo II – teve uma aceitação significativa no seio das autoridades da Igreja por ser bastante clerical. Mas nessa história eu sempre me senti uma minoria porque os homens ocupavam todos ou quase todos os espaços, e nós [mulheres] éramos um pouco a plateia que aplaudia e dava uma opinião de vez em quando. Depois a coisa foi melhorando um pouco, nos abriram alguns espaços, mas, quando quisemos mais, houve conflito. Você não encontra, por exemplo, em nenhuma faculdade católica, um curso sobre teologia feminista. Há alguns anos fui convidada para encerrar um simpósio, e quatro dias antes, já com passagem comprada e texto publicado, suspenderam a minha fala por conta de forças conservadoras que atuam sem a gente saber como – e há muitos grupos de católicos e protestantes ultra-conservadores por aí. Seria muito bom se me oferecessem um púlpito em que eu pudesse fazer uma pregação feminista todos os domingos, mas nós temos pouquíssimo espaço público. Em geral, as mulheres do meio popular não sabem o que é teologia feminista e quem se interessa mais são mesmo os movimentos, são as filósofas.

CULT Quais são as raízes dessas forças conservadoras que trabalham para silenciá-las? Elas são fruto de uma total ignorância em relação à produção das teólogas feministas ou são mesmo propositais?

GEBARA Essa pergunta é muito importante. Não existe uma única causa, elas são múltiplas e há sempre exceções. Atribuo esse rechaço às formas históricas do monoteísmo, que têm cara masculina – dizer a palavra “Deus” já te joga para um universo de poder masculino. É possível que haja mudanças? Na estrutura atual da Igreja Católica, não. Não vão aceitar representatividade feminina. E quando digo feminina também coloco entre aspas, com a crítica de Judith Butler sobre o que é feminino e masculino. O divino que se fez na figura de Jesus era homem, macho, e qualquer tentativa de fazer outra leitura não terá efeito nenhum. Talvez em grupos específicos, mas aí não haverá uma incidência na cultura, que é o que precisa existir.

“O PAPA DIZ
QUE NÃO EXISTE
UMA TEOLOGIA
DA MULHER.
ELE DESCONHECE,
POR UMA
IGNORÂNCIA
CONSENTIDA [...]

CULT Mesmo a Igreja tendo, nesse momento, um líder considerado progressista e até revolucionário por alguns?

GEBARA Ele pode ser progressista do ponto de vista da justiça social, da crítica ao capitalismo, mas é conservador no que se refere à compreensão antropológica do ser humano e à aceitação das reivindicações feministas na sociedade. É conservador também em assuntos de moral sexual, por mais que ele diga coisas como: “Quem sou eu para julgar um homossexual?”. Essa afirmação não prova abertura alguma, porque ele se retira do debate. A pergunta não é essa, a pergunta é qual tratamento vocês têm dado às mulheres que abortam, aos homossexuais, aos transexuais? O que vocês estão acolhendo daquilo que a sociedade humanista, se eu posso assim dizer, tem produzido? Eles não admitem Foucault, por exemplo, Deleuze, Zizek, Judith Butler. O papa diz que não existe uma teologia da mulher. Ele desconhece, por uma ignorância consentida, os estudos e movimentos teológicos feministas da Argentina, de onde ele mesmo veio. Ignora o feminismo como fenômeno sociocultural político e religioso, e é uma ignorância voluntária porque os jornais e revistas não escondem. Por que castigaram a mim e a tantas outras? Porque sabem que nós existimos.

Então é preciso que haja pessoas que denunciem continuamente para não deixar esse poder absoluto ser absoluto. Por isso, cada vez que algum grupo de periferia me convida para falar, eu vou, porque quero ajudar a levantar alguma dúvida na cabeça das mulheres



religiosas, pouco a pouco, a partir do lugar em que elas estão. Conheço senhoras, por exemplo, que lavam as roupas dos padres e pastores, a toalha, os paninhos, gastam sabão, energia elétrica, tempo, e não cobram nada por esse trabalho porque o abraço do padre, quando elas entregam a roupa passada, já é uma recompensa – possivelmente porque não recebem nenhum carinho em casa. Temos que continuar desconstruindo, ajudar as pessoas a pensar, ainda mais agora que tiraram filosofia do currículo escolar.

Eu tento desconstruir essa imagem de Deus e provocar as pessoas nesse sentido. É um processo difícil porque há séculos se repete a mesma coisa: se ele quiser, vai dar certo, se ele não quiser, não vai. Todo o meu trabalho ainda é uma espécie de beabá para ajudá-las a entender que não podemos tudo, mas que, se nos solidarizarmos uns com os outros, quem sabe não podemos alguma coisa? Tento ajudá-las a se ligar de maneira horizontal com a religião. A tarefa é árdua, mas necessária.

UMA Você vive muitos conflitos sendo uma teóloga feminista, algo que aparentemente é tão paradoxal?

GEBARA Muitos, mas esses conflitos têm me ajudado a refletir. Diante do sofrimento humano às vezes eu me calo. As inúmeras devoções das pessoas, imagens, velas, mesmo a toalhinha do pastor cheia de suor, me movem as entranhas. Eu gostaria de dizer, espera aí, talvez outras coisas te ajudem mais do que a toalhinha, ou do que gastar seus dez reais para comprar a imagem de um santo. Eu sinto esse conflito dentro de mim, mas percebo que o momento da dor não é concomitante ao momento da racionalidade. E então eu acolho aquilo que as pessoas dizem que precisam: um gole de água benta, deitar a cabeça sobre uma bíblia. A solidariedade àquela dor passa na frente da teoria, da análise crítica e política, mas isso não tira meus conflitos. Quando digo que sou católica, também estou dizendo que não sou de alguns tipos de catolicismos, mas sou de outros. Sou católica por uma tradição, mas também não sou, porque muitas vezes critico essa mesma tradição. Esse ser e não ser se misturam em mim. ■

A portrait of Luanda Pires, a Black woman with a short, dark buzz cut, looking directly at the camera with a neutral expression. She is wearing a white button-down shirt with the collar open and a gold chain necklace. The background is a soft, out-of-focus mix of pink and white.

entrevista

Luta permanente

Ativista e advogada especialista em Direito Homoafetivo e de Gênero, Luanda Pires comenta o protagonismo do STF na garantia de direitos LGBTI+ e o impacto da pandemia sobre essa população

TEXTO AMANDA MASSUELA

No dia 8 de maio, o Supremo Tribunal Federal (STF) derrubou as restrições do Ministério da Saúde e da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) que proibiam a doação de sangue por homossexuais. A ação direta de inconstitucionalidade (ADI), ajuizada em 2016 pelo Partido Socialista Brasileiro (PSB), começou a ser discutida pela Corte em 2017, mas o julgamento foi interrompido por um pedido de vistas do ministro Gilmar Mendes. O tema voltou à pauta do Supremo no dia 31 de abril após uma solicitação da Defensoria Pública da União (DPU), motivada pela redução de doações durante o período de isolamento social.

Ativistas como a advogada Luanda Pires, 31, celebram o fim da proibição, que além de propagar estigmas sobre o comportamento sexual de pessoas GBT (gays, bissexuais, transexuais e travestis), impediu que 19 milhões de litros de sangue chegassem anualmente aos hemocentros do país, segundo a ONG All Out. Pelas regras da Anvisa e do Ministério da Saúde, homens que mantinham relações sexuais com outros homens nos 12 meses anteriores à doação eram impedidos de doar.

Luanda faz parte do Grupo de Advogados Pela Diversidade Sexual e de Gênero (GADvS), que atuou como “amigo da Corte” durante o processo, fornecendo subsídios para a decisão da magistratura. A associação desempenhou a mesma função em outros julgamentos importantes para a população LGBTI+ nos últimos anos, como o que decidiu pela alteração do registro civil de pessoas trans sem necessidade de cirurgia de redesignação sexual, em 2018, e o que criminalizou a homotransfobia, em junho de 2019.

Coordenadora do Núcleo de Mulheres LBTs e Gênero da Comissão da Diversidade Sexual da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB-SP), Luanda Pires fala nesta entrevista sobre o que vem depois das decisões do STF – mais luta – e comenta os efeitos da pandemia sobre as pessoas LGBTI+. Logo no início do isolamento social, ela criou a campanha Integração Pandemia para arrecadar fundos para a compra de alimentos e materiais de higiene para essa parcela da população que vive em situação de vulnerabilidade social. Mais de 3 mil pessoas já foram cadastradas nas entidades e movimentos parceiros, mas há uma lista de espera com mais de 2 mil nomes. ▶

entrevista

O objetivo é criar uma rede de apoio emergencial que ajude de forma recorrente, durante todo o período de calamidade pública, quem se cadastrou no projeto. “O movimento social já conhece o grau de vulnerabilidade dessas pessoas, mas a pandemia veio para escancará-lo”, afirma. Mais informações podem ser adquiridas pelo e-mail integracaopandemia@gmail.com. A campanha também está ativa no Instagram (@integracaopandemia).

Proibir a doação de sangue ajudou a propagar quais estigmas sobre a população LGBTI+?

O principal é a ligação com o vírus do HIV/AIDS. Nos anos 1980, o vírus era extremamente relacionado à nossa população, mas esse quadro não se mantém. A medicina hoje está muito mais evoluída e consegue identificá-lo em aproximadamente quinze dias após a infecção – no período da chamada janela imunológica. Além disso, um relatório epidemiológico de 2015 indica que entre os anos 1980 e 2015 o número de infecções registrado era consideravelmente maior em heterossexuais do que em bi e homossexuais. Colocar mais uma vez pessoas LGBTI+ como grupo de risco exclusivamente em razão da orientação sexual nos estigmatiza sem considerar o comportamento sexual de cada pessoa, como se o vírus fosse transmissível apenas por essa parcela da população, o que não é verdade.

Se homens gays, bissexuais, mulheres trans e travestis quiserem doar sangue hoje, encontrarão dificuldades?

A decisão tem validade a partir do momento da publicação, ou seja, ela já é válida. Mas nós conhecemos o país em que vivemos e a dificuldade que é implementar o direito que, como população LGBTI+, adquirimos via Judiciário. Falando como advogada e militante da área, acredito que encontraremos sim problemas para implementar a lei em razão da homotransfobia institucionalizada no Brasil. O que eu tenho falado para quem me procura é: a decisão é válida, e se você tem estrutura e

O movimento LGBTI+ brasileiro luta há 40 anos por direitos e proteção dessa população, uma luta que é articulada perante todos os poderes. Mas é justamente em razão da demora do Legislativo que nós batemos às portas do Judiciário para que esses direitos sejam reconhecidos e garantidos

equilíbrio emocional suficiente, imprima a decisão e vá. Mas não é fácil querer doar sangue, praticar um ato voluntário, e ainda ser *constrangido* por causa disso. Até o Ministério da Saúde e a Anvisa regulamentarem isso da forma correta, de acordo com a decisão do STF, é muito provável que as pessoas encontrem sim dificuldade para doar.

Na prática, leva tempo pra que essas conquistas possam ser de fato vividas pelas pessoas LGBTI+?

Sim. É o caso, por exemplo, da criminalização da homotransfobia, de 2019.

Seis meses depois dessa decisão do STF, reportagens mostraram que o impacto dela tinha sido até então mais simbólico do que efetivo, já que as delegacias continuavam registrando casos de homotransfobia como injúria simples. Isso ainda acontece?

Infelizmente, sim. Reconheceu-se a discriminação homotransfóbica como discriminação

racista, protegendo-a, definindo-a e regulando-a na Lei Antirracismo – uma legislação de 1989 que até hoje o movimento racial tem dificuldade de implementar da forma devida. Então teremos muitos problemas, já temos. Não houve treinamento nas delegacias, para quem trabalha lá. Uma pessoa chega sozinha para lavrar um boletim de ocorrência e ainda é questionada: “Mas será que não foi uma brincadeira?”. E estamos falando de uma população que é tão vulnerabilizada que só chega para fazer B.O. na delegacia quando é agredida fisicamente. E a homotransfobia não é só agressão física.

Se essas pessoas são revitimizadas dentro da delegacia, imagina a dificuldade para as que não sofreram agressão física. A Comissão da Diversidade Sexual da OAB-SP tem tentado se alinhar com outros órgãos competentes para treinar a equipe, para que o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) publique algum tipo de recomendação para que *delegades* apliquem a lei, mas acredito que vamos demorar muito tempo para que ela seja aplicada devidamente. A saída que vemos agora é a judicialização, entrar com processo. Apenas criando jurisprudência é que vamos conseguir firmar entendimento, dentro do Judiciário, de que tais discriminações, quando acontecem dessa forma, são de cunho homotransfóbico e que por isso devem ser tipificadas como discriminação racista.

Você já deparou com muitos casos de pessoas LGBTI+ que sofreram com a execução das decisões?

Muitos. Um caso muito simbólico de homotransfobia, por exemplo, em São Paulo, foi o do Marcelo Santanna, em 2019. Ele apanhou porque estava de mãos dadas com um ficante no transporte público. O motorista mandou Marcelo descer e quando ele desceu, sem discutir – o que já é um absurdo –, apanhou do próprio motorista. Acompanhamos o caso de perto [na Comissão da Diversidade Sexual], fizemos reuniões com a SPTrans [empresa de transporte de São Paulo] para desenvolver treinamento a quem trabalha lá, mas foi muito

difícil. O Marcelo sofreu muito na delegacia e acho que até hoje o boletim de ocorrência dele não foi tipificado como homotransfobia, está correndo processo judicial.

Se as decisões da Corte muitas vezes não são suficientes para garantir o direito, o que é preciso vir depois?

A luta do movimento, essa articulação posterior. Mas as decisões, em si, têm força legal e deveriam ser respeitadas. No entanto, como vivemos em uma sociedade estratificada, racista e homotransfóbica, as pessoas que estão no *front* e que deveriam atuar respeitando tanto as decisões judiciais como a legislação não atuam dessa forma. Deixam que questões de caráter individual, a fé e a moral afetem o exercício do trabalho. É um problema estrutural que enfrentamos na defesa de direitos de qualquer “minorias”.

E por que é a justiça que protagoniza os avanços da pauta LGBTI+ no Brasil? Falta atuação do Legislativo nesse sentido?

Sim. O movimento LGBTI+ brasileiro luta há 40 anos por direitos e proteção dessa população, uma luta que é articulada perante todos os poderes. Mas é justamente em razão da demora do Legislativo que nós batemos às portas do Judiciário para que esses direitos sejam reconhecidos e garantidos.

Porém é importante ressaltar que esses direitos “conquistados” pela população LGBTI+ via Judiciário já existiam. São direitos e garantias trazidos pela Constituição Federal e pelo ordenamento infraconstitucional, destinados a toda e qualquer cidadã e cidadão. Mas, reconhecida a necessidade de proteção específica dessa “minorias”, o Judiciário declara e ratifica a existência desses direitos e, por vezes, determina que o Legislativo normatize.

A judicialização no STF provoca maior debate público sobre a agenda LGBTI+? Quais os prós e contras dessa estratégia adotada pelo movimento na busca do reconhecimento de direitos?

entrevista

Sim, sem dúvida provoca maior debate público, ainda mais quando as respostas são dadas de forma favorável. Confesso que, como advogada de minorias, não consigo sequer pensar nos contras que possam derivar dessa estratégia, uma vez que essa via é utilizada em razão da inércia dos outros poderes que, mesmo quando são acionados, não garantem direitos fundamentais a essa parcela da população. Então, trazer a pauta LGBTI+ para o discurso jurídico, reconhecendo o potencial do STF em responder a ela, não é só estrategicamente viável, mas também necessário. Claro que, após reconhecidos esses direitos, via judicialização, vem o segundo momento da luta: implementação nos casos concretos. Mas sem o reconhecimento, nem isso teríamos. Então, pra mim, não há contras.

Um relatório de abril do Grupo Gay da Bahia (GGB) mostrou que o número de mortes violentas de pessoas LGBTI+ caiu de 420 em 2018 para 329 em 2019. Essa redução surpreende?

Antes de tudo temos que lembrar que o Grupo Gay da Bahia, principal fonte de estatística que temos nessa área, é uma organização que de certa forma não tem braço para acompanhar tudo. Eles já recebem esses números subnotificados, porque há delegacias e policiais que não registram os casos de forma correta. Por exemplo, em São Paulo, há policiais que na hora de lavrar o boletim de ocorrência falam que se sentem *constrangidos* de perguntar a orientação sexual da vítima. Conforme os parâmetros usados pelo grupo, acredito que tenha havido essa redução, mas não a vejo como um avanço para a população LGBTI+, como se ela estivesse mais protegida, como se o governo estivesse criando política pública para protegê-la. Definitivamente não é isso.

O que pode ser?

A partir do momento em que a gente tem um governo que valida essa violência e discriminação, vejo um movimento entre pessoas LGBTI+ de se proteger e evitar muita exposição – o que

fere a liberdade individual de cada pessoa ser o que é. A criminalização da homotransfobia também impacta, de alguma forma, nesses crimes porque quem agride agora tem medo. E eu realmente acredito que a implementação real e severa da criminalização vai ter influência na redução desse tipo de violência.

Mas há divergências entre ativistas em relação à criminalização, que contribuiria para inflar um sistema prisional superlotado e desigual. Como você vê esse debate?

Como militante da pauta e consciente da política penal e carcerária brasileira, não sigo essa linha. Esse tipo de pensamento pode tirar força de uma decisão tão importante pra população LGBTI+. Concordo que precisamos reestruturar o sistema penal e carcerário do Brasil porque ele tem sim destinatário certo – a gente sabe que quem realmente vai presa é a população pobre, negra e marginalizada –, mas não concordo em fazer essa ligação entre a decisão do STF e a possibilidade de aumento do encarceramento, sabendo o quão distante estamos do abolicionismo penal.

Grande parte da população LGBTI+ começa a ser violentada e sofrer preconceito muito cedo – dentro de casa, por familiares, vizinhos e pessoas do convívio diário. Para muitas delas, a casa nunca foi um ambiente acolhedor

Aproximadamente um terço dessas mortes contabilizadas em 2019 pelo GGB aconteceu na residência da própria pessoa, principalmente no caso de gays e lésbicas. A pandemia e o isolamento social podem agravar a violência contra esses grupos?

Sem dúvida. Grande parte da população LGBTI+ começa a ser violentada e sofrer preconceito muito cedo – dentro de casa, por familiares, vizinhos e pessoas do convívio diário. Para muitas delas, a casa nunca foi um ambiente acolhedor. Tanto que é muito comum que esses jovens, quando não sofrem expulsão do convívio familiar, passem muito tempo em atividades externas na procura de acolhimento. E é na rua que vão encontrar amigos e equipamentos de assistência.

O necessário isolamento social aumenta a vulnerabilidade dessas pessoas, porque elas passam a ser obrigadas a intensificar a convivência familiar ou a voltar para casa. Mas é importante lembrarmos que existem canais de atendimento: a população LGBTI+ hoje está protegida pela Lei Maria da Penha, que define e regulamenta a violência doméstica e familiar. Ela protege de forma explícita lésbicas vítimas dessa violência, reconhecendo que mulheres que se relacionam com outras mulheres podem também ser objeto ativo dela. Desde 2006, há um enunciado do Conselho Nacional de Procuradores que determina que a Lei Maria da Penha seja também aplicada para mulheres trans e travestis, e já existe jurisprudência que protege casais homossexuais de forma extensiva também pela Lei Maria da Penha. As pessoas LGBTI+ precisam ter conhecimento disso e saber que podem pedir ajuda.

E quanto às pessoas trans, que segundo o GGB foram em sua maior parte mortas em centros urbanos e em locais ermos?

A população T é o front da população LGBTI+. São as pessoas mais vulnerabilizadas, expulsas de casa entre o final da primeira infância e início da adolescência, que crescem nas ruas sem nenhum tipo de escolaridade. Cerca de 90% da população transexual e travesti vive da pros-

tituição, segundo a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra), e tem nessa atividade sua única fonte de renda. Então, o isolamento social tira a fonte de renda dessas pessoas, que nem sequer têm documento, que não conseguem o auxílio emergencial porque não têm carteira de identidade (RG). São a nossa grande preocupação, porque nesse momento não conseguem dinheiro sequer para se alimentar. É uma situação muito complexa que o poder público não supre. Temos algumas ações da sociedade civil, eu mesma estou com uma campanha nesse sentido, mas apesar da articulação, que é muito válida, os movimentos e agentes sociais também não têm braço para ajudar todo mundo. Precisamos de política pública, porque essa população extremamente vulnerabilizada precisa de ajuda básica, alimento e material de higiene.

A pandemia afetará de alguma forma os modos de atuação política dos movimentos LGBTI+?

O movimento social já conhece o grau de vulnerabilidade dessas pessoas, mas a pandemia veio para escancarar-lo. Para enfrentar isso, não vejo outra forma a não ser uma articulação mais conjunta, ou não vamos conseguir. Criei uma campanha chamada Integração Pandemia, porque comecei a receber muita demanda, e percebia que tinha bastante gente fazendo a mesma coisa, sem contato nenhum entre si. A falta de comunicação é um problema do nosso movimento. Um aprendizado que vamos tirar daí é a necessidade de articulação para que a gente consiga levar para o Estado as necessidades de forma alinhada, criar política pública e alcançar novos direitos. ●

ENTREVISTA

"PARA A DEMOCRACIA SE CONSOLIDAR, PRECISAMOS DE MULHERES NA POLÍTICA"



AMANDA MASSUELA

Única mulher eleita entre os governadores em 2018, **FÁTIMA BEZERRA** cobra mais ações afirmativas para mulheres em espaços de decisão política e critica Escola Sem Partido: "mordança na boca dos professores"

Desde o fim de outubro, o nome da senadora Fátima Bezerra (PT) ganhou dois predicados: única mulher eleita para um governo estadual nas eleições de 2018 e governadora mais votada da história do Rio Grande do Norte. A paraibana de 63 anos, nascida no município de Nova Palmeira, filha de uma parteira e de um pequeno agricultor, recebeu mais de 1,2 milhão de votos, tornando-se também a primeira a se eleger ao governo daquele estado tendo ultrapassado os seis dígitos no resultado das urnas.

Pedagoga formada pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Bezerra tem um longo histórico de atuação no campo da educação: deu aulas nas redes estadual e municipal de Natal nos anos 1980; foi duas vezes presidente do Sindicato dos Trabalhadores em Educação do Rio Grande do Norte e uma das fundadoras do Fórum Estadual dos Servidores Públicos, além de ter participado do congresso de construção da UNE, em Salvador, em 1979.

Com dois mandatos como deputada estadual (1994 e 1998), três como deputada federal (2002, 2006 e 2010) e um como senadora (2015), assume, em 1º de janeiro de 2019, o

governo de um Estado considerado pioneiro na participação das mulheres na política: vieram de lá o primeiro voto feminino, em 1927, com a professora Celina Guimarães Vianna; a primeira prefeita da América Latina, Alzira Soriano, em 1929, e o maior número de governadoras na história da redemocratização – Bezerra é a terceira, precedida por Wilma de Faria (PSB) e Rosalba Ciarlini (DEM). Mas é também o estado com o maior número de mortes de mulheres (uma taxa de 8,4 por 100 mil habitantes, segundo dados mais recentes do Fórum Brasileiro de Segurança Pública) e casos de estupro registrados no Sistema Único de Saúde (4.088 em 2016, segundo o Atlas da Violência de 2018).

"Isso tem a ver com toda a cultura do patriarcado, que alimenta o traço machista da sociedade, machismo que, inclusive, ainda é muito forte nos espaços de decisão política como os legislativos", diz à CULT, por telefone, de Brasília, onde cumpre mandato como senadora. Nesta entrevista, ela relembra sua trajetória política, critica o projeto de "censura" do Escola Sem Partido e afirma que "para a democracia se consolidar, precisamos das mulheres na política".

CULT Foi no ambiente da universidade que você deu seus primeiros passos na política, nos anos 1970. Como foi esse envolvimento?

FÁTIMA BEZERRA Eu diria que o contato com a política de forma mais ampla se dá no movimento social, quando eu começo a minha militância no sindicato dos professores. Sou uma migrante (saí da Paraíba para o Rio Grande do Norte) de família de origem pobre, que passou sempre muitas dificuldades na vida. Na minha adolescência, por exemplo, fiquei uns dois anos sem estudar porque na cidadezinha em que eu morava não tinha mais condições de dar continuidade aos estudos. Mas o fato é que vou para Natal morar em casa de família e ali começo a minha vida. Sempre estudei em escola pública, depois ingressei na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, cursei Pedagogia e iniciei minha participação no movimento social na luta pela defesa da educação pública e na valorização do magistério.

E por que decidiu entrar para a política institucional?

Foi uma decorrência natural, acho que isso tem a ver com a minha condição de classe: venho de uma geração de nordestinos que viu a seca de perto. Eu não conheço a seca pelo livro de história, eu vivi a seca na minha adolescência lá no Seridó Paraibano. Eu vivi aqueles tempos em que não morria só gado, morria gente. Vivi a falta d'água, a falta de comida. Trago na minha história a dificuldade de não ter o direito de estudar. Essa minha condição, do ponto de vista de origem social, fez aflorar um sentimento de justiça. E isso naturalmente tinha mais é que desaguar na luta social, e mais natural ainda é que desaguasse no PT, um partido em que cabe o meu sonho de justiça, de um mundo livre de qualquer tipo de opressão, de discriminação e de preconceito. É por aí. Minha mãe era parteira, meu pai era agricultor, uma família de formação católica que preservava muito os valores da solidariedade, do respeito. Eles dividiam o pouco que

a gente tinha com os que tinham menos que nós. Minha mãe não ganhava nenhuma remuneração, mas era um trabalho que fazia com muita dedicação, e o mais bonito era que quanto mais pobrezinha fosse a mulher mais ela a acolhia com carinho, porque no fundo ela sentia aquela fragilidade. Às vezes ela levava da nossa própria casa alguns mantimentos, porque sabia que a família não tinha uma cozinha, um pedacinho de carne para fazer um caldo. Esse é o meu contexto, que eu coloco para você com o sentimento do realismo. Foi isso o que me estimulou para a luta social, e depois para a participação política, vendo sempre o exercício da militância como um instrumento de luta em prol da justiça, para melhorar a vida das pessoas. É assim que eu vejo o exercício da política, não como um ato de promoção pessoal; de vaidade, isso eu não trago na minha história de maneira nenhuma. Trago a política como um exercício que me permite lutar pelas causas em que eu acredito, que têm como filosofia geral uma sociedade livre, justa e solidária.

Como parlamentar com histórico na defesa da educação, como vê a insistência no projeto Escola Sem Partido?

Esse projeto é um desserviço à educação democrática e cidadã que nós defendemos, ancorada nos princípios da liberdade, da solidariedade humana e do exercício da cidadania. É um desserviço porque atenta contra a nossa própria Constituição e contra a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), que preservam a liberdade de cátedra, de ensinar e de aprender. A minha esperança e a minha confiança, enquanto professora e educadora que sou, é que essas ideias não vão prosperar. Além da forte mobilização social que há no conjunto da sociedade contrária a essa ideia estapafúrdia, o Poder Judiciário e o Ministério Público, por meio da Procuradoria Federal dos Direitos do Cidadão, vêm se manifestando contra esse Projeto de Lei, inclusive ➡

destacando que ele nasce completamente eivado de inconstitucionalidade. O que o Brasil precisa não é de Escola Sem Partido, mas de escola com professores bem remunerados, com condições dignas de trabalho. É preciso que nosso sistema educacional avance com condições adequadas para que os estudantes possam ter pleno desenvolvimento.

No Maranhão, o governador Flavio Dino editou um decreto reafirmando a liberdade de pensamento de professores e funcionários nas escolas da rede estadual. É uma iniciativa possível em seu governo?

Sem dúvida nenhuma. A escola é um espaço do pluralismo de ideias, e não pode ficar ilhada na sociedade. Nossos professores têm que estar preparados para lidar com a realidade da forma como ela se apresenta. E a escola tem o papel de promover a solidariedade, o respeito à diversidade, do qual ela não pode abdicar de maneira alguma. O que o Escola Sem Partido traz no seu bojo é a censura, é disso que se trata. É uma mordaza que querem colocar na boca dos professores, um absurdo totalmente na contramão do processo civilizatório. Parabenizei Flavio Dino e repito: se necessário for, no Rio Grande do Norte tomaremos medidas semelhantes. Espero, inclusive, que essa atitude sirva de exemplo para o restante do país.

Você costuma lembrar que o Rio Grande do Norte é a terra de Nísia Floresta, considerada a primeira educadora feminista do Brasil. É uma referência para você?

Sim, para nós mulheres que não abdicamos de maneira nenhuma da utopia que é a igualdade de oportunidades. Foi uma mulher revolucionária para a sua época, que cumpriu um importante papel se a gente considerar que as mulheres, durante muito tempo, não tinham sequer direito ao estudo. É uma referência. O Rio Grande do Norte, aliás, é pioneiro na luta pela participação das mulheres na política. O primeiro voto feminino se deu lá e a primeira mulher prefeita da América Latina também saiu do Rio Grande do Norte.

Mas há críticas de que esse pioneirismo não se traduziu em ganho para a pauta das mulheres – é o Estado com o maior número de casos de estupro registrados no SUS, segundo o Atlas da Violência de 2018. Como pretende enfrentar isso?

É verdade, o Rio Grande do Norte ostenta o título de estado mais violento do Brasil e, nesse contexto, o número de atos de violência contra a mulher é muito significativo. Isso tem a ver com toda a cultura do patriarcado, que alimenta o traço machista da sociedade, machismo que, inclusive, ainda é muito forte nos espaços de decisão política como os legislativos. Um dos nossos principais desafios a partir do ano que vem será ter uma política de segurança pública eficiente para diminuir esses índices, e queremos adotar ações voltadas para a proteção das mulheres. Não temos, por exemplo, estrutura para acolher as mulheres vítimas de violência. A Patrulha Maria da Penha só funciona durante a semana e de forma precária, pois falta pessoal. As delegacias de atendimento especializado, além de serem insuficientes, padecem de condições mínimas de trabalho. Vamos ter uma rede de proteção dos direitos das mulheres, que passa pela instituição de casas abrigo, colocar em funcionamento pleno a Patrulha Maria da Penha, fortalecer e ampliar as delegacias da mulher que existem, fortalecer também a Secretaria Estadual de Mulheres para que ela dialogue com as demais estruturas de poder no Rio Grande do Norte. Também quero muito que, com o novo Fundeb (Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica), os municípios tenham condições de ampliar a oferta de creches, que dão condições para as mulheres buscarem lugar no mercado de trabalho sabendo que estão deixando seus filhos bem cuidados. Todo esforço nós faremos para que elas possam viver uma vida sem violência.

Você mencionou o machismo nos espaços de decisão política. Nas eleições deste ano, de cada dez candidatos, apenas três eram mulheres, segundo dados do TSE. Quais barreiras as mulheres enfrentam já no acesso à política institucional?

Não tem como desconsiderar a dupla, tripla jornada de trabalho. E, em que pese todo o esforço dos movimentos de mulheres dos mais variados que temos em nosso país – aliás, as mulheres têm tido um papel até de



Fátima Bezerra em campanha com militante do MST em Ceará-Mirim, RN, 2018

vanguarda na luta em defesa da cidadania e em defesa da democracia –, infelizmente temos instituições ainda muito avessas à compreensão de que, para a democracia se consolidar, precisamos das mulheres na política. Tivemos uma lei de cotas, tudo bem, foi importante, mas se revelou insuficiente, porque não basta dizer que 30% das vagas nas eleições devem ser destinadas a mulheres. Temos que avançar, como fizeram outros países que, além de definir um mínimo de candidaturas, estabeleceram um mínimo de assentos. Sequer temos uma legislação que assegure uma participação, por menor que seja, na mesa diretora do Legislativo nacional; sequer conseguimos a aprovação de propostas que tramitam aqui dentro para garantir no mínimo 10% das vagas do Congresso Nacional às mulheres. Que dirá paridade? Recentemente virou lei que 30% do fundo partidário será destinado a candidaturas de mulheres, e isso causou polêmica, com alguns partidos querendo burlar essa lei. As mudanças só acontecerão se vier um movimento de fora para dentro. Temos que enxergar a realidade como ela é, e intensificar a mobilização social e política para romper com esse déficit de representação.

Você é a terceira mulher a assumir o governo do Rio Grande do Norte, mas a primeira de origem popular. Isso aumenta sua responsabilidade em melhorar a vida da classe trabalhadora, das mulheres e das minorias?

Sim, claro. Evidente que, eleita governadora, vou governar para todos, os que votaram em mim e os que não votaram, por isso tenho dito que vai ser um governo pautado pelo diálogo, um traço muito forte da minha história de vida, de militância da luta social e política, saber ouvir as pessoas, o próprio movimento social já me ensinava isso. No parlamento, aprimorei isso mais ainda, porque ali você ouve os pontos de vista mais dispares, é a casa dos contrários. Então você tem que desenvolver a capacidade de escutar e, a partir daí, exercitar o diálogo com vistas a construir consensos. É exatamente isso o que vou fazer no governo.

É essa mesma posição que pretende manter com o presidente eleito Jair Bolsonaro?

Veja bem, nessa hora eu tenho que separar questões de natureza ideológica e diferenças de natureza partidária. Eu sou governadora do Rio Grande do Norte, essa é a missão que eu recebi, assim como Bolsonaro foi eleito presidente do Brasil. Se dependesse do Norte e do Nordeste, o presidente seria o professor Fernando Haddad, mas a maioria elegeu Bolsonaro. Meu relacionamento com ele será de natureza institucional, com respeito ao presidente, assim como ele tem que respeitar os governadores, e todos temos que respeitar a democracia. Nesse sentido, vou atuar junto ao Fórum dos Governadores do Nordeste e serei incansável na defesa dos interesses do povo do Rio Grande do Norte. ■



ENTREVISTA

UM PROFESSOR

FERNANDO HADDAD

fala de suas origens, de suas conquistas quando ministro da Educação, e acena para a resistência a partir de uma frente progressista

DANIEL DE MESQUITA BENEVIDES | FOTOS MARCUS STEINMEYER

Descendente direto de libaneses, Fernando Haddad tem verdadeira admiração pelo avô, um padre cristão ortodoxo famoso pela bravura durante as duas grandes guerras e a ocupação francesa. É a lembrança desse avô – que só conheceu das muitas histórias que ouviu – e a vitalidade de sua religião que o faz pensar na política como “a afirmação da vida em meio à barbárie, em meio a tudo que a nega”. O ex-prefeito de São Paulo certamente pensa o mesmo da educação, tema que lhe é tão caro e pelo qual ficou conhecido. Mesmo quando era ministro nos governos Lula e Dilma, período em que ajudou a criar o Fundeb, o Sisu, a reforma do Enem, o Fies, o Pibid e a Universidade Aberta, para citar apenas algumas das melhorias direcionadas aos estudantes do Brasil, Haddad fazia questão de preencher check-ins em hotéis com a palavra professor, hoje tão vilipendiada. Discípulo intelectual de Lukács e Marcuse, entre outros, considera que “a dialética está para as ciências humanas como a relatividade está para as ciências naturais”. Tal afirmativa seria taxada de “marxismo cultural” por aqueles que hoje promovem uma balbúrdia no campo da educação:

o presidente Jair Bolsonaro, seu mentor Olavo de Carvalho e o atual nome à frente do MEC, Abraham Weintraub, autor de gafes notórias, uma delas envolvendo o escritor Franz Kafka. “O que menos importa para esse pessoal é a evidência empírica, a realidade”, analisa o ex-candidato do PT, que na última eleição presidencial recebeu 46 milhões de votos. Na conversa a seguir, realizada em sua casa modernista no bairro da Saúde, em São Paulo, ele fala, com espontaneidade e modéstia na medida, da educação que recebeu dos pais, do processo de criação e implementação dos CEUs, das leituras de autores da Escola de Frankfurt, de sua compreensão da grandeza de Paulo Freire, de sua gestão no MEC, do conceito de educação republicana e se mostra otimista quanto às possibilidades de enfrentamento da onda crescente de obscurantismo no país. “O sistema vai reagir”, garante. Hoje professor universitário e colunista da Folha de S.Paulo, continua presente nas grandes manifestações de resistência aos cortes nas universidades, escolas e bolsas de pesquisa, onde costuma ser muito aplaudido. Ecoando Darcy Ribeiro, é categórico: “O obscurantismo é parte de um projeto.”

CULT Como foi a sua educação?

FERNANDO HADDAD Eu sou filho de imigrante. Meu pai, no Líbano, era camponês. E meu avô era padre, não celibatário, da Igreja Ortodoxa. Meu pai, que nasceu em 1923, veio para cá aos 24 anos. Cinco anos depois, veio a abrir um comércio aqui na região da 25 de Março. Em 1981, entro na Faculdade de São Francisco, que era perto. Eu estudava de manhã e caminhava ali no calçadão para trabalhar com meu pai à tarde. Em 1985, me tornei presidente do centro acadêmico, o XI de Agosto. Ali se discutia campanha das diretas, Assembleia Nacional Constituinte, direitos humanos. Tive aula com Fabio Comparato, Gofredo Telles Jr., Dalmo Dallari, essa turma. Em virtude do meu envolvimento com a política, me interessei muito por economia e filosofia. A gente lia Adorno, Lukács, Marx, Hegel, Kant. Aí fui fazer mestrado em Economia na FEA [Faculdade de Economia e Administração da USP], sobre o colapso do socialismo real. Saiu publicado, chama *O sistema soviético: relato de uma polémica* (1992). De 1990 a 96 fiz meu doutorado em Filosofia, uma discussão sobre o materialismo histórico do Habermas, com a ideia de que ele não poderia mais ser considerado um herdeiro da Escola de Frankfurt. Aí prestei o concurso para professor da USP, de ciência política. E três anos depois fui chamado pelo João Sayad para ser subsecretário da Secretaria de Finanças da cidade, na gestão da Marta [Suplicy].

Mas como era a educação em casa?

Meus pais sempre me incentivaram muito a estudar. Mas meu pai passou um período da vida com muito pouco dinheiro, então minha casa era privada de bens materiais ligados à cultura, a gente tinha dificuldade de adquirir livro, instrumento musical, disco. A minha adolescência foi muito apertada, muito mesmo. Meu pai nunca frequentou uma escola, mas minha mãe era uma normalista apaixonada por livros. A primeira coisa que me impactou na vida, nesse sentido, foi quando a gente comprou uma enciclopédia, a Delta Junior, um momento de glória para mim (risos). Já na faculdade, vieram aquelas coleções, Os Economistas,

Os Pensadores. Só comecei a comprar minha própria coleção de livros no terceiro ano da faculdade. Fui muito marcado pelo *História e consciência de classe*, do Lukács. É tranquilamente um dos dez livros mais importantes do século passado – ou cinco. Para mim, esse e o *Dialética do esclarecimento* [de Adorno e Horkheimer], *Minima moralia* [Adorno], *O homem unidimensional* e o *Eros e civilização*, do Marcuse, são livros fundamentais.

Dos ensinamentos da Escola de Frankfurt, o que podemos aproveitar hoje, nesses tempos de obscurantismo?

Eu tinha um professor, o Gabriel Cohn, que dizia assim: “o problema do Adorno é que ele era otimista”. De fato, a gente se deixou enganar por essa normalidade do pós-Segunda Guerra, que deu margem à ideia de que as coisas estavam se arrumando. Antes de o [Francis] Fukuyama escrever o livro dele [*O fim da história e o último homem*, 1992], o Habermas parecia ser o sociólogo do *status quo*, assim como o Hegel foi o filósofo do Estado prussiano. A minha intuição é de que aquele mundo estava se decompondo, e o Habermas tinha sido pego no contrapé da história. Em 1981 começa o neoliberalismo com todas as suas consequências: desregulamentação financeira, globalização, mundialização do capital, hegemonia do capital financeiro sobre o produtivo, movimentos especulativos em todos os mercados, acionário, de hipotecas etc. Como economista, eu olhava para aquilo e pensava: o Habermas é o sociólogo de uma normalidade que acabou. E, como eu tinha lido os frankfurtianos, ficou fácil fazer uma crítica dialética ao materialismo não dialético dele. Acredito que a dialética está para as ciências humanas como a relatividade está para as ciências naturais, a física. E por isso incomoda tanto, ela tira o sono, tira o chão. Eu entendo que, de certa maneira, essa tríade Freud-Einstein-Marx forma o que chamo de pensamento pós-iluminista, porque a própria razão iluminista é colocada em suspenso diante de uma realidade natural e social que desafia o pensamento humano.

“

Ele conseguiu trocar um péssimo ministro por outro tão ruim quanto, mas mais ativo – esse corta

E como você e a Ana Estela partilharam a educação dos filhos?

Eu e a Estela sempre nos vimos como professores. Mesmo ocupando cargo de ministro ou prefeito, eu me registrava no check-in de hotel como professor. O Frederico fez São Francisco, defendeu o mestrado esse ano, a Carolina está na Poli da USP. Para nós sempre foi muito natural oferecer para os dois as melhores condições de desenvolvimento intelectual. Do ponto de vista ético-moral, as duas famílias vêm de uma tradição cristã muito forte. Minha mãe é kardecista, a gente lia o evangelho toda quarta-feira. Não sou praticante, mas sou fã do cristianismo ortodoxo, é de uma vitalidade extraordinária. Vou te contar uma coisa curiosa: eu me identifiquei muito com o Nietzsche, na dimensão espiritual. Pensei: esse cara conversa comigo. Ao longo do tempo, fui percebendo que o cristianismo ortodoxo tem muito do nietzschianismo, porque é um cristianismo não da comiseração, mas da exuberância. Tem uma passagem do Nietzsche em que ele fala: a caridade só é compreensível à luz do transbordamento, quando sobra – sobra de você. E sou muito fã do meu avô, passei minha vida inteira ouvindo histórias sobre a coragem dele. Ele viveu as duas grandes guerras, a ocupação da França, os conflitos religiosos. No Líbano, o padre é um guerreiro – pela vida e não pela morte. Essa afirmação da vida em meio a muito conflito é uma coisa que me diz muito, até na política. Porque para mim a política é a afirmação da vida em meio à barbárie, em meio a tudo que a nega. É o que me faz fazer política. Não tenho outra motivação.

Você tem vontade de se candidatar novamente?

O ativismo político é uma coisa inerente a mim. Conceber um bom curso, ensinar direito, ajudar a formar uma pessoa crítica, que seja capaz de formar sua própria personalidade, participar de uma assembleia, fazer um ato, escrever num jornal... para mim tudo isso são gestos políticos. Agora, disputar eleição é uma coisa que tem a ver com o contexto do momento. Eu não tenho como meta disputar eleições, mas estou

disponível se for o caso. Outro dia o Lula me perguntou qual era o meu projeto pessoal e falei que eu era muito ambicioso para ter projetos pessoais (risos). Projeto pessoal é típico de quem não tem ambição real, de transformação das condições sociais. Não é o meu caso.

Um grande projeto social seu foi a concepção e implementação dos CEUs.

Você pode comentar sobre isso?

Esse meu vínculo com a educação é muito antigo, até por minha mãe ser professora. Eu sempre quis ter uma escola. Era a coisa mais bacana que podia acontecer. Na gestão da Marta, apesar de estar na Secretaria de Finanças, quase por obra do acaso eu acabei me envolvendo com o projeto dos CEUs. Fui fazer um voo de helicóptero com o [deputado] Paulo Teixeira e o [então secretário municipal de Finanças] João Sayad pela periferia de São Paulo, que eu não conhecia. O Paulo queria que a gente, como gestores municipais, se sensibilizasse com aquilo de que a cidade precisava. Foi quase que uma educação política mesmo. Então eu falei para o João: a gente deveria fazer praças da República na periferia, com a Casa Caetano de Campos, a Biblioteca Mário de Andrade, o Teatro Municipal... a gente deveria abrir uma clareira e fazer o Estado chegar lá. Ele adorou. Aí fui visitar o Eugênio Bucci, que foi meu antecessor no XI de Agosto. E contei a ideia. O Angelo, irmão do Eugênio, disse: esse projeto já existe, mas nunca saiu do papel, é do Alexandre Delijaicov. Fui até ele, fizemos a maquete e a levamos até a Marta. Eu disse a ela: essa vai ser a marca da sua gestão, você vai ser conhecida por isso. Foi muito bonito.

Como ministro dos governos Lula você continuou dando muita atenção à educação básica.

O Lula foi o presidente que mais investiu em educação básica na história deste país. Ele mais do que dobrou o investimento por aluno na educação básica, através de algumas iniciativas. A primeira, óbvio, foi a criação do Fundeb [Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos

ENTREVISTA | FERNANDO HADDAD

Profissionais da Educação], depois o piso nacional do magistério. Foi o presidente que mais expandiu a educação profissional na história da República e o que mais expandiu a educação superior e o número de creches. O Lula não pulou etapa, ele fez toda a agenda da educação; como a gente dizia: da creche à pós. Nunca disse não para o Ministério da Educação. Eu tive a honra de ter servido o presidente que fez mais pela educação, como ministro da Educação. Não é que ele fez pela básica: foi pela básica, pela superior, pela inclusiva, pela profissional, pela à distância...

Dá a impressão de que estamos dando um salto para trás: da melhor gestão em educação no país para a pior.

Ou que se anuncia como a pior. Provavelmente será, apesar de estar no começo. Ele [o presidente Bolsonaro] conseguiu trocar um péssimo ministro por um outro tão ruim quanto, mas mais ativo. Esse corta.

E a educação em direitos humanos, que é outro tema caro para você?

Como eu estava dizendo, a agenda para educação do governo Lula foi completa: nós trabalhamos em educação ambiental, educação para direitos humanos, educação prisional — fala-se muito pouco disso. Vou te dar dois exemplos: remissão de pena por estudo, projeto do governo Lula, aprovado no governo Dilma; Enem nos presídios para acesso à educação superior foi projeto do governo Lula. Muitos detentos passaram a frequentar a universidade com base no Enem. Educação inclusiva: os beneficiários do BPC [Benefício de Prestação Continuada] não são apenas os idosos, as pessoas com deficiência de baixa renda também têm acesso. Mandamos assistentes sociais para todas as casas dos beneficiários para levá-los para a escola. Foram 400 mil estudantes com deficiência que passaram a estudar na escola por causa dessa ação. Direitos humanos era uma dessas agendas. Nós operamos uma pauta muito abrangente.



“
O Lula foi o presidente que mais investiu em educação básica na história deste país

As escolas estão preparadas para a inclusão?

Por incrível que pareça, as escolas públicas são mais preparadas. O que padece um pouco é que você precisa ir criando a infraestrutura na medida em que a demanda aumentou. O corpo docente tem de se adaptar a essa realidade. Agora, o bem que isso faz para a comunidade escolar é grande. É óbvio que tem aquele que vai dizer que traz problemas. Eu acho que traz desafios. Mas sendo membro da comunidade, o direito é igual. Sempre fui defensor de que a criança com deficiência tivesse oportunidade de frequentar uma escola especial. Mas pelo menos em um turno, ela tem de estar com todas as crianças. Faz parte do projeto político-pedagógico de uma escola ser inclusiva. Eu me lembro de um debate que tive com um defensor das escolas especiais em que falei: mas é direito dos meus filhos conviver com a pessoa que tem deficiência, não só dela. Meu filho tem de saber o que é o mundo na escola, saber que tem gente surda, cega, cadeirante. Como é que faz? Não tem como se humanizar sem o convívio com a diferença.

E a questão da participação popular?

Nós criamos e revitalizamos os Conselhos que estavam depauperados na prefeitura. As Conferências Nacionais também foram muito importantes no governo federal. Ativar a cidadania é uma obrigação do poder democrático. A pessoa devia fazer isso até por egoísmo, porque a participação minimiza a chance de erro. Você erra menos ouvindo mais.

Você foi muito criticado por criar o programa de capacitação de professores contra a homofobia. Surgiram *fake news* como o kit gay etc., que até te atrapalharam nas eleições. Continua achando válida a iniciativa?

Você tem de preparar o professor para a realidade social, porque não é fácil lidar com o *bullying* na escola – e o *bullying* é contra negros, pessoas com deficiência, gays, muitas vezes contra mulheres, gordos... Às vezes a criança está com um problema fora da escola. A criança abusada sexualmente muitas vezes tem seu desempenho escolar prejudicado. O professor tem de estar preparado para ler sinais de que eventualmente a criança pode estar com problemas e encaminhar para um psicólogo. É dever da escola. Isso é a favor da escola e dos valores humanos e não contra. Não temos uma sociedade homogênea. Quanto às *fake news*, se eles não inventassem isso, iriam inventar outra coisa. Inventaram cada uma a meu respeito... Inventaram que eu tinha uma Ferrari! Que eu tinha um relógio de 500 mil reais. Que eu estuprei uma menina de 11 anos.

O que para você define uma educação efetivamente republicana?

A democracia moderna não é como a antiga. A moderna tem antídotos contra a tirania da maioria. Justamente para preservar as minorias, para preservar o modo de ser e de viver de pessoas que são diferentes de você. Então, se eu quero seguir o candomblé, o que o judeu, o evangélico ou o católico têm a ver com isso? Essa maneira de ver é muito moderna. Na Idade Média não era assim e não era assim mesmo nas cidades democráticas da Antiguidade. Você

não tinha a ideia de preservar o diferente, as minorias, os heréticos, não havia essa cultura. Isso é fruto do desenvolvimento humano, que percebe na diferença um valor. A democracia republicana ou liberal tem esse fundamento, de que a minoria pode estar certa, inclusive. E no campo da educação isso se traduz numa concepção progressista da escola pública. A escola pública é um patrimônio da democracia republicana; é a expressão maior dessa cultura que acolhe, que dialoga, interage. Um projeto como o Escola sem Partido viola essa condição. Ele quer uniformizar as escolas. Você vai ter uma história oficial a ser contada? Não vai ter pluralidade de ideias? Não vai permitir que as pessoas formem a partir do seu juízo crítico a sua personalidade? É o que o Anísio Teixeira falava: a máquina da democracia é a escola pública.

Outra de suas ações foi a alfabetização de adultos no meio rural. Teve influência de Paulo Freire?

Olha, eu li *A pedagogia do oprimido* na faculdade de direito. Vim a reler agora, depois de tanto pau que ele levou. E fiquei surpreso com a grandeza do trabalho dele. É um homem que propunha a razão dialógica antes do Habermas, já nos anos 1960. O combate ao solipsismo na filosofia já estava todo no Paulo Freire. Eu até fiquei curioso para saber por que o Habermas não cita o Paulo Freire. Deveria.

E agora estão querendo destruir o Paulo Freire.

Bom, para destruir precisa conhecer. Eu duvido que esse ministro tenha lido o Paulo Freire. Eles não têm noção do que estão falando.

Além do Paulo Freire, há um desprezo claro deste governo pelas ciências humanas, as quais querem abolir. O que você acha desse movimento?

Minha tese é a seguinte: o neoliberalismo, num país tão desigual como o Brasil, só tem algum espaço na política se associado a essa agenda obscurantista. Desde a eleição do Bolsonaro, eu tenho dito: o obscurantismo é parte do projeto. E tenho que fazer aqui justiça a uma ➡

coisa: os tucanos eram neoliberais que faziam concessão ao obscurantismo, o Bolsonaro é um obscurantista que faz concessão ao neoliberalismo. Nesse sentido eles são um espelho invertido. Tanto é que os tucanos estão na base aliada do governo Bolsonaro – mas mirando mais a agenda econômica do que a agenda regressiva que ele representa. Mas é um par de conceitos que se sustentam, um no outro. Então não é uma coisa que dá para descartar. Essa ideia dos militares de quererem descartar o obscurantismo de um Olavo de Carvalho é uma incompreensão de que isso faz parte de um pacote. É um todo. Esses ataques todos às artes, à ciência, à educação fazem parte do projeto que ele representa. E essa onda obscurantista já estava começando lá atrás. O Bolsonaro não é um raio em céu azul, é uma produção histórica. Esse disparate de ter o presidente mais desqualificado do mundo para um país como o Brasil não surgiu do nada. Acho que começou logo ali depois da reeleição do Lula.

Como você vê a ideia de instalar escolas militares em todas as capitais?

Olha, os colégios militares no Brasil são bons. A rede federal é boa, militar ou não. Mas as melhores escolas públicas do país são federais civis, não as militares. Então não sei por que esse fetiche pelas escolas militares. O que menos importa para esse pessoal é a evidência empírica, a realidade. Eles navegam num outro universo.

Como você avalia o Enem, que sofreu muitas críticas, mas está aí, firme?

A reforma do Enem foi das melhores coisas que eu fiz. Porque viabilizou o Sisu [Sistema de Seleção Unificada], o fim do vestibular, o menino pobre do Piauí fazer uma prova e entrar numa grande universidade, o ingresso de brasileiros em mais de vinte universidades portuguesas, que os presidiários pudessem fazer faculdade, a mobilidade dos estudantes entre os estados (que, assim, não precisam se deslocar para fazer o vestibular). Deu uma flexibilidade extraordinária para o sistema. O Sisu é das coisas mais importantes da educação superior no Brasil e ele seria impossível sem o novo Enem.

Com o velho Enem, a gente conseguiu fazer o Prouni [Programa Universitário para Todos]. Mas as universidades federais não iam aderir ao velho Enem, de jeito nenhum. Foi preciso reformar o Enem, o que praticamente acabou com o vestibular na rede federal.

E o anúncio de cortes orçamentários para as universidades, escolas e bolsas de pesquisa?

Desde o Manifesto dos Pioneiros [da Educação Nova], de 1932, nós precisamos de 70 anos para chegar ao Lula e botar o patamar de investimento na educação na média dos países da OCDE [Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico]. Ou até um pouco acima. Quer dizer, nós perdemos o século 20, que foi o século da educação no mundo, menos aqui. Começamos o século 21 bem, desse ponto de vista. Aí não completou duas décadas e aparece um sujeito dizendo que não é nada disso, propondo cortes na educação? É um contrassenso absurdo.

E o que a gente pode fazer contra isso?

O sistema vai reagir, não tenha dúvida de que ele [Bolsonaro] vai encontrar resistência. Já está encontrando. O ministro começa a dizer que não é corte, é contingenciamento, pode ser liberado. Aí fez uma chantagemzinha, disse que se aprovarem a reforma da previdência, ele libera.

Você fez algumas viagens, nas quais conversou com o pessoal do Podemos, na Espanha, e do Geringonça, em Portugal. Trouxe algumas ideias novas para a educação?

Não fui com essa missão. Mas na verdade a gente está tentando organizar uma Internacional Progressista. E vai se criar uma governança global, de personalidades, partidos, que pensem uma agenda progressista. Fala-se muito num Green New Deal, que dialogue com a questão social e a ambiental simultaneamente. Acho que tem uma nova esquerda surgindo no mundo para se contrapor a essa extrema direita. Há vários partidos brasileiros que teriam interesse numa agenda assim. ■



Os tucanos eram neoliberais que faziam concessão ao obscurantismo, o Bolsonaro é um obscurantista que faz concessão ao neoliberalismo

ANEXO B – MÚSICA BOCA DE LOBO DO CANTOR CRIOLO¹⁷

Boca de Lobo

Agora, entre meu ser e o ser alheio, a linha de fronteira se rompeu

Aonde a pele preta possa incomodar
Um litro de Pinho Sol pra um preto rodar
Pegar tuberculose na cadeia faz chorar
Aqui a lei dá exemplo: mais um preto pra matar
Colei num mercadinho dum bairro que se diz pá
Só foi meu pai encostar pros radin tudin inflamar
Meu coroa é folgado das Barra do Ceará
Tem um lirismo bom lá, louco pra trabaiair
Num toque de tela, um mundo à sua mão
E no porão da alma, uma escada pra solidão
Via satélite, via satélite
15% é Google, o resto é deep web
Na guerra do tráfico, perdemo vários ente
Plano de saúde de pobre, fi, é não ficar doente
Está por vir, um louco está por vir
Shinigami, deus da morte, um louco está por vir
Véio, preto, cabelo crespo
Made in Favela é aforismo pra respeito
Mondubim, Messejana, Grajaú, aqui é sem fama
Nos ensinamentos de Oxalá, isso é bacana
Na porta do cursinho, sim, docim de campana
LSD, me envolver, tem a manha
Diz que é contra o tráfico e adora todas as crianças
Só te vejo na biqueira, o ativista da semana

La La Land é o caralho, SP é Glorialândia
Novo herói da Disney é Craquinho, da Cracolândia

¹⁷ Composição: Criolo / Daniel Ganjaman / Nave.

Letra da música do site: <https://www.lettras.mus.br/criolo/boca-de-lobo/>

Máfia é máfia e o argumento é mandar grana
 Em pleno carnaval, fazer nevar em Copacabana
 1 por rancor, 2 por dinheiro
 3 por dinheiro, 4 por dinheiro
 5 por ódio, 6 por desespero
 7 pra quebrar a tua cabeça num bueiro
 Enquanto isso a elite aplaude seus heróis
 Pacote de Seven Boys

Nem Pablo Escobar, nem Pablo Neruda
 Já faz tempo que São Paulo borda a morte na minha nuca
 A pauta dessa mesa coroné manda anotar
 Esse ano tem massacre pior que de Carajá
 Ponto 40 rasga aço de arrombar
 Só não mata mais que a frieza do teu olhar
 Feito rosa de sal topázio, és minha flecha de cravo
 Um coração que cai rasgado nas duna do Ceará
 Albert Camus, Dalai Lama
 A nós ração humana, Spock, pinça vulcana
 Clarice já disse, o verbo é falha e a discrepância
 É que o diamante de Miami vem com sangue de Ruanda
 Poder economicon, cocaine no helicopteron
 Salário de um professor: microscópicon
 Papiro de papel próprio, letra com sangue no olho de Hórus
 É que a indústria da desgraça pro governo é um bom negócio
 Vende mais remédio, vende mais consórcio
 Vende até a mãe, dependendo do negócio
 Montesquieu padece, lotearam a sua fé
 Rap não é um prato onde cê estica o que cê quer
 É a caspa do capeta, é o medo que alimenta a besta
 Se três poder virar balcão, governo vira biqueira
 Olhe, essa é a máquina de matar pobre
 No Brasil, quem tem opinião, morre

La La Land é o caralho, SP é Glorialândia
Novo herói da Disney é Craquinho, da Cracolândia
Máfia é máfia e o argumento é mandar grana
Em pleno carnaval, fazer nevar em Copacabana
1 por rancor, 2 por dinheiro
3 por dinheiro, 4 por dinheiro
5 por ódio, 6 por desespero
7 pra quebrar a tua cabeça num bueiro
Enquanto isso a elite aplaude seus heróis
Pacote de Seven Boys